ESTEVÃO PINTO

OS INDIGENAS DO NORDESTE

S.P.M.

OS INDÍGENAS
DO
NORDESTE

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

Serie V — BRASILIANA

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Baptista Pereira: **Figuras do Imperio e outros ensaios** (2.ª edição).
II — Pandiá Calogeras: **O Marquez de Barbacena** (no prelo a 2.ª edição).
III — Alcides Gentil: **As idéas de Alberto Torres** (synthese com indice remissivo).
IV — Oliveira Vianna: **Raça e Assimilação** (3.ª edição augmentada).
V — Augusto de Saint-Hilaire: **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo (1822)** — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
VI — Baptista Pereira: **Vultos e episodios do Brasil.**
VII — Baptista Pereira: **Directrizes de Ruy Barbosa** (segundo textos escolhidos).
VIII — Oliveira Vianna: **Populações Meridionaes do Brasil** (3.ª ed.).
IX — Nina Rodrigues: **Os Africanos no Brasil** (Revisão e prefacio de Homero Pires). — Profusamente illustrado.
X — Oliveira Vianna: **Evolução do Povo Brasileiro** (2.ª edição illustrada).
XI — Luis da Camara Cascudo: **O Conde D'Eu** (vol. illustrado).
XII — Wanderley Pinho: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** (vol. illustrado).
XIII — Vicente Licinio Cardoso: **A' margem da Historia do Brasil.**
XIV — Pedro Calmon: **Historia da Civilização Brasileira.**
XV — Pandiá Calogeras: **Da Regencia á queda de Rozas** (3.º vol. da série: Relações Exteriores do Brasil).
XVI — Alberto Torres: **O Problema Nacional Brasileiro.**
XVII — Alberto Torres: **A Organização Nacional.**
XVIII — Visconde de Taunay: **Pedro II.**
XIX — Affonso de E. Taunay: **Visitantes do Brasil Colonial** (Seculos XVI-XVIII).
XX — Alberto de Faria: **Mauá** (com tres illustrações fóra do texto).
XXI — Baptista Pereira: **Pelo Brasil Maior.**
XXII — E. Roquette-Pinto: **Ensaios de Anthropologia Brasiliana.**
XXIII — Evaristo de Moraes: **A escravidão africana no Brasil.**
XXIV — Pandiá Calogeras: **Problemas de Administração.**
XXV — Mario Marroquim: **A lingua do Nordeste.**
XXVI — Alberto Rangel: **Rumos e Perspectivas.**
XXVII — Alfredo Ellis Junior: **Populações Paulistas.**
XXVIII — General Couto de Magalhães: **Viagem ao Araguaya** (3.ª edição).
XXIX — Josué de Castro: **O Problema da alimentação no Brasil** — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
XXX — Cap. Frederico A. Rondon: **Pelo Brasil Central** (ed. ill.).
XXXI — Azevedo Amaral: **O Brasil na crise actual.**
XXXII — C. Mello Leitão: **Visitantes do Primeiro Imperio** (ed. illustrada com 19 figuras).
XXXIII — J. de Sampaio Ferraz: **Meteorologia Brasileira.**
XXXIV — Angyone Costa: **Introducção á Archeologia Brasileira** (edição illustrada).
XXXV — A. J. de Sampaio: **Phytogeographia do Brasil** (ed. ill.).
XXXVI — Alfredo Ellis Jr.: **O Bandeirismo Paulista e o Recuo do meridiano** (2.ª edição).
XXXVII — J. F. de Almeida Prado: **Primeiros Povoadores do Brasil** (edição illustrada).
XXXVIII — Ruy Barbosa: **Mocidade e Exilio** (Cartas ineditas) (Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe (edição illustrada).
XXXIX — E. Roquette-Pinto: **Rondonia** (3.ª edição augmentada e illustrada).
XL — Pedro Calmon: **Espirito da Sociedade Colonial** (edição illustrada com 13 figuras).
XLI — José-Maria Bello: **A intelligencia do Brasil.**
XLII — Pandiá Calogeras: **Formação Historica do Brasil** (2.ª edição, com 3 mappas fóra do texto).
XLIII — A. Saboia Lima: **Alberto Torres e sua obra.**

***EDIÇÕES DA* COMPANHIA EDITORA NACIONAL**
Rua dos Gusmões, 24-A/30, São Paulo

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
Série V **BRASILIANA** *Vol. XLIV*

ESTÊVÃO PINTO

OS INDÍGENAS DO NORDESTE

EDIÇÃO ILUSTRADA
COM 45 DESENHOS E MAPAS

Renato Nicolai

1935
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 24A/30
SÃO PAULO

OBRAS DO MESMO AUTOR

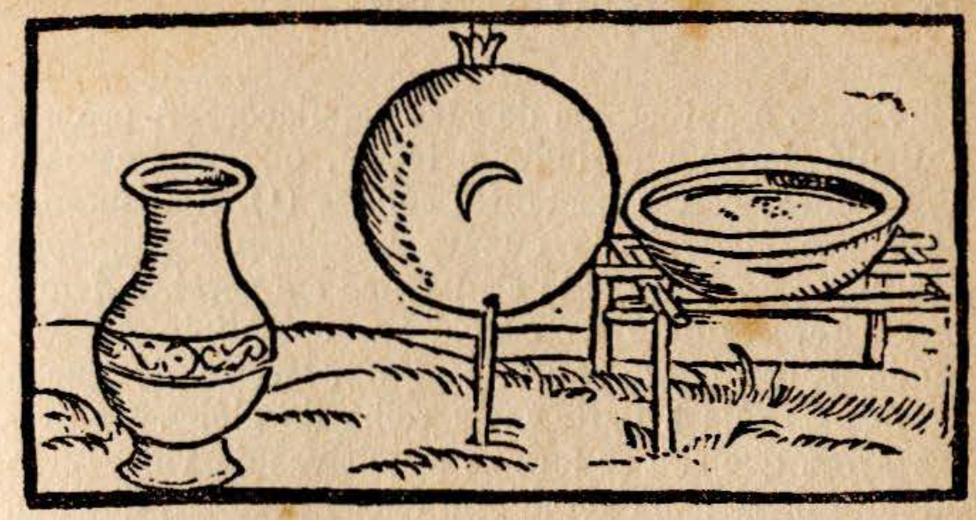
Pernambuco no Século XIX. — Recife, 1922 (esgotada).

Lições e Exercícios de História do Brasil. —Publicação do govêrno de Pernambuco - Recife, 1930.

A Escola e a Formação da Mentalidade Popular do Brasil. — Recife, 1931 (esgotada); idem (2.ª ed., vol. XVI da "Biblioteca de Educação", Comp. Melhor.), São-Paulo, 1932.

O Problema da Educação dos Bem Dotados. — Vol. XIX da "Biblioteca de Educação" cit. – São-Paulo, 1933; *idem*, 2.ª ed. (trad. espanhola da *Revista de Pedagogía*, de Madrid), Madrid. 1933.

Introdução ao estudo da vida social dos indígenas do nordeste brasileiro



I. Atual estado dos problemas arqueológicos e etnográficos do Brasil

1. Vestígios de antigas "civilizações" perdidas no solo brasileiro. — Há cêrca de vinte anos escrevia Roquette-Pinto que a arqueologia brasileira era "antes um capítulo da pura etnografia" (1). Seria possível repetir, ainda hoje, a frase do eminente antropologista patrício? De-certo que sim. Raros têm sido, na verdade, os achados que possam alterar o aspeto geral do mapa paleontológico do Brasil. A pre-história dêsse trecho da América Antártica continua a ser um enigma, mal revelado nas jazidas árqueas, cujos descobrimentos se devem, muitas vezes, ao acaso. Já hoje não podemos afirmar, com muita

---

(1) "Arqueologia e Etnografia", em *Impressões do Brasil no Século Vinte*, pág. 52, Londres, 1913.

NOTA — A vinheta acima é reprodução fac-similar da conhecida obra de Hans Staden (edição de 1557, Marburgo). Representa o maracá, que se cravava no solo, durante as cerimônias rituais dos tupís. Ao lado, alguns espécimes da cerâmica nativa.

convicção, a autoctonia de suas populações. A própria antiguidade do ameríndio é teoria, que não assenta ainda em alicerces bastantes sólidos (1). Achamo-nos na mesma ignorância quanto à origem e migração dos povos do continente cis-ístmico em geral. A fauna brasileira, segundo as conclusões de Alípio de Miranda Ribeiro, não autorizam o conceito de que o nosso país seja a parte mais velha do glôbo. Os protozoários, que são as formas primitivas da vida, estão diluídos no sistema geral, sem feição peculiar, quando, acrescenta o citado naturalista, deveria haver uma série especial de ordens e classes características, criadas pela diferenciação no tempo e no meio. Os *Dipmoicos*, entre os peixes, e os *Opisthocomus hoantzin*, entre as aves, que são representações atuais de tipos arcaicos faunísticos brasileiros, têm antepassados fósseis, respetivamente, na América do Norte e na Europa. A análise do crânio de Pontimelo, que Roth encontrou sob a carapaça de um gliptodonte, "se chegar a determinar a contemporaneidade do *Homo americanus* com o pleistoceno, aproximará da unidade o abatimento frontal nas raças primitivas, confirmando um fato biológico com os dados irrecusáveis do crânio de Nehring, do *Diprothomo* de Ameghino e da abó-

(1) Em um interessante estudo feito em tôrno das jazidas arqueológicas das margens do rio de Santa-Cruz (Patagônia), diz Vignati: "*Bien se sabe que a este respecto sólo contamos con una luminosa — aunque breve monografía de Sarasin, que precisamente, con material de iguales caracteres y procedencia al por mi coleccionado, lo estudia poniendo a contribución su amplísima cultura, que por momentos resulta abrumadoramente desproporcionada a las pueriles interpretaciones que critica. Es así que rebate la fantástica suposición de que existiera en Patagonia un período paleolítico y pone en quicio el verdadero significado de los instrumentos que — sin conocimiento cabal de la técnica que preside la confección de los similares europeos, — fueran considerados como de igual valor morfológico y cronológico*". — "Resultados de una excursión por la margen sur del rio Santa Cruz", em *Notas Preliminares del Museo de la Plata*, II, 104 e 105, Buenos-Aires, 1934.

bada de Bleyer, isto é, definirá o ancestral mongólico completo do chamado *aborígene americano*" (1).

Também não é possível aceitar a teoria de Martius, segundo a qual os selvagens brasileiros são restos degradados de uma raça de estágio cultural outrora avançado. A hipótese do botânico bávaro afigura-se-nos um mito das proporções do *El-dorado* da planura aluviônica, em busca do qual percorria Hortsman as regiões do Tocantins ainda em pleno meado do século XVIII. Outros vestígios de antigas civilizações, perdidas no solo pátrio, não passam, afinal, de *cuentos* mais ou menos fantásticos. Relação anônima de 1753 fala-nos de uma "cidade abandonada", cheia de pórticos e inscrições, que se presume perdida nas chapadas dos sertões da Baía. Andou à sua procura, inùtilmente, o cônego Benigno José de Carvalho e Cunha (1845); é bem possível, porém, que as maravilhas, de que trata o manuscrito setecentista, relacionem-se com as notícias de outra cidade arqueológica, localizada nas matas do Grungojí, região do baixo rio das Contas. Ignora-se a origem e significação dos alinhamentos de Monte-Alto, na vertente do Verde-Grande (Minas-Gerais). As rochas de quarzite, erodidas, das vizinhanças de Piracuruca (Piauí), a que vulgarmente chamam *Sete-Cidades*, muito semelhantes às formações geológicas de Vila-Velha, próximas de Ponta-Grossa (Paraná), — já foram elevadas à categoria de "cidades petrificadas". Ficções não menos pitorescas são os supostos hieroglifos da Gávea (Distrito-Federal) e a inscrição rupestre, de origem púnica, que se diz existir em uma localidade inidentificável da Paraíba. Alguns autores referem-se, ainda,

(1) "Esbôço Geral da Fauna Brasileira", em *Recenseamento do Brasil* (publicação da Diretoria Geral de Estatística), I, 273, 1932.

Urna funerária, antropomorfa, das lapas do Maracá (Pará). São as chamadas Face-Urns (Hartt), ou Gesichtsurnen segundo os alemães), estudadas por Ferreira Pena. Guardavam ossadas.

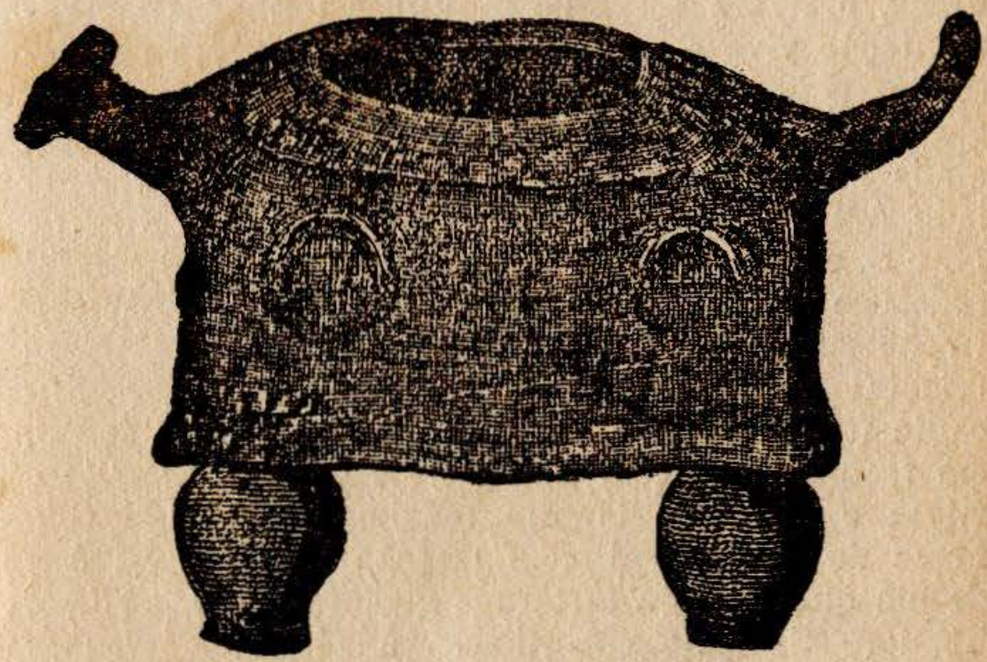
a pretensos dólmenes, encontrados no Ceará (Inhamuns, etc.), no Rio-Grande-do-Norte, na Paraíba (serra do Teixeira), em Pernambuco ("*magnae molis lapides humano labore congesti ea formâ ut aras referre videantur*", diz Barlæus (1)).

2. Algumas jazidas paletnológicas importantes. — No Brasil, todavia, encontram-se centros paletnológicos que, à primeira vista, denotam a passagem, por nosso território, de povos de cultura relativamente avançada. Não longe de Manaus, junto às ruínas do forte da Barra, exumaram-se centenas de urnas funerárias, de

(1) João Batista Regueira Costa, "Brasil Prehistórico", em *R. P.*, n. 45, 3 e 4, 1894. Na continuação desta obra, *R. P.* e *R. T.* significam, respetivamente, *Rev. do Inst. Arq. Pernambucano* e *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.*

desenhos aprimorados, que encerravam corpos acocorados (1).

Nas lapas do rio Maracá (Pará), descobriram-se também muitas dessas jazidas, antropomorfas algumas (*Face-Urns* de Hartt, *Gesichtsurnen* dos alemães), outras de caráter híbrido, com sinais sexuais bem mar-



Outra urna funerária das grotas do Maracá. Representa, segundo Raimundo Morais, um jaboti.

cados indicativos da função do objeto, estudadas por Ferreira Pena ; certos vasos, os de feição tubular, lembram o material téxtil da caverna dos Aturés, no Orinoco. Serviam os vasos tubulares do Maracá para guarda de ossos. No fundo, explica Roquette-Pinto, colocava-se o pélvis ; os ossos compridos

(1) Luciano Pereira da Silva, "Etnografia", em *Dic. Hist., Geog. e Etn. do Bras.*, Int. Ger., II, 34, Rio, 1922. Nos cemiterios dos Barés, J: d'Anthony recolheu numerosa louça.

longitudinalmente às paredes ; o crânio em cima. O dr. E. Goeldi descobriu, nos poços funerários do Cunaní, no mesmo estado nortista, dois hipogeus repletos de magníficos "cerâmios"(1) indígenas. Os poços estavam cobertos por discos ou mós de granito e assinalados com marcos piramidais; encerravam urnas, pratos e vasos de múltiplas formas, de ornamentação viva e estílica, ora em relêvo, ora em desenhos policrômicos. Mas o descobrimento arqueológico mais importante ocorreu na ilha de Marajó, ainda no estado do Pará, em um atêrro artificial do lado Ararí. O lago Ararí mede trinta quilômetros de N. a S. e cinco de E. a O. ; sua porção norte-oriental rodeia-se de campos ou pastagens, ao passo que o trecho sul-ocidental cobre-se de matas. Na margem oriental encontra-se o atêrro, de altitude insignificante (três metros e meio acima do nível das águas, em tempo sêco), com cem metros de comprimento e trinta e cinco de largura máxima, conhecido pelo nome de Pacoval. A configuração do Pacoval é a de um quelônio, ou tartaruga gigantesca, e, por isso, Teodoro Sampaio subordina-o à série dos *mounds* zoomorfos das vertentes do Mississipi. Examinando-o em 1870, Steere, naturalista norte-americano, descobriu três depósitos superpostos, constituídos de diferentes materiais, todos valiosos. A olaria da camada superior, retirado por Ferreira Pena, é menos preciosa que os artefatos das camadas inferiores, estudados por Fred. Hartt, Ladislau Neto, Orville Derby, e, modernamente, por Heloísa A. Torres. Da louça marajoara fazem parte tangas de barro, ou "aventais de pudicícia" (*Folium vitis ; Weiberdreieck* dos ale-

(1) Nome criado por Ferreira Pena para designar a louça destinada a despojos humanos.

mães (1) pratos, discos, potes, lâmpadas, máscaras, amuletos, rodelas, ou fusaiolos, e, notadamente, urnas antropomorfas e ídolos ou figurinhas ôcas. Além do homem, são os animais as formas modelares da orna-

Igaçaba marajoara, do aterro do Pacoval, no lado Ararí (Marajó), que Teodoro Sampaio subordina aos mounds zoomorfos das vertentes do Mississipi.

mentação ceramista. As figurinhas ôcas, de cabeça mitrada, que, segundo a observação de Ladislau Neto,

(1) Essas interessantes folhas-de-videira, de barro, preciosamente decoradas, fizeram supor a alguns etnógrafos que se tratava de algum adôrno de caráter propiciatório, ou ritual, muito embora a mulher, nas sociedades indígenas do Brasil, não participasse, geralmente, das ceremônias religiosas.

lembram ídolos, guardam no bojo, algumas vezes, esferinhas de barro semelhantes a maracás, ou a chocalhos : o maracá, como sabemos, pertence ao rito sacerdotal dos índios. A desproporção entre a urna

Tanga ou "avental de pudicícia" (**Folium vitis; Weiberdeieck** dos alemães), proveniente do **mound** zoomorfo do Pacoval (Marajó). Ornamentos desenhados à tinta côr de terra de Umbria sôbre camada de argila branca, segundo a descrição de C. Fred. Hartt ("Nota sôbre algumas tangas de barro cozido dos antigos indígenas da ilha de Marajó", em **Arquivos do Museu Nacional.** I, 23 e 24, Rio, 1876). Alguns etnógrafos supõem que essas folhas de videira, artisticamente ornadas e feitas de argila, tivessem caráter ritual, ou propiciatório, muito embora à mulher, nas sociedades indígenas do Brasil, fôsse vedada em regra a prática de ceremônas religiosas.

e o esqueleto faz supor que os marajoaras só transportassem as ossadas para o Pacoval depois que o cadáver, alhures inumado, se despojasse de seus tecidos. Aliás, diz Roquette-Pinto, a posição recíproca

das partes do esqueleto não permite acreditar na introdução do corpo inteiro nos sarcófagos.

Nas proximidades do Pacoval, encontra-se o *mound* de Camutins, estudado por Derby em 1876, de onde se retiraram ossadas humanas enterradas em igaçabas. A noroeste do lago Ararí vê-se, ainda, a jazida de Santa-Isabel, que Ferreira Pena visitou em 1873. Cerâmio, embora diferente do marajoara, descobriu-se também na ilha de Caviana.

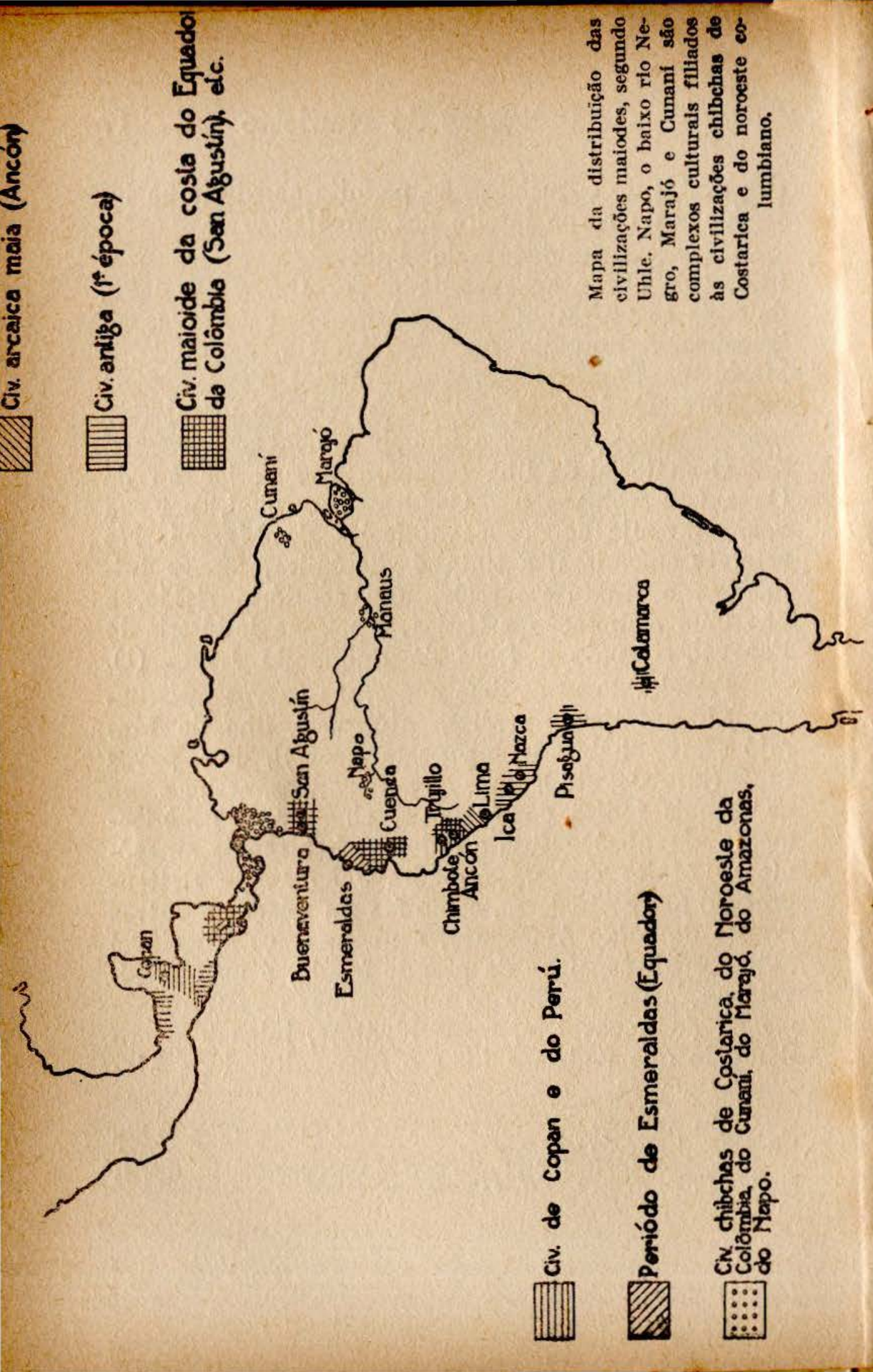
O material da ilha paraense é superior ao de Cunaní, descoberto por Coudreau, o qual, por sua vez, sobrepuja ao dos cavernícolas de Maracá. No artefato cunaniara, a tinta é dicrômica, menos brilhante ; o ornato em relêvo um acessório rígido, e não uma elaboração artística, como na indústria do Pacoval, segundo a frase de Raimundo Lopes (1).

Ferreira Pena atribue aos aruãs (povos nu-aruaques) a autoria do precioso atêrro. A ilha de Marajó estava habitada, na parte central, por povos tupís (jurunas, etc.), mas os portugueses, assim como os demais índios continentais, chamavam genèricamente de nheêngaíbas a todos os habitantes amazônicos. Muito embora o padre João Filipe Bettendorf (2) não assinalasse, como fez em relação a outros grupos do baixo Amazonas, nenhum traço apreciável entre os nheêngaíbas da grande ínsula, é bem possível que fôssem mesmo os nu-aruaques os autores do *mound* do Pacoval, e, nessa hipótese, julga Teodoro Sampaio que podemos filiar o foco cultural de Ma-

---

(1) "A civilização lacustre do Brasil", em *Bol. do Museu Nac. do Rio-de-Janeiro*, I, 97, 1924.

(2) "Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão", em *R. T.*, LXXII, 1.ª parte, Rio, 1910.



Mapa da distribuição das civilizações maiodes, segundo Uhle. Napo, o baixo rio Negro, Marajó e Cunani são complexos culturais filiados às civilizações chibchas de Costarica e do noroeste columbiano.

rajó aos focos culturais da América Central (1). O núcleo marajoara, de fato, como os demais núcleos similares (os cunaniaras, etc.) estão, hoje em dia, vinculados às civilizações chibchas de Costarica, do noroeste colombiano e do Napo, conforme se vê do mapa publicado por Max Uhle em seu trabalho *Civilizaciones mayodes de la Costa Pacífica de Sudamérica* (2).

A. Metraux (3) já procurou demonstrar a unidade cultural dos povos da planície amazônica, à custa do exame de algumas peças paletnográficas pertencentes à coleção do Trocadero (Paris) e recolhidas por Anthonay e Tastevin. Heloísa A. Torres acha, todavia, a conclusão precipitada. O vaso do lago Macupí (rio Tefé), estudado por A. Métraux, indica técnica decorativa diversa da dos cerâmios de Marajó; o artista marajoara "não deixa, em suas peças, uma tão grande zona despida de ornamentação" e "tem horror ao vácuo". A mera semelhança dos motivos pictóricos não constitue fundamento para qualquer parentesco, "porque os desenhos filiados a formas geométricas tiveram origem na espartaria". Se há, de fato, como quer Uhle, traço de união entre Marajó e a civilização ístmica (Chiriquí, etc.) parece, todavia que, após essa irradiação, que Raimundo Lopes cha-

(1) "Arqueologia Brasileira", em *Dic. Hist., Geog., e Etn. do Bras.*, cit. I, 849.

(2) Em *Bol. de la Acad. Nac. de Historia*, VI, 87-92, Quito, 1923. — Sôbre os cerâmios paraenses ler, além das obras já citadas: Ferreira Pena, "Apontamentos sôbre os cerâmios", em *Arq. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan.*, II, 1879; C. Fred. Hartt, "Contribuïções para a Etnologia do Vale do Amazonas", *id.*, VI, 1885; Nadislau Neto, "Investigações sôbre a arqueologia brasileira", *ibidem:* E. A. Goeldi, "Excavações arqueólogicas em 1895", em *Mem. do Mus. Par. de Hist. Nat. e Etn.*, Pará, 1900; W. C. Farabee, "Exploration in the Months of the Amazon", em *The Museum Journal*, Filadélfia, 1921.

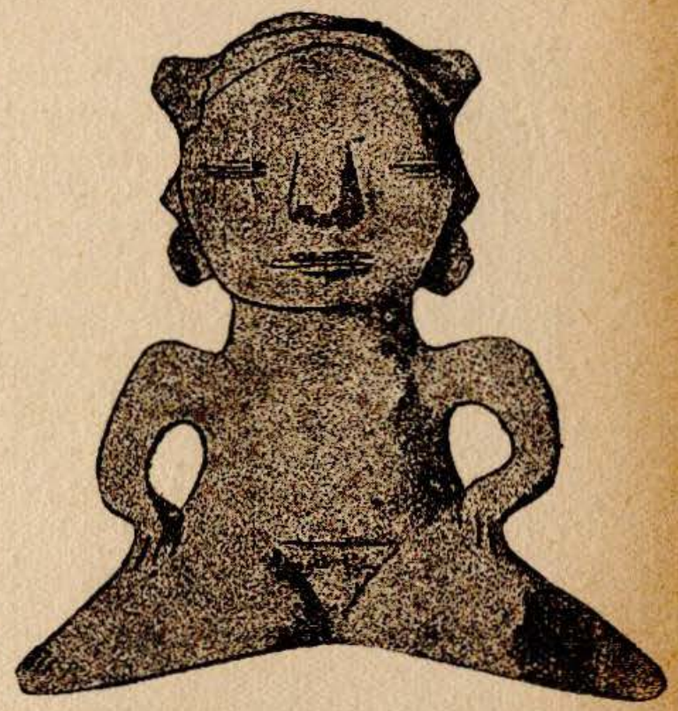
(3) "Contribuition à l'étude de l'archeologie du cours supérieur et moyen de l'Amazon", em *Rev. del Mus. de la Plata*, XXXII, 1930.

mou de *arcaica*, seguiu-se um periodo *post-arcaico*, de insulamento, cujos dados arqueológicos "atestam uma diferenciação regional e um quadro complexo de relações que não excluem a relativa independência dos tipos" (1). Assim, é bem possível que ondas migratórias, provindas da América Central, trouxessem aos abordos amazônicos uma técnica olar incipiente, mas arcaica ; tais grupos alófitos, encontrando, no estuário do rio-mar, condições propícias, desenvolveram *margem cultural* já diferenciada, que mal ultrapassou as raias da ilha fluvial, por motivo, talvez, do caráter religioso e privado da arte marajoara, utilizando-se, na fabricação do vasilhame, a princípio de trançados impermeáveis, e, posteriormente, de argila, conforme a teoria de Heloísa A. Torres. A origem plectogênica dos motivos ornamentais da louça marajoara prova-se a todo o instante : "a técnica do trançado obriga a começar pelo fundo do cesto e, por isso, estão invertidas as faces humanas ou os animais representados nos vasos". Os índios de Marajó conheceram o seu período áureo, representado no material das câmaras mais profundas do cemitério zoomorfo, mas de curta duração, cujas causas ainda são hoje pouco explicáveis. Para Teodoro Sampaio, devemos procurar o motivo na substituïção do braço feminino : a oleira exímia, mas alienígena, não encontraria na grande ilha sucessão condigna.

Em 1922, enfim, Kurt Nimuendajú descobriu, em Santarém, fragmentos cerâmicos de alto valor, caracterizados pela abundância e variedade dos motivos plásticos, supostamente filiados às civilizações do continente meso-americano. São notáveis, sobre-

(1) Raimundo Lopes, *loc. cit.*, 104.

tudo, as representações zoomorfas. Os plainos do baixo Trombetas parece que são ricos de louçaria santaremiana, encontrada quasi sempre nos locais conhecidos vulgarmente pelo nome de *terras pretas* (1).



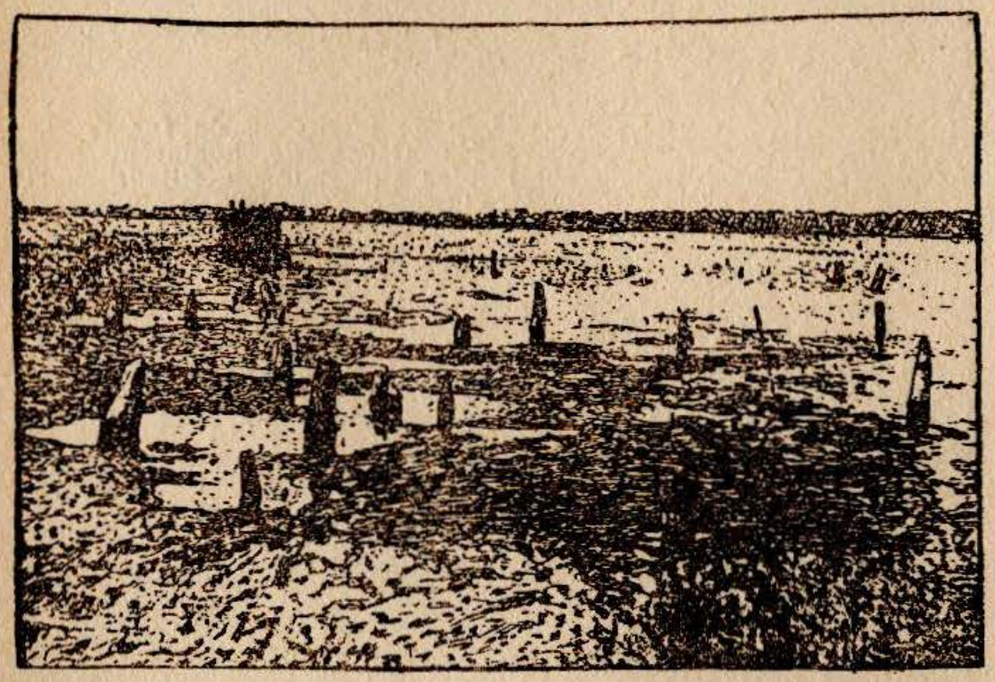
fdolo de terra-cota da foz do Tapajoz (louça de Santarém). Cerâmica supostamente filiada às civilizações istmicas (Panamá).

Irapurá, Cêrro do Carmo, Anuiá-Tuitera e outros são centros arqueológicos importantes da região do médio Amazonas. Não menas importante é a estação de Miracanguera, entre Madeira e Santarém.

3. As estearias. — Desde os começos do século XIX temos notícias de *restos de habitações* existentes no lago Cajarí, várzea aluvial pertencente ao vale do Pindaré-Maracú (Maranhão). Êsses restos de habitações ficam nas proximidades da vila de

(1) Sôbre a técnica da fabricação olar entre os indígenas sul-americanos existem vários monografias, das quais lembraremos : Ch. Fred. Hartt, "Contribuïções para a Etnologia do Vale do Amazonas", em *Arq. do Mus.Nac. do Rio de Jan.*, VI, 1885 ; Emílio Goeldi, "Excavações arqueológicas em 1895. Executadas pelo Museu Paraense no Litoral da Guiana Brasileira entre Oiapoc e Amazonas", em *Memórias do Mus. Para. de Hist. Nat. e Etn.*, Pará, 1900 ; S. Linné, "The technique of South America Ceramics", em *Göteborgs Kungl. Vetenskaps-och Vitterhets-Samhalles händlingar*, Tjärd följden, XXIX, n.º 5, Göteborg, 1925 ; Pliny Earle Goddard, "Pottery of the Southwestern Indians", em *The American Museum of Natural History*, n.º 73,Nova-York, 1928 ; S. Linné, "Contribution à l'étude de la céramique sudaméricaine", em *Rev. del Inst. de Ethn. de la Univ. Nac. de Tucumán*, II, Tucumán, 1932.

Penalva. Antônio Bernardino Pereira do Lago, César Marques e outros referem-se vagamente a tais vestígios lacustres, que só em 1919, graças à sêca, puderam ser devidamente estudados pelo arqueologista Raimundo Lopes. Os sítios sôbre estacas não são exclusivas da baixada maranhense : hajam vista as gurás, as marombas paraenses, as casas arbóreas dos maués e dos íncolas da baixa Colômbia, as balsas dos paumarís do rio Purús. Também não se deve pensar em nenhuma identidade entre as estearias maranhenses e os lacustres do Velho - Mundo (palafitas alpinas). Apenas o tipo do *habitat* é a mera semelhança existente entre os lacustres maranhenses e os lacustres euro-



Estearia do Cajarí, várzea aluvial pertencente ao vale do Pindará-Maracú (Maranhão). A cidade lacustre, dado o número e natureza dos esteios, emersos por ocasião a sêca de 1919, devia estender-se por cêrca de dois quilômetros. Os pilotís pressupõem, ainda, construções de elevado nível.

peus, diz Raimundo Lopes. A cidade extinta, dado o número e natureza dos esteios emersos, devia estender-se por cêrca de dois quilômetros : os pilotís pressupõem, ainda, construções de elevado nível.

Seria a tapera lagunar apenas o refúgio da população, a qual não dispensava, em vista dos vestígios em terra firme, outras formas de ocupação humana ? (1). E' possível. Outras estearias existem, ainda,

Fragmento de vaso zoomorfo, retirado da estearia do Encantado, no vale do Pericunã (Maranhão). A olaria dos lacustres maranhenses nada fica a dever à dos poços funéreos do Cunani (Pará) e demonstra caracteristicas muito individuais: a forma humana não aparece e, na estilização zoomorfa, o animal confunde-se com o próprio vaso.

nas depressões da mesopotâmia maranhense : a do Encantado (no vale do Pericunã), a do igarapé de Florante, a da Volta do Armindo, as dos lagos do Caboclo e do Genipapo (todas quatro no vale do Turiaçú). Nessas jazidas prehistóricas encontraram-se restos de cerâmica inferior à marajoara, mas superior, por sua variedade e delicadeza, à cunaniara. Raimundo Lopes, que a estudou, observa que o oleiro cajariense nada fica a dever ao dos poços funerários do

(1) Raimundo Lopes, *loc. cit.*, 90.

monte Curú ; note-se que a arte daquele não é religiosa, como a dêste, e sabemos que os objetos rituais são sempre mais perfeitos do que quaisquer outros. A arte cajariense é, ainda, mais variada e característica nos seus aspetos individuais : a forma humana não aparece e, na estilização zoomorfa, o animal confunde-se com o próprio vaso. Nas estearias encontraram-se ainda amuletos, ou miraquitãs de ágata, rocha existente nos sertões maranhenses, destruindo,

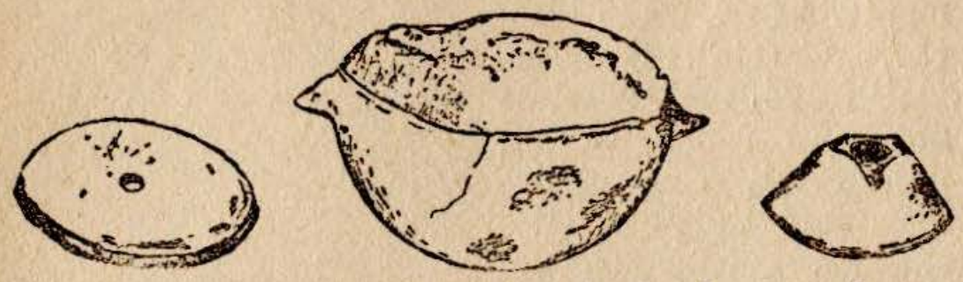
Amuletos, ou miraquitãs de ágata, exumados dos lacustres cajarienses (Maranhão).

no dizer de Raimundo Lopes, a crença, propalada por Barbosa Rodrigues, da origem asiática dos talismãs de jadaíte. "Nos lacustres maranhenses encontramos o desenho em volutas, o tipo das retas interseptadas, o de raios verticais e zonas circulares, fino e regularíssimo, o das curvas irregulares, o triangular losangiforme; as formas não se repetem absolutamente. As cabeças de animais, as asas e acessórios não são menos variados. Qualitativamente, isto é, como ideação, a arte cajariense, mais frágil, mais graciosa nas suas formas livres, parece ter, com títulos mais autênticos que a dos extintos guianenses, um *espírito comum* com a melhor arte marajoara, da qual a aproximam também os seus recursos quanto ao colorido, como o uso da pintura vermelha e preta em fundo claro" (1). Raimundo Lopes acha temerário confundir as civilizações amazônicas com as maranhenses, entre as quais há similitudes, como acontece em relação à louça do alto Amazonas (de fundo polido, ornamentação triangular-romboide, coloração negra e vermelha), mas não identidade. Também não se pode adiantar se a civilização dos lacustres foi uma raiz direta das zonas culturais paranenses, ou se todas coexistiram, "divergindo de uma origem comum".

Louça dos lacustres maranhenses, com impressão de folha. Qualitativamente, isto é, como ideação, diz Raimundo Lopes, a arte cajariense é identica, no espírito, à de Marajó.

No engenho colonial de São-Bonifácio, nas imediações de Viana (Maranhão), achou-se grosseira cerâmica. Raimundo Lopes vê no achado uma prova da antiguidade da louça lacustre, muito embora as polafitas assentassem em terrenos relativamente recentes. As estearias são precoloniais. Os capuchinhos Évreux e Abbeville, ao descreverem os índios do Maranhão, não nos mostram nenhuma relação entre êstes e a civilização dos lacustres, exatamente como

(1) *Loc. cit.*, 98.



Fusaiolos, ou peças substitutivas do chumbo das redes de pescar, e vaso de motivos zoomorfos. Pertencem ao material paletnográfico, encontrado pelo arquelogista Raimundo Lopes nos lacustres do Maranhão.

aconteceu a João Filipe Bettendorf em relação aos nheêngaíbas do Marajó, — o que vem invalidar a these de Goeldi quanto à construção post-colonial dos monumentos marajoaras (1).

4. Os sambaquís. — Jazidas paletnográficas não menos importantes são os *sambaquís*.

Tratando dos sambaquís, diz Roquette-Pinto que a mais interessante obra arqueológica foi a demonstração da lei, pela qual a humanidade atravessa estádios fatais durante o seu processo cultural. "Sujeito às mesmas solicitações do meio, sempre o homem, em qualquer ponto do nosso planeta, agiu de maneira idêntica. Pois não é curioso que em toda a terra as mais distantes populações houvessem feito uso de machados de pedra, perfeitamente semelhantes? Não foram o arco e a flecha armas generalizadas? E' êsse um incontestável argumento psicológico a favor da unidade cultural específica das populações da terra, apesar das diferenças anatômicas. Os cérebros de todos os homens normais têm funções básicas idên-

(1) "Estado atual dos conhecimentos sôbre os índios do Brasil", em *Bol. do Museu Paraense*, II, n.º 4, 397.

ticas, embora cada um possua feições próprias, que são as verdadeiras características individuais ou étnicas. Muitos sambaquís são *kjökkenmöddings* ou *kitchenmiddens* do Brasil. Verdadeiros montes de conchas (*shell-mounds*), êles se espalham pela porção meridional da costa do país e alguns se acham em margens de certos rios. O material conquiológico neles amontoado é tão abundante que, em diferentes lugares e desde os primeiros tempos da conquista portuguesa, foram os sambaquís aproveitados como fornecedores de cal, retirada dessas conchas" (1).

S. Fróis Abreu considera os sambaquís como os mais importantes elementos para o estudo da nossa prehistória (2). Êsses massiços conquiliológicos, conhecidos pelos nomes gerais de sambaquís e ostreiras, respetivamente no sul e no norte do Brasil, designados ainda por outros termos regionais (sernambís, no Pará e no Maranhão; conchais, na costa do Pacífico; casqueiros, em Santa-Catarina e no Rio-Grande-do-Sul) são encontrados, de fato, mais freqüentemente no sul do país, em terrenos em geral pantanosos, devido, talvez, no dizer do mesmo Fróis, à maior abundância de mariscos nos tratos litorâneos do meridião brasileiro. São tanto mais antigos quanto mais se acham afastados do mar, na opinião de Ricardo Krone. Na Argentina, o govêrno protege oficialmente tais jazidas.

São os ostrários de formas diversas e variadas: alguns de base circular ou oblonga, outros extensos e pouco elevados. Não raramente mostram a confi-

(1) "Arqueologia e Etnografia", *ib.*, 53.

(2) "A importância dos sambaquís no estudo da prehistória do Brasil", em *Rev. da Soc. de Geog. do Rio de Janeiro*, XXV, 1932.

guração aproximada de uma cúpula, ou semelham-se a um mamelão, "estilo peito de mulher" (como o do rio Velho, em Santa-Catarina). Todos se acham revestidos de substância dura e compacta, elaborada pelas aguas pluviais. Mostram-se, comumente, de altura inferior a seis metros, e são, na maioria dos casos, formados por "camadas de conchas, com car-

Corte esquemático do sambaquí do morro do Forte (Estado do Rio-de-Janeiro), estudado por S. Fróis Abreu. As ostreiras, segundo Ricardo Krone, são tanto mais antigas quanto mais se acham afastadas do mar.

vão e cinza, ou sem êstes componentes, e por sedimentos de argila ou de areia". Frederico Katzer observa que as camadas de carvão e cinza apresentam, às vezes, em suas imediações, valvas de conchas semigastas pelo fogo e isso "demonstra que os montões de conchas serviram repetidamente de lugares de lume" (1). Os sernambís litorâneos são constituídos, em geral, de conquílios marinhos ; os continentais de conchas de água doce, freqüentemente confundíveis com as marítimas. Sambaquí, segundo Teodoro

(1) "Geologia do Estado do Pará", em *Bol. do Mus. Par. Emilio Goeldi de Hist. Nat. e Etn.*, IX, 71, Belém, 1932.

Sampaio, vem de *sambá* ou *tambá* (concha, ostra) e *qui*, derivado de *quire* (dormir, jazer), nomes tupís ; mas Backheuser engendrou outra etimologia, também tupí (*sambanuuaiá-ibicui*, areia de samanguaiá, ou *sambanguiá-acui*, samanguaiás em pó).

Semeados por toda a costa brasílica, nos fundos das angras, nos recôncavos das baías, nas curvas dos iguapes, nos estuários fluviais, nos próprios ribeirinhos interiores, aonde chega a maré, foram os casqueiros explorados desde os primeiros tempos da nossa história. Utilizavam-se deles os colonos na fabricação da cal. Fernão Cardim fala dos de São-Salvador, tantos que "de um só monte se fez parte do Colégio da Baía, os paços do Governador, e outros muitos edifícios" (1) ; das jazidas de Santos, São-Vicente, Conceição, Iguape e Cananéia, encontram-se notícias em Gaspar da Madre de Deus, para quem eram elas cemitérios indígenas. Modernamente estudaram o sambaquí numerosos cientistas, tanto nacionais como estrangeiros. Para alguns, os montículos são de formação natural, originados pelo recuo eustático do oceano, ou pela ação eólea (agregados de carapuças de lamelibrânquios, gasterópodos, etc),. teoria defendida por João Batista de Lacerda, Hermann v. Ihering e Carlos Rath ; para outros, como Löfgren e Krone, provêm, incontrastàvelmente, da obra humana e não passam de restos de cozinha (*kjökkenmöddings*) (2). Há, ainda, a corrente dos que acredítam ver nos sambaquís uma formação de elementos tanto humanos, como naturaís (Roquette-Pinto, Backheuser). De qualquer modo, bancos

(1) *Tralados da Terra e Gente do Brasil*, 92 e 93, Rio, 1925.

(2) Em *A Amazônia Ciclópica*, 77 e 78, Rio, 1931, Jorge Hurley dá uma classificação dos sambaquís, que parece confusa e pouco convincente.

crustáceos ou artificiais, representam, conforme a observação de Raimundo Morais, não só uma página étnica, mas também geológica. "Os de Cametá, achados dentro da floresta, vestidos de gramíneas e lianas, sob túnica verde, rodeados de árvores, acusam a trajetória da raça e a evolução da terra. Valem por páginas da história do homem primitivo e por páginas da história do globo. Escritas, de certo, com a inocente negligência de quem não pensava ser lido centenas de séculos depois, o autor dessa curiosa crônica remarcava, em cada capítulo de concha, transições telúricas e nuanças antropológicas, de maneira a mostrar, sôbre o relêvo da gleba, os hábitos, os costumes, a ignorância, o rasto, enfim, da gente rude que por aí passou" (1).

Carapaças calcáreas, vértebras e espinhas de peixe, machados, perfuradores, cilindros para esmagar frutas, madeira carbonizada, almofarizes, pedras de amolar, pontas de flechas, pilões, crânios e outros ossos humanos friáveis ou fossilizados, urnas funerárias, fragmentos de grês em forma de discos, ídolos, cerâmica (como a que foi encontrada, respetivamente, pelos arqueólogos Raimundo Lopes e Roquette- Pinto

(1) *País das Pedras Verdes*, 121, Manaus, 1930. — A respeito dossambaquís, consultem-se, além da obra já citada de Fróis Abreu : Domingos S. Ferreira Pena, "Breve notícia sôbre os sambaquís do Pará', em *Arq. do Mus. Nac.*, I, Rio, 1876 ; C. Wiener, "Estudos sôbre os sambaquís do sul do Brasil", *ib.* ; Carlos Fred. Hartt, "Contribuições para a Etnologia do Vale do Amazonas", *ib.*, VI, 1885 ; João Batista de Lacerda, "O homem dos sambaquís", *ib* ; Hermann v. Ihering, "A origem dos sambaquís", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo*, VIII, 1903 ; Alberto Löfgren "Os sambaquís de São-Paulo", *ib* ; Karl v. Koseritz, "Sambaquís da Conceição do Arroio", em *R. T.*, XLVII, parte 1.ª, 1884 ; Teodoro Sampaio, "Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e o progresso da etnografia indígena no Brasil", *id.*, tomo especial, parte 2.ª, 1915 ; Guilherme S. de Capanema, *Os sambaquís*, Rio, 1873 ; Oskar Canstatt, "Die Muschelberge and der süd-brasilianischen Küste", em *Das Ausland*, n. 14, Stuttgart, 1876 ; Vojtêch Fric, "Sambaqui Forchungen im Hafen von Antonina (Paraná)", *Globus*, XCI, 121 e seg., Braunschweig, 1907.

nos sambaquís do Maranhão e do Rio-Grande-do-Sul), — constituem o farto material de maximo interêsse para o estudo da arqueologia pátria. A abrupção de alguns ossos levou Löfgren a acreditar na antropofagia dos construtores das ostreiras. E, de passagem, convém notar que as armas e utensílios líticos, das mais variadas formas, não se encontram apenas nas berbigueiras, mas em quasi todas as localidades do Brasil : apesar de sua analogia com os objetos neolíticos da Europa e de outras partes do globo, não se prestam os nossos objetos líticos a nenhuma base para classificações típicas ou cronológicas. Raimundo Lopes explica a indistinção com o fato de ser o material lítico americano mais pròpriamente *alisado*, do que *polido*, ou seja um "trabalho em rochas relativamente fáceis de afeiçoar e que às vezes, desde o calhau ordinário, já se ofereciam mais ou menos arredondados" (1).

Dos sambaquís de Conceição do Arroio, estudados por Carlos v. Koseritz, exumou-se uma igaçaba, que continha um crânio e fragmentos de ossos. Ainda nos de Magalhães (Santa-Catarina), acharam-se esqueletos humanos, os quais, em sua maioria, jaziam em decúbito lateral, com as coxas infletidas no tronco ; em tôrno do pescoço viam-se colares de dentes de jaguar ou de tubarão, ou colares de conchas. Alguns tembetás, encontrados no mesmo local, fizeram supor a êsse autor que o homem das berbigueiras devia pertencer ao grupo dos tapuias ou botocudos (2). A

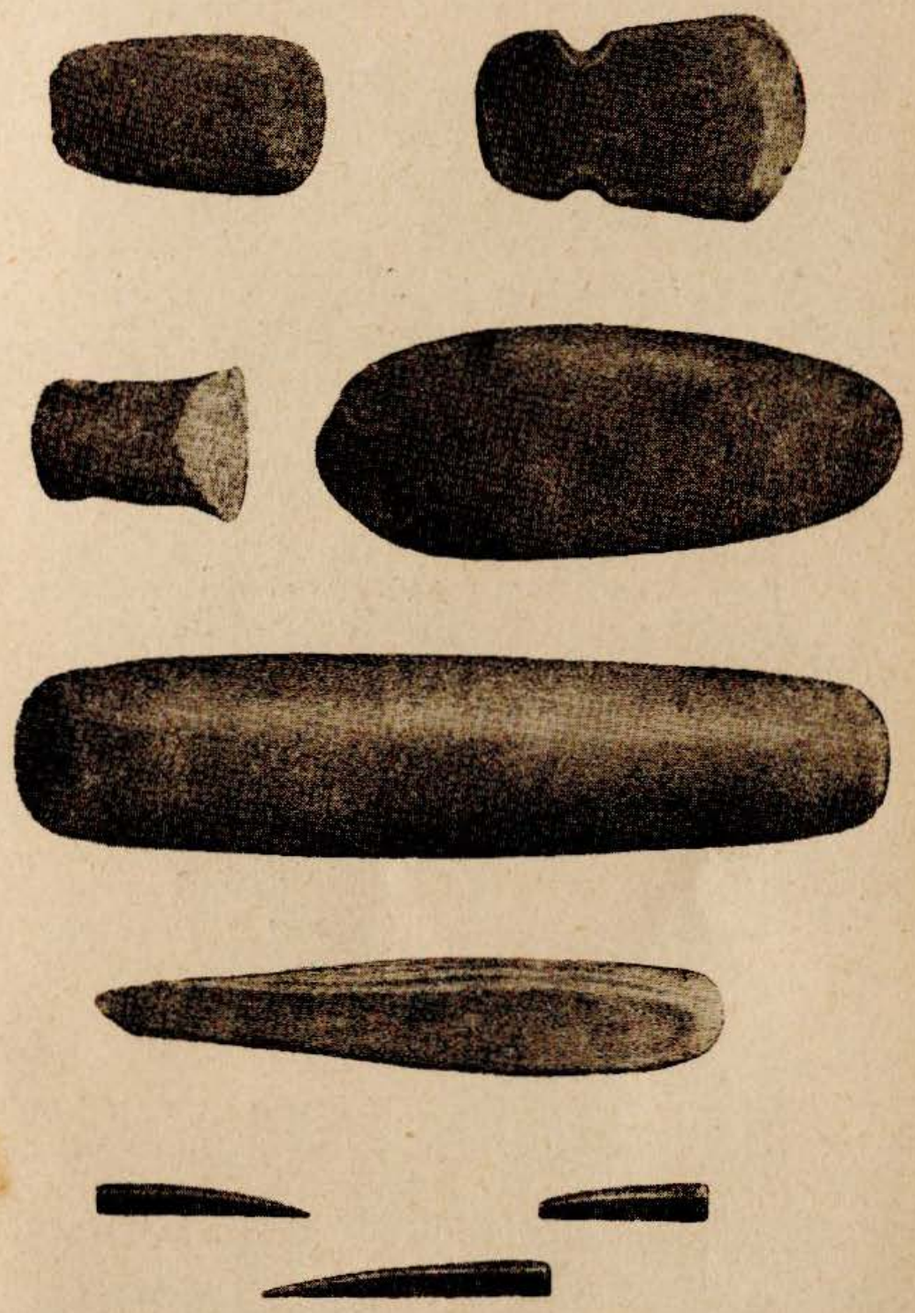
(1) "Pontas de sílex lascado no Brasil", em *Bol. do Mus. Nac. do Rio-de-Janeiro*, III, 15-19, 1927. — "*La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani est avant tout adaptée à la vie dans les grands forêts de l'Amérique équatoriale ; elle se caractérise par l'usage prépondérant du bois et de l'os dans toutes les branches de l'industrie. La pierre, rare dans la plupart des contrées habitées par la majorité de ces Indiens, n'y jouait qu'un rôle de second plane*" (A. Métraux, *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, 256, París, 1928).

(2) *R. T.*, XLVII, parte 1.ª 181, 1884.

craniometria, "filha desmandada da antropologia", diz Roquette-Pinto, andou procurando determinar a chamada *raça dos sambaquís*. Mas, atualmente, acrescenta o eminente antropologista, estamos convencidos de que os característicos craniométricos permitem apenas separar os tipos fundamentais da espécie humana, o que, aliás, os simples trabalhos descritivos conseguem mais depressa, sendo o homem dos sambaquís um mero antepassado dos nossos índios (1). Lembremos, ainda, que Paul Ehrenreich não crê sejam os sambaquís obra dos gês, pois *difícilmente podemos imaginá-los pescadores marítimos e comedores de ostras* (2). Refere Simoens da Silva ter sido escavado de uma coeira do Porto-do-Rei, nas fraldas da cidade de São-Francisco (Santa-Catarina), um objeto de diábase, de forma trapezoidal, longo de dez centímetros, espessura média de seis milímetros, com um furo de forma bi-cônica, que supõe ser uma *insígnia de chefe*. E' semelhante a dois outros achados nas províncias de Concepción e de Arauco, que se vêem no Museu Nacional de Santiago (Chile). Sejam tais objetos emblemas hierárquicos, ou simples raspadeiras, revelam os mesmos, incontestàvelmente, como observa Teodoro Sampaio, identidade de processos, de meios e de recursos. "Do mesmo modo se devem considerar outros muitos objetos igualmente encontrados nos *sambaquís* ou casqueiros do Brasil, Chile e Perú. Estão neste caso os pequenos almofarizes, ou grais de pedra, de aspeto zoomorfo, imitando tartaruga, ave ou talvez uma pomba, como os achados no

(1) *Seixos Rolados* (*Estudos Brasileiros*), 118 e seg., Rio, 1927.

(2) "Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado atual dos nossos conhecimentos", em *Rev. da Soc. de Geog. do Rio-de-Ja-neiro*, VIII, 1.ª bol., 33, Rio, 1892.



Machados, utensilios de moer ou quebrar frutos e outros objetos líticos, encontrados nos sambaquís de Santa-Catarina pela Comissão do Museu Nacional do Rio-de-Janeiro, chefiada por Carlos Wiener.

Almofarizes e pedra de amolar, que Carlos Wiener encontrou nas berbigueiras dos tratos litorâneos de Santa-Catarina. O gral é zoomorfo; o artista indígena procurou esculpir, talvez, uma raia.

Brasil, ou figurando répteis, batráquios, animais carnívoros, como os do Perú. As pontas de flecha, talhadas de um mesmo modo em obsidiana escura ou em quarzo leitoso, achadas no *sambaquí* do Porto-do-Rei, se representam nos *sambaquís* do Chile e do Perú por similares talhados em cristal de rocha e em calcedônia. Discos feitos de osso, alguns de seis a sete centímetros de diâmetro e pesando cincoenta e noventa gramas, muito bem polidos, e afetando não raro a figura de círculo perfeito, mas espessos no meio do que para as margens, e furados no centro, também achados no *sambaquí* do Porto-do-Rei, encontram seus similares nos amuletos descobertos em Cajamarca, no Perú, e têm sido por alguns arqueologistas considerados como objeto de culto, sendo que Barbosa Rodrigues os chama *miraquitã*. Amuletos ou não, peças de fuso para fiar, como possam ser êsses discos de osso polido, seja qual for o destino que lhes tenha dado a gente primitiva do *sambaquí* de Santa-Catarina, a identidade de forma do espécime implica a identidade de uso e de costume, em Cajamarca, na vertente do Pacífico, e em São-Francisco-do-Sul, nas águas do Atlântíco. As peças semelhantes, ou *contas*, achadas na região dos Calchaquís, na Argentina, assim como no planalto boliviano, muitas delas feitas de pedras de valor, como turquesas, malaquita, quarzo hialino e até rubim, provam que êsses discos, os de menores dimensões, podiam ter servido como adôrno ou mesmo amuleto, e os maiores, como êsses do Porto-do-Rei, de peças de fuso, como também deviam ter servido as pedras furadas (*piedras horadadas*) descobertas no sul do Chile, cuja explicação ainda é duvidosa entre os arqueologistas, opinando uns pelo emprêgo delas como pesos para rêdes de

pescar, outros como martelos redondos e outros ainda como objetos de culto" (1).

E' bem possível que a diábase de grã fina, que Simoens da Silva supõe ser emblema hierárquico, assim como as *piedras horadadas* do Museu Nacional de Santiago, sejam simplesmente fusaiolos, iguais aos que Raimundo Lopes encontrou nas jazidas paletnográficas do Maranhão. Mas as observações de Teodoro Sampaio são pertinentes no que diz respeito à identidade de processos, meios e recursos entre os povos mais dispares na solução dos problemas de ordem múltipla, que se lhes antolham na vida. E como mais um exemplo, poderiamos lembrar que à pagina 176 da obra de Jacques de Morgan (*L'Humanité préhistorique*, Paris, 1924), observam-se utensílios semelhantes aos das jazidas maranhenses (fig. 84, n. 12 e 13), encontrados bem longe do Atlântico, nas excavações realizadas nos lacustres alpinos da Suiça.

Os sambaquís, como já se disse, estão localizados em todo o trato costeiro e mesmo em aguas mediterrâneas, à margem de alguns rios. Realizaram-se estudos e pesquisas :

a) Nos de Taperinha, pouco abaixo de Santarém (Fred. Hartt) ; em Pinheiro, algumas milhas ao norte de Belém (Charles Linden) ; em Salgado, região entre Salinas e Bragança ; em Cachoeira, na ilha de Marajó; nos da foz do Tocantins (Boena e Noronha) ; nos das proximidades de São-João-de-Pirabas e de Bragança (Ferreira Pena) ; nos do Lago-Grande-de-Vila-Franca, Curuçá e Itanduia [Pará]..

b) Nos de Maiobinha, nas proximidades do Aprendizado Agrícola Cristino Cruz (ilha de São-

(1) Teodoro Sampaio, "Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX", etc., cit., 558 e 559.

Luís), encontrado em 1922 ; nos do vale do rio de São-João, perto da localidade de Pindaí, que Raimundo Lopes descobriu em 1927 (na mesma ilha) ; nos de Cutim do Padre e de Ricardo (nas vizinhanças de Bragança), do último dos quais dá notícias Agenor de Miranda [Maranhão].

c) Nos de Cunhaú [Rio-Grande-do-Norte].

d) Nos de Valença [Baía].

e) Nos de Guaratiba e Piracão, estudados por Everardo Backheuser [Distrito-Federal].

f) Nos de Cabo-Frio, Macaé, Paratí (Sambaquí do Forte) e Saquarema [Rio-de-Janeiro].

g) Nos de Santos, Conceição-de-Itanhaem e Iguape [São-Paulo].

h) Nos de Guaraqueçava, Paranapaguá, e, de modo geral, nos dos sacos interiores da baía de Paranaguá [Paraná].

i) Nos de São-Francisco, Imbituba, Laguna, Joinville, Carniça, Cabeçuda, Caputera, Vila-Nova, Mirim, Itabirubá, Magalhães, Porto-do-Rei (alguns estudados por Fróis Abreu) ; nos de Sanhaçú, Armação-da-Piedade, Porto-Belo ; nos dos rios Tavares, Cachoeira, Baú e Luís-Alves (examinados por Carlos Wiener) [Santa-Catarina].

j) Nos das regiões lacustres septentrionais do Rio-Grande-do-Sul, desde, mais ou menos, Tramandaí até a vila das Torres, onde Roquette-Pinto encontrou vinte e três calheiras [Rio-Grande-do-Sul].

Em suma, os bancos de tambaús, sobretudo os artificiais, são verdadeiros arquivos de prehistória e etnografia, construídos, é verdade, sem nenhuma intenção monumental, mas que, estudados sistemàtica-

mente, ainda revelarão, em seus despojos, muitos e interessantes aspetos da vida do homem aborígenedo Brasil.

5. Dados arqueológicos de significação provàvelmente funerária. — Quando nos referimos ao descobrimento do dr. E. Goeldi, nos poços funerários do Cunaní, dissemos que os hipogeus estavam assinalados por marcos piramidais. Essas pirâmides de granito, truncadas, achavam-se cobertas por objetos semelhantes a discos, com metro e meio de diâmetro e catorze centímetros de espessura. Apoiado na obra de Tristão de Alencar Araripe (1), supõe Teodoro Sampaio que se podem encontrar monumentos sepulcrais semelhantes a êsses marcos na zona agreste dos cariris. Assim é que se acharam vários discos, ou mós, espalhados pelo território cearense, na ribeira do Cariú (disco com caracteres esculpidos na periferia); em Coronzó, sertão de Inhamuns (lage do tamanho de uma roda de carro); no município de Icó (disco rochoso, com figuras diversas); na ribeira do Pirangí ("uma pedra grande chata, redonda como uma roda de carro e em cima desta três pedras grandes com a postura de uma trempe"). Outras itapevas apareceram ainda no Piauí, no Rio-Grande-do-Norte e em Pernambuco. Na Baía, próximo a Cachoeira (Fazenda-Pingela) e a Santo-Amaro (Queimadas), há informações a respeito de urnas funerárias, de louça vermelha, junto às quais se viam pedras de grês, uma delas de forma piramidal truncada (2). Carlos

(1) "Cidades Petrificadas e Inscrições Lapidares no Brasil", em *R. T.*, L, parte 1.ª, 213 e seg., 1887.

(2) A respeito das jazidas arqueológicas baïanas, ler: H. von Ihering, "Arqueologia comparativa do Brasil", em *Rev. do Mus. Paul.*, IV, 1904; Carlos Teschauer, *A etnografia do Brasil no princípio do século XX*, Rio-Grande, 1914; Teodoro Sampaio, "Dois artefatos indígenas", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. da Baía*, n. 42, 1916; Bernardino J. de Sousa, "Uma urna funerária dos caboclos", *id.*, n. 43, 1917.

Studart Filho (1) diz, todavia, que até hoje ninguém conseguiu demonstrar a exatidão das notícias colhidas pelo padre Francisco Correia Teles de Menezes, em suas peregrinações através dos sertões nordestinos, e divulgadas por Tristão de Alencar Araripe. "O padre Correia Teles, é sabido, obteve de pessoas ingênuas, de matutos ignorantes e crédulos a mor parte das informações que consignou em seu trabalho. Assinalou a existência de curiosos monumentos indígenas por ouvir dizer, não tendo feito, como êle próprio confessa, averiguações detidas acêrca do assunto" (2). O interessante, porém, é que o próprio Studart confessa a existência de pedras e marcos discoides, semelhantes às referidas pelo padre Correia Teles, nas proximidades de Cachoeira (Baía) e no Riachão, município de Viçosa (Alagoas)..

A propósito de urnas sepulcrais convém notar que a raridade dêsses achados tem, em parte, fundamento nos hábitos religiosos ou mortuários dos selvícolas, os quais variavam dentro dos próprios quadros dos grupos linguísticos afins. Se alguns indígenas inumavam os mortos, envoltos em tipoias ou redes de dormir, no âmbito da própria aringa, dentro de covas cobertas de ramos e folhas, para impedir o contacto entre o corpo e a terra, outros havia que os sepultavam em potes de barro, — os camucins ou igaçabas, — com os membros inferiores caracterìsticamente infletidos no abdomen (uso mais generalizado entre os gês do que entre os tupís). Os nu-

(1) "Vestígios de raças prehistóricas na Viçosa", em *Rev. do Inst. Arq. de Alagoas*, IV, 19.

(2) "Antiguidades indígenas do Ceará", em *Rev. Tri. do Inst. do Ceará*. XLI, 176 e 177, Fortaleza, 1927.

aruaques costumavam incinerar o cadáver e guardar as cinzas em vasos sagrados. E certos índios, ainda hoje, entregam o morto à voracidade dos peixes, como o mais rápido e limpo processo de descarnamento. Para êsse fim o corpo é encerrado em um juquiá especial e mergulhado no rio : os peixes saem e entram livremente, mas as peças do esqueleto são retidas nas malhas e liames do lúgubre covo.

6. As inscrições lapidares e sua significação. — As inscrições lapidares são restos arqueológicos de não menor valor que os sambaquís, mas que têm dado aso a fantasias e robinsonadas das mais esdrúxulas. Delirantes adeptos de civilizações antiquíssimas, perdidas no solo brasileiro, ou partidários de incursões de povos históricos nas plagas ermas da América Antártica, vêm atribuindo a essas toscas itacoatiaras significação maior do que delas é possível esperar : por pouco que não veio o próprio Salomão lavrar os epitalâmios da Sulamita nos alcantís rupestres dos sertões brasileiros. A outros, porém, de espírito demasiadamente cético, afiguram-se as inscrições lapidares simples manifestações artísticas, sem nenhum caráter simbólico, ou meros produtos do ócio (*ludus homini*), próprios do índio sul-americano, criatura do momento, que não se preocupava com o futuro "e estava longe de cuidar de legar documentos às gerações vindouras".

A exaustiva tese de Alfredo de Carvalho resume-se mesmo na proposição de que "nenhum povo primitivo do continente sul-americano possuiu jàmais um processo gráfico para a transmissão do pensamento, quer anterior, quer contemporâneamente à

chegada dos europeus" (1). Só os aztecas eram possuïdores de uma escrita convencional e hieroglífica. Os próprios chibchas, hábeis tecelões e oleiros, que viviam em grandes cidades, ou os incas do sopé da cordilheira andina, cuja organização política já foi comparada a um estado genuïnamente socialista, — eram núcleos de adiantada cultura, que obedeciam a leis fixas, mas legadas auricularmente.

Reconhecemos que, à custa de caprichos e ficções, é possível, segundo a observação de Koch-Grünberg, ler tudo o que se quiser nas inscrições ; mas negar qualquer valia simbólica às *piedras pintadas*, como as chamam os espanhóis, é cair em um não menor êrro. Do muito que se tem escrito a propósito do assunto já se podem tirar conclusões, não enquadráveis em nenhuma das duas teorias extremistas.

As inscrições lapidares são, em geral, de duas naturezas : incisas (gravadas na lápide) ou pintadas (simplesmente desenhadas na pedra), ou seja, os *litoglifos* e *petrografias* da classificação de Everard F. Im Thurn, adotada por Alfredo de Carvalho. Everard F. Im Thurn distingue ainda, entre os primeiros, os *fundos* e os *rasos* (*deep engravings and shallow engravings*), conforme se encontre a face do lagedo profundamente sulcada ou apenas arranhada. Notou, ainda, que as duas espécies não ocorrem simultâneamente — o que não parece exato, pois o geólogo Luciano Jaques de Morais encontrou, na Paraíba, litoglifos de mistura com petrografias (2) — e são restritas a determinadas regiões, as rasas maiores e mais uniformes do que as fundas.

---

(1) "Prehistória sul-americana , em *R. P.*, XIV, 129-292, 1909.
(2) *Inscrições rupestres no Brasil*, 8, Rio, 1924.

Ch. Fred. Hartt supõe que as inscrições esculpidas são mais antigas do que as pintadas. A tinta pode aparecer também nos lineamentos incisos e varia do pardo-escuro ao vermelho-ocre ou ferrugem (em algumas inscrições são dicrômicas, como acontece no Ererê). Julga Martius que a composição tintorial provém do barro vermelho, dissolvido em azeite e misturado ao urucú. Para João Franklin de Alencar Nogueira a tinta é idêntica à de que se servem, ainda hoje, os oleiros cearenses. Carlos Studart Filho julgava-a proveniente de certos líquenes, mas, tendo experimentado alguns criptógamos, não logrou nenenhum resultado (1). "A tinta encarnada, usada nas inscrições, é, segundo creio, anato, e talvez também argila", diz Ch. Fr. Hartt, ao referir-se aos letreiros do Ererê (2). O vermelho-ocre, que é a mais empregada, chama-se *catuá* entre alguns índios.

Encontram-se as *rock-engravings*, de preferência, nas penedias, nas lapas, nos alcantís, nas encostas erécteis dos penhasqueiros, nas cavernas vizinhas dos cemitérios indígenas, não raro em sítios ermos ; mais comumente nas itaocas a jusante das cascatas ou corredeiras fluviais, em sítios de difícil acesso, onde a água rebojenta ameaça a segurança da igara. As do rio Negro e seus mananciais, descritas por R. Schumburgk (3), Alfred Russel Wallace (4) e Koch-Grünberg (5), analisadas por Ladislau Neto (6), das

(1) "A propósito de uma petrografia encontrada na fazenda do Mucambo, em Itapipoca , em *Rev. Tri. do Inst. do Ceará*, XXXIX, 165, Fortaleza, 1925.
(2) "Inscrições em rochedos do Brasil , em *R. P.*, n.º 47, 308, 1895.
(3) *Reisen in Guyana und am Orinoko*, 486 e seg., Leipzig, 1841.
(4) *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*, 151 e seg., Londres, 1853.
(5) "Die Maskentänze der Indianer des oberen Rio Negro und Yapurá". em *Archiv. für Anthropologie*, IV, 293 e seg., Braunschweig, 1906.
(6) "Investigações sôbre a Arqueologia Brasileira", em *Arq. do Musc. Nac. do Rio-de-Janeiro*, VI, 543 e seg., 1885.

Grupo de rochas graníticas de Pedra-Lavrada, no município de São-João-do-Sabuji (Rio-Grande-do-Norte), onde se vêem numerosas inscrições indígenas.

quais fala Ermano Stradelli (1) ; as do Cuminá e do Trombetas, encontradas por H. Coudreau (2) ; as da serra do Ereré, a oeste de Monte-Alegre (Pará), estudadas por Ch. Fr. Hartt (3) ; as do rio Japurá, ou Caquetá, de que trata Martius (4) ; as do Madeira, descobertas por Franz Keller-Leuzinger (5) e Edward D. Mathews (6) ; as do Tapajoz e do Xingú, divulgadas por Henri Coudreau (7) e Ladislau Neto (8) ; as do Tueré, afluente do Anapú, referidas pelo mesmo Coudreau (9) ; as da ilha dos Martírios, no Araguaia, examinadas por Paul Ehrenreich (10) ; as do Tocantins, enfim, das quais dão notícias Ch. Fr. Hartt (11) e Antônio Manuel Gonçalves Tocantins (12); — claramente indicam a distribuïção geográfica das inscrições lapidares na zona do pindorama verde. Nas demais regiões do país os letreiros não são menos freqüentes. No nordeste a maior cópia de informações a respeito foi recolhida pelo padre Francisco Correia Teles de Menezes, que percorreu a zona semi-árida, do sul do Piauí à ribanceira esquerda do São-Francisco (1799-1806). Vulgarizou-a Tristão de Alencar Araripe (13). Sòmente a respeito da antiga província do

(1) "Iscrizioni indigene della regione dell'Uaupés", em *Bolletino della Società Geographica Italiana*, série IV, I, 557 e seg., Roma, 1900.
(2) *Voyage au Cuminá*, 33 e seg., Paris, 1901.
(3) *Op. cit., ib.*, 300 e seg.
(4) *Reise in Brasilien*, III, 1257 e seg., Munich, 1831.
(5) *Vom Amazonas und Madeira*, 40 e seg., Stuttgart, 1874.
(6) *Up the Amazon and Madeira Rivers*, 25 e seg., Londres, 1879
(7) *Voyage au Tapajoz*, 142 e seg., Paris 1897 e *Voyage au Xingú*, 149 e seg., Paris, 1897.
(8) *Ibidem*.
(9) *Voyage au Tocantins et Xingú*, 119, Paris, 1899.
(10) *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*, II, 45 e seg., Berlim, 1891.
(11 *Loc. cit.*, 301 e seg.
(12) "Estudos sôbre a tribu *Munducurú*", em *R. T.*, XL, 2.ª parte, 140 e seg., 1877.
(13) *Loc. cit.*, 238 e seg.

Inscrições lapidares da cachoeira de Cantagalo, no rio Tapajoz, em um morro a oito metros acima do nível máximo das águas, que os mundururús consideram de natureza avita.

Ceará regista o sacerdote nada menos que cento e vinte e oito localidades, em que se podem encontrar letreiros rupestres. Mas o próprio Tristão de Alencar Araripe reconhece que numerosas dessas notícias, depois de examinadas, *não passavam de fantásticas criações de mentes dadas ao gôsto do maravilhoso e das fábulas absurdas;* o padre Correia, na verdade, não comprovou a maioria das informações, que lhe foram fornecidas. Em outro trecho dêste capítulo, já externámos a opinião de Carlos Studart Filho a respeito do assunto. Relativamente à zona cearense, mais fidedignas são as anotações de J. Whitefield (serras de Ibiapaba e da Mandioca) (1), de João Franklin de Alencar Nogueira (serrote da Rôla, próximo da cidade de Santana) (2),

(1) "Rock Inscriptions in Brazil", em *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, III, 114 e seg., Londres, 1878. Foi essa obra publicada anteriormente no *American Naturalist*, XVIII, Filadélfia, 1884.
(2) "Letreiros antigos : notícias sôbre os caracteres do serrote da Rola", em *R. T.*, LVI, 1.ª parte, 407 e 408, 1893.

de Carlos Studart Filho (fazenda do Mucambo, em Itapipoca) (1). Branner trata das inscrições de Curimatá (Piauí) e Luciano Jaques de Morais dá notícias de outras, no mesmo estado, localizadas na serra do Brejo. Êsse mesmo geólogo descreve as de Pedra-Lavrada e as da gruta calcárea do Letreito, ambas no Rio-Grande-do-Norte. Conhecidíssima é a relação do autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, que acolheu informes sôbre bizarros letreiros de uma cova do rio Araçuagipe, na Paraíba-do-Norte, os primeiros observados e descritos no Brasil, presumìvelmente os mesmos vistos por Elias Herckmans, em 1641, na serra da Cupaoba, ou da Raiz, um dos contrafortes da cordilheira da Borborema(2). Francisco Soares da Silva Retumba (3), J. R. Coriolano de Medeiros (4), Irineu Joffily (5), tratam de outros, localizados no mesmo estado (serra da Caxexa, Bananeiras ; pico do Jabre, perto de Teixeira ; Gengibre ou Belém-de-Guarabira, Caiçara ; Serrinha, Poço-do-Boi, Pasmado, Poço-da-Serrinha ; etc.). Recentemente, Luciano Jaques de Morais examinou as de Pedra-Lavrada, dessa vez no município de Piauí (Paraíba-do-Norte), em dois lugares (desenhos de lagartos ou jacarés bastante nítidos e característicos, centopéias, aves, pontos), quasi todos em baixo-relêvo (6). Os glifos

(1) "A propósito de uma petrografia encontrada na fazenda do Mucambo em Itapipoca", em *Rev. Tri. do Inst. do Ceará*, XXXIX, 165 e seg., Fortaleza, 1925.

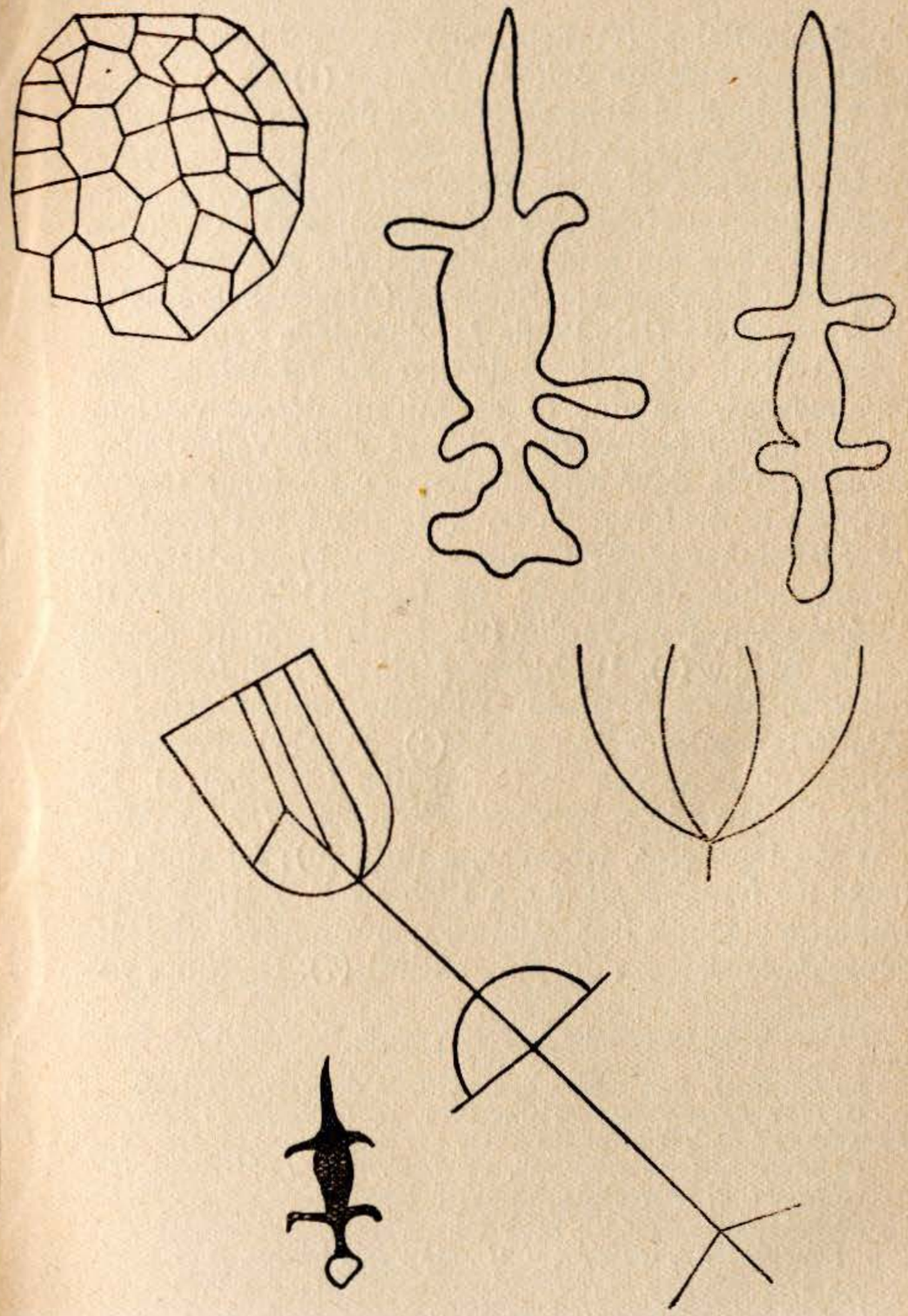
(2) *Diálogos*, cit., com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia, 47 e 48, nota à pág. 72, Rio, 1930. Cf. Gaspar Barlaeus, *Rervm per octennivm in Brasilia et alibi nuper gestarum sub, praefectura Illustrissimi Comitis I. Mavritii, Nassoviae... historia*, 217, Amsterdão, 1647.

(3) *Relatório*, etc., transcrito na obra cit., de Tristão de Alencar Araripe, 234 e seg.

(4) *Dic. Cor. do Est. da Par.*, Paraíba, 1914.

(5) *Notas sôbre a Paraíba*, Rio, 1892.

(6) *Loc. cit.*, 8.



Inscrições de gneisse de Pedra-Lavrada, no município de Piauí. (Paraíba-do-Norte), segundo Luciano Jaques de Morais. Os desenhos de lagartos ou jacarés são bastante nítidos e característicos.

de Aguas-Belas (Pernambuco) são conhecidos por causa do estudo de John C. Branner (1): os de Pedra-Pintada, junto a uma corrente de água, muitas vezes acima da cascata, de vinte e cinco pés de altura, representam espirais, círculos, peneiras, ondas, debuxos de figuras humanas (*ébauches enfantines*); nos de Cacimba-Cercada vê-se um asterisco ou estrêla. Branner ainda encontrou letreiros em Santana (Alagoas). Sebastião de Vasconcelos Galvão, de fidedignidade nem sempre comprovável, dá notícias de diversas localidades pernambucanas, em que se encontram dêsses vestígios arqueológicos (serras de Jabitacá e da Velha-Chica, no município de Alagoa-de-Baixo ; no lugar Cacimbas, nos contrafortes da serra do Bacú, nos arredores de Alagoínhas ; em Cimbres ; em Monte-Barbado, no município da Pedra ; na lagoa Caiçara, no de Vitória ; em Bom-Jardim (2). Louis Lombard copiou as de Buíque (3). De Mário Melo são as informações relativas às da serra do Caldeirão (proximidades de Vila-Bela), sulcadas na rocha (4). Felisbelo Freire encontrou duas no vale do Cotinguiba (Sergipe) (5). Na serra do Anastácio, baixo São-Francisco (Baía), Martius viu inscrições, traçadas, a tinta (6); foi ainda no baixo rio franciscano que a Richard F. Burton depararam-se algumas itacoatiaras, que o notável viajante supôs pertencerem a um povo extinto (7). Desenhos ver-

(1) "Inscrições em rochedos do Brasil", em *R. P.*, XI, 249-261, Recife, 1904.

(2) *Dic. Corog., Hist. e Estat. de Pern.*, I, 16 *et passim*, Rio, 1908.

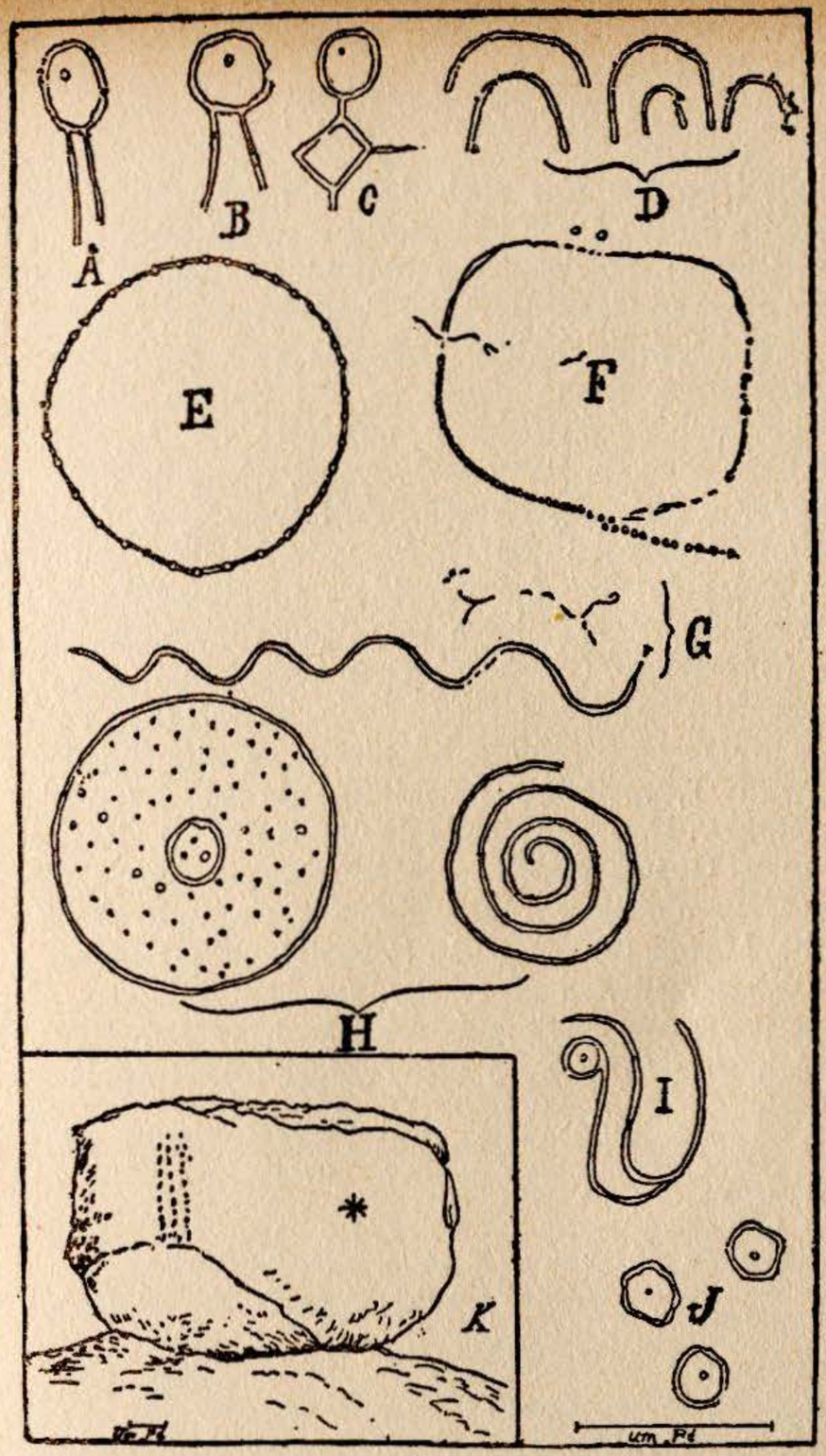
(3) Cf. o *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Governador do Estado Dr Alexandre José Barbosa Lima*, 123 e seg., Recife, 1894.

(4) "*Arqueologia Pernambucana*", em *R. P.*, XXIX, 7-24, Recife, 1930.

(5) *História de Sergipe*, pág. XXXVIII, Rio, 1891.

(6) *Reise in Brasilien*, II, 740 e seg.

(7) *The Highlands of the Brazil*, II., 423 e seg., Londres, 1869.



Inscrições lapidares de Cacimba-Cercada (K) e Pedra-Pintada (A a J), nas proximidades de Aguas-Belas (Pernambuco), copiadas e descritas por John C. Branner. Todas estão gravadas em massiços de gneisse. Os glifos A, B, C, D, E e F encontram-se bem acima de uma cascata de vinte e cinco pés de altura.

melhos traçados nos rochedos de quarzo da margem esquerda do rio Doce são ainda mencionadas por Philippe Rey (1). Nos gneisses do médio Paraguaçú assinalaram-se as da Casa-da-Pedra, próximas da fazenda de Santa Rosa, policrômicas, traçadas ao sopé de numerosas cavernas, assim como as do Serrote-do-Pintor, cabeço rochoso situado a sudoeste do Arraial-dos-Milagres, e os do Serrote-da-Lapa, cêrca de dois quilômetros a leste da Estação de Santa-Rosa (Estrada de Ferro Central da Baía). Através da obra de Tristão de Alencar Araripe é conhecida a comunicação de Domingos Jaguaribe Filho a respeito da inscrição de Faxina (São-Paulo) (2). Koch-Grünberg vulgarizou os letreiros do Virador (Rio-Grande-do-Sul) (3) ; concernente ao mesmo estado há ainda as informações de Carlos v. Koseritz (4) (município de São-Leopoldo) e Hermann v. Ihering (picada da Cantaria) (5). Relativamente a Goyaz e a Mato-Grosso, possuímos, entre outros, os dados do brigadeiro Raimundo José da Cunha Matos (6), de João Severiano da Fonseca (7) (inscrições da lagoa de Gaíba, em Mato-Grosso, estudadas posteriormente pelo alemão Max Schmidt), de Vojtêch Fric (8) e de Paul Traeger (9). Importantes

(1) "*Sur les inscriptions sur pierre au Rio Doce* (Brésil)"', em *Bull. de la Soc. d'Anthr. de Paris*, II, 732 e seg., Paris, 1879.

(2) *Loc. cit.*, 231-233.

(3) *Apud* Alfredo de Carvalho, *loc. cit.*, 218 e 219.

(4) *Bosquejos Etnológicos*, 63 *et passim*, Porto-Alegre, 1884.

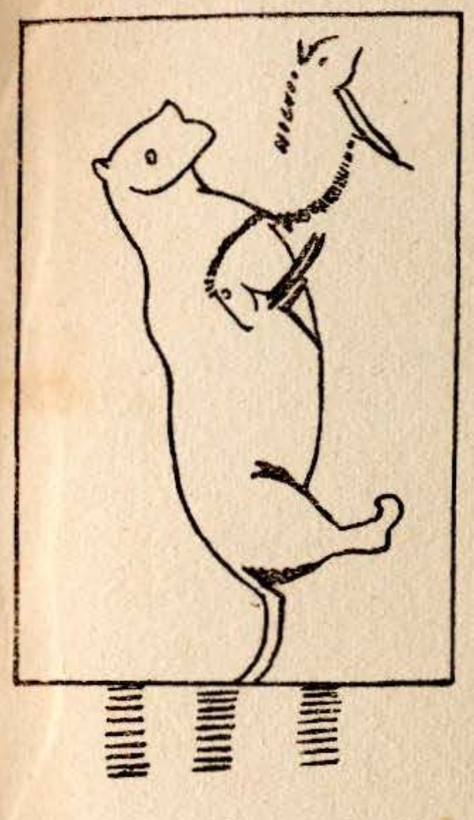
(5) "A Civilização Prehistórica do Brasil", em *Rev. do Mus. Paul.*, I, 98 e 150, S. Paulo, 1895.

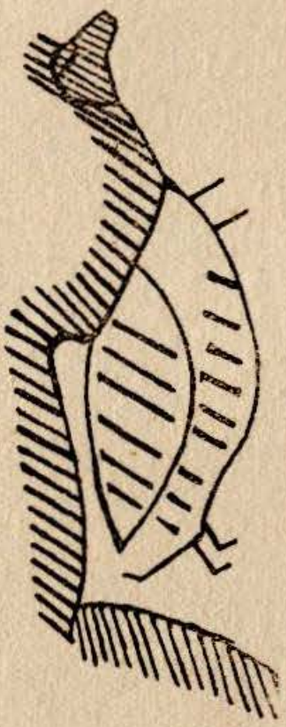
(6) "Cor. His. da Prov. de Goyaz", em *R. T.*, XXXVII, 1.ª parte, 327 e seg. 1874.

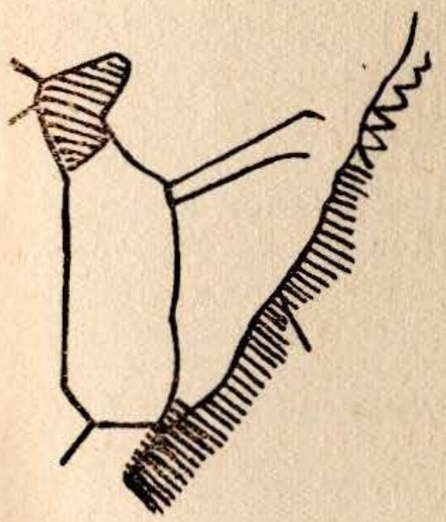
(7) *Viagem ao redor do Brasil*, I, 326 e seg. Rio, 1880.

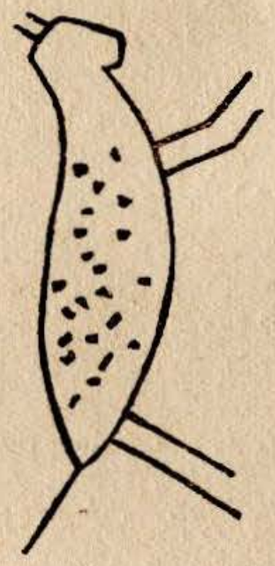
(8) "Sambaqui Forschungen im Hafen von Antonina (Paraná)", *Globus*, XCI, 121 e seg., Braunschweig, 1907.

(9 "Brief an die Anthropologische Gesellschaft zu Berlin vom November 1906", em *Zeitschrift für Ethnologie*, ano 38, 1002, Berlim, 1906.









Inscrições encontradas em grandes blocos de textura, sobranceiros ao campo, no lugar Areão, a cinco léguas de Itabira-do-Mato-Dentro (Minas-Geraes). São desenhos de animais (o veado, a pintada, etc.). Traço firme; posição natural. O cervideo, no ato de saltar, lembra a técnica dos animalistas de Font-de-Gaume. A gliptica de Areão está quási a atingir a etapa da arte magdalenense, que se pode ver, em um dos seus aspetos, no quadro à direita, alto.

são as informações de Jaime Reis a respeito da região mineira entre Itambé-da-Mata e a cidade de Formiga (1). Em grandes blocos de textura sacarina, sobranceiros ao campo, no lugar Areão, a cinco leguas de Itabira-do--Mato-Dentro (Minas-Gerais), vêem-se inscrições em que figuram desenhos de animais (o veado, a pintada, etc.). Nos desenhos, o traço é firme, a posição natural. O cervídeo, no ato de saltar, lembra a técnica dos animalistas de Font-de-Gaume. A glíptica de Areão está quási a atingir a etapa da arte parietal magdalenense. As pedras riscadas ocorrem, ainda, em diversas outras localidades mineiras, conforme relatórios e memórias, a que se refere Luciano Jaques de Morais (2). As figuras, enfim, pintadas de corantes vermelhos, que se encontram nos quarzitos da serra da Onça, entre Resplendor e Lajão, à margem direta do rio Doce, foram recentemente estudadas por Fróis Abreu.

Várias interpretações vêm sendo dadas aos glifos rupestres sul-americanos. São vestígios de antigas civilizações, ou de povos de elevada cultura, monumento da superioridade dos avoengos indígenas, dizem Humboldt, Robert Schomburgk, Richard Schomburgk, Keller-Leuzinger e Henri Coudreau ; ou símbolos comemorativos, marcos de propriedade, sinais de caminhos, pensam A. Ernst, Im Thurn e P. Ehrenreich ; ou, ainda, uma espécie de pictografia convencional ou ideográfica, segundo Ermano Stradelli e G. Marcano. Para Richard Andree, Garrick Mallery, Alfredo de Carvalho, Koch-Grünberg, Luciano Jaques de Morais constituem passa-tempos ociosos, *ludus homini*, primeiras manifestações artísticas dos

(1) "Notícia de antiguidades indígenas existentes em Minas", em *R. T.*, LVI, 1.ª parte, 409-412, 1893.

(2) *Loc. cit.*, 32-34.

grupos primitivos ; mas, no dizer de John C. Branner, representam balisas de nascentes ou poços. Pensa, ainda, Teodoro Sampaio que as inscrições acodem a sentimentos religiosos, têm caráter cultual ou propiciatório, assinalam cemitérios.

Qual das interpretações parece mais aceitável? O êrro, ao nosso ver, está justamente no critério unilateral, com que se estudam fatos por si mesmos flagrantemente complexos. Todas as inscrições não são caracteres ideográficos. Não são, tanpouco, manifestações artísticas ou cultuais. A verdade *é que há inscrições de caráter religioso ou propiciatório, como os há de feição puramente artística* (*passa-tempos ociosos*, no dizer de Richard Andree), *ou mesmo de valor comunicativo e ideográfico* (1).

São de duas ordens os fatos favoráveis à hipótese da significação religiosa de numerosas inscrições rupestres sul-americanas : *a*) localização de certos glifos em trechos inacessíveis, comumente à face das águas ou nas cercanias das cachoeiras ; *b*) certas funções pre-lógicas das sociedades inferiores, que atribuem a todos ou a quási todos os objetos poderes místicos ou mágicos (Lévy-Bruhl) (2).

Na região situada entre o 2º e o 4º de latitude norte, banhada pelos rios Orinoco, Atabapo, Negro,

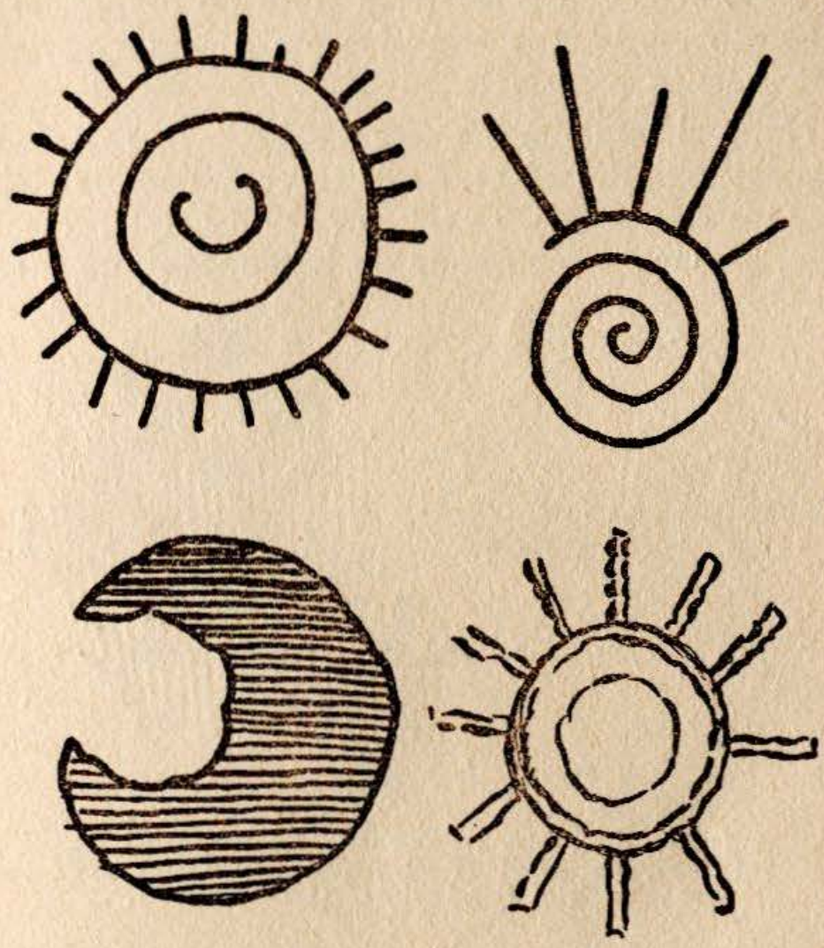
(1) A êsse respeito, ler as considerações de M. A. Vignati, *loc. cit.*, 124.

(2) A propósito das inscrições rupestres do paleolítico superior europeu, diz Hugo Obermaier ("El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad", 103 e 104, Madrid, 1932) : "*Las figuras de las cuevas del Norte de España y el Sur de Francia deben fundarse también en una idea mágico-religiosa, ya que se ocultan casi siempre oscuridad permanente, por lo general en los lugares más alejados o en los rincones más difícilmente praticables, es decir, en sitios donde no podían tener de ningún modo un valor decorativo. Los grabados de animales son completamente invisibles y se encuentran penosamente. Aquellos hombres primitivos fueron arrastrados hacia la eterna noche de las cavernas por una fuerza invencible mágico-religiosa. Probablemente se trata de una magia de caza, como aún practican algunos pueblos primitivos, basada en la idea de que el cazador adquiere poder sobre un animal tan pronto como ha dominado por métodos mágicos su imagen (es decir, su alma)*".

Cassiquiare e outros grandes tributários da bacia antilhana e da bacia amazônica, Humboldt notou que as inscrições se achavam situadas, muitas vezes, em lugares só hoje acessíveis à custa de altos andaimes ; no Cerro-Pintado, rochedo escalvado de durís-simo pórfiro-granito (margem do Orinoco, pouco distante de Atures), Chaffanjon viu figuras, algumas de porte gigantesco (uma cobra de cento e vinte metros, por exemplo), gravadas dezenas de metros acima do solo. O mesmo ocorreu com Richard Schomburgh (Guiana Britânica), com Charles Barrington Brown (rio Corentyn), com A. M. Gonçalves Tocantins (cachoeira de Cantagalo no alto Tapajoz) (1), com Paul Ehrenreich (ilha dos Martírios, no Araguaia) e com muitos outros. A solidez da lage, a espessura dos sulcos e a posição sobranceira dêsses glifos inutilizam, pelo menos nos casos em análise, a tese negativista de Kock-Grünberg e de Alfredo de Carvalho, a saber, que, sendo o índio por natureza ignavo e indolente, a *profundidade dos traços, em matéria tão rija, explica-se pela colaboração de muitas gerações sucessivas* (*gutta cavat lapidem*) (2). Ora, tal inércia não se compadece

(1) "Hoje seria impossível a um homem traçá-las naquela altura, ainda mesmo com o auxílio de andaimes, pois à base do morro o rio forma uma espécie de enseada, onde a corrente é violenta, sobretudo na época em que o nível do rio chega à sua maior elevação". *Loc. cit.*, 104.

(2) "Da mesma sorte que o indígena, em horas de ócio, se arma de um carvão e traça, nas paredes de sua choupana, figuras as mais multiformes, assim também o aspeto do paredão liso duma rocha o tenta ao exercício de sua arte infantil. Em vez do pedaço de carvão, serve-se duma pedra aguda e esboça um desenho qualquer. Tempos após um outro indígena passa pelo mesmo lugar, fere-lhe a vista a figura traçada na superfície escura da rocha e, obedecendo ao instinto de imitação, pega duma pedra e, brincando, vai aprofundando os contornos do desenho original. Outro indígena segue o seu exemplo, e assim por diante ; de cada vez mais se pronunciam os sulcos e, pouco a pouco, talvez só depois de muitas gerações, chegam a ter a profundidade hoje tão admirada pela maioria dos investigadores e por êles considerada como o resultado do labor prodigioso dum só indivíduo, ou atribuída a um grau de cultura superior". — Alfredo de Carvalho, *loc. cit.*, 248.



Sóis, lua e estrélas dos rochedos do Ereré (Ch. Fred. Hartt), de Pedra-Pintada (próxima de Aguas-Belas. Pernambuco), que estudou John C. Branner, e da serra do Anastácio, na Baía (Martius).

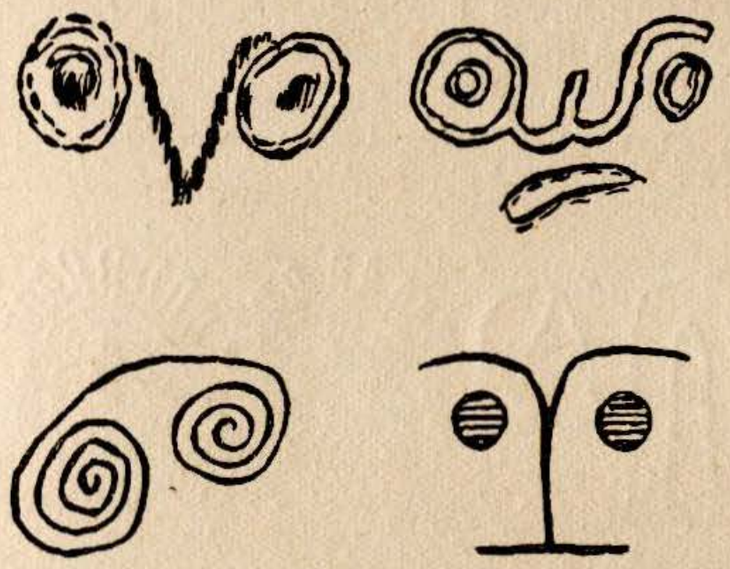
com o esfôrço, que o selvícola teria de despender, na construção de figuras traçadas em alcantís perigosos e difìcilmente acessíveis.

Notável também é a circunstância de se acharem as itacoatiaras próximas, quási sempre, das cachoeiras, ou à face das águas. O esturro do itú, que, como o pélago, ameaça a segurança do barco, tem, na menta-

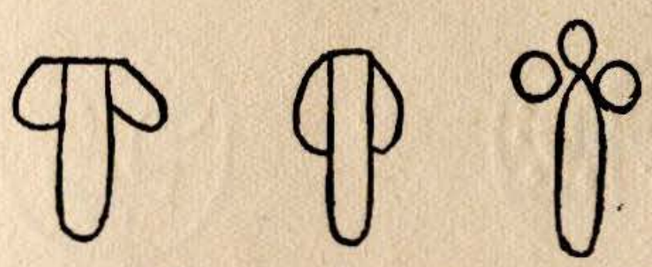
A figura do diabo no dochedo da cachoeira de Juruparí, no Aiarí (Koch-Grünberg) e nas pedras do rio Cassiquiare (Schomburgk).

lidade pre-lógica do homem primitivo, uma tão grande influência quanto a itapura róchea, que emerge da agua borbulhenta e com ela vive associada. Em sua conhecida obra *Among the Indians of Guyana*, Everard F. Im Thurn observa que raro é o rápido, ou corredeira guianense (1), à qual os indígenas não liguem algum naufrágio ou acidente, e, por êsse mo-

(1) ..."lugares de ordinário funestos, onde a vida corre perigo e o espírito do mal tem oportunidade de exercer o seu poder", diz Teodoro Sampaio, "Arqueologia Brasileira", em *Dic. Hist., Geog. e Etn. do Brêsil*, Inst. Ger., I, 853, Rio, 1922.



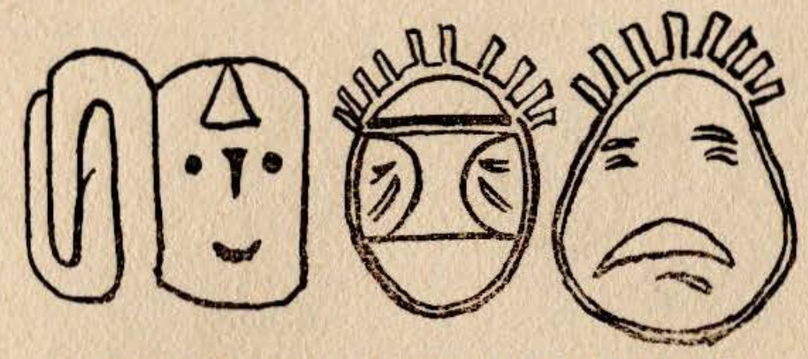
Figuras demoniacas do Icana (Koch-Grünberg), do Uaupés (Alfred R. Wallace) e do Ereré (Ch. Fred. Hartt).



Figuras fálicas do Araçuagipe, na Paraíba-do-Norte (Diálogos das Grandezas do Brasil).

tivo, as inscrições lapidares encontram-se, de preferência, em tais lugares. Letreiros rupestres, alguns já hoje submersos na corrente, quasi sempre à borda de cataratas, vêem-se pouco abaixo da vila de Serpa, na margem esquerda do Amazonas, e no Uaupés (Alfred Russel Wallace); em Cantagalo, no alto Tapajoz (A. M. Gonçalves Tocantins); no povoado

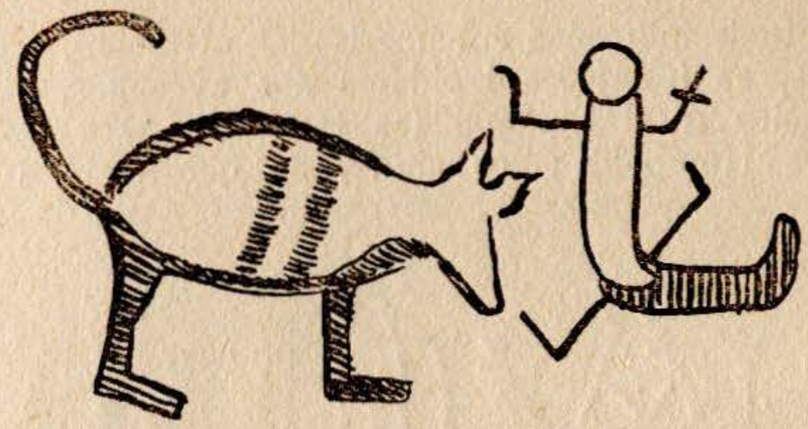
de Santo-Antônio, à borda do Madeira (Edward D. Mathews) ; na ilha dos Martírios, no Araguaia (Paul Ehrenreich) ; na lagoa de Gaíba, ao norte de Corumbá, em Mato-Grosso (João Severiano da Fonseca, Max Schmidt) ; em Alcobaça, nas ribanceiras



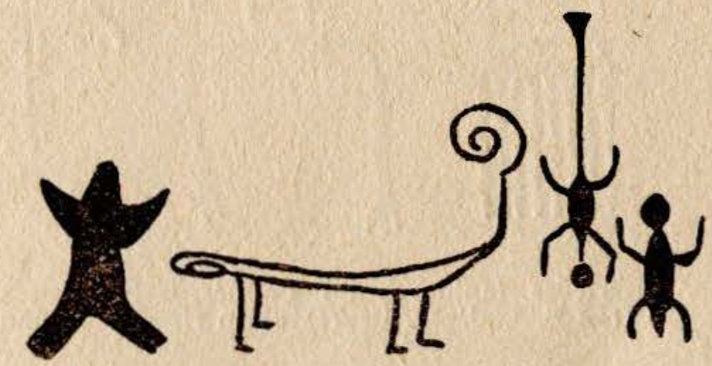
Máscaras do granito chamado Piedra de los Indios, no vale de Santo-Estêvão, em Venezuela (C. P. Appun) e máscaras de Araracoara (as duas últimas), no rio Japurá (Martius).

Máscaras dos rochedos do Ereré (Ch. Fred. Hartt).

do Tocantins (Ch. Fred. Hartt) ; em Pedra-Pintada, a dez léguas de Aguas-Belas, em Pernambuco (John C. Branner) ; etc.. Em sua maioria, os desenhos representam animais perigosos, ou supostamente daninhos ao homem, que vivem a serviço dos maus espíritos, como as centopéias, as lagartas, os jacarés, os tracajás, os teijús, os sucurís, as sussuranas, ou corpos



Tatú e lagarto dos rochedos do Ereré (Ch. Fred. Hartt).

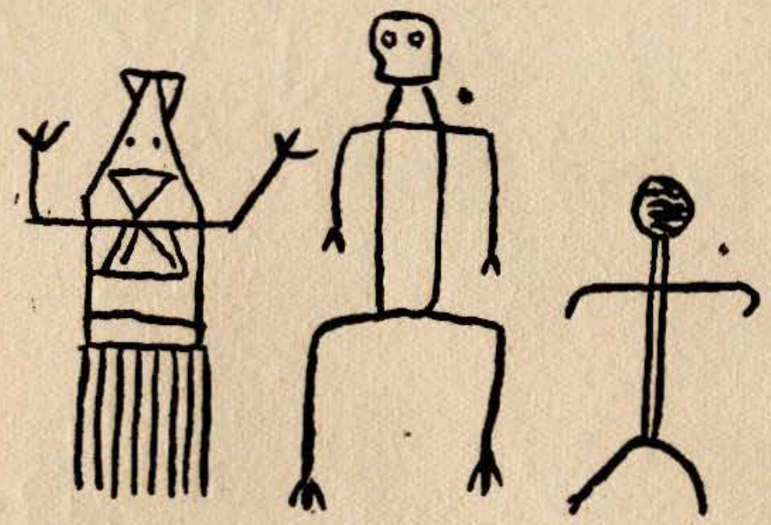


Sapo (?), tamanduá-bandeira e formigas dos rochedos, respetivamente, de Santo-Estévão (C. F. Appun), do Uaupés (Alfred R. Wallace) e do Tocantins (Ferreira Pena).

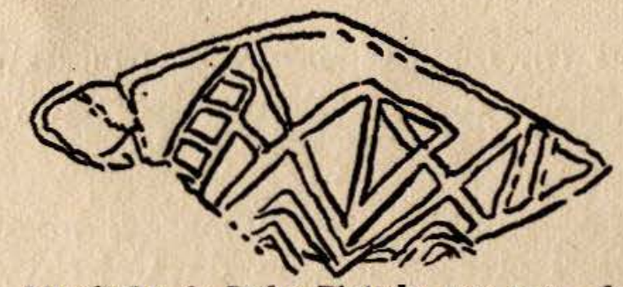
celestes, ou, ainda vultos humanos, máscaras (cachoeira de Tipiaca, no vale do Caiarí-Uaupés). A careta do juruparí, o terrível gnomo do folclore indígena, não é menos comum aos lineares rupestres do rio Içana-Aiarí (Koch-Grünberg), do Cassiquiare (Robert Schomburgk), do Ereré (Ch. Fred. Hartt) (1).

(1) Merece atenção a abundância dos símbolos sexuais (répteis, aves, peixes, pênis, certas partes corporais, demônios, plantas, ondas, corpos celestes), que a psicoanálise reconhece (Cf. S. Freud, "*Introducción a la psicoanalisis*, I, 191 e seg., Madrid, 1929).

Os atuais indígenas sul-americanos atribuem, muitas vezes, as inscrições lapidares aos avoengos, ou ao primeiro casal humano (os tamanaques, a que se refere Humboldt ; os siusís, de que trata Koch-



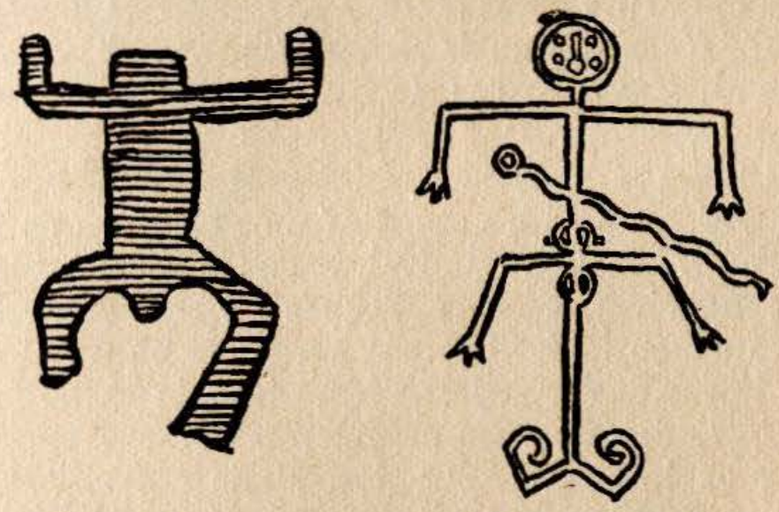
Inscrições lapidares do Uaupés, estudadas por Alfred R. Wallace. Representam figuras humanas.



Litoglipho de Pedra-Pintada, nas prox. de Aguas-Belas (Pernambuco), descrito por John C. Branner. Representa um cágado.

Grünberg ; os munducurús, estudados por A. M. Gonçalves Tocantins), ou aos espíritos ou demônios (os piacocos da foz do Guaviare, descritos por Jules Crevaux ; os indígenas das lhanuras guianenses, de que falam Robert Schomburgk, C. B. Brown, Koch-

Grünberg). Não houve súplicas, nem ameaças, que conseguissem fazer os indígenas, acometidos de terror, demover um dos blocos gravados da cachoeira de Waraputa (rio Essequibo), conta Robert Schomburgk (1), o qual presenciou as mesmas expressões



Figuras humanas do vale do baixo Tocantins (Ch. Fred. Hartt) e de Araracoara, no rio Japurá (Martius).

de pavor por ocasião de sua viagem ao Roraima. Fato idêntico ocorreu a Martius, na cachoeira de Araracoara (alto Japurá) ; os selvícolas exclamaram, a apontar os glifos ; — *Tupana* ! *Tupana* ! Com o advento, na América, dos povos católicos, *tupana*, ou quem quer que fôsse, teria que ser substituído pelos padrões da crença cristã, sobretudo Santo Tomé (2).

---

(1) *Reisen in Guyana und am Orinoko*, 147, Leipzig, 1841.

(2) "Na cidade de Cabo-Frio distante dezoito léguas do Rio-de-Janeiro em altura de vinte e seis graus e um sétimo para o sul, no lugar chamado Itajurú, se vê um penedo em que estão esculpidos oito sinais de bordão, como se as pancadas foram em branda cera ; e é tradição entre os índios que aqueles sinais são do bordão de S. Tomé em ocasião em que os índios resistiram à doutrina que lhes prègava, e lhes quis mostrar, que abrandando-se os penedos

Uma das teorias de Teodoro Sampaio é que as inscrições lapidares podem assinalar cemitérios, ou jazidas mortuárias, representando, nesse caso, os desenhos (animais, plantas, utensílios, astros) o nome do morto, ou, pelo menos, "aquilo que em vida o distinguia" : *Potí* (o camarão), *Araïboia* (a cobra que ronca), *Nandú*, depois transformado em *Jandovius* (a ema), *Jaguanharon* (a onça brava), *Guaraní* (*o* sol), etc..

Contra a significação idiográfica das inscrições lapidares insurgem-se etnográfos da estatura de Koch-Grünberg. E' bem possível, entretanto, que algumas delas o sejam, pois os grupos aborígenes do Brasil estavam nos mais diversos graus de cultura ; a escrita linear das sociedades históricas do Velho Mundo começou, demais, por caracteres arcaicos representativos, ou ideológicos, usados, ainda em nossos dias, por alguns povos primitivos, tais como os esquimós (Deniker), ou os índios do Lago-Superior (H. G. Wells) (1).

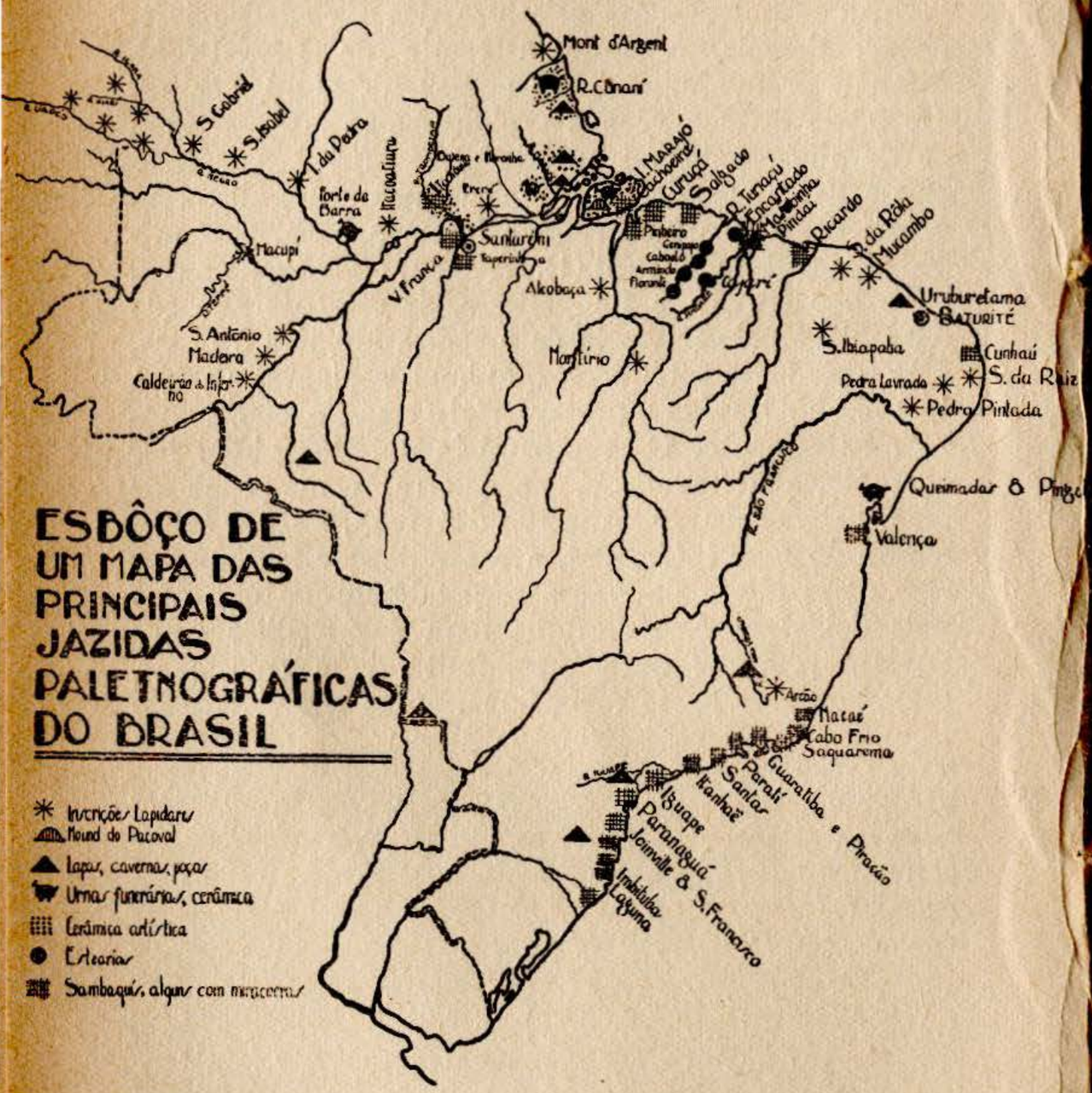
à fôrça do seu bordão, os seus corações mais duros que pedras resistiram à brandura e eficácia da lei que lhes ensinava. No distrito da cidade da Paraíba, se vê outro penedo com duas pègadas, umas maiores, outras menores, e certas letras esculpidas em uma pedra. Por tradição dos índios são pègadas de S. Tomé. E segundo o que diz S. Tomás, e S. João Crisóstomo, que acompanhava a S. Tomé um dos discípulos de Cristo, as segundas pègadas devem ser dêste. Das letras não se entendeu até agora a significação" (Domingos do Loreto Couto, "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco", em *An. da Bib. Nac. do Rio-de-Janeiro*, XXIV, 65, 1904). — Sôbre a mesma lenda, ler *Diálogos das Grandezas do Brasil*, 266, notas de Rodolfo Garcia à pág. 291 e 299, Rio, 1930; José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, 332, notas de Alcântara Machado à pág. 347 e 348, Rio, 1933 ; Manoel da Nóbrega, *Cartas do Brasil*, 101, notas de Alfredo do Vale Cabral, Rio, 1931 ; *Cartas Avulsas* (dos jesuítas), 130, notas de Alfredo do Vale Cabral à pág. 132, Rio, 1931 ; Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus*, 37 e 38, 75 e seg., Rio, 1864.

(1) *"Quand l'homme fut sorti de la vie uniquement matérielle, dés que son esprit s'affina quelque peu, il éprouva le besoin de fixer sa pensée, afin de la pouvoir transmettre par des signes intelligibles pour tous ; et le premier moyen qu'il trouvat fut de représenter par le dessin des idées simples qu'il concevait. Ce premier effort donna naissance à la pictographie représentative ; mais bientôt le domaine de la pictographie devenant trop étroit pour répondre aux idées abstraites, même les plus simples, on y joignit la figuration conventionnelle, dont les tracés prirent rapidement une forme hiérogliphique, et, grâce à son développement intellectuel, et aux progrés que chaque jour l'homme faisait dans toutes les branches de la pensée, bientôt cette écriture elle-même ne suffit plus à ses besoins, certains mots de son parler ne trouvant pas leur expression dans les figures dont il disposait et qu'il ne pouvait pas créer. C'est alors que, négligeant la signification représentative de certains signes, il ne leur accorda plus qu'une valeur phonétique, tout comme nous le faisons encore dans nos rébus. Ainsi naquirent les hiéroglyphes proprement dits, ceux de l'Egypte, de la Chaldée primitive, des Hétéens, de la Crète, de la Chine, du Mexique, etc., dont l'écriture se compose de signes mélangés représentatifs, idéographiques et phonétiques. De là, par des transformations successives des signes phonétiques, se forma l'écriture syllabique ; tels le chinois, le cunéiforme des Achéménides, et de ces systémes sortit la conception de l'alphabet. Telle est l'évolution rationelle de l'écriture. Quelques peuples seulement en ont connu toutes les phases ; mais, à côté, se développa chez bien des tribus le mnémonisme, entièrement conventionnel, et dont, par suite, la clé s'est perdue en même temps que disparaissaient les hommes que faisaient usage de ces moyens"*. — Jacques de Morgan, *L'Humanité préhistorique*, 273 e 274, Paris, 1924.

As representações coletivas das sociedades inferiores, demais, segundo a teoria de Lévy-Bruhl, diferem profundamente de nossas idéias e conceitos. De modo diverso vêem os selvagens os fatos, mesmo os da mais palpável realidade. Escapa-lhes tudo o que enxergamos, embora, em compensação, alcancem coisas das quais nem sequer fazemos idéia. Sua atividade mental é *mística* (1). A água, o vento, a chuva, o luar, o trovão, a tempestade, as estações não são percebidas pelo selvícola de maneira idêntica à nossa. Nas sociedades totêmicas, o animal, a planta, a pedra têm afinidades com o grupo social e com êle relacionam-se mìsticamente. Os tupinambás do Maranhão, por exemplo, enfeitavam-se, na guerra, com penas de ema. "Quis saber, — diz Ivo d'Évreux, — por intermédio do meu intérprete, a razão porque traziam nos rins essas penas de ema : respondêram-me que seus pais deixaram êsse costume para ensinar-lhes como deviam proceder na guerra, imitando a ema, pois, quando ela se sente mais forte, ataca atrevidamente

---

(1) Lévy-Bruhl, *Les fonctions mentales dans les sociétes inférieures*, 30 e 31, Paris, 1922



o seu perseguidor, e, quando mais fraca, abre as asas, despede vôo e arremessa com os pés areia e pedras sôbre os seus inimigos" (1). Usar as plumas do nosso nandú constituía, pois, para os tupinambás descritos pelo capuchinho, maneira de adquirir as qualidades defensivas e obretícias da ave silvestre. Os próprios objetos de fabricação impregnam-se de qualidades místicas. E', de acôrdo com a frase de F. H. Cushing, que estudou a cosmogonia mitológica dos zunís, uma vida surda, mas profunda, capaz de fazer, por vias ocultas, o bem ou o mal. E, como todas as coisas existentes têm propriedade mística, não há distinção, na mentalidade do homem "primitivo", entre os seres vivos e os seres inanimados. Assim, a lage rígida, arrogante, indúctil, adquire freqüentemente expressão sagrada, por causa do seu poder pressupostamente mágico(2). Do mesmo modo as imagens, as quais se tornam possuïdoras das propriedades do modêlo e com êle identificam-se. Os bororos do São-Lourenço (Mato-Grosso) usam, em suas cerimônias fúnebres, um instrumento musical, pintado, o *sonidor* ou *berra-boi* (*Schwirrholz* dos alemães ; *bull-roarers* dos ingleses). Essas cerimônias consistem em incinerar os trastes do morto, e, depois, transportar-lhe os ossos para fora do aldeamento, afim de que o mesmo não venha buscar os vivos. A hora do ritual é indicada pela voz atroante do sonidor ; nessa occasião, as mulheres fojem para o mato, ou escondem-se nas cabanas, porque, se estivessem presentes, correriam perigo de vida. Estas *nem sequer podem ver o instrumento sagrado, pois sofreriam o mesmo risco.* Alguém da comitiva de Karl v. d. Steinen pintou um dêsses

(1) *Viagem ao Norte do Brasil*, 22, Maranhão, 1874.
(2) Lévy-Bruhl, *loc. cit.*, 33.

berra-bois : *pediram-lhe insistentemente os bororos que não mostrasse a gravura às mulheres.* Queriam dizer, dêsse modo, que havia o mesmo risco em ver um verdadeiro berra-boi, ou a sua imagem (1). Por uma associação de mecanismo puramente místico, a imagem pode, afinal, tomar o lugar de modêlo e adquirir suas propriedades ou sua natureza intrínseca.

Muitas das inscrições lapidares do Brasil, em suma, estão a denunciar, por sua natureza e sede, o espírito pre-lógico ou místico dos nossos selvagens. O caráter de certos debuxos (animais bravios, ou agoureiros, ou presumivelmente malignos ; máscaras ; figuras demoníacas) e sua ligação com os iguaçús e cachoeiras, — tudo indica que êsses glifos rupestres foram traçados com intuito propiciatório ou mágico. Lembrêmo-nos que o homem primitivo é indiferente ao nosso espírito experimental e às mais flagrantes realidades. Seu mundo é povoado de seres, que possuem, além dos atributos por nós reconhecidos, outras muitas propriedades imperceptíveis à nossa razão e ao nosso entendimento (2).

(1) K. v. d. Steinen, "Entre os bororos", em *R. T.*, LXXVIII, 2.ª parte, 461-464, 1916.

(2) "*Es posible que el talento y la ociosidad* (escrevem M. Hoernes e F. Behn, referindo-se à arte pitórica e escultural do paleolítico europeu) *hajan sido sólo la causa de una parte de estos trabajos ; pero es de creer que la ejecución de la mayor parte de ellos ha tenido otro objeto. Naturalmente no puede atribuirse a casualidad el hecho de que los habitantes de las cuevas se rodeasen casi exclusivamente com las imágenes de los animales que les servían de alimento y que no se cansaran de representarlos en todas partes donde encontraban lugar hábil para ello, mientras que las representaciones de los grandes animales de presa son muy raras. Una de las representaciones primitivas de las ideas elementales humanas (de las cuales, por ejemplo, ha resultado la prohibición de imágenes del Islam) es aquella que supone que por la posesión de la imagen de un ser se adquiere un gran poder sobre el objeto representado y se pueden ejercer sobre él influencias secretas ; seguramente se pensaba que, por medio de la ejecución artística de las imágenes de los animales, se adquiria un poder mágico sobre ellos, lográndose asegurar y aumentar los productos de la caza, atraer los animales, acelerar su fecundidad y otras cosas semejantes.*

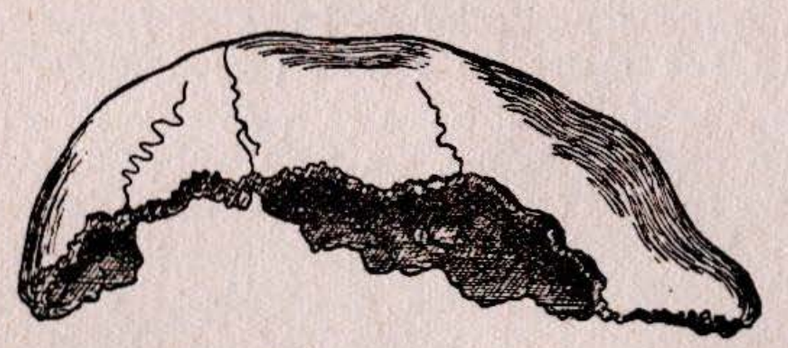
La fauna de las pinturas rupestres está en relación inversa de los animales utilizados para la comida, como lo prueban los restos de manjares del interior de las cuevas ; así es que los animales aparecen pintados en las paredes de las cuevas cuando en el exterior empiezan a emigrar o a desaparecer. Las pinturas de las paredes no son, pues, ni crónicas de caza ni resultado de aficiones artísticas sino medios para realizar finalidades absolutamente materiales. Por este mismo proceso ideológico se explica la existencia de numerosos signos simbólicos referentes a la matanza y captura de los animales de caza: armas arrojadizas, manos, que expresan aún con más claridad el deseo de apoderarse de las reses. La misma significación mágica puede atribuirse a muchas imágenes de animales que se encuentran en pequenos objetos de arte mobiliar, sobre todo cuando estas imágines se hallan sobre armas (los llamados bastones arrojadizos y puntas de lanza) o sobre bastones mágicos (los llamados bastones de mando). Las figuras y las cabezas de animales degeneran, finalmente, en grupos de líneas que fácilmente podríam tormarse por motivos ornamentales o estilizaciones de plantas si se prescinde de toda comparición con los originales : tan distantes están por todos conceptos de los puntos de origen de este arte. El placer de trazar tales dibujos debió ser muy pequeno y tal vez iba unido a ellos una secreta intención secundaria". "Prehistória" – I – La edad de la piedra, ps. 48-51, Barcelona, 1929.

7. As jazidas espeleológicas. — *As jazidas espeleológicas,* como os sambaquís e as inscrições lapidares, são outros tantos campos abertos ao estudo da arqueologia brasileira. *Cavernas, grutas, antros* são as denominações genéricas, que se dão a essas anfractuosidades ou excavações naturais, formadas, predominantemente, por agentes químicos ou mecânicos ; mas as grutas fendidas na encosta dos montes tomam o nome particular de *lapas* ou *furnas,* conforme a sua maior ou menor profundidade.

Existem em quasi todas as regiões do Brasil (1). As da Ribeira-de-Iguape, em São-Paulo (do Monjolinho, no Iporanga ; da Arataca, na serra do Chumbo ; etc.), foram objeto de pesquisas por parte de uma Comissão Geográfica e Geológica e algumas delas incorporadas ao patrimônio do estado. Examináram-nas, ainda, R. Ihering, Ricardo Krone e Edmundo Krug. Na do Iporanga encontraram-se materiais paleontológicos de alto valor, em geral ossadas, como, também, na gruta-necrópole da serra

(1) Antônio Olinto dos Santos Pires, "Espeleologia", em *Geografia do Brasil comemorativa do 4.º Centenário da Independência* – 1822–1922, I, 12 e seg., Rio, 1922.

do Uruburetama (Ceará), nas do alto rio Uruguai e nas de Santa-Catarina (estas últimas visitadas por Bleyer). A respeito das lapas funerárias do rio Maracá, onde se acharam numerosas *face-urns,* já nos referimos no comêço do presente trabalho. Lapas de valor incontestável são as do monte Curú (região cunaniana) de Miracanguera (nas vizinhanças de Lerpa), e de outros lugares da zona do rio-mar. Pertence aos



Calota craneana, encontrada no Ceará por Guilherme Schüch de Capanema (1859). Acima das arcadas superciliares, salientes e espessas, nota-se profundo sulco; a fronte decai ràpidamente para trás: "a um crânio assim constituído deve ter correspondido um grau de inferioridade intelectual muito próximo ao dos macacos antropomorfos", dizem Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto. Assemelha-se extraordinàriamente ao fragmento descoberto, três anos antes (1856), pelo alemão Fülhrott na gruta de Feldhofer (valle do Neandertal, entre Eberfeld e Düsseldorf, Prússia).

terrenos cearenses o fragmento craniano conhecido pelo nome de calota ou abóbada de Baturité, encontrado por Guilherme Schüch de Capanema (1859). Está quasi toda reduzida a pura substância calcárea ; acima das arcadas superciliares, salientes e espessas, nota-se profundo sulco e a fonte decai ràpidamente para trás : "a um crânio assim constituído deve ter correspondido um grau de inferioridade intelectual muito próximo ao dos macacos antropomorfos", dizem

Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto (1). Assemelha-se extraordinàriamente ao casquete descoberto, três anos antes (1856), pelo alemão Fülhrott na gruta de Feldhofer (vale do Neandertal, entre Eberfeld e Düsseldorf, Prússia). Ch. Fred. Hartt encontrou, também, miracaoeras na caverna das Múmias e na da Babilônia (Minas-Gerais). A espeleologia do platô mineiro tornou-se notável, sobretudo, após o descobrimento das grutas da bacia calcárea do rio das Velhas (2), tributário da margem direita do São-Francisco, na zona limitada pelos municípios de Santa-Luzia, Lagoa-Santa, Sumidouro, Matozinhos, Sete-Lagoas, Vista-Alegre, Taboleiro-Grande, Curvelo (até Pirapora). Nas paredes externas da lapa da Cerca-Grande o dr. Peter Wilhelm Lund encontrou inscrições ; desenhos rupestres ainda se acharam em muitas outras covas do vale sanfranciscano.

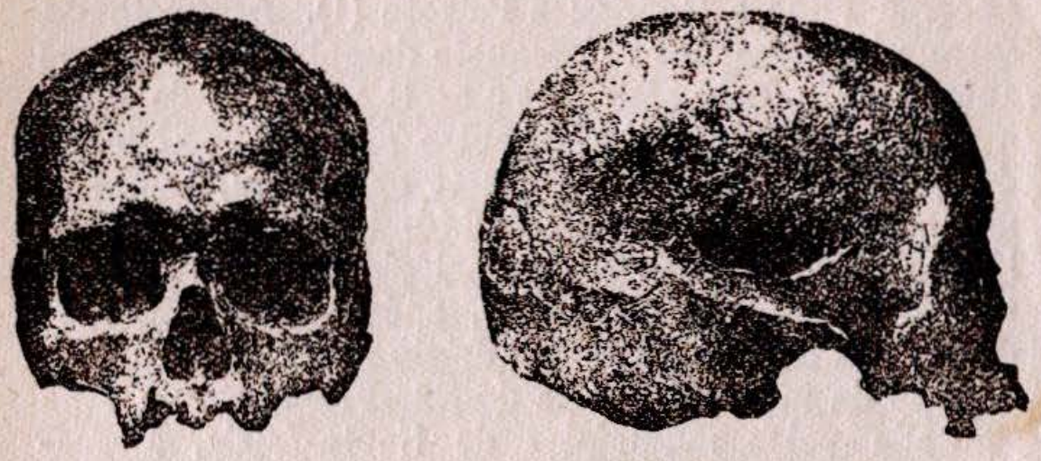
Lund nasceu em Copenhague (1801) e faleceu em Lagoa-Santa (Minas-Gerais), com a idade de setenta e nove anos : no local de sua morte, à sombra dos piquiseiros e bambuais, que tanto amou, jaz o singelo túmulo do célebre naturalista dinamarquês, que no Brasil passou longos anos entregue a pesquisas paleontológicas nas cavernas do vale do São-Francisco.

Datam de 1836 seus primeiros escritos publicados a respeito dos fósseis existentes nas cavernas do Brasil, chamadas genèricamente da Lagoa-Santa em virtude da importância dos descobrimentos, que nesta se fizeram (3). Instrumentos líticos, restos de

(1) "Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil", em *Arq. do Museu Nac. do Rio-de-Jan.*, I, 67 e 68, 1876.

(2) Recentemente visitadas por Padberg.

(3) "Om Huler i Kalksteen, i det af Brasilien, der tildeels indeholde Fossile Knokler", em *Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskabs Naturvidens, kabelige og Mathematiske Afhandlinger, Förste Afhandling*, VI, Kjöbenhavn-1836.



Crânio fóssil da Lagoa-Santa, que o dr. Lund encontrou associado a ossos de animais já extintos (Museu Nacional do Rio-de-Janeiro). Na região temporal direita vê-se uma solução de continuidade, de forma quasi elíptica, cujo aspeto faz supor ter sido produzida ainda em vida, de que resultou a morte do indivíduo. Fronte baixa e inclinada para trás; glabela saliente; arcadas superciliares muito proeminentes. Lund atribue-lhe idade superior a 3.000 anos. índice cefalico 69, 72; ângulo facial 67° (Cloquet) (Apud Lacerda Filho & Rodrigues Peixoto, Arq. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan., I, 63 e seg., 1876).

animais extintos (os Equídeos, diferentes das espécies euro-asiáticas; o *Glyptodon;* o *Megatherium;* o *Protopithecus;* o *Hydrocoerus;* o *Mylodon*), formaram o material exumado por Lund. Com cinco anos de trabalho, o sábio dinamarquês já conseguia reünir setenta e nove espécies de mamíferos fossilizados, pertencentes a quarenta e três gêneros deversos; em dez anos visitara cêrca de oitocentas cavernas, e, então, anunciava "não restar dúvida de que a existência do homem, neste continente, data de tempos anteriores à época em que acabaram de existir as últimas raças de animais gigantescos, cujos restos abundam nas caversas deste país, ou, em outros termos, antes dos tempos históricos". Na mesma região

do leito do rio das Velhas encontrou Humberto Lanari, ùltimamente, ossadas e fragmentos de bastões toscamente lavradas.

O descobrimento de restos humanos associados a êsses fósseis pleistocênicos fez acreditar na coesistência do homem americano com os animais extintos: o Brasil teria sido habitado ao mesmo tempo que a Europa. Os crânios da caverna do Sumidouro, — que constituem a chamada raça paleamericana, ou da Lagoa-Santa, segundo a conhecida expressão de Quatrefages, — caracterizam-se por seu acentuado prognatismo. Dentes relativamente pequenos; mesorrinismo; notável alongamento ântero-posterior (dolicocefalia); abóbada hipsòsteno-cefálica; megasemia. O mesmo tipo craniano tem sido encontrado em outros pontos do continente antártico americano: no Equador (abrigos rochosos de Paltacalo, no Jubones); na costa peruviana (em Trujillo e em Pachacamac); no litoral chileno (perto de Coquimbo e em Valdivia); em diversos sambaquís e jazidas espeleográficas de São Paulo, do Paraná e de Santa-Catarina (1); na Argentina. A êsses achados estão ligados, ainda, os nomes de Roth (homem de Pontimelo), Ten Kate, Nehring (que descreveu o chamado crânio de Santos), Paul Rivet e outros.

Os estudos de Lund, como os de Florentino Ameghino na bacia platina, não tiveram, de-certo modo, aceitação no mundo científico, "por não se ter podido fixar exatamente a idade geológica da formação em que os restos humanos foram encontrados". Acurado exame de Lütken veio destruir a tese da existência isocrônica do homem da Lagoa-Santa com os fósseis

(1) A. C. Haddon, *Les races humaines*, 252 e 253, Paris, 1930.

das espécies extintas, encontrados no vale do rio mineiro. "A raça da Lagoa-Santa, — diz Roquette-Pinto, — é, portanto, mais recente ; e, por melhor prová-lo, basta considerar que muitos dos seus traços antropológicos se encontram em populações que ainda vivem : botocudos, fueguinos, etc.. Resta, todavia, aos partidários da origem americana dos ameríndios, a teoria argentina, que Euclides não conheceu, mas que vale a pena resumir em duas palavras : a Argentina foi o berço da humanidade. Alí, nos terrenos pampeanos, que Ameghino filiava ao terciário (mioceno), encontraram-se uma vértebra (atlas) e um fêmur, que o sábio paleontólogo considerou como fósseis de um animal diferente do gênero *Homo*, a que chamou *Tetraprothomo*. Dêsse tipo foram saindo, por evolução gradual, três outros : *Triprothomo*, *Diprothomo* e *Prothomo ;* e, dêste último, surgiram, então, de um lado, o homem americano, que se diferenciou em branco e amarelo, e, do outro lado, o homem negro, que se degradou em macaco... O macaco passa, nessa teoria, de tio-avô a neto" (1).

E' bem possível, em resumo, que o enchimento das cavernas paletnográficas do Brasil se fizesse em "sucessivos períodos", tendo sido o *homem da Lagoa-Santa um mero antepassado dos nossos indígenas*, provàvelmente ameríncola do grupo dos gês, hipótese assim mesmo aceita com reservas, pelo fato de ser baseada na craniometria, "que por si só não vale já aquilo que se acreditava", segundo outra frase do mesmo Roquette-Pinto (2). Deve-se atender, demais,

(1) *Seixos Rolados* (*Estudos Brasileiros*), cit., 283 e 284.

(2) "*Si l'on passe à l'étude de la population actuelle, on rencontre des peuples qui manifestent des traces variables de l'ancien stock dolichocéphale. Par exemple : les Caraya-Tapuya-Ges du plateau du Matto Grosso (et peut-être les Cherentes), I. C. 73, taille 1m,60 à 1.m,75, plus grands dans le sud que dans le nord, à cheveux noirs parfois souples, parfois frisés, pigmentation brun-rougeâtre à brun ; pommettes saillantes, yeux souvent un peu obliques, nez droit ou convexe et grand ; les Mehinaku Arawakiens, aux sources du Xingu, I. C. 77,7, taille* 1m.641 *et les Paressi, I. C. 77,5, taille* 1m.605 ; *ces derniers ont un peu pénétré vers le sud, car il en existe un établissement au nord-ouest du Cuyaba. Les Bakairi du bassin supériere du Xingu et du Paranatinga, affluent de droite du Tapajoz, sont regardés comme représentant les Carib primitifs, I. C. 73,8 à* 82,6, *moyenne* 78, 9, *taille* 1m.608. *Le groupe appelé Tapuya est celui des aborigènes du Brésil oriental ; ce sont des habitants des forêts de la zone côtière et des hauteurs de l'intérieur jusqu'au Xingu. Le groupe occidental est connu sous le nom des Ges ; le groupe oriental comprend les tribus primitives des forêts, notamment les Botocudo. Ils appartenaient originellement en partie, sinon en totalité, au type de Lagoa Santa, qui a été dans la plupart des cas submergé par des immigrants de stock Néo-Amérindien*". — A. C. Haddon, *loc. cit.*, 254 e 255.

como observa Teodoro Sampaio, a que certas tribus tinham o costume de enterrar os mortos em cavernas. O continente sul-americano, enfim, inclusive o Brasil, foi primitivamente povoado por um tipo inferior, dolicocéfalo, prognata, de rosto largo e baixa estatura ; só mais tarde surgiriam os braquicéfalos alófitos, de características mongoloides mais acentuadas.

8. A autoctonia do homem americano. — Os achados de Lund muito contribuíram para alentar os defensores da autoctonia do homem americano. Foi essa teoria primeiramente elaborada, ou, pelo menos, apresentada em trajes científicos por Samuel George Morton, em duas obras que vieram a lume em 1839. Ao sábio norte-americano aliaram-se logo J. C. Nott & Jorge R. Gliddon (1854), Louis Agassiz (1854), Samuel H. Haven (1856), Henry R. Schoolcraft (1851-1860), Florentino Ameghino (1864), Feliciano Pinheiro de Bittencourt (1889), e, mais recentemente, Júlio Trajano de Moura (1). Fora da América, o poligenismo encontrou aliados em Broca e Mortillet, para citar apenas dois nomes.

(1) "Do homem americano", em *R. T.*, CLIV, 499/803, 1928.

Nos comentários à obra de Paul Ehrenreich (*Die Mythen und Legenden der Südamerikanischen Urvölcker*, etc., editada em Berlim, no ano de 1905). Alfredo de Carvalho inclina-se para o indigenismo das populações primitivas da América e considera que o problema da origem dos ameríndios decresceu de importância, desde que *já se logrou demonstrar a existência contemporânea da espécie humana tanto no Velho, como no Novo Mundo, em fase remotíssima da história terrestre.* Assim, "em época, que se pudesse relacionar à dos mais antigos chineses, é fora de dúvida que a América não foi por êles povoada ; e, se têm razão os geólogos, afirmando que o longínquo noroeste da América só depois do período glacial é que emergiu do oceano Pacífico, cujas aguas anteriormente se destacavam em latitude intérmina até o polo Norte, certamente não foi por êsse caminho que vieram à América os seus primeiros habitantes, porquanto já então alvejavam no solo do *Novo* Mundo as ossadas de muitas gerações" (1).

No espírito de Alfredo de Carvalho influíram, sobremodo, as obras de Paul Ehrenreich: segundo êste etnógrafo, o fato de os ameríndios desconhecerem o ferro e os animais domésticos bastaria, tanto quanto sua constituïção física, para excluir a hipótese de quaisquer influências exóticas. O notável etnólogo germânico assentou, definitivamente, que, de um lado, o homem prehistórico americano era tão antigo quanto o europeu, e, de outro lado, que a insuperável distância entre as línguas da América e da Asia demonstrava ser o mesmo homem pelo menos indígena no solo pátrio desde a formação da linguagem,

(1) Em *R. P.*, XIII, 72, 1908.

ou seja, desde a sua humanização (1). E, por coerência, considerava que os mitos eram derivados de acontecimentos naturais, ligados a fenômenos e sucessos concretamente perceptíveis, e, por isso mesmo, idênticos em todos os povos e em todos os tempos, embora muitos deles se pudessem transmitir por migrações, ou por outros motivos.

E' com igual teoria que Afonso A. de Freitas defende a autoctonia do aborícola brasileiro, cuja afinidade linguística com outros povos, demais, não constitue argumento contraditório à tese poligenética, uma vez que, sendo a estrutura individual, à exceção do pigmento e de outras diferenças externas e superficiais, rigorosamente igual nas raças humanas, é claro que o órgão vocálico emitirá sons idênticos em todos os idiomas, "como ponto de partida para a formação das línguas particulares" (2). Tal hipótese enquádra-se na teoria do *surto espontâneo dos*

(1) "*Aber selbst wenn im Gebiet des heutigen Asiens allein der Ausgangspunkt jener Rasse zu suchen und ihre Einwanderung erst nach Abtrennung Amerikas über die Beringstrasse zu erweisen wäre, so würde dennoch die praktische Forschung an der Selbstständigkeit einer amerikanischen Rasse festhalten oder dieselbe doch mindestens immer von der asiatischen gesondert betrachten müssen. Drei Tatsachen bleiben nämlich unerschüttert bestehen :*

1. *Der Mensch ist in Amerika, so viel wir bis jetzt aus seinen Resten wissen, so alt wie in Europa.*

2. *Die ältesten Schädel tragen durchaus den Typus der heutigen Amerikaner.*

3. *Die unüberbrückbare Kluft zwischen den Sprachen Amerikas und Asiens beweist, dass der Mensch seit der Sprachbildung, d. h. seit seiner Menschenwerdung (sit vena verbo), auf amerikanischem Boden heimisch ist.*

Was an anthropologischen und ethnologischen Beziehungen zwischen Nordostasien und dem äussersten Nordwesten Amerikas nachweisbar ist, wie z. B. die Besiedelung der Tschuktschen-Küste durch Eskimos, asiatischer Habitus der Aleuten u. s. w., ist secundär und beweist für den Ursprung der Amerikaner nichts. Dass fortdauernd innerhalb relativ enger Grenzen die Bewohner beider Continente in Beziehungen standen und Mischungen vorgingen, ist selbstverständlich und wird auch nirgends bestritten". — Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens, 42, Braunschweig, 1897.

(2) "Distribuïção geográfica das tribus indígenas na época do descobrimento", em *R. T.*, tomo especial, 2.ª parte, 493, 1915.

pensamentos elementares (*Elementargedanke* de Bastian) (1). E com razão Roquette-Pinto, — a quem, em assuntos como o dêste livro, somos forçados a recorrer constantemente, — diz, numa frase feliz, que a "avena" de Virgílio, soprada pela boca de Títiro, fôra achada em mãos dos nossos índios do alto rio Negro.

Ora, todas essas teorias são como faca de dois gumes e servem antes de prova em favor da unidade da espécie humana. A êsse propósito convém transcrever a seguinte página de Alípio de Miranda Ribeiro, a quem já nos referimos uma vez (2) :

> *Baseado na isostasia dos continentes e fundos do oceano, segundo a qual as rochas marítimas são mais densas que as terrestres, Chamberlin chegou à conclusão* "de que a distribuïção atual das terras e águas baixas, por um lado, e a das águas profundas, por outro, permaneciam substancialmente as mesmas. Se vertebrados terrestres de hoje se encontram em pontos afastados do globo, é porque mudanças climatéricas seculares têm sido importante fator na sua evolução e a causa principal da sua distribuïção".
>
> *Finalmente, ao passo que as conexões continentais, invocadas para a solução do*

(1) Sôbre o assunto ler Michael Haberlandt, *Ethnografia*, 22-24, Barcelona, 1929. A propósito do vaso encontrado no lago Macupí, perto de Tefé, estudado por A. Métraux "(Contribution à l'étude de la archéologie du cours supérieur et moyen de l'Amazone", em *Rev. del Museo de la Plata*, XXXII, 145-185, 1930), e, anteriormente, por Hébert ("Survivances décoratives du Brésil", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, IV, 185-191, 1907), publica J. L. C. van Panhuys, na *Rev. del Inst. de Etn. de la Univ. Nac. de Tucumán*, II, 139-144, 1932, interessantes comentários, sob o título "À propos de similitudes remarquables entre ornements d'origine différente".

(2) *Loc. cit., ib.*, 272.

problema por Svess e outros, não explicam a atual distribuição geográfica durante as últimas épocas dos tempos geológicos, verifica-se que, "as principais linhas de migração, naquelas épocas, irradiaram dos centros de dispersão holárticos", de que a América-do-Norte constitue mais de 1/3. De fato, encarando-se a projeção septentrional das terras sôbre o mar, nota-se que ela oferece ainda suficiente ligação num só bloco, não havendo necessidade de apelar para continentes transmigratórios, uma vez que alternações climatéricas permitem as passagens do que hoje admitimos como barreiras naturais.

Assim se explica a razão por que os elefantes, cuja forma ancestral é atribuída ao Moeritherium, *da Africa eocena, passando pelo* Paleomastondon, *do oligoceno africano e* Diontherium *e* Hemimastondon *da India Oligocena,* Dinotherium *e* Trilophodon, *do mioceno indiano,* africano, europeu *e* norte-americano, *perduraram até o plioceno e pleistoceno, onde também apareceram na América do Sul e, portanto, no Brasil, com o gênero* Mastodon.

Da mesma forma, os cavalos fósseis, os camelídeos e os ursos da Lagoa-Santa encontraram seus ancestrais terciários no eoceno e no pleistoceno norte-americano. As antas estão mostrando ainda o caminho da sua migração através do Paraná, por onde passaram os descendentes do Protopirus, *do oligoceno paleártico e norte-americano. E, destarte, ficam*

esclarecidas as questões capitais referentes à distribuïção e procedência da fauna sul-americana da norte-americana.

O que de mais interessante decorre, porém, das teorias de Haag, Chamberlin e Mathew, é a dispersão do próprio homem, cujo centro principal se iradiou do Mediterrâneo para a Africa, e, pela Sibéria e pela Rússia Septentrional, para a América, onde os mongóis, depois chamados "peles vermelhas" — se derramaram por todo o vasto campo que lhes oferecia o continente sul-americano, modificando-se nas várias tribus que, ainda em 1909, o autor foi ver no estado mais rudimentar de cultura, apesar da influência decisiva do negro colonial nos campos inóspitos dos nambiquaras e nas matas húmidas da Serra-do-Norte.

Hebreus (Simão de Vasconcelos, Onffroy de Thoron), fenícios (Fr. de Castelnau, Paul Gaffarel, Ladislau Neto), malaio-melanésio-polinésios (Daniel Wilson, Hamy, Paul Rivet), etc., têm sido, sucessivamente, apontados como os inequívocos povoadores do continente americano. Clemente Ricci já aventou mesmo a idéia de ter sido o chamado Novo Mundo a origem da civilização sumeriana, ou seja, que foi a América quem povoou os demais continentes, tendo sido, nesse caso, o berço do gênero humano, não a Patagônia, como queria Ameghiano, mas a região originária da civilização pre-incásica. E o professor Ludovico Schwennhagen acaba de descobrir em Pajeú, nas circunvizinhanças de Vila-Bela (Pernambuco), ruínas de "uma estação da grande empresa

de penetração e mineração, organizada pelas engenheiros egípcios, que chegaram ao nordeste do Brasil na época de setecentos a quinhentos anos antes de Cristo, contratados pelos fenícios" (1).

Não nos iremos embrenhar nesse cipoal de controvérsias, muitas vezes estéreis; mas vem adquirindo foros de truismo a procedência mongólica dos ameríndios. O próprio Trajano de Moura, como observa Basílio de Magalhães, não se pôde furtar à evidência do estigma caracterizadamente mongo-malaio de certos lineamentos somáticos do índio americano, quando perfilha o clássico retrato de Alcide d'Orbigny em relação, incontestàvelmente, aos tupís orientais (2). Em prol da origem nordasiática dos aborígenes americanos já se pronunciaram cientistas da estatura de Franz Boas e Ales Hrdlicka. Signos mongoloides foram encontrados em alguns tipos étnicos do antiplano andino (Artur Posnansky); estudo da *mancha sacra mongólica* realizou Nestor Morales Villazón em indivíduos da população de La-Paz. Os resultados da *Jesup North Expedition* foram nova pá de terra na doutrina indigenista. E Trombetti, finalmente, já procurou demonstrar, através de estudos glotológicos (3), que os indígenas da América pertencem a uma "raça única", do tipo mongólico, cuja fonte teria sido o estreito de Behring, — tão vizinhos dos demais tipos que, se o ameríndio fosse autóctone, a

---

(1) Ao leitor duvidoso, rogamos consultar as pág. 299-303, da *R. P.*, XXVIII, 1929.

(2) *Loc. cit.*, 786.

(3) *Due Lingue Algonchine*, Bolonha, 1921; *Elementi di Glottologia, id.*, 1922; *Lingue Oceaniche in America?, id.*, 1925; *La Lingue dei Bororos – Orarimugudoge*, Turim, 1925; "Origini Asiatico delle Lingue e Popolasioni Americane", em *Atti del Congresso Internazionale degli Americanisti*, I e II, Roma, 1926.

humanidade seria originária da América. As migrações devem ser, com toda a certeza, post-quaternárias, realizadas após o recesso definitivo dos glaciares hiperbóreos, as primeiras há cêrca de dez mil anos, as últimas há uns cinco mil, quando, então, adviriam à América alguns elementos culturais asiáticos. E' aceitável, em suma, a teoria de Herbert J. Spinden, segundo a qual a América teria sido povoada por nômades asiáticos, cujo grau cultural se desenvolveu no planalto mexicano e irradiou-se a outros trechos do continente. Após essa civilização arcaica, sobreveio o período de insulamento : os grupos, caracterizados por seu feitio regional, são, portanto, post-arcaicos.

Que o grupo mongo-malaio influiu, sobremodo, na formação de numerosos tipos antropológicos brasileiros, não resta a menor dúvida ; mas, já não podemos afirmar com muita convicção que os ameríndios descendem, como diz Trombetti, de uma *raça única*, uma vez que Dixon, Legendre, Dudley Buxton e outros já provaram a complexidade morfológica da população amarela, remontando a heterogeneidade das raças, na Asia, ao paleolítico superior (1).

A questão do mono-poligenismo simplifica-se, aliás, se atendermos a que todas as raças humanas descendem do mesmo ancestral, diferenciado em remotos períodos geológicos (2).

(1) Oliveira Viana, *Raça e Assimilação*, 72 e seg., São-Paulo, 1932.

(2) "*As to the vexed question of Monogenism versus Polygenism, we saw that the two theories resolve themselves into one, if we go back far enough along the line of descent. All know races, living and extinct, can be traced back to the same ancestral stem. Their lines of differentiation separated a long time ago ; they are now so different that they might be classed in different species ; and yet they have retained such fundamental evidences of their common ancestry that the doctrine of the brotherhood of man has a realistic basis in anthropological fact*". — Frank Hamilton Hankins, *An Introduction of the Study of Society*, 90, Nova-York, 1930.

II. O desenvolvimento da etnografia indígena, no Brasil: classificação dos grupos

1. Período da documentação fragmentária dos estudos etnográficos brasileiros. — Se a arqueologia, no Brasil, acha-se ainda no período por assim dizer mítico, a etnografia indígena não ultrapassou a fase pròpriamente analítica. "Amontoamos material para o futuro", diz Roquette-Pinto, para quem as últimas classificações chamadas *lingüístico-culturais* já não representam a última palavra no assunto (1). É do grande etnólogo e antropologista alemão Paul Ehrenreich a observação de que em nenhuma parte do mundo o conhecimento científico do indígena ficou tão aquém da flora e da fauna como entre nós (2).

(1) *Seixos Rolados*, cit., 95.

(2) "Divisão e distribuïção das tribus do Brasil segundo o estado atual dos nossos conhecimentos", em *Rev. da Soc. Geog. do Rio-de-Janeiro*, VIII, 4, 1892.

NOTA. — Ao alto, gravura facsimilar da obra clássica de Hans Staden. Figura de um ameríndio, com a *tonsura* e os característicos *botoques*.

Pode dizer-se, entretanto, que Pedro Vaz de Caminha inaugurou o estudo do indígena brasileiro. Sua carta, descoberta por Muñoz, em fins do séculoXVIII, nos arquivos da Torre do Tombo (Lisboa), é dedicada quasi totalmente à descrição dos tupiniquins de Porto-Seguro (costumes, alimentos, habitação, regime político, caracteres físicos, etc.) (1). Em seguida vem a correspondência epistolar atribuída a Américo Vespúcio ; outros documentos, de época não muito posteriores são a *Newen Zeytung auss Pressillg Landt* (1515), a carta de Luís Ramirez e o chamado *Diário de Pero Lopes de Sousa* (1530-1532). Vespúcio, por exemplo, narra em primeira mão algumas cenas horripilantes de canibalismo ; o autor do *Newen Zeitung* e Luís Ramirez dão notícias dos indígenas do meridião brasileiro e do litoral platino ; o donatário de Itamaracá, finalmente, descreve os sangrentos prélios dos tupís do recôncavo baïano (2).

2. A obra etnográfica dos jesuítas. — A maior documentação de interêsse etnográfico relativa aos indígenas do período colonial seiscentista devemos, porém, aos jesuítas, de cujas obras a Academia Brasileira acaba de dar-nos edições anotadas por Vale Cabral, Rodolfo Garcia e Alcântara Machado. A correspondência do padre Manuel da Nóbrega foi escrita nos anos, que vão de 1549 a 1560 (3). As

(1) Ler "A semana de Vera-Cruz", de C. Malheiro Dias, em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, 75-169, Porto, 1923 e o estudo de J. Capistrano de Abreu, "Vaz de Caminha e a sua carta", em *R. T.*, LXX, 2.ª parte, 190-122, 1908.

(2) *Hist. da Col. do Bras.*, cit., II, 200, 201, 383, 384, 386.

(3) *Cartas do Brasil* – 1549-1560, Rio, 1931. — Algumas cartas já tinham sido publicadas : *a*) no *Diversi nuovi avisi particolari dall'Indie di Portogallo* (I, 1558 e III, 1565, Veneza) ; *b*) nos *An. da Prov. do Rio de Jan.*,-de-Baltazar da Silva Lisboa (VI, 66 e seg , Rio 1835) ; *c*) na *R. T.* (II, 1.ª parte, 277 e seg., 1840 ; V, 429 e seg., 1843 ; VI, 104 e seg., 1844 ; XLIII, 1.ª parte, 81 e seg., 1880). Tambem o *Diálogo*, apenso, foi pub na. *R. T.* (XLII, 1.ª parte, 133 e seg.).

Cartas Avulsas da edição acadêmica, pertencentes a numerosos outros jesuítas, são de 1550 a 1568 (1). Dessa mesma época, mais ou menos, é a obra de José de Anchieta (1554-1594) (2).

O contacto entre os indígenas brasilianos e os jesuítas iniciou-se em 1549 ; no ano seguinte já o padre Navarro traduzia, em idioma da terra, orações e sermões, e, em pouco tempo, a acompanhia inaciana contava com um numeroso corpo de *línguas*, peritos no trato diuturno com os selvícolas. A *Narrativa Epistolar* de Fernão Cardim abrange notícias do período entre 1583 e 1590, mas foi publicada, pela primeira vez, em 1847 (Lisboa), por iniciativa de Varnhagen. O tratado *Do Princípio, Origem dos Indios do Brasil*

(1) Rio, 1931. Compõem-se das cartas de João Azpilcueta Navarro (1550, 1551, 1555), Leonardo Nunes (1550, 1551), Antônio Pires (1551, 1552, 1558), Afonso Braz (1551), Pero Correia (1551, 1554), Diogo Jácome (1552), Vicente Rodrigues (1552, 1559). Francisco Pires (1552, 1558, 1559), Ambrósio Pires (1555, 1560), Antônio Blasquez (1556, 1558, 1559, 1561, 1564, 1565), Antônio de Sá (1559, 1563), João de Melo (1560), Rui Pereira (1560, 1561), Luís da Grã (1561), Antônio Rodrigues (1561), Leonardo do Vale (1561, 1562, 1563, 1665), Luís Rodrigues (1563), Sebastião de Pina (1563), Quirício Caxa (1565), Pedro da Costa (1565), Jorge Rodrigues (1565), Antônio Gonçalves (1566), Baltazar Fernandes (1567, 1568) e Francisco Gonçalves (1568). Algumas são anônimas. A maior parte foi publicada nos *Diversi nuovi avisi*, cit., edição veneziana do século XVI ; outras vêm impressas na *R. T.* (II, 1.ª parte, 418 e seg., 1840 ; V, 214, 1843 ; XLIII, 1.ª parte, 152 e seg., 1880 ; XLIX, 1.ª parte, 1 e seg., 1886), nas pág. 460 e seg., I, da 1.ª edição da *História* do Visconde de Porto-Seguro (trad. de uma publicação espanhola de 1555) e nos *An. da Biblioteca Nac. do Rio-de-Jan.*, 259 e seg., 1905 (vol. XXVII).

(2) *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*, Rio, 1933. — As cartas do diplomata de Iperoíg andavam dispersas em alguns livros antigos, vertidas, muitas vezes, em línguas estranhas ; sua correspondência foi publicada nos *Diversi nuovi avisi*, cit., na *Copia de diversas cartas de Alguns Padres e Hermanos de la Compañia de Jesus* (Barcelona, 1556), na *Vita R. P. Joseph Anchietae* de Sebastiano Beretário (pag. 391 e seg., Colônia-Agripina, 1617), na *Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta* de Simão de Vasconcelos, nos *An. da Prov. do Rio-de-Jan.* de Baltazar da Silva, na *R. T.* (II, 538 e seg.), nos *An. da Bib. Nac. do Rio-de-Jan.* (I, 60-75 e 270-274 ; II, 79-123 e 266-269 ; III, 322-323 ; XIX, 53 e 54, 57 e 58 e 67-74) e no *Centenário do Veneravel Joseph de Anchieta* (Paris-Lisboa, 1900), assim como suas preciosas *Informações* (*R. T.*, VI, 404-435, VIII, 254-262 e LVIII, 1.ª parte, 213-247 ; *Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil*, I, 31-56 ; *An. da Bib. Nac. do Rio-de-Jan.*, XIX, 64 e 65) e a *Breve Narração* (*An. da Bib Nac. do Rio-de-Janeiro*, XIX, 58-64).

e de seus costumes e ceremônias, do mesmo autor, apareceu, em edição *princeps*, na coleção *Purchas his Pilgrimes* (IV, 1289-1320, Londres, 1625), e devia ter sido escrito, segundo Capistrano de Abreu, em 1584. A *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, etc., é de outro jesuíta, o padre-mestre Simão de Vasconcelos (1613). A Christoval de Acuña pertence o *Nvevo descvbrimento del gran Rio de las Amazonas*, aparecido em Madrid, no ano de 1641. Contribuïções lingüísticas pròpriamente ditas forneceram os padres Afonso de Barzena (1), José de Anchieta (2), Antônio Ruiz de Montoya (3), Luiz Figueira (4), Luiz Vicêncio Maniani (5), Paulo Restivo (6), Carlos Teschauer (7) e R. D. Obelar (8). Não esqueçamos, ainda, os trabalhos dos padres Diogo González (1608), João Filipe Betendorf (escrito em 1699, mas publicado muito depois) (9), Marbau (1701), André João Antonil ou João Antônio Andreoni (1711) e Francisco Xavier Charlevoix (1757).

Antes mesmo da classificação lingüística operada pelos sábios Martius, Ehrenreich e outros, já os jesuítas davam as primeiras noções a respeito dos dois

(1) *Lexica et praecepta grammatica, item liber confessionis et precum, in quinque Indorum linguis, quarum usus per American australem*, etc., Peruviae, 1590.

(2) *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, Coimbra, 1595.

(3) *Arte y bocabulario de la lengua guarani*, Madrid, 1640.

(4) *Arte de gramática da língua brasílica*, Lisboa, 1687.

(5) *Arte de gramática da Língua Brasílica da nação quiriri*, Lisboa, 1699.

(6) *Lexicon Hispano-Guaranicum*, composto em 1722, reimpresso em Stuttgart, 1892.

(7) "A língua Guaraní e o Ven. Padre Roque Gonçálea", em *Anuário do Rio-Grande-do-Sul*, Porto-Alegre, 1906.

(8) *Vocabulário guaraní*, Assunção, 1910.

(9) Em *R. T.*, LXXII, 1.ª parte, 1910.

grandes grupos da família indígena do Brasil, os tupís puros (tupiniquins, tupinambás, tobajaras, carijós, petiguaras, caetés, tamoios, tapes, etc.) e os gentios de *línguas travadas* (aimorés, goitacás, etc.). E não é de admirar que êles não tivessem dado "a última palavra no assunto", quando, ainda hoje, as classificações mais modernas estão a sofrer contínuas revisões (1). E já que estamos a falar dos jesuítas lembremos que missionários de numerosas outras ordens ou congregações deixaram, também, notáveis trabalhos de valor etnográfico, tais como, para citar apenas dois exemplos, os padres Raymond Breton e Bernardo de Nantes.

3. Os clássicos. — Indispensável ao estudo do nosso índio é o livro clássico de Hans Staden, que passou mais de dez meses entre os tupís do litoral paulista. A narrativa de suas aflições apareceu, pela primeira vez, impressa em Marpurgo (Alemanha, 1557) (2). Por essa mesma época surgia o livro de André Thevet (3), companheiro de Villegagnon na

(1) Nelson de Sena, "A contribuïção etnográfica dos padres da Companhia de Jesus e dos cronistas leigos dos primeiros séculos", em *R. T.*, tom. esp., 2.ª parte, 529, 1915. — "Se nem sempre imparciais e livres de preconceitos, todavia, ainda hoje são a nossa única fonte mais importante para o conhecimento das tribus costeiras que desapareceram" (Paul Ehrenreich, "Divisão e distribuïção das tribus do Brasil segundo o atual estado dos nossos conhecimentos", cit. VIII, 5).

(2) Há uma nova edição fac-similar da Academia Brasileira de Letras revista e anotada por Teodoro Sampaio, versão de Alberto Löfgren (*Viagem ao Brasil*, Rio, 1930).

(3) *Les Singvlaritez de la France Antarctiqve, Avtrement nommée Amérique: & de plusieurs Terres & Isles decouuretes de nostre temps*, Paris, 1558. — A propósito de Thevet escreve A. Métraux, *La Religion des Tupinambá et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*, 2, Paris, 1928: "*Nos meilleures sources en ce qui concerne les croyances religieuses de ces Indiens sont sans contredit les oeuvres de* Thevet *qui, em* 1550 *et* 1554, *fit deux voyages au Brésil. Ce "cosmographe" dont l'érudition était consideráble, ne semble pas avoir été doué d'un esprit critique comparable à celui de plusieurs des voyageurs contemporains. Cette insuffisante intelligence garantit l'excellence des ses informa-*

aventura de 1555, mas considerado inferior ao de seu compartícipe Jean de Léry (1), "ingênuo e leal narrador", na frase de Batista Caitano. Pertencem ao mesmo período os estudos de Pero de Magalhães Gandavo (2) e de Gabriel Soares de Sousa (3). Gandavo foi um bom observador da sociedade brasileira do século XVI ; em Gabriel Soares encontramos uma divisão mais nítida dos grupos lingüísticos litorâneos e um admirável espírito científico. Graças ao advento dos franceses no Maranhão surgiram os tratados dos capuchinhos Claude d'Abbeville (4) e Yves d'Évreux (5), indispensáveis ao estudo dos tupinambás do septentrião brasileiro. Meio quartel após a segunda tentativa franca contra os domínios portugueses da América do Sul, isto é, em 1627, ultima frei

---

tions. Il observait tout et, comme tout l'étonnait, il notait tout, sans se soucier des contradictions ou absourdités des renseignements qu'il obtenait. Son oeuvre principale, la Cosmographie universelle, *est malheureusement trop peu connue, ce qui s'explique pr sa rareté. Aussi me suis-je efforcé au cours de cette étude d'extraire tout ce que cet ouvrage contient d'excellent dans l'espoir d'en faire profiter ceux qui ne l'auront pas à leur disposition. En examinant, sur les indications de M. Mauss, les manuscrits inédits de* Thevet *qui existent à la Bibliothéque Nationale de Paris, j'ai eu la bonne fortune de trouver une copie d'un livre manuscrit de ce chroniqueur qui a échappé jusqu'ici à l'attention des érudits. Cet oubli a eu propablement pour cause le fait que ce manuscrit semble au premier abord être une réplique des livres publiés par* Thevet. *Cela est vrai en une certaine mesure, mais il contient un grand nombre de chapitres entièrement nouveaux et fort intéressants. En particulier, les pages qu'il cansacre à l'anthropophagie rituelle des Tupinamba, peuvent passer pour une des plus belles descriptions que nos possédions de cette coutume. Grâce à cette découverte, j'ai pu éclaircir plus d'un point resté obscur de la religion des Tupinamba".*

(1) *Histoire d'vn voyage faict en la Terre dv Brésil, avtrement dite Amérique,* La-Rochelle, 1578.

(2) *Historia da provincia de sãcta Cruz a qué vulgarmẽte chamamos Brasil,* Lisboa, 1576. O seu *Tratado da Terra do Brasil* foi escrito em 1570, segundo Rodolfo Garcia, ou "antes de 1573", no dizer de Capistrano de Abreu, mas só apareceu impresso em 1826.

(3) "Tratado descritivo do Brasil em 1587", em *R. T.*, XIV, 13-422, 1851.

(4) *Histoire de la Mission des Peres Capvcins en l'Isle de Maragnon et terres circonuoisines ov est traicte des singularitez admirables et des Meurs merueilleuses des Indiens habitans de ce pais,* Paris, 1614.

(5) *Voyage au Brésil executé dans les années* 1612 *et* 1613, Paris, 1615.

Vicente do Salvador a sua notável *Historia* (1), ao mesmo tempo em que se escreviam os *Diálogos das Grandezas do Brasil* (2). Para o estudo dos aborígenes do nordeste, no século XVII, devemos consultar as obras de Guilherme Piso & George Marcgraf (3), Barlaeus (4), Roulox Baro (5) e Laet (6).

4. Os naturalistas. — Os naturalistas dos séculos XVIII e XIX deram apreciável impulso aos estudos etnográficos do Brasil. Foi, sobretudo, o Amazonas o ponto de atração das viagens. Percorreu-o Alexandre Rodrigues Ferreira, durante nove anos (1783 a 1792) : das coleções, remetidas por êsse etnógrafo aos museus de Lisboa e de Paris, perdeu-se, porém, boa parte (7). Suas memórias constituem preciosos estudos a propósito de artefatos, instrumentos, cerâmica, máscaras, desenhos, etc., dos gentios amazônicos. Muita docomentação fragmentária encontra-se, ainda, em John Mawe (8), Maximilien de Wied Neuwied (9), Wilhelm Ludwig von Eschwe-

---

(1) São-Paulo e Rio, 1918 (editada e comentada por Cap. de Abreu).

(2) Pub. na *R. P.*, n.os 28 (1883), 31 (1886) 32 e 33 (1887).

(3) *Historia natvralis Brasiliae, auspicio et beneficio Illvstriis, J. Mavritii Com. Nassav illivs, provinciae et maris svmmi profecti adornata. In qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et moris describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur,* Amsterdão, 1648.

(4) *Loc. cit.*

(5) *Relation dv voyage de Rovlox Baro, interprete et ambassadevr ordinaire de la Compagnie des Indes d'Occident, de la part des Illustrissimes Seigneurs des Prouinces Vnies au pays des Tapuies dans la terre firme du Brasil. Commencé le troisiesme Avril 1647, & finy le quatorziesme Iuillet de la mesme année.* — Constitue a segunda parte das *Relations véritables et curieuses d'isle de Madagascar et du Brasil,* de P. Moreau, Paris, 1651.

(6) *Historie ofte Iaerlijck Verhael van de Verrichtinghen der Geoctroyeerde West-Indische Compagnie,* etc., Leyden, 1644.

(7) "Diário da viagem filosófica pela capitania de São-José-do-Rio-Negro, com a informação do estado presente", em *R. T.*, XLVIII e XLIX.

(8) *Travels in the interior of Brazil,* Londres, 1822 (2.ª ed).

(9) *Reisen nach Brasilien in den Jahren* 1815-1817, Francfort sur le Main, 1820.

ge (1), Auguste de Saint-Hilaire (2), J. E. Pohl (3), Jean-Baptiste Debret (4), Gaetano Osculati (5), Alfred Russel Wallace (6), Henry Walter Bates (7), William Chandless (8), Alfred d'Escragnolle Taunay (9), Paul Marcoy (10), Charles Frederik Hartt (11), Richard Francis Burton (12), Franz Keller-Leuzinger (13) e outros.

5. Os primeiros ensaios de classificação dos indígenas. — Se, em geral, os viajantes do século XVIII trataram os indígenas acidentalmente, pois suas expedições eram principalmente de origem

(1) *Journal von Brasilien oder vermischte Nachrichten aus Brasiliens auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt*, I, Weimar, 1818.

(2) *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris, 1830.

(3) *Reise in Innern von Brasilien*, Viena, 1832-1837.

(4) *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français depuis* 1816 *jusqu'en* 1831 *inclusivement*, Paris, 1834-1839.

(5) "Brevi cenni sull idioma Zaparo", em *Esplorazione delle regione equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazoni*, Milão, 1850.

(6) *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the tribes, and observations on the climat, geology, and natural history of the Amazon valley*, Londres, 1853.

(7) *The Naturalist on the river Amazons*, Londres, 1863.

(8) "Notes on the rivers Arionos, Juruna, and Tapajoz", em *Journal of the Royal Geograph Society*, XXXII, Londres, 1862; "Ascent of the river Purus", *id.*, XXXVI, Londres, 1866; "Notes of the river Aquiry, the principal affluent of the river Purus", *ib.*; "Notes of a journey up the river Juruá", *id.*, XXXIX, Londres, 1869.

(9) *Cenas de viagem. Exploração entre os rios Taquarí e Aquidauana no distrito de Miranda*, Rio, 1869. — Vocab. guaná à pág. 131-148.

(10) *Voyage à travers d'Amérique du Sud, de l'Océan Pacifique à l'Océan Atlantique*, Paris, 1869.

(11) "Brazilian rock inscriptions", em *Amer. Naturalist*, V, Salém, 1871; "The ancient indian pottery of Marajó", *ib.*; *Notes on the manufactury of pottery among savage races*, Rio, 1875; "The Indian cemetery of the Gruta das Mumias, Southern Minas Geraes, Brazil", em *Amer. Nat.*, IX, Salém, 1875; *Amazonian tortoise myths*, Rio, 1875.

(12) *The primordial inhabitants of Minas Geraes, and the occupations of the present inhabitants*, Londres, 1873.

(13) *Vom Amazonas und Madeira. Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuch einer Explorationsreise*, Stuttgart, 1874.

geológica, botânica, etc., ou tinham outros fins (penetração de estradas, comunicações), com o século XIX iniciam-se as viagens de interêsse puramente etnográfico. E' quando o estudo do índio começa a ser sistematizado.

Ensaio de classificação elaborou Alcide d'Orbigny (1), que reüniu todos os nossos indígenas no grupo "brasílio-guaraní", indício da *tupimania* de que se achavam possuídos, no dizer de Ehrenreich, os nossos primeiro etnógrafos (2). Em Karl Friedrich Philipp v. Martius (3), porém, em vez de dois grupos, aparecem pelo menos oito, afora um nono conjunto, composto dos índios em transição para a lingua portuguesa. Martius conheceu apenas tribus diferenciadas pelo comércio dos elementos alófitos e, por isso, segundo ainda a opinião de Ehrenreich, rebaixou demasiadamente o grau cultural dos aborígenes, gente, no dizer daquele, decaída ou involuída, oriunda de longes tertas, nas quais haviam attingido adiantada civilização. Logo após, os trabalhos de Jules Crevaux (4) e

(1) *L'homme Américain*, etc., Paris, 1839.

(2) "O sentimento mais primitivo e rude que se havia formado sôbre os índios é que êles constituíam uma só família, dilacerada em tribus aparentemente diversas, pouco importando as diferenças de língua e muito menos de civilização e cultura que entre êles se podiam notar. O sistema tinha a vantagem de trazer grande simplificação, embora à custa da verdade sacrificada. Entretanto, muitas das tribus diferiam entre si mais do que diferem europeus e africanos atuais, no que respeita à cultura geral; o povo *tupí*, comtudo, representava, como o judeu, o povo cosmogônico a que todos os mais se reduziam, mau grado a Babel das línguas. Era uma *raça geral* a exemplo da *língua geral*. Contribuía para isso o fato de ser o Brasil civilizado uma única unidade política, e os espíritos acostumávam-se a ver debaixo do Brasil português um só Brasil indiano. A prehistória devia subordinar-se à história", — João Ribeiro, *História do Brasil*, 52 e 53, Rio, 1923.

(3) *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas*, Leipzig, 1867.

(4) *Grammaires et vocabulaires Roucoyenne, Arrouaque, Piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes*, Paris, 1882; *Voyages dans l'Amérique du Sud*, Paris, 1883.

de Lucien Adam (1) vieram separar os caraíbas do grupo dos maipures. Por outro lado Batista Caitano de A. Nogueira (2) chegou a dividir a própria *língua geral*, ou *abanhêenga*, enquanto Paul Rivet demonstrava a insustentabilidade, por exemplo, do suposto ramo mirânia (3).

Muito contribuíram para a revisão dos estudos de Martius os resultados da viagem de Karl v. d. Steinen (4) ao Xingú (1884), confirmados na segunda (1887-1888), na qual tomou parte Ehrenreich (5). Fixa-

(1) *Examen grammatical comparé de seize langues américaines*, Paris, 1878 ; *Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraïbe*, Paris, 1879. Posteriormente, foram publicadas : "La langue Roucouyenne" , em *Compte Rendu de la 8ème Sess. (Congr. Intern. des Amér.)*, Paris, 1892 ; *Matériaux pour une grammaire comparée des dialectes de la famille Kariri*, Paris, 1893 ; *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi*, Paris, 1896 ; *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée de la famille Guaicurú*, Paris, 1899 ; "Le parler des Caingangs", em *Compte-Rendu de la 12ème. Ses. (Cong. Inter. des Amér.)*, Paris, 1902.

(2) "Apontamentos sôbre o abañeênga", em *Ensaios de Ciência*, Rio, 1876 ; "Esbôço gramatical do abanheê ou língua guaraní chamada também no Brasil lingua tupí ou lingua geral, pròpriamente abanheênga", em *An. da Bib. Nac. do Rio-de-Jan.*, VI, 1879.

(3) "Les indiens Jivaros", em *L'Anthropologie*, XIX, Paris, 1908 ; "Les langues guaranies du Haut-Amazone", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, VII, Paris, 1910 ; "Affinités du Miránia" *id.*, VIII, Paris, 1911 ; "Affinités du Tikuna", *id.*, IX, Paris, 1912 ; "La famille Betóia ou Tukano", em *Mém. de la Soc. de Ling. de Paris*, XVIII, Paris, 1913 ; "Les tribus indiennes des bassins du Purus, du Jurua et des régions limitrophes", em *La Geog.*, XXXV, Paris, 1921 ; "La famille linguistique Takana", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, XIV e XV, 1922 e 1923.

(4) *Durch Central-Brasilien-Expedition zur Erforchung des Schingu in Jahre* 1884, Leipizig, 1886 ; *Zwei Schingu-Expedition* 1887-88. *Die Bakaïrí-Sprache*, Leipzig, 1892 ; *Unter den Naturvölkern Central-Brasiliens*, Berlim, 1894.

(5) "Uber Einteilung und Verbreitung der Völkerstamme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse", em *Mitteilungen aus Justus Perthe's Geographischer Anstalt*, vol. 37, Gotha, 1891 ; "Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens", em *Veröffentlichungen aus dem königlichen Museum für Völkerkunde*, II, Berlim, 1891 ; "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens : I, — Die Sprache der Carayá (Goyaz) ; V, — Die Sprache der Apiaká (Pará)' , em *Zeitschrift für Etnologie*, XXV-XXVII, Berlim, 1894 e 1895 ; "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens. Vokabulare von Purus-Stämmen", *id.*, XXIX, Berlim, 1897 ; *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens*, Braunschweig, 1897 ; "Die Ethnographie Südamerikas im Beginn des XX Jahrhunderts unter besonderer Berückssichtingung der Naturvölker", em *Archiv. für Anthropologie*, III, Braunschweig, 1905.

ram-se, então, a título provisório, alguns grupos, que com poucas alterações, ainda hoje subsistem. O sistema empregado na classificação foi o lingüístico (fixação da estrutura gramatical da língua), o mais importante e o que melhor nos convém, segundo a opinião de Im Thurn e Ehrenreich, embora autoridades, como Roquette-Pinto, aconselhem aceitar com reservas a divisão dos nossos indígenas apenas por êsse critério (1) : para o etnógrafo alemão citado era duvidoso que alguma tribu brasileira, por sua natureza inculta e esparsa, pudesse impor sua língua a outro grupo. Os caracteres somáticos só deviam ser usados com muita reserva, porque tipos antropológicos coincidem freqüentemente em grupos lingüìsticamente estranhos uns aos outros. Karl v. d. Steinen mostrou a importância dos nomes das partes corporais, de alto valor determinativo, consideradas *palavras-fio*, segundo o termo de Capistrano de Abreu (*Leitwörter* dos alemães), assim como também aqueles que serviam para designar as relações de parentesco e os fenômenos naturais.

Depois de K. v. d. Steinen, expedições puramente etnográficas foram realizadas por João Barbosa Rodrigues (2), José Vieira Couto de Magalhães (3),

(1) "Devo dizer, contudo, que acho prudente aceitar, com muita reserva, a divisão dos nossos índios, feita deste modo, sôbre bases linguísticas, Os próprios linguistas são os primeiros a mostrar como podem falhar, certas teorias. E não me parece impossível um futuro acôrdo entre êles, reduzindo o número dêsses grupos", — "Arqueologia e Etnografia", *cit.*, 57.

(2) *Idolo amazônico achado no rio Amazonas*, Rio, 1875 ; "Antiguidades do Amazonas. Arte cerâmica", em *Ensaios de Ciências*, Rio, 1876-1880 ; "A língua geral do Amazonas e o guaraní", em *R. T.*, LI (sup.), 1888 ; *Poranduba Amazonense ou kochiyma uara porandub*, Rio, 1890 ; "Vocabulário indígena comparado", em *An. da Bib. Nac. do Rio-de-Jan.*, XV, 1892 ; "Vodabulário indígena com a ortografia correta", *id.*, XVI, *Mbaé kaá tatapytipá enoyndana ou a botânica e a nomenclatura indígena*, Rio, 1905.

(3) *Viagem ao Araguaia*, Goiaz, 1863 ; *O Selvagem*, Rio, 1876 ; *Família e religião entre os selvagens (Antropologia do Brasil)*, Rio, 1873 ; *Ensaio de antropologia. Religião e raças selvagens*, Rio, 1874.

Domingos Soares Ferreira Pena (1), Henri A. Coudreau (2), Hermann Meyer (3), Max Schmidt (4), Theodor Koch-Grünberg (5) e Fritz Krause (6). Para a classificação atual dos indígenas muito contribuíram, não só os resultados dessas viagens, como os trabalhos de Francis de Castelnau (7), Orville Adalberto Derby (8), Raoul de la Grasserie (9), J. Chaffanjon (10), Daniel G. Brinton (11), Juan B. Ambrosetti (12), João Capistrano de Abreu (13), Ch.

(1) Obs. cits. em outra parte.

(2) *Voyage au Tocantins et Araguaya*, Paris, 1897 ; *Voyage au Xingú*, Paris, 1897 ; *Voyage au Tapajoz*, Paris, 1897.

(3) Uber die Bugres", em *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunder zu Berlin*, XXIII, 1896.

(4) *Indianerstudien in Zentralbrasilien*, etc., Berlim, 1905.

(5) *Die Maku-Indianer*, Vienna, 1906 ; "Les Indiens Ouitotós", em *Journ. de la Soc. de Amér. de Paris*, III, 1906 ; *Zwei Jahre unter den Indianern*, Berlim, 1910 ; "Die Miránia (Rio Japurá, Amazonas)", em *Zeitschrift für Ethnologie*, XLII, Berlim, 1910 ; *Aruak Sprachen Nordwest brasiliens und der angrenzender Gebiete*, Vienna, 1911 ; "Abschluss meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, mit besonderer Berücksichtingung der von mir besuchten Indianerstämme", em *Zeit. für Et.*, cit., XLV, 1913 ; *Vom Roraima zum Orinoco*, Berlim, 1916-1917 ; "Ein Beiträg zur Sprache der Ipuriná — Indianer(Rio Purús) Brasilien", em *Journ. de la Soc. de Amér. de Paris*, XI, 1914-1915.

(6) *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud.*, etc., Paris, 1 852.

(7) "Bericht über eine ethnographische Forschungsreise in Zentral brasilien", em *Zeit. f. Et.*, cit., XLI, 1909 ; "Minha excursão investigadora à região central do Araguaia", em *R. T.*, LXXIII, 1910.

(8) "Os povos antigos do Amazonas", em *Rev. Exp. Anthr.*, Rio, 1882.

(9) *De la famille linguistique Pano*, Paris, 1889 ; "Esquisse d'une grammaire et vocabulaire Baniva", em *Compte-Rendu de la 8ème Sess. (Cong. Int. des Amér.)*, Paris, 1892.

(10) *L'Orenoque, et le Caura*, Paris, 1889.

(11) *The Arawak langage of Guyana*, Philadélfia, 1891 ; *A Linguistic Classification and Ethnographic Description of the Native Tribes of North and South America*, Nova-York, 1891 ; "Studies in South American native Languages", em *Proceedings of the Amer. Phil. Society*, Filadélfia, 1892 ; "On two unclassified recent Vocabularies from South America", *id.*, XXXVII, 1898.

(12) "Materiales para el estudio de las lenguas del grupo kaingangue (Alto Paraná)", em *Bol. de la Acad. Nac. de Cien. en Córdoba* (Arg.), XIV, 1894 ; "Los indios Kaingángues de San Pedro (Misiones) con un vocabulario", em *Rev. del Jardin zoológico*, II, Buenos-Aires, 1895.

(13) "Os Bacairís", em *Rev. Bras.*, III e IV, Rio, 1895 ; *rã-txa-hu-ní-ku-í, a língua dos Caninauás do rio Ibuaçú, afluente do Murú*, Rio, 1914.

Quandt (1), Erland Nordenskiöld (2), E. Beuchat (3), C. H. de Goeje (4), E. Stradelli (5), Emilia Snethlage (6), Rodolpho R. Schuller (7) e G. Créqui-Montfort (8). E Roquette-Pinto é autor de vários estudos de etnonografia e antropologia brasileira ; *Rondônia* (9), sua principal obra, é a colheita científica da expedição que, em 1912, realizou à Serra-do-Norte (Mato-Grosso), incorporado à Comissão Rondon, o qual também publicou valiosos relatórios de seus trabalhos. Teodoro Fernandes Sampaio e Rodolfo Garcia são, enfim, dois mestres em assuntos de lingüística e de prehistória indígena. Do primeiro há um estudo em tôrno dos craôs do rio Preto (Baía), "restos longínquos dos famosos timbiras dos sertões maranhenses" (10); admirável síntese do estado atual da classificação lingüística dos nossos ameríndios

(1) *Nachricht von der Arawackischen Sprache*, Leipzig, 1900.

(2) "Beiträge zur Kenntnis einiger Indianerstämme des Rio Madre de Dios - gebietes", em *Ymer*, Stockholmo, 1905.

(3) "La famille linguistique Záparo", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, V, 1908 (em col. com Paul Rivet) ; "La famille linguistique Cahuapana", em *Zeit. f. Et.*, cit., XLI, 1908 (em col. com P. Rivet).

(4) "Beiträge zur Völlkerkunde von Surinam", em *Int. Archiv. f. Ethn.*, XIX, Leyde, 1908 e "Etudes Linguistiques Caraïbes", em *Verhandelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam*, X, n. 3, Amst., 1910.

(5) "Pequenos Vocabularios. Grupo de línguas Tocana", em *Rel. Ger*, VI, da III Reun. de Cong. C. Latino-Americano, Rio, 1910.

(6) "Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé", em *Zeit f. Et.*, XLII, Berlim, 1910.

(7) "Las lenguas indigenas de la cuenca del Amazonas y del Orinoco", em *Rev. Amer.*, Rio, 1910-11.

(8) "Linguistique Bolivienne. Le groupe Otukè", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, IX, 1912 (em col. com Paul Rivet) ; "Linguistique Bolivienne. La famille Chapakura", *id.*, X, 1913 (em col. com P. Rivet) ; "Linguistique Bolivienne. Les dialectes Pano de Bolivia", em *Le Museum*, XIV, Louvain, 1913 (em co. com P. Rivet) ; "Linguistique Bolivienne. La langue Kayuvava", em *Int. Journ. of Amer. Ling.*, I, Nova-York, 1920 (em col. com P. Rivet) ; "La famille linguistique Takana", em *Journ. de La Soc. des Amér. de Paris*, XIII, 1921.

(9) Em *Arq. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan.*, XX, 1917.

(10) Em *R. T.*, LXXV, 1.ª parte, 1913. Outros trabalhos vão citados em várias partes desta obra.

* Não são craôs, mas apinagés. V. Baldus (carta de Ninuendaju)

publicou o segundo, em 1922, por ocasião do primeiro centenário da independência do Brasil (1).

Resta-nos lembrar o nome de Alfred Métraux, diretor da *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán* (*Arg.*), a quem devemos numerosos estudos histórico-etnográficos relativos aos indígenas sul-americanos. Suas obras, às quais recorremos contìnuamente, estão citadas em diversas páginas dêste livro.

Os indígenas do Brasil e de suas regiões confinantes estão divididos em numerosos grupos lingüísticos, a que, em alguns casos, correspondem regiões culturais homogêneas. Eis os principais grupos, alguns maiores, outros menores (também chamados "línguas isoladas") : *a*) os *tupís-guaranís ; b*) os *nu-aruaques ; c*) os *caraíbas ; d*) os *gês ; e*) os *cariris ; f*) os *tucanos ; g*) os *panos ; h*) os *guaicurús ; i*) os *chirianás, uiototós, juris, catuquinas, muras, nambiquaras, trumáis, bororos, carajás* e *goitacás.*

6. Os tupís-guaranís. — Os tupís-guaranís formavam primitivamente um só povo, localizado, segundo a etnografia clássica, na alta planura andoboliviana, em vizinhança com o lago de Titicaca, ou ainda nas proximidades do istmo do Panamá, região dos caraíbas, dos quais eram afins, não só pelos hábitos belicosos, como por causa da identida de da tradição do dilúvio, comum às populações costeiras do golfo mexicano e do mar das Antilhas. Emigrando para o sul, foram os tupís-guaranís ter às margens do médio Paraná-Paraguai, e, dêsse novo *habitat*, expandiram-se para os platós do Titicaca :

(1) *Loc. cit.*

de tal procedência são, de-certo, os comunidades de Cochabamba, as quais ainda hoje falam o guaraní.

Incoerentes, todavia, como já notou Júlio Trajano de Moura (1), são as tradições deixadas pelos próprios indígenas ; os tupís da Baía diziam-se originários dos sertões de além São-Francisco, ao passo que os tupinambás do litoral central do Brasil consideravam seus antepassados os tamoios do Rio-de-Janeiro (2). De qualquer modo, porém, advindos, quer no Panamá (Teodoro Sampaio) (3), quer das paragens do Titicaca (Martius) (4), quer, ainda dos vales do Uruguai-Paraguai (A. d'Orbigny) (5), — os tupís desceram dessas últimas regiões por três principais direções, em épocas talvez não muito remotas (séc. XV e XVI) : *a*) um dos ramos subiu o litoral, alcançou a foz do Amazonas, daí destacando-se um grupo, o dos atuais oiampís, que veio a insular-se na Guiana oriental; *b*) outro estendeu-se para o noroeste, os apiacás, os tapirarés, os guajajaras, os últimos dos quais se ligaram aos tupís da costa maranhense ; *c*) um terceiro desceu o curso do Tapajoz, do Madeira e do Ucaialí (cocamas, omáguas), "começando, mais tarde, uma remigração, Xingú acima, que ainda hoje não está terminada". A migração litorânea, pelo menos, parece líquida, pois foi presenciada, como observa João Ribeiro, pelos próprios portugueses ;

(1) *Loc. cit.*, 777.

(2) *Tamuya* (Anchieta, Figueira, Gonçalves Dias), ou *tamoyo* (Gabriel Soares, Simão de Vasconcelos), quer dizer *avô* (abanheênga, — tamôi). Cf. R. Garcia, nota à pág. 265 e 266 da ob. cit. de F. Cardim.

(3) "Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX", etc., cit. , 590 e 591.

(4) *Beiträge zur Ethnographie*, etc., I, 765, Leipzig, 1867.

(5) *Voyage au centre de l'Amérique meridionale*, IV, 313 e seg., Paris, 1845.

verifica-se, ao mesmo tempo, que as massas túpicas do sul, os guaranís, possuem língua mais prmitiva e contracta, ao contrário do que ocorre com as do norte, cuja impureza "atesta o trato diuturno com gentes alófitas e por conseguinte antiguidade da migração", na frase de Capistrano de Abreu (1). E' possível mesmo que, com a vinda dos portugueses, as migrações recebessem novo impulso, como deve ter recebido a dos tupís do este que se dirigiam ao São-Francisco, ou a dos tupinambaranas do Madeira,ou, ainda, a das hordas que procuraram o trecho costeiro entre a foz do Paraíba e o hiato amazônico (1560-1580) ; foi o Maranhão, aliás, o centro procurado, nos começos do século XVI, pelos tupinambás do oeste pernambucano (cêrca de dez a treze mil índios), o que, de-certo modo, contradiz a hipótese de A. Gonçalves Dias, a saber, que os tupís migraram por grupos familiares, "não tão diminutos que pudessem sofrer estôrvo com qualquer obstáculo material", "nem tão numerosos que lhes fôsse impossível grangear alimentos" (2).

Recentes estudos de A. Métraux acabam, todavia, de modificar êsse tradicional quadro da escola etnográfica germânica, que tem em Martius, C. v. d. Steinen e Ehrenreich os seus mais lídimos expoentes. Vamos resumir, em seguida, as principais conclusões dos notáveis trabalhos do indianista francês ("Les migrations historiques des Tupi-Guarani", em *Journ. de la Société des Amér. de Paris, XIX*, 1927 e *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, París, 1928).

(1) Em fr. Vic. do Salv., notas às pág. 9 e 10 da sua *Hist.* cit.
(2) "Brasil e Occânia", em *R. T.*, XXX, 2.ª parte, 28, 1867.

As migrações históricas, ou post-colombianas, dos tupís-guaranís tiveram tríplice causa : *a*) o desejo de escapar à servidão ; *b*) a natureza belicosa e nômade da raça ; *c*) a esperança de alcançar a "terra onde se não morria". A primeira migração túpica, de que se possue documentos, é a dos tupinás, ou tupiguais. Produziu-se no decorrer do século XV. Esse grupo, advindo do sertão, invadiu a região litorânea da Baía, donde rechassou os tapuias. A ocupação não durou muito : os tupinambás, vindos posteriormente, expulsaram-nos, por sua vez, para o interior. Uma fração dos novos invasores, que não conseguiu atingir a costa, estabeleceu-se na margem esquerda do São-Francisco e constituiu a "nação" chamada dos amoipiras. Os tupinambás, como os tupinás, provinham de além sertão do rio sanfranciscano.

A colonização européia produziu notáveis perturbações nas greis tupís-guaranís : numerosas massas indígenas abandonaram o litoral ; algumas, como os caetés e os tupinambás (séc. XVI) buscaram as regiões do Maranhão e do Pará, para cuja direção, nos começos do séc. XVII, tiveram lugar dois outros movimentos migratórios. O primeiro dêsses movimentos foi conduzido por um taumaturgo português, que representava o papel de *homem-deus ;* o segundo não passou de uma das numerosas tentativas para descobrir o paraíso da vida eterna.

Outras deslocações visaram as paragens andinas e puseram os tupís-guaranís em contacto com a civilização incásica. A mais célebre devera ter sido a dos chiriguanos (cêrca de 1525), que se cindiram em dois ramos : ao passo que os guaranís do sul do Paraguai ocupavam as vertentes dos Andes (entre o

Vermejo e Santa-Cruz-da-Serra), os guaranís do norte senhoreavam o Guaporé e o Itonama. Os guaranís do norte são os antepassados dos guaraiús e dos pausernas. O atrativo do éden terreal determinou ainda migrações, que tiveram seu fim em Chachapoyas, no Perú (1549). Posterior a essa foi a migração, de que nos fala Acuña : fugindo dos portugueses, os tupinambás deixaram o litoral atlântico e subiram às fontes do Madeira, o qual desceram depois. Estabeleceram-se, afinal, na ilha fluvial da foz do Madeira (princípios do séc. XVII). Entre as migrações mais importantes do século seguinte figuram as dos canoeiros do Araguaia (1725), que Métraux considera tupís, advindos do Paraguai, e a dos oiampís e emerilons (1742-1856), cujo *habitat* antecedentemente fôra o Amazonas. As invasões dos mundurucús no Tapajoz (séc. XIX) dizimaram os cabaíbas, cujos remanescentes são, hoje, os parintintins. E' admirável que, ainda em pleno século XX, se verifiquem êxodos de populações túpicas (apapocuvas, tanhiguás, oguaívas), as quais, abandonando o alto Paraná, buscaram os litorais do Atlântico em demanda da "terra onde se não morria" (1820-1912).

Tinham os tupís, na época pre-colombiana, especial situação geográfica : à exceção dos omáguas e cocamas, seus domínios principais estendiam-se no este e ao sul do Amazonas. Era preciso pesquisar, à custa da etnografia, se tal tinha sido sempre o *habitat* dos tupís. Dêsse modo, organizou Métraux, com a ajuda das cartas de Nordenskiöld, várias classificações de elementos culturais e de seu estudo chegou à conclusão de que os tupís-guaranís constituíam um grupo, cuja cultura se compunha de ele-

mentos com distribuïção oriental e setentrional (América-do-Sul), com centro de dispersão na área limitada ao norte pelo Amazonas, ao sul pelo Paraguai, a este pelo Tocantins e a oeste pelo Madeira. O caráter oriental e septentrional da civilização túpica surge claramente do exame das aculturações dessa enorme família cis-ístmica. "*Ces éléments de culture communs aux Tupi-Guarani* (di-lo A. Métraux) *sont : la maloca généralement quadrangulaire avec toiture reposant sur le sol et formant les parois latérales, le hamac en coton, l'escabeau de bois, la culture du manioc doux et amer, du coton, du maïs, du tabac fumé sous forme de cigare, le pieu à fouiller, l'arc à section plan-convexe, la flèche à empenne du Brésil oriental, la massue, les pièges, la pêche à l'aide de poison et de barrages, la flèche-harpon, la flèche à plusieurs pointes, la rame à poignée, l'appareil à faire le feu à encoche latérale, l'éventail à feu en feuilles tressés, l'urupé, la râpe à manioc, le tipiti* (?), *le mortier de bois, la platine à manioc, le boucan, le tatouage, le peigne, l'étui pénien, le bonnet et le manteau de plumes, les diadèmes de plumes, le fuseau du type bakaïrí, l'écharpe porte-enfant, la céramique peinte, le canot d'écorce et le canot taillé dans un tronc d'arbre, la flûte, la trompette, les colliers, les bâtons passés dans le lobe des oreilles, les bracelets, les jarretières aux chevilles et aux genoux et les têtes-trophées.*

. . . . . .

L'influence andine sur les Tupi-Guarani a été cependant affirmée par le P. Schmidt e par Krause qui s'accordent à placer le centre de dispersion des Tupi dans une région correspondant à peu près à celle occupée par les Omagua et les Cocama. Suivant le premier de

ces deux savants, le contact des Tupi-Guarani avec la civilisation qui a fleuri dand l'ouest de l'Amérique du Sud se manifesterait par la présence chez ces Indiens d'un certain niombre d'éléments de culture attestant une action directe ou indirecte des Incas ou de leurs prédécesseurs. Ce sont : la maison carrée, les masques de danse, le tatouage, certaines formes de peignes, la massue à tête dégagée du manche, la poterie que les Tupi auraient contribué à répandre en Amérique notamment sur le haut Xingú (?!), l'enterrement direct en urnes et enfin l'esclavage ainsi que certaines formes de leur mythologie. Pour Krause, la preuve de l'origine haute-amazonienne des Tupi-Guarani consistent dans l'ouccurence chez les tribus de cette race de la sarbacane, de la hutte en forme de quille (Kegeldach-hütte) et des trophées de crâne. Si l'on examine de près ces éléments de culture l'on ne tardera pas à constater qu'ils sont peu représentatifs soit de la civilisation andine, soit de celle des Tupi. J'ai déjà eu l'occasion de démonstrer que si les Tupi étaient venus du haut Amazone ou du nord-ouest de l'Amérique du Sud, ils auraient probablement répandus le type d'habitation courant dans ces contrées qui est, comme Nordenskiöld l'a prouvé, la hutte à plan ovale ou circulaire. Les masques de danse sont étrangers à tous les Tupi-Guarani qui n'ont pu les recevoir d'autres tribus généralement arawak. La céramique ne manque, il est vrai, à aucune tribu tupi ; on peut supposer même que ces Indiens ont contribué à la répandre en Amérique du Sud ; les cas ne s'est en tous cas pas produit en ce qui concerne le haut Xingú où les Tupi-Guarani importent les vases qu'ils utilisent et ceux-ci sont fabriqués par des Arawak. La pratique du tatouage, quoiqu'étant largement répandue sur tout le continent sudaméricain, a une distribution plutôt

orientale et septentrionale qu'occidentale. La massue à tête nettement distincte du manche ne peut être une imitation du casse-tête péruvien ; l'épée-massue des Tupi est en effet plate et employeé comme arme tranchante destinée à faire des entailles plutôt qu' à assommer. Quant à la classification des formes de peignes adoptée par le P. Schmidt, elle me paraît trop artificielle pour résoudre des problèmes d'influence ou d'origine" (1)

Os tupís-guaranís falavam línguas aparentadas, que se convencionou chamar *abanheênga*, ou tupí antigo, em contraposição ao *nheêngatú*, ou tupí moderno, que se tornou, no norte, a lingua evangélica. Elaborações importantes a respeito da língua tupí realizaram José de Anchieta (2), Antônio Ruiz de Montoya (3), Luís Figueira (4), José da Silva Guimarães (5), J. A. de M. Torres (6), Antônio Gonçalves Dias (7), Paul Marcoy (8), Ch. Fred. Hartt (9), J. V. Couto de Magalhães (10), José Alexandre Passos (11), Batista Caitano de A. Nogueira (12), Paul Gaffa-

---

(1) *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, cit., 301-303. — Os quadros da distribuïção dos elementos culturais vão adiante publicados.

(2) *Arte de gramática*, etc., cit., Coimbra, 1595.

(3) *Arte y bocabulario de la lengua guarani*, Madrid, 1640 ; *Arte de la lengua Guarani* (com anotações de Paulo Restivo), Pueblo-de-Santa-Maria-La-Mayor, 1724.

(4) *Arte de gramática da língua brasílica*, Lisboa, 1687.

(5) "Vocábulos do idioma dos Apiacás", em *R. T.*, VI, 1844.

(6) "Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no Alto Amazonas", em *R. T.*, XVII, 1854.

(7) *Dicionário da língua tupí chamada língua geral dos índígenas do Brasil*, Lipsia, 1858.

(8) *Voyage à travers de l'Amérique du Sud*, etc., Paris, 1869.

(9) "Notes on the lingoa geral or modern tupi of the Amazonas", em *Fransc. of the Amer. Phil. Ass.*, 1872.

(10) "Ensaio de Antopologia. Religião e raças selvagens", cit.

(11) "Observações sôbre a língua tupí", em *Rev. do Inst. Arq. Alag.*, n. 8, Maceió, 1876.

(12) *Loc. cit.*

rel (1), John Luccock (2), Amaro Cavalcanti (3), João Barbosa Rodrigues (4), P. Handel (5), Lucien Adam (6), Henri A. Coudreau (7), Teodoro Sampaio (8), Alfredo de Carvalho (9), Emília Snethlage (10), P. Rivet (11), A. de Wuikekried Bertoni (12), Rodolfo Garcia (13), C. Tastevin (14) e Plínio Ayrosa (15). Ha, ainda, um dicionário anônimo, atribuído a fr. Conceição Veloso.

Estavam os tupís tão espalhados que Martius engendrou para os mesmos uma divisão quíntupla (orientais, meridionais, centrais, setentrionais e ocidentais); mas a repartição clássica é a que os distribue em dois grupos, os *puros* e os *impuros* (K. v. d. Steinen).

Aos tupís puros, quasi todos essencialmente ripários, pertencem os cainguás, os chiriguanos, os guaraiús, os cocamas, os omáguas, os jurimáguas, os

(1) *Jean de Lery. La langue tupi*, Paris, 1877.

(2) "A grammer & vocabulary of the Tupi Language", em *R. T.*, XLIV, 1881.

(3) *The brasilien language and its agglutination*, Rio, 1883.

(4) *Loc. cit.*

(5) *Abañeême*, Stuttgart, 1890.

(6) *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi*, cit.

(7) *Loc. cit.*

(8) *Loc. cit.*

(9) *O Tupí na Corografia Pernambucana. Elucidário etimológico*, Recife, 1907.

(10) "Vocabulário comparativo dos índios chipaias e curuaés", em *Bol. do Mus. Par. Emílio Goeldi*, VII, Belém, 1910.

(11) *Loc. cit.*

(12) "Vocabulário zoológico Guaraní", em 3.º *Cong. Cient. Latino-Amer.*, VI, Rio, 1910.

(13) *Nomes de aves em língua tupí*, Rio, 1913.

(14) *Gramática da língua tupí*, São-Paulo, 1923.

(15) *Primeiras Noções de Tupí*, São Paulo, 1933. A êsse autor acaba o govêrno paulista de confiar um curso de língua tupí-guaraní.

oiampís, os parintintins, os anambés, os pacajás, etc.; aos tupís impuros os catuquinarús, os mirânias, os chipaias, os mundurucús e outros.

Entre os tupís-guaranís do ramo meridional contam-se:

a) Os *caingués* do Igatemí, do alto Miranda, do Assuaraí-Guazú, do Ipaná, do Acaraí, do Mondaí (região do médio Paraná-Paraguai). Inf. em Ambrosetti, "Los Indios Cainguá del Alto Paraná", em *Bol. d. Inst. ge. arg.*, XV, Buenos Aires, 1895; Rengger, *Reise nach Paraguay in den Jahren* 1818 *bis* 1826, Aarau, 1835; Vogt, "Material zur Ethnographie und Sprache des Guayaki-Indianer", em *Zeit. f. Eth.*, XXXIV, Berlim, 1902; Dobrizhoffer, *Historia de Abiponibus equestri*, etc., Viena, 1784. Vocabulário na R. T., XIX, 1856.

b) Os *guaranís*. No século XVI os guaranís ocupavam o trato costeiro entre a lagoa dos Patos e Cananéia (1), com o nome de carijós (2). Inf. em Medina,

(1) "Que estão além de São-Vicente, o qual todos dizem que é o melhor gentio desta costa, e mais aparelhado para se fazer fruto: êle sòmente tem duzentas léguas de terra" (Manuel da Nóbrega, *Cartas do Brasil*, 81 e 82, Rio, 1931); "até a terra dos carijós, que se estende para o sul desde a lagoa dos Patos até perto do rio que chamam de Martim Afonso" (José de Anchieta, *Cartas*, etc., 328, Rio, 1933); "habitam além de São-Vicente como oitenta léguas" (Fernão Cardim, *op. cit.*, 197 e 198); "De Cananéia à lagoa dos Patos ficavam os carijós" (A. Gonçalves Dias, "Brasil e Oceania", em *R. T.*, XXX, 39, 1867); "os de São-Vicente até o rio da Prata são carijós" (Fr. Vicente do Salvador, *loc. cit.*, 52); "os *guaianases* ou *temiminós* até a Cananéia, e os *cari'iós* ou *carijós* mais para o sul" (Porto Seguro, *Hist. do Bras.*, I, 21, Rio, 3.ª ed., s/d.) Cf. ainda Gabriel Soares de Sousa, *loc .cit.*, 104.

(2) "Os carijós dos portugueses e os cariois e cários dos espanhois são os guaranís. V. Gusmán, *Argentina* (1624), pub.. por Angelis em 1835, liv. I, cap. V, pg. 17. Já em 1527 Diogo Garcia os conhecia com o nome de *guaranies* (*Rev. do Inst.*, XV, 1852, pg. 13); Luís Ramirez na carta do Rio da Prata de 10 de julho de 1528 (*Ibi, ibi*, pp. 21 e 27) também os chama *guarenis y por otro nombre Chandis* II. Ainda em 1556 Bartolomeu Garcia os chamava em Assunção do Paraguai de *guaranies* (*Cartas de Indias*, Madrid, 1877, pg. 606)" — cf. notas de Vale Cabral à ob. cit. de Manuel da Nóbrega, 81 e 82.

El veneciano Sebastián Caboto al servicio de España, I, Santiago, 1908 ; Núñez Cabeza de Vaca, *Relación de los naufragios y comentarios*, etc., Madrid, 1906 ; Ulrich Schmidel, *Reise nach Süd-Amerika in den Jahren* 1534 *bis* 1554, Tübingen, 1889 ; Métraux, *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, citada.

c) Os *apapocuvas* e *tanhiguás*, originários das vizinhanças do rio Igatemí. Ambos os grupos emigraram para as hordas do Atlântico. Encontram-se restos dêsses grupos no Paraná, no Mato-Grosso. Inf. em Curt Nimuendajú, "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúca-Guaraní", em *Zeit. f. Eth.*, XLVI, Berlim, 1914.

d) Os *arés*, que viviam outrora nas fronteiras paraguaio-brasileiras. Seus descendentes atuais, nômades, vivem no baixo Ivaí.

e) Os *guaiaquís*, considerados, por alguns, língua isolada (Jônatas Serrano, *História do Brasil*, pl. IV, Rio, 1931). Métraux inclue-se entre os tupís-guaranís (*l. c.*, 40). Ocupam a região situada entre o 25° e o 27° de lat S (ao norte o platô de São-Joaquim, a este o Paraná, a oeste a serra de Vila-Rica e ao sul as missões *Jesus* e *Trindade*). Cf. Ehrenreich, "Neue Mitteilungen über die Guayaki (Steinzeitmenschen) in Paraguay", *Globus*, LXXIII, Braunschweig, 1898 ; Charles de la Hitte, "Notes ethnographiques sur les Indiens Guayaquis", em *Anales del Museo de la Plata*, II, 1897 ; Hugo Kunike, "Ethnographisches und Archäologisches aus der Guayaquí-Region", em *Amtliche Berichte aus der königlichen Kunstsammlung*, XXXII, n. 7, Berlim, 1911 ; F. C Mayntzhusen, "Mitteilungen aus dem Gebiete der Guayaki", em *Actas del XVII° Cong Int. de Amer.*, Buenos-Aires, 1912 ; P. F. Vogt, "Material zur Ethnographie und Sprache des Guayaki-Indianer", em *Zeit. f. Eth.*, XXXIV, Berlim, 1902. Há, ainda, outras obras de Mayntzhusen sôbre os mesmos índios, a última das quais foi publicada na *Zeit. f. Ethn.*, LVII, 1916.

f) Os *tapes*, ou *tapés*, incluídos entre os tupís-guaranís no mapa organizado pelo Museu Nacional do Rio-de-Janeiro (J. Serrano, *l. c.*). Ocupavam o vale do alto Taquarí (Rio-Grande-do-Sul). Carlos Teschauer, todavia, baseado em um trecho de Techo, considera-os gês (*Poranduba Riograndense*, 207 e seg., Pôrto-Alegre, 1929). Inf. em O. C. Ullrich, "Die Tapes", em *Int. Amerik. Kong. Vierz. Tag.*, II, Stuttgart, 1906.

Aos principais grupos tupís-guaranís da vertente andina e da Bolívia oriental pertencem :

a) Os *chiriguanos* e *guaraiús*. Os primeiros ocupam atualmente a zona entre a aldeia de Abapó ao norte, o rio Grande (afl. do Mamoré) ao sul, o Pilcomaio a oeste e Carandaití a este. Os guaraiús são originários da província de Itatí. Inf. em Domenico del Campana, "Notizie intorno ai Ciriguani", em *Archivio per l'antropologia e la etnologia*, XXX, Florença, 1902 ; Bernardino de Nino, *Etnografía chiriguana*, La Paz, 1912 ; Santiago Romano & Hermann Cattunar, *Diccionario Chiriguano-Español y Español-Chiriguano*, Tarija, 1916 ; Alfred Métraux, "E'tudes sur la civilization des Indiens Chiriguano", em *Rev. del Inst. de Etn. de Univ. Nac. de Tucumán*, I, 1930, e "Mitos y cuentos de los indios Chiriguano", em *Rev. del Museo de la Plata*, Buenos-Aires, XXXIII,

1931. Os *pausernas* não passam de guaraiús em estado independente, ou semi-independente, diz Métraux. Emigraram para o rio Verde.

Entre os tupís-guaranís da bacia amazônica mencionaremos :

a) Os *cocamas*, ou *ucaialís*, das margens do baixo Ucaialí, dos arredores do lago Cocama e do vale do Gualaga. São encontrados, hoje em dia, nos arredores da povoação de Nauta.

b) Os *omáguas*, também chamados *campebas* ou *campevas*, hoje já excluídos do território brasileiro, os quais dominavam as margens do Amazonas numa extensão de duzentas léguas a partir da foz do Napo (diz Cristóbal de Acuña). "Omágua" é palavra incásica e significa *cabeça chata* ou *mitrada*, nome advindo do uso de comprimir o crânio à custa de talas. Foram aldeados pelos padres Cujía e Samuel Fritz. Dispersados pelos portugueses, êsses hábeis canoeiros fundaram na bôca do Ucaialí uma povoação que ainda hoje conserva seu nome (1). Inf. em Métraux, *La civilisation matérielle*, cit., 29 e 30 ; Laureano de la Cruz, *Nuevo descubrimiento del río de Marañon llamado de las Amazonas*, Madrid, 1900. Os *omáguas-ietés*, localizados no alto Tiputiní, pertenciam ao mesmo grupo.

c) Os *jurimáguas*, belicosos, emigrados para o baixo Paranapura ; de seu nome, corrompido, se fez Solimões.

d) Os *oiampís*, do vale do Oiapoc, estudados por Petris (1769), Bodin (1824), Lucien Adam e Bauve (1830), Le Prieur (1832), Dabbadie (1854). Observa-

(1) Rodolfo Garcia, "Etnografia", em *Dic. Hist., Geog. e Etn. do Bras.*' cit., 252.

ram-nos, também, Jules Crevaux e Henri Coudreau. Com os restos dêsses índios organizou-se, em 1839, a povoação de Tuiuú-Maití (rio Jarí), "quasi logo extinta pela ganância dos *regatões* (comerciantes ambulantes do rio), segundo as informações do presidente do Pará, dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque (1861-1864)" (1).

e) Os *parintintins* dentre os rios Marmelos e Gi-Paraná, que parecem tupís puros, diz Ehrenreich. Inf. em Curt Nimuendajú, "Os índios Parintintin do rio Madeira", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, XVI, 201-278, 1924 e em José Garcia de Freitas, "Os Indios Parintintins", *id.*, XVIII, 67-73, 1926. Também há notícias deles em Ch. Fred. Hartt e em H. Coudreau.

f) Os *anambés* de perto do Araparí, à margem esq. do Tocantins, aldeados, quasi extintos pela varíola, dos quais colheu Couto de Magalhães mitos e lendas, que pub. em o *Selvagem* (Rio, 1876). Inf. em Inácio Moura, *De Belém de São-João-do-Araguaia*, Belém, 1896. Ehrenreich identifica-os com os manajós.

g) Os *pacajás* do rio homônimo ; estendem-se até o Xingú (Yves d'Évreux, *Voyage dans le nord du Brésil*, etc., 27, Leipzig e París, 1864 ; J. F. Betendorf, "Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão", em *R. T.*, LXXII, 1.ª pag., 97, 1910).

h) Os *antas*, ou *tapirauás*, das proximidades da cachoeira de Itaboca (Tocantins). Cf. Ehrenreich, "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens", em *Zeit. f. Eth.*, XXVII, Berlim, 1895.

(1) Inácio Moura, "Etnografia estática", em *Dic. Hist., Geog. e Etn. do Brasil*, cit., II, 134.

i) Os *tembés* do Gurupí, do Guamá, do Acaramirí, das colônias de Santo-Antonio-do-Prata, calculados em dois mil, assim chamados por causa do uso do tembetá, em forma de cuia, que trazem na cesura do lábio inferior. Not. em João Barbosa Rodrigues ; trabalho recente de Emil Heinrich Snethlage, "Worte und Texte der Tembé-Indianer", em *Rev. del Inst. de Etn. de la Univ. Nac. de Tuc.*, II, 347/393, 1932. Idem de C. Nimuendajú, em *Zeit. f. Eth.*, XLVII, Berlim, 1915. Pertencem pròpriamente à bacia maranhense.

j) Os *apiacás* do Santo-Augusta (Tapajoz), recentemente destroçados pelas forças fiscais do Mato-Grosso. Inf. em Langsdorff (1828), Castelnau (1844), Chandless (1862), Barbosa Rodrigues (1872) e Max Schmidt (1901). Visitados ainda por Bartolomé Bassi e Koch-Grünberg. Há um voc. em *Voyage au Tapajoz* de H. Coudreau (París, 1897). Na *R. T.*, VI, 1884, José da Silva Guimarães pub. "Memórias sôbre os usos, costumes e linguagem dos apiacás". Roquette-Pinto considera precipitada a inclusão dêsses indígenas no grupo túpico. Entre as tribus tupís dos af. mer. do Amazonas, P. Rivet omite os indígenas da bacia do Tapajoz. Não devem ser confundidos com os de igual nome, que habitam atualmente o baixo Tocantins, chamados também *apinguís* (Praia-Grande-dos-Arroios), que são caraíbas.

k) Os *tapirapés* do rio homônimo e do Naja, af. do Araguaia. "Tapirapé", *caminho de anta*. Há cêrca de vinte anos entraram em comércio com os brancos.

l) Os *camaiurás* encontrados por K. v. d. Steinen no Culvene (Xingú) (*Unter d. Nat. Zentral-Bra.*, 154, Berlim, 1894).

m) Os *grajás*, ou *guajás*, dos sertões do rio Capim e do rio Gurupí, refratários à civilização.

n) Os *catuquinarús*, estabelecidos no Embiraçú, af. do Tarauacá ; "falam, conforme um vocabulário coligido por Bach, um dialeto tupí-guaraní, embora segundo todas as probabilidades pertençam à família catuquina". Rivet classifica-os entre os tupís, mas Brinton acredita que são aruaques. Rodolfo Garcia, *o. c.*, 254, explica o seu singular processo de comunicação telegráfica, à distância de quinhentos metros. O *cambarisú* consiste em um cilindro de coqueiro, fechado, na parte superior, por tampa de borracha ou de couro, o qual é enterrado ; quando o martelo bate no couro, o som transmite-se à maloca seguinte, onde se encontra outro aparelho igual. Os dois correspondentes, aplicando o ouvido ao cambarisú, conversam claramente.

o) Os *mirânias* do Japurá. São índios guaranizados, segundo Métraux. Martius e Ehrenreich julgavam-nos lingüìsticamente independentes. Cf. Koch-Grünberg e P. Rivet., *obs. cits.*

p) Os *maués*, uns quatro mil indivíduos espalhados pela fronteira do Contestado, entre o Pará e o Amazonas ; gente aceada, fabricante do guaraná. Inf. em Bates, Herden, Martius, Katzer e Coudreau. Há um voc. inédito de Hartt. Ehrenreich pensa que talvez se possam colocar êsses índios entre os tupís puros.

q) Os *chipaias* e *curuaias*, espalhados pelo Ririrí e seu af., o Curuá, sob o protetorado de ErnestoAccioli. Inf. em Emília Snethlage e Curt Nimuendajú. "Curuaias", *homens periquitos*.

r) Os *mundurucús* da província etnográfica de entre o Madeira e o Tapajoz, cortada pelo Canumã,

pelo Maués e pelo Abacaxís. "Mundurucús", *ladrões que se pintam* (Hartt), nome devido ao exagêro de sua tatuagem. Quasi todos aldeados na Missão Cururú pertencente à prelazia de Santarém. Inf. em Martius (1820), Bates (1847-1859), Hart (1871), Barbosa Rodrigues (1872), Antônio Manuel Gonçalves Tocantins (1875), Silva Coutinho (1896), James Curtis Farabee (1915) e d. Armando Abahlmann (1916). "Os mundurucús foram os hunos do Pará ; invadiram, aguerridamente, em 1772, a vasta superfície do estado, desde o Tapajoz e o Madeira até o Mojú e Capim, não poupando nem os civilizados nem as tribus ; contribuíram poderosamente para a redução da população indígena, aquí, mas foram batidos em vários encontros pelos apinagés da secção do Tocantins e tiveram de retroceder ao seu ponto de partida, concentrado hoje no Tapajoz, onde vão se civilizando, educados pela catequese dos frades alemães" (1). *Paiquicés* eram chamados, isto é, *corta-cabeças*, pelo hábito que tinham de degolar o inimigo na refrega do combate (2). Excelsos na fabricação das plumas ornamentais ou simbólicas.

s) Os *jurunas*, os "bôcas pretas" (3), do médio Xingú, hoje rechassados, na sua maioria, para os sertões do Mato-Grosso. Há um grupo dêsses índios ca cachoeira Jurucuá. Ref. em Bento Maciel Parente (1626), João Daniel (1750), d. fr. João de S. José (1782), Adalberto da Prússia, (1843), K. v. d. Steinen (1884), Coudreau (1896). K. v. d. Steinen hesita a respeito da classificação dos jurunas, mas Ph. v. Martius é claro : "*Man hat nach den Berichten der Missionare die* Yuruna *als ein Volk des Tupi-Stammes*", etc. (*Durch Central-Brasilien*, cit., 324), Voc. em Curt Nimuendujú, "Idiomas indígenas del Brasil", em *Rev. del Inst. de Etn. de la Univ. Nac. de Tuc.*, II, 1932.

(1) Inácio Moura, *loc. cit.*, 134.

(2) Cf. Hermann v. Ihering, *As cabeças mumificadas pelos índios mundurucús*, São-Paulo, 1908.

(3) "por levarem os lábios pintados de preto", Porto-Seguro, *Hist.*, I, 20, São-Paulo, s/d.

t) Os *manitsauás*, que K. v. d. Steinen encontrou no Culiseú (alto Xingú).

u) Os *miranhos* das cabeceiras do Bujarú, af. do Capim (Pará), segundo Rivet.

v) Os *amanagés*, ou *ararandeuas*, do rio homônimo, af. do Capim.

w) Os *canoeiros*, que, no curso do séc. XIX, estenderam-se pelo Araguaia (rio das Mortes, ilha do Bananal), de onde se afastaram, depois, para os rios Crixá e do Peixe (1).

(1) "Dos escritores que tiveram ensejo de referir-se aos *canoeiros* (de nenhum, antigo ou moderno, foram objeto de estudo especial), — Pohl, que não os viu pessoalmente, relacionou-os com os chavantes, no que foi acompanhado por Milliet de Saint-Adolphe, que afirmou ter sido o nome de *canoeiros* o primitivamente dado pelos portugueses aos *chavantes ;* Castelnau e Saint-Hilaire assimilaram-nos aos bororos ; e Martius considerou-os *tupís*, no que foi apenas seguidos pelo general Couto de Magalhães.

Dos cientistas que mais recentemente se ocuparam daqueles singulares selvícolas, — Ehrenreich não chegou a fazer juízo seguro sôbre êles, inclibându-se, todavia, a tê-los como congêneres dos *cherentes* e *chavantes* e até a achar neles afinidade com os *bororos ;* Coudreau entendeu preferível enxertá-los entre os caiapós ; Nelson de Sena só lhes admitiu a existência como um nome genérico, aplicável aos *carajós*, *iguarunas*, *tocantins* e *chavantes;* e Teodoro Sampaio, finalmente, viu neles um possível ramo de *cherentes*.

Ora bem : — Se forem exatas as informações e se verdadeiro o vocabulário inserto pelo general Couto de Magalhães na sua *Primeira viagem ao Araguaia*, com relação, aos misteriosos *canoeiros*, — não tenho dúvida em assegurar que êles são uma horda *tupí*, tresmalhada talvez do sul e que foi parar naquelas remotas rechãs do Araguaia. Com efeito, não só o seu físico e os seus costumes os aproximam mais dos *tupís* do que dos gês, como tambem da sua linguagem conserva as vozes fundamentais túpicas, embora já adulteradas pelo longo contacto com os *tapuias* circunvizinhos, dos quais tomaram os ditongos, consonantais, que não existem no *nhêe-gatú*, nem no *abá-nhêe*", — Basílio de Magalhães, "Algumas notas sôbre os Cherentes", em *R. T.*, CI, 26 e 27.

x) Os *taconhapés* do Ririí, af. do Xingú.

y) Os *aracajús*, mencionados por Betenford (*l. c.*, 335) no rio Xingú. Betendorf refere-se, ainda, a outras tribus da mesma região.

z) Os *auetós* do Culiseú (12°14' de L. S.).

aa) Os *tapanhunas*, aparentados com os apiacás, que José da Silva Guimarães assinala no rio do Peixe, af. do Arinos (*l. c.*, 309) e Coudreau entre o Arinos e o Paranatinga (*Voyage au Tapajoz*, 90 e 91, cit.).

bb) Os *tupís*, de que há notícias em Curt Nimuendajú ("As tribus do alto Madeira", em *Jou. de la Soc. de Amér. de Paris*, XVII, 143 e seguintes, 1925). Af. da margem direita do Madeira.

cc) Os *emerilons*, logo ao N. dos oiampís.

Na época do descobrimento, os tupís-guaranís estavam disseminados em todo o trato costeiro :

a) Os *tapes*, ou *tapés*, no litoral rio-grandense-do-sul (já mencionados).

b) Os *carijós*, no trecho entre a lagoa dos Patos e Cananéia (são os guaranís, a que já nos referimos).

c) Os *tupinambás*, uma das principais e maiores greis túpicas (1), aos quais estão filiados os tabajaras,

(1) "Se no Maranhão como no Pará, na Baía como no Rio, houvésseis perguntado a um índio de que raça era, responder-vos-ia logo : *tupinambá*" (Porto Seguro, *loc. cit.*, 16 e 17, o qual cita o trecho da carta de Ramirez, de 1528, pub. na R. T., XV, 27 : "*Andan derramados por esta tierra... señorean gran parte de la India y confinan con los que habitan en la sierra*"). Presentemente não existem em estado de pureza, "mas o seu cruzamento com o branco e com o africano deu em resultado a população vigorosa e inteligente, muito avultada principalmente no Amazonas e províncias vizinhas, onde são designados pelos apelidos de *cariboca*, *tapanhuma* (*tapi-y-ñuma*, B. Caitano), *mameluco*, *cuaipira*, etc. ; os seus dialetos constituíram depois a chamada *língua geral*, isto é, o tupí ou abãneênga (*aba*, índio ; *ñeengd*, língua) ligeiramente modificado e introduzido nas missões dos jesuítas, que pela primeira vez fora tentados entre êstes índios" (J. T. de Moura, *loc. cit.*, 780 e 781).

petiguaras, caetés, tupiniquins, tamoios. Localizados nos arredores da baía de Guanabará (1), no trecho entre Camamú e o rio Real e no baixo Paraguaçú (2), nas margens de São-Francisco (tais como os amoipiras, nas costas do Maranhão, acima da serra de Ibiapaba (3), nas praias do Pará (do Gurupí ao Guajará) na ilha de Tupinambarana, aonde chegaram ainda em época de colonização.

d) Os *tamoios* do Rio-de-Janeiro, que se estendiam da baía Formosa à angra dos Reis, ou mesmo a Uberaba, e levaram suas correrias até Bertioga (4).

e) Os *tomiminós*, ou *temiminós*, do litoral do Espírito-Santo, da margem esquerda do baixo Paraíba, do sul do Macucú, seg. a localização de Teodoro Sampaio, mapa apenso ao estudo que fez em tôrno das viagens de Knivet ("Peregrinações de Antônio Knivet no Brasil no Século XVI", em *R. T.*, tom. esp., 2.ª parte, 1915).

(1) Os Tuppin-Inbas de Hans Staden, *Viagem ao Brasil*, 54, Rio, 1930 os *tououpinambaoult* de Léry, *loc. cit.*, *ib.*, 146 *et passim*.

(2) Afonso A. de Freitas, "Distribuïção geográfica das tribus indígenas na época do descobrimento", em *R. T.*, 499 e 500, tom. esp., 2.ª parte, Rio, 1915 ; "Outros há a que chamam *tupinabás* : êstes habitam do rio Real até junto dos Ilhéus", Fernão Cardim, *loc. cit.*, 196 ; "do São-Francisco ao Camamú". Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, *Memórias históricas e políticas da Baía*, notas de Braz do Amaral, I, 167, Baía, 1919.

(3) "Os topinambás habitavam o lugar em que hoje está situada a cidade de Olinda, estendiam-se pelas ribeiras dos rios Beberibe, e Capibaribe, e por mais de oitenta léguas para o sul. Esta nação se opôs rigorosamente aos portugueses, e não conseguindo lançá-los fora destas terras, se retiraram muitos para o Maranhão, outros para os sertões, e alguns ficaram entre os nossos, de que se compõem muitas aldeias, que hoje existem", — Domingos do Loreto Couto, "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco", em *An. da Bib. Nac. do Rio-de-Jan.*, XXIV, 34, 1905 ; cf. ainda Francisco de Paula Ribeiro, "Memórias sôbre as nações gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão", etc., em *R. T.*, III, 185, 1841 ; Aires do Casal, *Corografia brasílica*, II, 231, Rio, 1845 ; *desde o Jaguaribe até a ilha dos Tupinambás*, diz Claude d'Abbeville, *História das Missões*, etc., 61. Maranhão, 1874.

(4) José de Anchieta, *loc. cit.*, 307.

f) Os *tupiniquins*, localizados no trecho, que vai das imediações de Vitória (Espírito-Santo) até Camamú (1), mas que, depois, emigraram para o sul (2) e ganharam as cabeceiras do Tieté, onde os localiza Teodoro Sampaio, no estudo que fez a respeito da viagem de Knivet.

g) Os *caetés*, que viviam entre o São-Francisco e Itamaracá, ou entre o São-Francisco e o Paraíba (3).

h) os *tobajaras*, ou *tabajaras*, que imperavam no território encravado entre as lindes setentrionais da extinta capitania de Itamaracá e o rio Paraíba (4), mas chegaram a transpor essa caudal, porquanto foram encontrados na serra de Ibiapaba (5), e mesmo no Maranhão (restos dêsses indígenas são os guajájaras, no dizer de Martius). Sob o nome de tabajara, diz Métraux, designavam-se os índios do Mearim, do alto Gurupí, da serra de Ibiapaba, da região a oeste dos potiguaras, da zona de Pernambuco, da costa da Baía (os primeiros invasiores), do Espírito-Santo, de São-Vicente (*La civilisation matérielle*, cit., 15 e 16). Viviam, segundo o mesmo autor, um pouco para o interior das terras, justamente como os *amoipiras* do São-Francisco, entre os 39° e os 43° de L. S. (Gabriel Soares de Sousa, *l. c.*, 346 e 352), os *viatãs* do *hinterland* pernambucano (Cardim, *l. c.*, 195 e 196) e os *tupinás* da Baía.

(1) F. Cardim, *loc. cit.*, 197.

(2) A. Gonçalves Dias, *loc. cit.*, *ib.*, 36.

(3) Domingos do Loreto Couto, *loc. cit.*, *ib.*, 22 ; Aires do Casal, *loc. cit.*, II, 178 ; José Bernardo Fernandes Gama, *Mem. Hist. de Pern.*, I, 31, Pern., 1844.

(4) J. B. Fernandes Gama, *loc. cit.* I, 70.

(5) Aires do Casal, *op. cit.*, II, 196 ; Carlos Pereira Studart, "Contribuïção para a Etnografia Brasileira. — As tribus indígenas do Ceará", em *R. T. do Inst. do Ceará*, XL, 48, Fortaleza, 1926.

i) Os *petiguaras*, ou *potiguaras*, ou *pitiguaras*, da região entre o Paraíba e o Jaguaribe. Ultrapassaram êste último rio, atingindo a serra de Ibiapaba e mesmo o Maranhão (1).

j) Os *guajajaras* do vale do Pindaré-Mearim, que Henri Coudreau classifica entre os caiapós, Teodoro Sampaio entre os timbiras do campo, portanto gês, e P. Ehrenreich e Rodolfo Garcia entre os tupís (cf. ainda o mapa da distribuïção dos indígenas do Brasil, organizado pelo Museu Nacional do Rio-de-Janeiro e publicado na *História do Brasil* de Jônatas Serrano, pl. IV, Rio, 1931.

7. Os nu-aruaques. — Os *nu-aruaques* ("Maipure" do padre Filipe Salvator Gilij ; "Nu-Aruak" de K. v. d. Steinen ; "Arowak" de Paul Ehrenreich) constituem, talvez, a mais importante das famílias lingüísticas da América Antártica. Disseminados por todo o continente, encontrâmo-los no sul da Florida, nas Antilhas, na bacia do Orinoco (onde se mostravam mais compactas), no do Amazonas, no alto Paraguai, ao norte do Salado, onde se achavam os guarás, seus representantes mais meridionais ; ao tempo do descobrimento povoavam o litoral, do delta amazônico às regiões marginais do golfo do Maracaíbo. Migraram provàvelmente do norte, e não do planalto

(1) D. do Loreto Couto, *loc. cit. ib.*, 24 e 25, "Autores há que escreveram *potiguaras* que vale dizer — *comedores de camarões ;* mas Duarte Coelho, donatário primeiro de Pernambuco, escreveu *pitinguaras* e Antônio Knivet, que viu êsse gentio, descréve-o como tendo o hábito inveterado de trazer uma folha de fumo entre o lábio e os dentes, donde lhe descia a baba pelo furo do beiço, daí o nome *petinguara*, que quer dizer *mascador de fumo*". (Teodo, Sampaio, *loc. cit.*, *ib.*, 592 ; cf. ainda B. Caitano, notas à ob. cit. de Cardim, 262 e 263). Tinham aldeias nas ribanceiras do Mamanguape, nas de Camaratuba, nas praias da baía Acajutibiró, "núcleos que foram origem das atuais *Mamanguape* e *Vila-da-Traição*, diz João Roiz Coriolano de Medeiros, em *Dic. Hist., Geog. e Etn. do Brasil*, Inst. Ger., II, 680.

boliviano, como supunha K. v. d. Steinen (1) : a irradiação das famílias, que se operou, talvez, na região entre o Negro e o Orinoco, e a heterogeneidade lingüística provam que êsses deslocamentos foram relativamente antigos. Por causa mesmo da dispersão das línguas, aconselhou Paul Rivet a divisão de grupo em dois sub-grupos dialetais. São êstes, hoje em dia, mais numerosos, a saber : *a*) o sub-grupo norte-amazonense (Orinoco, península de Goajira, afluentes septentrionais do Amazonas, cabeceiras do Xingú e do Paraguai) ; *b*) o sub-grupo pre-andino (Purús, Abuná) ; *c*) o sub-grupo boliviano ; *d*) o sub-grupo arauá (baixo Purús, Juruá) ; *e*) o sub-grupo guianês (Essequibo superior) ; *f*) o sub-grupo urú-puquina (cabeceiras do Mamoré) ; *g*) e o sub-grupo tacana (curso superior do Taüamanú e Abuná, curso do Madre-de-Dios, curso do Beni) (2).

Gilij foi um dos que primeiro notaram o parentesco dessas famílias oleiras, dadas à agricultura, à fabricação da farinha de mandioca, ao uso da rêde tecida de embira ; Lucien Adam e K. v. d. Steinen completaram as provas dêsses parentescos. Dificultou a classificação o fato de os caraíbas, em suas razias, furtarem as mulheres nu-aruaques, as quais, incorporadas ao grupo exogâmico, introduziram nele o idioma familiar ou pátrio. Os nu-aruaques tinham sido, primordialmente, reünidos no grupo "Guck", ou "Coco", de Martius ; o resultado das viagens de K. v. d. Steinen ao Xingú veio demonstrar que o grupo de Martius não passava de "uma amálgama confusa de nações, em parte cognatas, em parte afins,

(1) *Durch Central-Brasilien*, cit., 308.

(2) Jorge Bertolaso Stella, *As Línguas Indígenas da América*, 58, São-Paulo, 1929.

embora *originàriamente* devessem todas ter saído de um único tronco". Como as tribus cognatas guques usassem, de ordinário, a partícula *nu*, correspondente ao pronome possessivo da primeira pessoa do singular, que deixava vestígios na língua, foi êsse o nome adotado por K. v. d. Steinen em substituïção ao de seu eminente compatriota.

Entre os nu-aruaques vamos encontrar :

a) Os *aruãs* da ilha de Marajó. A êsses indígenas chamavam os tupís *nhêengaíbas*, os *más-línguas*, ou *línguas ruins*, nome também aplicado aos demais indígenas do grupo nu-aruaque, e, às vezes, aos tupís cruzados. O último representante dos aruãs, encontrado em Marajó, forneceu a Ferreira Pena subsídios para um vocabulário, que êste publicou dois anos após ("Algumas palavras da língua dos aruãs", em *Arq. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan.*, IV, 1879).

b) Os *aravaques*, ou *aruaques*, dos litorais guianenses, que perderam, após as excursões caraíbas, a hegemonia por êles exercida, não só nessas regiões, como nas Antilhas.

c) Os *uapichanas* do S. O. da Guiana britânica e das fontes do rio Branco.

d) Os *atorais* do Essequibo sup. e seus mananciais ; os *tarumás* da mesma região.

e) Os *catapolitanas*, que vivem ao longo do Umaçá-igarapé, af. da margem esq. do Içana ; os *ipecas* (i. é., os *patos*) do Içana sup., entre a cachoeira de Aracú e Santa-Barbara, dos quais há notícias em Koch-Grünberg ; os *cuatís* e *siusís* da mesma região.

f) Os *tarianas* do Caiarí-Uaupés ; inf. em Natterer, Wallace, Spruce e Koch-Grünberg.

g) Os *passés* de entre o Içá e o Japurá.

h) Os *ticunas* do baixo Jundiatuba e do baixo Javarí, irredutíveis segundo P. Ehrenreich, estudados por W. H. Bates (*The naturalist on the River Amazonas*, Londres, 1879), P. Rivet ("Affinités du Tikuna", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, IX, 1912), Curt Nimuendajú ("Besuch bei den Tikuna-Indianern", em *Ethnologischer Anzeiger*, II. fasc. 4, Stuttgart, 1930; "Idiomas indígenas del Brasil", em *Rev. del Inst. de Et. de la Univ. Nac. de Tucumán*, II, 1932), C. G. Santesson ("Ein starkes Topf-Kurare von den Tucuna (Ticuna-) Indianern des oberen Amazonas", em *Acta Medica Scandinavica*, LXXV, f. I e II, Stockholmo, 1931).

i) Os *manaus*, que ainda hoje conservam o nome na capital do grande estado amazônico. "De todas essas nações a mais importante era a dos *manaus* cujas populosas aldeias, principiando do rio Uarirá, afluente da margem direita, ocupavam uma e outra margem do rio Negro e dos rios que para êle afluem até a ponta inferior da ilha Timoní, fronteira à barra do rio Chiuará. Valentes e poderosos, impuseram a sua língua, como a geral do rio Negro, nas aldeias de índios semi-civilizados que se fundaram nas suas margens. Eram, porém, antropófagos. Entre os seus heróis, figura o tipo lendário de Ajuricaba, que opôs tenaz resistência aos portugueses e, quando aprisionado por êstes, atirou-se ao rio, preferindo morrer. Era entre as suas tabas que a lenda colocava a cidade de Manoa, de fabulosas riquezas e que foi durante muito tempo a atração das *bandeiras*. A cidade ficaria situada nas margens do rio Urubaxí, afluente do Negro, que se comunica com o Japurá (Luciano Pereira da Silva, "Etnografia", em *Dic. Hist., Geog. e Etn. do Bra.*, Int. Ger., II, 37, Rio, 1922).

j) Os *purupurús* do baixo Purús, assim chamados em virtude da moléstia homônima, de que são afetados a partir de tenra idade (são os *curucurús* de Acuña).

k) Os *paumarís* da mesma região, que Luciano Pereira da Silva diz pertencer à família purupurú; inf. em Joseph Beal Steere ("Narrative of a visit to Indian Tribus of Purús-River, Brazil", em *Ann. Rep. of the Smithsonian Institution*, Washington, 1901). Dormem em ocas semelhantes a fornos, construídas de varas encurvadas, que cobrem de esteiras e palmas; nas cheias fluviais, vivem em espécies de balsas.

l) Os *iamamadís* das matas de entre o Purús e o Juruá, em território limitado pelo Mamoriámirim, afluente do Purús, e à margem direita do Chiruã, tributário do Juruá, diz Rodolfo Garcia. Inf. em J. B. Steere. Perfuram os lóbulos das orelhas e o septo nasal, tanto os homens como as mulheres, e, nas cesuras, colocam brincos. As casas são cônicas, à maneira das dos paumarís, dispostas em círculos. Fabricam ubás com o córtex do jutaí.

n) Os *ipurinãs* da bacia do Purús e do Aquarí (até cêrca do paralelo 90° 45′). Inf. em P. Rivet, C. Tastevin e Polak. Koch-Grünberg publicou "Ein Beitrag zur Sprache der Ipuná-Indianer (Rio Purús) Brasilien", em *Journ de la Soc. des Amér. de Paris*, XI, 1914-1919. Devoram o inimigo, morto em combate.

n) Os *menetenerís*, que "se retiraram para mais de cincoenta léguas, rio Purús acima, com mêdo dos *hipurunás*", diz Luc. Per. da Silva.

o) Os *meïnacús* do Culiseú (12°35′ de lat. S.), os *cuslenaús* das nacentes do Batoví, os *vaurás* e os *jaulapitís* das fontes do Xingú.

p) Os *parecís* das cabeceiras do Paraguai, do Guaporé e do Tapajoz. Descreveu-os, em 1723, Antônio Pires dos Campos ("Breve notícia do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas de Cuiabá", etc., em *R. T.*, XXV, 1862. Há, também, notícias em Bossi, pub. no mesmo ano (1862). Carlos da Silva Loureiro trad. de *Unter den Naturvölken-Central Brasiliens*, de K. v. d. Steinen, o trecho referente a êsses índios, que pub. na *R. T.*, LXXXIV, 1918. Os estudos mais recentes são os de C. M. da Silva Rondon e de E. Roquette-Pinto.

q) Os *tacanas*, classificados por Paul Rivet (*loc. cit.*) ; incluídos entre os nu-aruaques por J. B. Stella, *o. c.*, 57. Rodolfo Garcia colóca-os entre os grupos linguísticos isolados ou independentes. Os tacanas foram ainda estudados por Edwin R. Heath ("Dialectos of Bolivian Indians. Philosophical contribuition from material gathered during three years residence in the department of Beni, in Bolivia", em *Kansas City Review*, VI, n. 12, 1883), José Cardús (*Las misiones franciscanas entre los infideles de Bolivia*, Barcelona, 1886) e G. de Créqui-Montfort & P. Rivet (*l. c.*). Há, demais, inf. em Lafone Quevedo, D. G. Brinton, Nicolas Armentia e E. Nordenskiöld. Ocupam o território boliviano do curso superior do Abuná, Madre-de-Dios (entre os 67° e 68° 35′ de long. O.) e seus mananciais (o Tambopata e o Heath). Encôntram-se, também, no Beni (entre os 12° e os 15° de lat. S.).

r) Os *terenos* do Miranda (Mato-Grosso), sôbre os quais há inf. em Lehmann Nitsch.

s) Os *guanás*, localizados no triângulo formado pelo Salado-Paraguai muito mesclados aos guaicurús. Inf. em Max Schmidt. Ricardo Franco de Almeida Serra pub. "Parecer sôbre o aldeamento dos índios uaicurús e guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes", em *R. T.*, VII, 1845. Voc. em Alfredo d'Escragnolle Taunay, *Cenas de viagem. Exploração entre os rios Taquarí e Aquidauana, no distrito de Miranda*, Rio, 1868. Guido Boggiani tambem publicou um voc. guaná.

E' vastíssimo o material linguístico de interêsse para o estudo dos nu-aruaques (1).

8. Os caraíbas. — Os *caraíbas*, vindos, provàvelmente, das cabeceiras do Tapajoz e do Xingú, partiram em direitura à bacia dos afluentes da margem esquerda do Amazonas e atingiram a corda das Pequenas Antilhas, das quais se serviram como se foram alpondras, segundo a frase de Rodolfo

(1) Filipe Salvator Gilij, *Gaggio di Storia Americana o sia Storia Naturale Civile e Sacra de regni e della provincia spagnuole di Terra-ferma nell'America meridionale*, III, Roma, 1783 ; Chr. Quandt, *Nachricht von Suriname und seinen Einwohnern, sonderlich den Arawaken, Waraunen und Karaiben : und von der Sprache der Arawaken, von den Gewächsen und Tieren des Landes und Geschäften der dortigen Missionarien*, Goerlitz, 1807 ; H. C. Tocke, "Jets over Arrowakken en hume taal", em *West-Indie ; Bijdragen tot de bevorderning van het kennis der Nederlandsch West-Indische kolonien*, I, Haarlem, 1855 ; W. Chandless, *loc. cit.* ; Daniel G. Brinton, *loc. cit.* ; J. Crevaux, P. Sagot & L. Adam, *Grammaires et vocabulaires Roucouyenne, Arrouaque, Piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes*, Paris, 1882 ; Paul Ehrenreich, *loc. cit.* ; Joseph Beal Steere, *loc. cit.* ; B. Tavera-Acosta, *En el Sur*, Bolívar, 1907 ; Theodor Koch-Grünberg, *Aruak Sprachen Nordwestbrasiliens und der angrenzender Gebiete*, Viena, 1911 ; Alexander F. Chamberlain, "Nomenclature and distribuition of the principal tribes and subtribus of the Arawaken Stock of South America", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, X, 1913 ; Max Schmidt, *Die Aruaken, Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung*, Leipzig, 1917 ; William Curtis Farabee, "The Central Arawaks", em *University of Pennsylvania. The University Museum. Anthropological Publications*, IX, Filadélfia, 1918.

Garcia. Aí, vieram encontrá-los os marujos castelhanos, em 1493, data da segunda viagem de Colombo, já conhecidos através de uma terrível tradição que aos mesmos navegadores transmitira, aterrada, a população indígena das Grandes-Antilhas. Representantes dêsse grupo encontramos nas fontes dos dois majestosos caudais já citados, no Baurés e no São-Miguel (tributários do Madeira), nos sertões de Pernambuco e do Piauí; mas o estoque principal é visto sobretudo ao norte do rio-mar, nos mananciais da bacia atlântica septentrional e no vale do Orinoco.

Martius, em sua classificação lingüístico-cultural, dispôs os caraíbas entre os "Guck", uma das oito divisões das famílias indígenas do Brasil. Os resultados da segunda expedição de K. v. d. Steinen ao Xingú solucionaram a chamada questão dos caraíbas, já aventada por Humboldt, Schomburgk e Wallace: caraíba, na opinião de K. v. d. Steinen, significa *estrangeiro*, e, de sua corrutela, adveio *canibal*. Muito contribuíram para a solução do problema os trabalhos anteriores de J. Crevaux e L. Adam. Foi nas cabeceiras do Xingú que se encontraram os *naücuás* e *bacaïrís*, no mais baixo grau cultural, reputados como os prováveis ancestrais dos caraíbas existentes nas Guianas, sob várias denominações, "em que predomina o supino *goto* ou *coto*, sinal de plural", diz Capistrano de Abreu (notas à *Hist.*, cit., de fr. Vic. do Salv., 11). A covada, ou chôco, as razias, a exogamia, o costume de cingir de cordas de algodão os braços e as pernas, acima do cotovêlo e abaixo do joelho, — constituem os principais característicos etnográficos dêsse grupo.

O material linguístico já é hoje vasto, embora não tão abundante quanto o dos nu-aruaques (1).

Fazem parte do grupo caraíba:

a) Os *palmelas* do São-Miguel e do Baurés, tributários do Guaporé, de que dá notícias Severino da Fonseca.

b) Os *bacaïrís* e *naüquás* do alto Xingú, que desconheciam o processo de fermentação das bebidas e ainda usavam instrumentos líticos; foram estudados por K. v. d. Steinen e Capistrano de Abreu.

c) Os *pimenteiras* dos sertões pernambucanos e piauïenses, cuja posição etnográfica acha P. Ehrenreich obscura: sua língua, embora eivada de palabras caraíbas, desta difere tanto que *só forçosamente podemos enfileirá-la nessa família*, diz o referido sábio. O dialeto dos pimenteiras, de fato, não possue o supino *goto*, comum aos indígenas das regiões septentrionais. Foram os pimenteiras dos rios Piauí e Gurgueia (af. do Parnaíba) que devastaram, desde os fins do século XVIII (1775), as fazendas e currais dessas paragens agrestes.

d) Os *iumás* e *araras* das regiões do baixo Madeira-Purús. Os iumás, homônimos dos panos do Juruá inferior, tatuam, à maneira dos apinguís, uma linha azul em ambos os lados do rosto, dos olhos ao canto da boca; perfuram, demais, o septo nasal, onde, nos dias festivos, colocam um canudo de bambú, acon-

(1) Raymond Breton, *Dictionaire Caraïbe-François, Meslé de quantité de Remarques historiques pour l'esclaircissement de la Langue*, Auxerre, 1666; *id., Grammaire Caraïbe*, Auxerre, 1667; Lucien Adam, *loc. cit.*; K. v. d. Steinen, *loc. cit.*; João Capistrano de Abreu, *loc. cit.*; J. Numa Rat, "The Carib language as now spoken in Dominica, West-Indies", em *Journ. of the Anthr. Inst. of Great-Brit. and Ireland*, Londres, 1898; C. H. de Goeje, *loc. cit.* Inf. ainda em Schomburgk (1841-1844), Crevaux (1877-1881), O. Coudreau (1901) e J. C. Farabee (1913-1915).

dicionado a duas penas. Voc. em Curt Nimuendajú, *op. cit.*

e) Os *apiacás*, que vivem atualmente à margem esquerda do baixo Tocantins (Praia-Grande-dos-Arroios). Chamavam-se a si mesmos *apinguís*. P. Ehrenreich pub. "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens : V — Die Sprache der Apiaká (Pará)", em *Z. f. E.*, XXVII, Berlim, 1895). Há outros estudos linguísticos de O. Coudreau (1896) e Curt. Nimuendajú (1914). Não confundir com os do mesmo nome do alto Tapajoz, do grupo túpico.

f) Os *apalais* ; os *ojonas*, chamados no Brasil *rucuienes*. São indígenas do curso superior do Jarí e do Parú, ao sul do Tumucumaque. Descrições em J. Crévaux e L. Adam.

g) Os *crixanás*, também chamados *ianaperís*, do rio dêste último nome, afluente do Negro, pacificados, em 1844, por J. Barbosa Rodrigues (*Rio Janaperí. Pacificação dos crixanás*, Rio, 1885). Cf. ainda Olímpio Nimeyer, *Os índios crixanás*, Rio, 1885. Entre êsses índios é comum o albinismo.

h) Os *voiavais* das fontes do Essequibo.

i) Os *pianocotós* das cabeceiras do Trombetas, do Parú-Jarí e do Cuminá. Pianocotós, "senhores dos gaviões".

j) Os *macuxís* e *taulipangues* do alto rio Branco e dos limites da Venezuela.

9. Os gês. — Os *gês* (crãs; *tapuyos* de Daniel G. Brinton e A. J. Chamberlain, *tapuhias* de fr. Vic. do Salvador, *tapuzas* de João de Azpilcueta Navarro, *tapyyia* de Luiz Figueira, *tapuia* de Gabriel Soares de Sousa, *tapuya* de Fernão Cardim

e Simão de Vasconcelos, *tapuy* de Varnhagen) constituíam, talvez, o mais interessante dos grupos lingüísticos do Brasil. Observou Martius que era freqüente entre êsses índios a repetição das particulas *gê* (chefe, pai) e *cran* (filho) nos nomes pátrios ou gentílicos(1) ; o primeiro dos termos é o geralmente usado pelos etnográfos.

Ocupavam "toda a metade oriental do planalto brasileiro, desde sua queda septentrional, marcada pelas últimas cataratas do Xingú e do Tocantins, até 30° paralelos ao sul". Na época do descobrimento a área geográfica era, porém, mais dilatada e ficava compreendida entre os 2° e 30° de lat. S. e os 38° e 56° de long. ocidental (Greenwich). Algumas famílias viviam mesmo no litoral.

Os gês moveram-se de O. para E., vindos, na opinião da maioria dos etnógrafos, das proximidades do leito do São-Francisco. "Se os botocudos atuais pertencem ao grupo gê é mais compreensível que viessem do interior para o litoral do que o contrário, como pensava Paul Ehrenreich. A idéia, proclamada por êle e K. v. d. Steinen, de escolher para ponto de partida de qualquer grupo aquele em que aparece mais destituído de haveres culturais é sem dúvida luminosa e fecunda, mas não infalível" (Capistrano de Abreu). P. Ehrenreich diz que nenhuma família americana tem mais direito a chamar-se autóctone do que os gês, nenhuma está geogràficamente mais delimitada, nenhuma se deixa alcançar mais longe no seu desenvolvimento cultural, nenhuma possue caracteres físicos e lingüísticos tão firmes.

---

(1) *Beiträge zur Ethnographie*, etc., I, 340 e seg., Leipzig, 1867.

Os gês são os tapuias dos cronistas tradicionais (1). Viviam, provàvelmente, em todo o trato costeiro do país, de onde foram expelidos pelos tupís-guaranís ("Dêstes tapuias foi antigamente povoada esta costa, como os índios afirmam e assim o mostram muitos nomes de muitos lugares que ficaram de suas línguas que ainda agora se usam", — José de Anchieta, *Cartas*, etc., 302, Rio, 1933). De modo genérico, caracterizavam-se pela falta de uso das rêdes (mesmo quando chegavam a usá-las, como acontecia com os suiás do Xingú, não abandonavam o velho costume racial de dormir no chão ou no girau, nota P. Ehrenreich) ; rudimentar era a arte da navegação ; usavam ornatos peculiares (botoques em forma de disco ; enormes clavas, que se moviam com ambas as mãos ; flechas de madeira denteada, ou com lâmina de taquara, de dois gumes ; pranchetas de lançar) e cabeleira em forma de prato. Os caracteres corporais, aconselha o referido etnográfo, devem ser usados cautelosamente : seria, por exemplo, errôneo dizer que os gês são em geral dolicocéfalos, uma vez que seu galho mais importante, e dos caiapós, assinála-

(1) "No outro dia nós fomos e passámos muitos despovoados, especialmente um de vinte e três jornadas por entre uns índios que chamam tapusas, que é uma geração de índios bestial e feroz ; porque andam pelos bosques como manadas de veados, nus, com os cabelos compridos como mulheres: a sua fala é mui bárbara e êles mui carniceiros e trazem frechas ervadas e dão cabo de um homem num momento", — João de Azpilcueta Navarro, em *Cartas Avulsas*, 147 e 148, Rio, 1931 ; "Também há uns certos índios junto do rio do Maranhão da banda do Oriente, em altura de dois graus pouco mais ou menos, que se chamam tapuias, os quais dizem que são da mesma nação dos aimorés", — Pero de Magalhães Gandavo, *Hist.*, etc., 144, Rio, 1924 ; "Há outras nações contrárias e inimigas destas, de diferentes línguas, que em nome geral se chamam tapuia", — Fernão Cardim, *Tratados*, etc., 198, Rio, 1925 ; "Estes tapuias vivem no sertão, e não têm aldeias nem casas ordenadas pera viverem nelas, nem menos plantam mantimentos pera viverem nelas, nem menos plantam mantimentos pera sua sustentação", — *Diálogos das Grandezas do Brasil*, 288, Rio, 1930 ; "Os mais bárbaros se chamam *in genere* tapuias, dos quais há muitas castas de diversos nomes", — fr. Vic. do Sal., *Hist.*, 52).

se por estranha braquicefalia (1). Observou K. v. d. Steinen que as palavras indicativas das partes corporais e dos objetos referentes à arte venatória são comuns a quasi todas as famílias do grupo, e mesmo não acontecendo com as palavras, que exprimem utensílios domésticos e produtos agrícolas : estas últimas, são peculiares apenas às famílias de uma determinada classe (os gês do norte, *v. g.*), de modo a supor que houve secessão em período mui remoto, quando ainda a coletividade se achava no mais baixo nível cultural.

Mesmo sem contar com as obras e escritos dos cronistas tradicionais, é dos mais volumosos o material lingüístico referente ao grupo dos gês (1).

(1) "Divisão e distribuïção das tribus do Brasil", etc., cit., 31. — P. Ehrenreich, como se sabe, divide os proto-gês em septentrionais e meridionais. Os tapuias dos sertões nordestinos, relacionados nos escritos holandeses, são considerados pertencentes ao primeiro grupo. As informações mais importantes podem ser colhidas nas obras clássicas de Laet (*Historie ofte Yarlijk Verhael*, etc., Leiden, 1644), de Barleaus (*Rervm per oetennivm*, etc., Amsterdão, 1647), de Piso (*Hist. nat. Bras.*, etc., Amst., 1648) e de Moreau (*Relations véritables*, etc., Paris, 1651). O cap. VIII da obra de Piso transcreve a relação, de Jacob Rabbi, ou Bay, israelita alemão, que acompanhou Nassau ao Brasil em 1637 (Barlaeus, *loc. cit.*, 258), e viveu quatro anos entre os gês e cariris. A respeito dessa figura trágica de aventureiro, cf. Alfredo de Carvalho, *Aventuras e Aventureiros no Brasil*, 165 e seg., Rio, 1930. No livro de Moreau vêm as inf. de Rodolfo Baron, mais conhecido por Roulox Baro, que sucedeu a Rabbi no cargo de intérprete e comandante dos gês do Rio-Grande-do-Norte.

(1) W. L. von Eschwege, *loc. cit.* e *Brasilien, die neue Welt, u. s. w. von* 1810-1821 *beobachtet*, Braunschwig, 1824 (com um voc. dos chicriabás) ; J. B. von Spix & K. F. P. von Martius, *Reise in Brasilien in den Yahren* 1817 *bis* 1820, Munich, 1823 ; J. E. Pohl, *Reise in Innern von Brasilien-Auf Befehl S. M. des Kaisers v. Oesterreich, Franz, I*, 1817-1821 *unternommen*, Viena, 1832-1837 (traz estudos da língua dos caiapós e dos chavantes) ; Francisco das Chagas Lima, "Idioma de que usam os índios nascidos em Guarapuava", em *R. T.*, IV, 1842 ; Jommard, "Noticia sôbre os Botocudos, acompanhada de um vocabulário do seu idioma e de algumas observações", em *R. T.*, IX, 1847 ; A. de Saint-Hilaire, *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz*, Paris, 1847-1848 (com voc. dos caiapós e dos chicriabás) ; Francis de Castelnau, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, etc.. Paris, 1850-1851, cujos voc. foram aproveitados por Martius ; fr.Rafael de Taggia, "Mapa dos Indios Cherentes e Chavantes", etc., em *R. T.*, XIX, 1856 ; José Joaquim Machado de Oliveira, "Caiapós, sua origem, descobrimento", etc., em *R. T.*, XXIV, 1861 ; Couto de Magalhães, *loc. cit.* ; K. F. P. V. Martius, *loc. cit.* ; Reinhold Hensel, "Die Coroados der brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul", em *Zeit. f. Ethn.*, I, Berlim, 1869 ; José Rodri-

K. v. d. Steinen divide os gês em cinco ramos : *a*) os do *noroeste* (carajás, suiás, apinagês, craôs) ; *b*) os do *centro* (acroás-mirins, cherentes, chavantes, chicriabás) ; *c*) os do *este* (cotoxós, camacãs, massacarás) ; *d*) os "botocudos" ; *e*) os "goiatacás" (maxaculís, capoxós, cumanaxós e panhames). P. Ehrenreich modificou bastante a ordem anterior ; verificou-se, demais, que os carajás e os goitacás eram línguas independentes. Os gês passaram a dividir-se em *primitivos* e *derivados*. Os proto-gês, ou gês primitivos, bifúrcam-se em dois galhos, o *septentrional* e o *meridional*, estando o primeiro, por sua vez, repartido em três famílias (os *burungues* ou *botocudos*, os *camacãs* e os *pataxós*) e o segundo em duas (os *camés*, ou *caingangues*, chamados tambem *coroados*, e os *bugres*). Esgalham-se os gês derivados em : *acroás* (extintos), conexos aos *jeicós* do baixo São-Francisco e aos *go-*

---

gues Peixoto, "Contribuïções para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil", em *Arq. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan.*, I, 1876 e "Novos estudos craneológicos sôbre os Botocudos", *ib.*, VI, 1885 ; Philippe Marnis Rey, *Etude anthropologique sur les Botocudos*, Paris, 1880 ; Telémaco Marocines Borba, "Breve notícia sôbre os Caingangues", etc., em *Rev. da Soc. Geog. de Lisboa no Brasil*, II, 1883 ; *id.*, "Die Caingangsindianer in der brasilianischen Provinz Paraná", em *Globus*, L, Braunschweig, 1886; *id.*, "Observações sôbre os indígenas do Estado do Paraná", em *Rev. do Mus. Paul.*, VI, 1904 ; *id.*,*Atualidade indígena*, Curitiba, 1908 ; João da Cunha Lustosa, "Os cherentes.Informações sôbre as tribus existentes no Piauí em 1827", em *Rev. da Soc. de Geog. do Rio-de-Jan.*, fasc. 1, 1886 ; José Francisco Tomaz do Nascimento, "Viagem feita pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, província do Paraná", etc., em *R. T.*, XLIX, 2.ª parte, 1886 ; K. v. d. Steinen, *op. cit.* ; Paul Ehrenreich, *op. cit.* ; Alfredo d'Eescragnolle Taunay, "Os índios caingangues (Coroados de Guarapuava)", etc., em *R. T.*, sup. ao LI, 1888 ; João Batista de Sá e Oliveira, *Os índios Camacãs*, Baía, 1890 ; Juan B. Ambrosetti, *loc. cit.*; Hermann Meyer, "Uber die Bugres", em *Verhandlungen der Gesellschaft f. Erdkunde zu Berlim*, XXIII, 1896 ; José Feliciano de Oliveira, "Apontamentos sôbre os índios Cherentes", em *O Estado de São-Paulo*, coll. de 1896, e *The Cherentes of Central Brazil*, etc., Londres, 1912 ; Henri Coudreau,*op.cit.*; Pedro Affonso Mahilde, "Coroados do Rio-Grande-do-Sul", em *An. do Rio-Gran.-do-Sul*, Porto-Alegre, 1897-1899 ; Lucien Adam, *loc. cit.* ; Franz Schulze-Briessnits, "Die erste ethnographische Skisse über die Botokuden in deutscher Sprache", em *Globus*, LXXX, Braunschweig, 1901 ; Charles Dulley "Vocabulário dos Indios Coroados (do rio São-Mateus)", em *Rev. do Centro de C. de Campinas*, n.º 51, 1903 ; P. Fr. Vogt, "Die Indianer des obern Para-

guês do alto rio do Sono ; *caiapós*, ou *bus*, divididos em três notáveis ramos, o do norte (*cradaós*, *gaviões* ou *caracatís*, *apinagês*, *craôs* ou *macamecrãs*, que são *timbiras* ou *gamelas* no Maranhão), o do sul e o do ocidente (*suiás*) ; e *acués* (*chavantes*, *cherentes*, *chicriabas*). Um pouco diferente é a divisão de Teodoro Sampaio ("Os Kraôs do Rio Preto", cit., 200 e seg.), segundo a qual os gês estão repartidos em : *a*) *timbiras*, alguns chamados da mata (*sacamecrãs*, *piocobgês*, *crangês*, *paicogês*), outros do campo, ou canelas-finas (*guajajaras* (1), *capiecrans*, *manajós* ou *temembós*, *aponegicrans*, *purecamecrãs* ; *macamecrãs* ou *craôs*, *canacatgês*, *poncatgês*, *augutgês*, *apinagés*) ; *b*) *chavantes*, *cherentes*, *acroás* ou *pimenteiras*, *chicriabás* e *caiapós* ; *c*) *coroados* (também nomeados *caingangues* ou *camés*) e *bugres*. Jorge Bertolaso Stella (*op. cit.*, 93 e seg.) divide os gês em quatro grupos : os *orientais*,

---

ná", em *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, XXXIV, 1904 ; R. H. Desgenettes, "Os indios Caiapós", em *R. T.*, LXVII, 1904 ; Diogo de Vasconcelos, "Botocudos", em *Rev. da Soc. de Geog. do Rio-de-Jan.*, XVII, 1904; Benigno F. Martínez, "Os índios Guaianãs", em *Rev. do Mus. Paul*, VI, 1904 ; Hermann v. Ihering, "Os Guaianás e Caingangues de São-Paulo", *ib.*; K.v. Koenigswald, "Die Coroados in südlichen Brasilien", em *Globus*, XCIV, Brauns., 1908; Hugo Gensch, "Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catharina", em *Zeit. f. Eth.*, XL, Berlim, 1908 ; Bruno Rudolph, *Wörterbuch der Botokudensprache*, Hamburgo, 1909; Ermelino A. de Leão, *Subsídio para o estudo dos Caingangues do Paraná*, Curitiba, 1910 ; Inácio Batista de Moura, *loc. cit.* ; Teodoro Sampaio, *loc. cit.* ; Geraldo de Paula Sousa, "Notas sôbre uma visita e acampamentos dos índios Caingãs", em *Rev. do Mus. Pau.*, X, 1918 ; Henri Henrikhovitch Manizer, "Les Botocudos, d'après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915", em *Arch. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan.*, XXII, 1919 ; José Maria de Paula, "Memória sôbre os Botocudos do Paraná e Santa-Catarina", etc., em *An. do XX Cong. Int. de Amer.*, Rio, 1924 ; A. C. Semoens da Silva, "A tribu dos Indios Crenaques (Botocudos do rio Doce)", *ib.* e *A Tribu Caingangue*, Rio, 1930 ; Urbano Viana, "Akuen ou Xerente" , com pref. de Basílio de Magalhães, em *R. T.*, CI, 1928 e "Ligeiras notas para a gramática Acuês", *ib.* ; Alfred Métraux, "Les indiens Kamakan, Pataso et Kutaso d'après le journal de route inédit de l'explorateur français J. B. Douville", em *Rev. del Inst. de Etn. de la Univ. Nac. de Tucumán*, I, 1930 e "La civilisation matérielle et la vie sociale et religieuse des indiens Zè du Brésil meridional et oriental", *ib.*, 1930 ; Chestmir Loukotka, "La familia lingüística Kamakan del Brasil", *ib.*, II, 1932 ; Curt Nimuendajú, *op. cit.*

(1) Tupis, cf. Ehrenreich, Rodolfo Garcia e outros.

os *septentrionais*, os *centrais* e os *meridionais*. Os gês orientais comprendem : *a*) os chamados *botocudos* (descendentes dos antigos aimorés) *b*) os camacãs (e suas tribus aparentadas) ; *c*) os *"panhemes"*, os *capoxós*, os *maxacalís*, os *macunís* ; *d*) os *coroados* e *purís*, ou *goitacás* (1). Os gês septentrionais abrangem : *a*) os *timbiras da floresta* (*gamelas*, *piocabgês*, *paicogês*, etc.) ; *b*) e os *timbiras da planície*, ou *canelas-finas* (*temembús*, *capiecrãs*, etc.). Aos gês centrais filíam-se os *caiapós* e os *"acuás"*. Entre os gês meridionais estão compreendidos dos dois sub-grupos, — o oriental, constituído pelos *caingangues*, e o ocidental, formado pelos *guaianás*.

As principais tribus gês são na realidade :

a) Os *botocudos* (aimorés, guerens, boruns), que, com o nome de *aimorés*, se encontravam nas proximidades da costa brasileira, nas capitanias de Ilhéus, de Pôrto-Seguro, da Baía, avizinhados com os tupinambás, tupiniquins, goitacás e tamoios (séc. XVI). As crônicas antigas estão cheias de notícias dêles (2). Notável família tapuia, cuja cultura Ehrenreich considera mais baixa que a dos australianos. O estudo

(1) Língua isolada.

(2) "São êstes aimorés tão selvagens que dos outros bárbaros são havidos por mais bárbaros, e alguns se tomaram já vivos em Porto-Seguro e nos Ilhéus, que se deixaram morrer de bravos sem quererem comer... Não vivem êstes bárbaros em aldeias, nem casas, como o outro gentio, nem há quem lhas visse nem saiba, nem desse com elas pelos matos, até hoje ; andam sempre de uma para outra pelos campos e matos, dormem no chão sôbre folhas ; e se lhes chove arrimam-se ao pé de uma árvore, onde engenham as folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se de cócoras ; e não se lhes achou outro rasto de gasalhada. Não costumam êstes alarves fazer roças nem plantar alguns mantimentos... Vivem de frutos silvestres e caça, de saltear toda a sorte de gentio... comem carne humana por mantimentos e não por vingança como os outros", — Gabriel Soares de Sousa, "Roteiro Geral", em *R. T.*, XIV, 58, Rio, 1851 ; "Vivem todos entre os matos como brutos animais, sem terem povoações, nem casas em que se recolham. Sam mui forçosos em extremo e trazem uns arcos mui compridos e grossos conforme a suas forças, e as frechas da mesma maneira", — Pero Magalhães de Gandavo, *Histó-*

craniométrico tem feito supor a muitos etnógrafos que são êsses índios remanescentes diretos da chamada "raça da Lagoa-Santa". Nos começos do século XIX, M. de Wied-Neuwied (*Reise nach Brasilien in den Jahren* 1815-1817, II, 2 e segs., Francfort-sur-le-Main, 1820) assinalou-os entre os 15° e 19°50′ de lat. sul, região dos rios Pardo e Doce.

b) Os *camacãs*, ou *mongoiós*, são assim localizados por M. de Wied-Neuwied (*l. c.*, II, 211) : ao norte o rio das Contas, ao sul o rio Pardo, a este a long. de 40°, a oeste o rio Gavião. Spix e Martius (*l. c.*, II, 293 e segs.) assinalaram-nos no rio Gravatá (distrito de Minas-Novas). Os de Patipe são hábeis ceramistas, seg. Teodoro Sampaio. Métraux acaba de publicar um mss., de interêsse para o estudo dêsses índios, cujo autor foi o explorador francês J. B. Douville ; achava-se na Biblioteca de Santa Genoveva (Paris). Os camacãs são próximos parentes dos *meniãs* (rio Grande de Belmonte), dos *catatóis* (noroeste de Pôrto-Seguro), dos *cutaxós* (região septentrional da serra dos Aimorés) e dos *massacarás* (proximidades de Joazeiro). Alguns já extintos.

ria, etc., cit., 142 ; "são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos têm os couros muito rijos, e para êste efeito açoitam os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos ; não têm roças, vivem de rapina e pela ponta da frecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usam de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos, para que em chegando logo quebrem as cabeças. Quando vêm à peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dalí fazem a sua e são mui temidos, e não há poder no mundo que os possa vencer ; são muito covardes em campo, e não ousam sair, nem passam água, nem usam de embarcações, nem são dados a pescar", — F. Cardim, *Tratados*, etc., cit., 199 ; "Estes gentios são como gigantes, trazem um arco mui forte na mão e em outra um pau mui grosso, com que pelejam com os contrários e fàcilmente os espedaçam e fogem pelas matas e são mui temidos entre todos os outros", — M. da Nobrega, *Cartas do Brasil*, cit., 98.)

c) Os *malalís* do Suassuí, afluente do Doce (Minas-Gerais).

d) Os *pataxós* dentre os rios Pardo e das Contas, subdivididos, depois, em *copoxós*, *macunís*, *panhames* e *maxacalís*. Alguns já extintos.

e) Os *coroados* do vale do Xipotó (entre a serra da Onça e a de São-Gonçalo, ou de São-José). Estenderam-se até o Paraíba-do-Sul e o rio da Pomba.

f) Os *purís* do vale do Paraíba (fronteiras de Minas-Gerais), remanescentes talvez, dos *papanás*, de que nos fala Gabriel Soares de Sousa (*l. c.*, 78).

g) Os *timbiras* do Pará, do Maranhão e do Piauí, que se subdividem, como já se disse, em dois ramos. Os chamados da mata ou floresta comprehendem : os *timbiras* pròpriamente ditos (noroeste do Pará) ; os *gamelas*, (que devem seu nome ao uso de um botoque muito semelhante ao utensílio daquele nome) ; os *sacamecrãs* do ocidente do rio Itapicurú (entre Caxias e Pastos-Bons), do alto Mearim e das cabeceiras do Codó, os quais, ainda em 1819, repeliam o contacto com os brancos, segundo informa T. Sampaio ; os *piocobgês* do vale do Grajaú, insubmissos como os sacamecrãs, e, sobretudo, belicosos ; os *augutgês*, que T. Sampaio inclue entre os timbiras campestres ; os *crangês* e *paicogês*, assinalados, em começos do século XIX, nos limites entre o Pará e o Maranhão, um pouco ao norte dos augutgês. Entre os timbiras chamados das planícies côntam-se : os *temembús* (idênticos ao *manajós* e aos *aponegicrãs*), que, em princípios do séc. XIX, abandonaram os sertões de Pastos-Bons em troca das margens do Tocantins ; os *capiecrãs*, ou *cannelas-finas* (nome, também, genérico para os timbiras dos

campos), que emigraram do mesmo local para as matas do Buritizinho ; os *macamecrãs*, ou *craôs* (chamados *temembús* e *pepuxís* no Tocantins), atualmente no vale do Preto (Baía) e na região entre o rio do Sono e o rio Manuel-Alves-Grande(1) ; os *canacatgês* e *puracamecrãs* do médio Tocantins ; e os *poncatgês*, logo ao norte dêstes.

h) Os *caiapós*, que são os ibirajaras, bilreiros ou caceteiros dos cronistas clássicos ("Mandou-se agora o Irmão Pero Corrêa com dois outros Irmãos e umas povoações de índios... a que apelidam *ibirajaras*, as quais cremos que se avantajam a todos êstes, não só no uso da razão, como na inteligência e na brandura de costumes. Obedecem todos êstes a um único senhor, têm grande horror à carne humana, vivem satisfeitos com uma só mulher, e resguardam cuidadosamente as filhas virgens (o que outros não curam) e a ninguém, senão ao próprio marido, as entregam", — J. de Anchieta, *op. cit.*, 48). Dividem-se, geralmente, em três galhos, — o septentrional, o meridional e o ocidental. O galho do norte habita o sertão entre o baixo Araguaia e o médio Xingú : os *gradaós*, ou *gradaús*, os *uxicrins*, os *apinagês* (que T. Sampaio localiza na família timbira), os *gaviões*, ou *caracatís*, os *suiás* (descobertos por ocasião da primeira expedição ao Xingú, ceramistas, canoeiros, tecelões, mas que não avandonaram "o velho costume gê de dormir no chão ou em giraus", anota Ehrenreich.) O galho do sul vive no vale do Paraná-Parnaíba. Parte dêsses índios foram destruídos pelo capitão-mor Antônio Pires, ajudado pelos bororos ; os restantes emigraram para o rio das Mortes, para o Araguaia e para

(1) Ehrenreich considera-os pertencentes ao galho sept. dos caiapós.

as fontes do Paraná. O galho do este forma o subgrupo *acuá*, do qual fazem parte os *chavantes* (que vivem entre o Tocantins e o Araguaia), os *cherentes* da mesma região (que são os chavantes mansos), os *xicriabás* (de entre as cabeceiras do São-Francisco e do Paraná-Parnaíba), integrados na história da colonização de Goiaz, os quais não se acham extintos, como supunha Ehrenreich, mas reduzidos, e atualmente localizados nas missões ao norte da cachoeira dos Martírios (Araguaia), e, finalmente, os *acroás* (que vivem no rio das Balsas, na região das cabeceiras do Parnaíba e do Tocantins, na mesopotâmia formada pelo rio Grande e pelo rio das Éguas, afluentes do São-Francisco, no sul do Piauí), ao lado de suas tribus conexas, — os *jaicós* e os *goguês*. Foi com um aldeamento de caiapós que fr. Gil de Vilanova fundou Conceição-do-Araguaia (Pará).

i) Os *tarairiús*, ou *ots-chucaianas*, do nordeste (Maranhão, Ceará, etc.), que são os mesmos tapuias dos quais há notícias em Marcgraf, Barlaeus, Laet e Roulox Baro (obs. cits.), aparentados com os pataxós, no dizer de Ehrenreich ("Sôbre alguns antigos retratos de índios sul-americanos, em *R. P.*, XII, 45, 1907).

j) Os *caingangues*, nome genérico dado por Telémaco Borba às tribus gês meridionais, descendentes dos "goaianases" da região dentre Angra-dos-Reis e Cananéia (Gabriel Soares de Sousa, *l. c.*, 99): os caingangues de Iguaçú tinham ainda no séc. XVIII o nome de "guayanás". Estão compreendidos nesse grupo: os indígenas da bacia do Tibagí, do Piquití; os de Guarapuava e de Palmas; os de San-Pedro, na vertente da Serra-Central, próximos do rio Jabotí (Missões, R. A.); os da aldeia Necora, no alto Uru-

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

guai (R.-G.-do-Sul); os dos rios Paranapanema (São-Paulo); os da margem esquerda do Uruguai, entre o rio Passo-Fundo e o rio Vinacora (Santa-Catarina).

k) Os *"aweikoma"*, também chamados *botocudos de Santa-Catarina e do Paraná*, localizados na zona limitada ao norte pelo Iguaçú, ao sul pelo Tubarão, a este pela serra do Mar e a oeste pelo vale do Timba.

l) Os *guaianás* da Villa-Azara (alto Paraná), que Afonso A. de Freitas inclue entre os tupís e Ehrenreich considera língua isolada. São comunidades guaranizadas, na opinião de Métraux.

10. Os cariris. — Os *cariris* ("Kiriris-Sabujas" de Ehrenreich) estendiam-se do Paraguaçú ao Itapicurú e aí foram encontrados desde os primitivos tempos da colonização. Senhoreavam, a princípio, o litoral nordestino, onde ainda os viram os portugueses. O nome, no dizer de Porto-Seguro, significa *tristonho; calado, silencioso*, cf. outros, o que indica "característica etnográfica, tanto mais notável quanto é sabido que os outros índios eram terríveis palradores", diz Rodolfo Garcia. E' ainda a Rodolfo Garcia que devemos a melhor recolta a propósito dêsse interessante grupo: os cariris, diz, segundo se infere da tradição recolhida pelos missionários, vieram de um lago encantado do setentrião do continente, talvez o Amazonas, como sugere Capistrano de Abreu; descendo o trato costeiro, foram acossados, pelos tupís, para a zona sertaneja (serras da Borborema, dos Carirís-Velhos e dos Carirís-Novos; vales do Acarajú, do Jaguaribe, do Açú, do Apodí, do baixo São-Francisco). R. Schuller acha que os carirís são tribus aruaques-caraíbas e que o nome *sabuia, sabuiá*, lembra outros como *poia* e *iaripujas* (gente dos rios Ne-

gro e Maica). Afonso A. de Freitas julga-os resultantes do *melting-pot* dos gês com os tupís. Os cariris da Baía foram aldeados, em meados do séc. XVIII, pelo padre João de Barros ; por essa mesma ocasião os capuchinhos franceses reduziram outros na região do São-Francisco e na Paraíba.

Martius incluia os cariris no grupo "Guck", modificado, como sabemos, após as viagens de K. v. d. Steinen. Do exame lingüístico de alguns dialetos elaborados, diz Rodolfo Garcia, resultou o problema da classificação dos cariris. Material em Luiz Vincenzio Mamiani (*loc. cit.*), Martim de Nantes (*Relation succinte et sincère de la Mission*, etc., Quimper, s. d.), Bernardo de Nantes (*Katecismo indico da lingua Kariris, accrescentado de varias praticas*, etc., Lisboa, 1709), K. Fr. P. v. Martius (*Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen-Glossaria linguarum Brasiliensum*, Erlangen, 1863) e Lucien Adam (*loc. cit.*)

Ao grupo dos cariris pertencem :

a) Os *teremembés*, que habitavam o litoral nordestino, do Gurupí ao Camocim, ou ainda mais abaixo, como supõe Walter Pompeu (*Ceará Colônia*, 46, Fortaleza, 1929). Cláudio d'Abbeville afirma que êsses indígenas se encontravam no trecho entre o Gurupí e o Jaguaribe ou Mossoró. Abdias Neves (*Aspetos do Piauí*, 128, Teresina, 1926) julga-se tupís e diz que êles constituiam, na região piauïense, três famílias, os *aranhís*, os *putis* e os *crateús*. No Ceará ocupavam, sobretudo, a ribeira do Acaraí e a serra Grande. Hábeis nadadores, picavam a amarra do navio, na calada da noite, para usufruírem o resultado do provável naufrágio da nau desgovernada, diz Barredo ; conta-se, também, que "arremetiam a

nado os tubarões com um pau agudo, que lhes encaixavam pela guela a dentro, com o que os traziam à terra e tiravam deles os dentes para flecha" (Paulino Nogueira, "Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará", em *Rev. Tri. do Inst. do Ceará*, I, 427, 1887). Sabe-se que, por se terem rebelado (fins do séc. XVIII), foram massacrados pelos terços paulistas, aos quais se aliaram numerosos índios de outras famílias.

b) Os *paiacús*, da região entre a ribeira do Jaguaribe e as serras do Coité, de São-Bento e do Calabouço (fronteiras entre o R.-G.-do-Norte e a Paraíba). Nos fins do séc. XVIII, conjugados a outros indígenas, assolaram as terras do atual estado do Rio-Grande-do-Norte (Cf. Pedro Carrilho de Andrade, "Memórias sôbre os índios do Brasil", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. do R.-G.-do-Norte*, VII, 1909). Trágico teria sido o destino dos socorros enviados de Pernambuco (expedições de Manuel de Abreu e de Antônio de Albuquerque da Câmara) ; conseguiram, afinal, afugentá-los os terços paulistas de Domingos Jorge Velho e de Matias Cardoso. Apesar de aldeados, desde 1696, perto de Aracatí, pelos padres João da Costa e João de Barros Braga, ainda aparecem algumas queixas contra as excursões dêsses índios.

c) Os *icós*, que viviam entre a serra de Luiz Gomes, ou o rio do Peixe, e o Salgado, af. do Jaguaribe. "Índios de corso, como eram então chamadas as tribus saqueadoras e rapinantes, tais depredações fizeram nas terras de Jaguaribe que o capitão-mor Fernão Carrilho organizou, em 1694, uma expedição para batê-los, sob o comando de Francisco Dias Car-

valho. Pacificados alguns anos depois, em 1700, pelo padre João de Matos Serra, foram êles aldeados no local onde está hoje edificada a cidade de Sousa, na Paraíba do Norte" (Carlos Pereira Studart, *loc. cit.*, *ib.*, 42).

d) Os *cariús*, que habitavam no rio homônimo e no dos Bastiões, ambos af. do Jaguaribe ; os *caratiús* dos vales do Tricí e do Potí ; os *arariús* do rio do Aracajú, aldeados em Meruoca por volta de 1700; os *jucás* da ribeira do mesmo nome, reduzidos, em 1787, em Arneiroz ; os *genipapos* das cabeceiras do Choró ; os *janduís* do Açú e do Apodí ; os *ariús*, ou *pebas*, das margens do Pinharas, do Sabugí e do alto Piranhas, aos quais se deve a fundação de Pombal (Paraíba).

e) Os *sucurús*, que se encontravam nos rios do Meio, da Serra-Branca, de São-José e de Taperoá, todos tributários do Parnaíba, assim como nos afluentes do alto Piranhas, na serra do Arubá e em Cimbres (Pernambuco).

f) Os *garanhuns* da serra de igual nome ; os *chocós*, *vouvês*, etc., da relação do capuchinho Vital de Trescarolo ("Informações sôbre os índios bárbaros dos sertões de Pernambuco", em *R. T.*, XLVI, 1.ª parte, 1883), que habitavam os sertões da Serra Negra e as cabeceiras do Piancó ; os *carnijós*, ou *fulnios*, de Aguas-Belas. São quasi todos de Pernambuco. A respeito dos últimos há inf. em John C. Branner (1886) ; Mário Melo publicou, recentemente, not. e um voc. dêsses cariris em vias de extinção (*Os Carijós de Aguas-Belas*, São-Paulo, 1929).

g) Os *aconãs* da lagoa Comprida, nas prox. de Penedo ; os *romarís* de Pão-de-Açúcar, posteriormente aldeados em Propriá ; os *sabujás*, ou *sabuais*, da Baía ; os *rodelas* do São-Francisco.

11. Os tucanos. — Êsses indígenas foram descritos por Brinton, em 1892, com o nome de "betoias", que Paul Rivet substituiu pelo de *tucanos*. Outras inf. em Beuchat e Koch-Grünberg. Vivem no Uaupés, no Apoporis, no Iarí (af. do Japurá), no Putumaio, ou Iça, e no Napo, o qual parece ter sido a rota provável de suas migrações. Podem dividir-se em três sub-grupos : o oriental (tucanos, desanas, etc.) o ocidental (coreguaxes, pioxes, etc.) e o septentrional (tamas).

12. Os panos. — Os *panos*, disseminados pelo Jutaí, Hualaga, Javarí, alto Juruá, fontes do Purús, Mamoré, Beni, Madre-de-Dios, Inambarí, foram primeiramente identificados pelo etnógrafo Raoul de la Grasserie, e, em seguida, por Brinton, K. v. d. Steinen, Ehrenreich, Rivet, Créqui-Monfort e outros. Aparecem sob várias denominações, em que predomina a partícula *naua*, ou *nauá*, que significa *gente*, diz Capistrano de Abreu, assim como a desinencia *bo*, ou *vo*, flexão plural. Observa Rodolfo Garcia que a disposição geográfica dos panos lembra "a forma de um arco muito retesado, que aponta para o ocidente". São filiados a êsse grupo, *v. g.*, os *capanauás*, ou *índios-esquilos*, da mesopotâmia formada pelo São-João e pelo Caipora, os *caxinauás*, ou *índios-morcegos*, da margem direita do Envira e das cabeceiras do Mura, do Tarauacá e do Gregório, e os *ararauás* do alto Envira.

Material lingüístico e etnográfico em : Franz Keller-Leuzinger (*loc. cit.*) ; Raoul de la Grasserie

(*loc. cit.*,) ; Nicolás Armentia ("Vocabulario del idioma Schipibo", etc., em *Bol. de la Soc. Geog. de la Paz*, I, n.° 1, La Paz, 1898) ; K. v. d. Steinen (*Dic. Sipibo*, Berlim, 1904) ; Ferd. Hestermann ("Die Pano-Sprachen und ihre Beziehunger", em *Intern. Amerik. Cong.*, Viana, 1908) ; G. de Créqui-Montfort & P. Rivet ("Linguistique Bolivienne. Les dialectes Pano de Bolivie", em *Le Muséum*, XIV, Louvain, 1913) ; J. Capistrano de Abreu (*loc. cit.*) (1) ; C. Tastevin ("Le fleuve Juruá", em *La Geog.*, XXXII, Paris, 1920).

13. Os guaicurús. — Os *guaicurús* compreendem numerosas famílias indígenas disseminadas no Chaco e nas margens do Paraná-Paraguai e seus tributários. São conhecidos desde as primeiras incursões paulistas e deram logo em vista devido às suas qualidades de cavaleiros nômades e belicosos ; encontraram-nos os bandeirantes já donos de manadas de gado (bois, cavalos, etc.), que adquiriram, observa Rodolfo Garcia, não se sabe como e quando, mas não por permuta, uma vez que tinham em sua língua nomes próprios para a designação dêsses animais. Logo nos começos do séc. XVII, os guaicurús iniciaram as hostilidades contra os colonos portugueses, que demandavam, por via fluvial, as minas de Cuiabá. Na guerra do Paraguai foram tais índios empregados

(1) A propósito da obra de Capistrano, escreve Teodoro Sampaio, "Os naturalistas viajantes", etc., cit., 585 : "Parece êsse livro, ao primeiro aspeto, uma massa informe de impossível compreensão, um amontoado de frases, numeradas, tão estranhas no seu contexto bárbaro, como desconcertadas na versão portuguesa que de lado as acompanha, e todavia é êle o registo precioso, autêntico, do modo de dizer de um povo, da elaboração característica de suas idéias, da sua maneira de sentir e de pensar, de como êle concebe o mundo e as coisas, de como êle narra, transmite ou se faz compreender".

como tropas auxiliares dos beligerantes. Inf. em Aires do Casal, *loc. cit.;* Geraldo de Paula Sousa, "História dos índios Cavaleiros ou da nação Guaicurú", em *R. T.*, I, 1839 ; Ricardo Franco de Almeida Serra, "Parecer sôbre o aldeamento dos índios Uaicurús e Guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes", em *R. T.*, VII, 1845 ; Joaquim Ferreira Moutinho, *Notícia sôbre a província de Mato-Grosso*, São-Paulo, 1869 ; João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brasil*, Rio, 1880-1881 ; Samuel A. Lafone Quevedo, *Idioma Ubayá, lhamado "Guaicurú"*, Buenos-Aires, 1896 ; Rodolfo R. Schuller, "El origen de los Charrúa", em *An. de la Univ. de Chile*, Santiago, 1906. Fazem parte do grupo em apreço, entre outros, os *mbaiás-guaicurús* (cujos atuais descendentes são os *cadineus*), os *paiaguás*, ou *lênguas*, os *tobas* e os *abipons*.

14. Os charruas. — Os *charruas* ocupavam a região entre o Paraná e a costa (da Lagoa-dos-Patos à foz do Prata). Rodolfo Garcia inclue-os entre os guaicurús, mas para os etnográfos modernos, em geral, acham-se êsses índios em perfeitas condições isoméricas.

15. As "línguas isoladas". — Segue-se, agora, o conjunto dos grupos menores, chamados "línguas isoladas", constituídos pelos :

a) *Chirianá*s das fontes do Uraricoera, a este do Parima.

b) *Uiototós* do alto Japurá, do Içá e seus afluentes ; cf. T. Koch-Grünberg, "Les indiens Ouitatós", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, III, Paris, 1906.

c) *Juris* do baixo Japurá.

d) *Catuquinas*, classificados entre os nu-aruaques por Paul Ehrenreich, mas hoje lingüìsticamente independentes ; habitam imenso território, "entre 72° 30′ e 62° 30′ de longitude e 4° e 9° de latitude".

e) *Muras*, que viviam, outrora, no curso inferior do Purús ; encontram-se, atualmente, nas margens dos rios Autaz, Manicorés e Roosevelt.

f) *Nambiquaras* das cabeceiras do Juruena, do Roosevelt e do Guaporé, surpreendidos, em 1907, pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato-Grosso ao Amazonas, dirigida por Cândido Mariano da Silva Rondon. Roquette-Pinto esteve com os mesmos, cinco anos depois, e os resultados dessa visita foram consignados em *Rondônia*, uma das mais notáveis obras de etnografia e antropologia brasileira. A outro expedicionário, Antônio Pireneus de Sousa, devemos a monografia "Notas sôbre os costumes dos índios nambiquaras" (1). Dormem os nambiquaras no solo, com a cabeça, apoiada, muitas vezes, na perna do companheiro, próximos da fogueira, que arde sem cessar. Vigia-os, durante o sono, o ancião da comunidade, o qual, na calada da noite, transmite aos mancebos, a cada um de per si e em voz baixa, a história da tribu. São monógomos. As mulheres conduzem os filhos à tiracolo, presos a largas faixas tecidas com algodão.

g) *Trumais* da margem esquerda do baixo Culiseú, af. do Xingú, visitados por ocasião da segunda expedição de K. v. d. Steinen, o qual os julga aparentados com as tribus do Chaco argentino (*Zwei*

(1) Em *Rev. do Mus. Paul*, XII, 1920.

Schingú-Expedition 1887-88. Die Bakaïri-Sprache, 60, Leipzig, 1892). Tribus alófitas, dizem Ehrenreich e Roquette-Pinto. Inf. ainda em Hermann Meyer, "Bogen und Pfeil", em *Central-Bras. Ethn. Studio*, Leipzig, s. d.

h) *Bororos* do centro de Mato-Grosso, que habitam o alto Paraguai e seus afluentes (o Jaurú e o Caboçal), o São-Lourenço, parte do rio das Mortes e do Araguaia, advindos, como é provavel, do sul da Bolívia. Chamam-nos impròpriamente de *coroados*, como acontece, também, com os caingangues do Paraná e os supostos restos dos goitacás das regiões sept. do Paraíba do Sul. Foram aliados dos paulistas, em meados do séc. XVIII, contra os caiapós das terras meridionais mato-grossenses. Parte da população primitiva de Cuiabá compunha-se dêsses indígenas. Martius considerava-os bandos heterogêneos, predatórios, sem catáter nacional (*collivies gentium*). E', segundo Trombetti, a única lingua sobrevivente do grupo. Puros caçadores, desconhecem a agricultura e os processos de navegação, embora sobrepujem a muitos grupos na técnica do preparo dos ornatos e armas. Avantajados no porte, braquicéfalos, lembram de perto os gês, cujo parentesco, na opinião de Ehrenreich, é possível ainda demonstrar. Material em A. Ximeno de Villeroy, "Apontamentos sôbre a linguagem do índio *Coroado-bororo*", em *Rev. da Soc. de Geog. do Rio-de-Jan.*, f. 2, 1891 ; Francisco Rafael Melo Rego, "Índios do Mato-Grosso. Os Bororos-Coroados", em *Rev. Bras.*, Rio, 1895 ; Júlio Koslowski, "Algunos datos sobre los indios Bororos", em *Rev. del Mus. de la Plata*, VI, 1985 ; J. A. Caldas, "Apontamentos para a organização da Gramática Bororo",

em *Arq. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan.*, XII, 1903 ; K. v. d. Steinen, "Entre os Bororos", em *R. T.*, LXXVIII, 2.ª qarte, 1915 (tradução, anotada, de Basílio de Magalhães de um capítulo da obra *Unter den Naturvölkern Central-Brasiliens*, Berlim, 1894) ; Basílio de Magalhães, "Vocabulário da língua dos Bororos-Coroados de Mato-Grosso", *ib.*, LXXXIII, 1918 ; J. Barbosa de Faria, "Tintas usadas pelos índios bororos", em *Bol. do Mus. Nac. do Rio-de-Jan.*, 1925. Há, ainda, not. em Langsdorff, Natterer, Castelnau, Wachneldt e outros.

i) *Carajás*, que vivem no médio Araguaia, entre 6° e 15° de lat. S. Parece que as primeiras notícias a respeito dêsses índios datam do séc. XVII, por ocasião das bandeiras de Amador Bueno. Mat. em José Pinto da Fonseca, "Carta que escreveu ao general de Goiases", em *R. T.*, VIII, 1846 ; Eduardo Arthur Sócrates, "Vocabulários indígenas", em *R. T.*, LV, 2.ª parte, 1892 ; Henri Coudreau, *op. cit.* ; P. Ehrenreich, *po. cit.* ; Gustav von Königswald, "Die Carajá-Indianer", em *Globus*, XCIV, Braunschweig, 1908 ; Fritz Krauze, *In den Wildnissen Brasiliens. Bericht und Ergebnisse der Leipziger Araguaya-Expedition 1908*, Leipzig, 1911 ; H. Kunike, "Die Phonetik der Karaiá-Sprache", em *Journ. da la Soc. des Amér. de Paris*, XI, 1914-1919. Segundo Ehrenreich, estão os carajás, sob o ponto de vista moral, acima dos demais indígenas sul-americanos. Excelsos no feitio das armas, utensílios domésticos e ornatos. Não usam redes ; dormem, de preferência, embrulhados em cobertores. Canoeiros. Adiantada agricultura.

j) *Goitacás* da região entre o baixo Paraíba-do-Sul e o Macaé. J. B. Stella classifica-os entre os gês orientais) *loc. cit.*, 94) ; do mesmo modo Júlio Trajano de Moura (*loc. cit.*, 797 e 798). No dizer de Teodoro Sampaio recomendam-se pelo lavor da cerâmica. Em suas investidas, arrasaram os canaviais e a povoação, que erigiu Pero de Góis às margens de um rio (supostamente o Managé, atual Itabapuana, ou o Paraíba-do-Sul). Eram de estatura avantajada e muito destros no manejo do arco ; mas de requindada crueldade, cf. A. de Saint-Hilaire. Acredita-se que os *coroados*, *purís* e *coropós* sejam seus descendentes, embora observasse Wied-Neuwied que os coroados não deixam crescer o cabelo, como os goitacás. Há um voc., recolhido por Alberto de Noronha Terresão, em *R. T.*, 2.ª parte, 1889. Os goitacás, diz Fernão Cardim, "vivem no campo e não querem viver nos matos e vão comer às roças, vêm dormir às casas, não têm outros tesouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm às casas mais que a dormir" (*loc. cit.*, 204). E Léry : "Quando são apertados e perseguidos por seus inimigos (os quais ainda os não puderam vencer nem domar) andam tão rápidos a pé, e correm tão ligeiros, que não só dêste modo evitam o perigo da morte, mas também no exercício da caça apanham na carreira certos animais silvestres, espécie de veados e corsas" (*loc. cit.*, 145). Curiosa a façanha, que lhes atribue fr. Vicente do Salvador, idêntica, como se verá, à dos teremembés do Ceará : "São grandes búzios e nadadores e a braços tomam o peixe ainda que sejam tubarões, pera os quais levam em uma mão um pau de palmo pouco mais ou menos, que lhes metem na boca direito, e, como o tubarão fique com a boca aberta, que a não pode cerrar com o pau, com a outra mão lhe tiram por ela as entranhas, e com elas a vida, e o levam pera a terra, não tanto

pera os comerem como pera dos dentes fazerem as pontas das suas frechas, que são peçonhentas e mortíferas (1), e pera provarem forças e ligeireza, como também dizem que as provam com os veados nas campinas, tomando-os a corso, e ainda com os tigres e onças e outros feros animais" (*loc. cit.*, 93). Recentemente pub. Alfred Métraux: "Les Indiens Waitaka (A propos d'un manuscrit inédit du cosmographe André Thevet)", em *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, XXI, 1929. Nos meados do sec. XVI os goitacás senhoreavam a zona compreendida entre o Cricaré, ou São-Mateus, e o cabo de São-Tomé. Teriam estado mesmo mais ao sul. "*Si imprécises et contradictoires que soient nos sources au sujet des frontières exactes des Waitaka* (diz Métraux, *l. c.*, 107 e seg.), *elles s'accordent toutes pour voir en eux les maîtres incontestés de cette région plate, coupée d'étangs et de lacs, pauvre aux arbres, mais extraordinairement fertile et propice à l'élevage, qui porte aujoud'hui encore le nom de Campos dos Guaitacazes et qui, commençant près de la Lagoa Feia, se termine à l'embouchure du Parahyba*".

16. Revisão geral: dos indígenas do nordeste brasileiro. — Da revisão, que tentámos, dos principais grupos lingüísticos indígenas do nosso país, de acôrdo com o resultado dos mais recentes estudos etnográficos, verifica-se que, no período proto-histórico, o nordeste brasileiro estava habitado, no trato litorâneo, pelos tupís, e, no *hinterland*, pelos cariris e pelos gês: *a*) os caetés entre o São-Francisco e Itamaracá, os tobajaras ao norte dêstes, os petiguaras

(1) Cf. Gabriel Soares de Sousa, "Tratados descritivo do Brasil em 1587, em *R. T.*, XIV, 78, 1851.

na região entre o Paraíba e o Jaguaribe, aos quais se seguiam os tupinambás; *b*) os timbiras, os tarairiús, etc., do grupo gê, e os teremembés, os paiacús, os icós, e outros, todos cariris, nas zonas interiores, alguns mesmo na faixa costeira, mesclados com os tupís, como os teremembés. Como a posição lingüística dos pimenteiras é, ainda, de certo modo obscura não podemos incluir definitivamente os caraíbas na área nordestina.

Se é possível traçar as lindes das greis túpicas, o mesmo já não se pode fazer quanto às tribus dos dois demais grupos. Os excassos documentos de interêsse etnográfico concernentes aos gês e cariris da referida zona não dão margem a mais precisas delimitações. Eram os indígenas dêsses dois grupos geralmente baralhados entre si pelos antigos cronistas, devido à falta de elaboração científica dos seus dialetos. O mesmo não ocorreu com o *abanheênga*, ou língua geral. De uma relação anônima do século XVIII, *v.g.*, pertencente aos arquivos da *Torre do Tombo* (1), em Lisboa, verifica-se que, ainda em 1746, existiam comunidades tupís ("caboucolos de lingua geral", como diz o doc.) em várias localidades de Alagoas (Pão-de-Açúcar, São-Braz), Pernambuco (Escada, Limoeiro, Una), Paraíba (Jacoca, Baía-da-Traição, Preguiça), Rio-Grande-do-Norte (Uipibú), aldeados pelos missionários nérios, carmelitas, beneditinos e capuchinhos. O manuscrito, ao dar notícias de outras reduções indígenas, — em Palmeira, em Ararobá, em numerosas ilhotas fluviais do São-Francisco, em Campina-Grande e nas ribeirinhas do Piranhas, em Apodí, — classifica os catecúmenos, geralmente, de

(1) "Descrição de Pernambuco em 1746", em *R. P.*, XI, 168 e seg., 1904.

tapuias, quando é certo que muitos deles pertenciam ao grupo dos cariris.

Abrange o nosso estudo, portanto, preferentemente, o tríplice grupo linguístico, — tupí, gê e carirí, — um deles, aliás, circunscrito à área nordestina do Brasil.

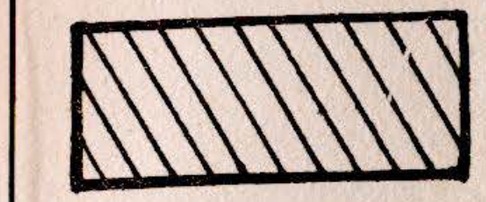
Damos, a seguir, a explicação da carta da distribuïção dos principais grupos lingüísticos do Brasil e de suas regiões limítrofes ou conexas :

TUPÍS-GUARANÍS

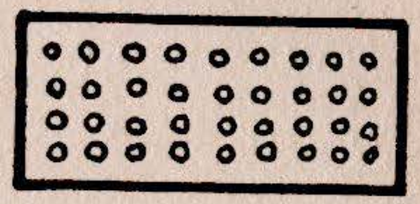
1. Cainguás
2. Chiriguanos e guaraios
3. Cocamas, ou ucaialís
4. Omáguas
5. Jurimáguas
6. Oiampís
7. Parintintins
8. Tembés
9. Apiacás
10. Tapirapés
11. Camaiurás
12. Grajás
13. Catuquinarús
14. Mirânias
15. Maués.
16. Chipaias e curuaias
17. Mundurucús
18. Jurunas.
19. Manitsauás.
20. Tapés, ou tapes
21. Carijós
22. Tupinambás
23. Tamoios.
24. Tomiminós
25. Tupiniquins
26. Caetés
27. Tabajaras
28. Petiguaras.
29. Guajajaras.

NU-ARUAQUES

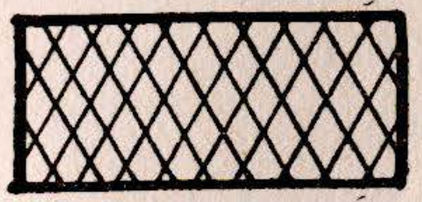
30. Aruãs
31. Aravaques
32. Uapichanas
33. Atorais e tarumás
39. Purupurús
40. Paumarís
41. Iamamadís
42. Ipurinãs.



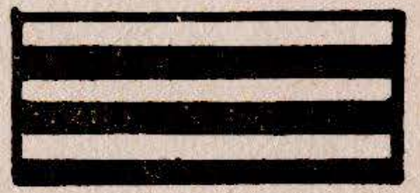
TUPÍS-GUARANÍS



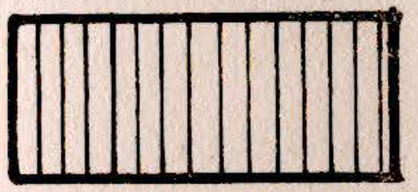
CARIRÍS



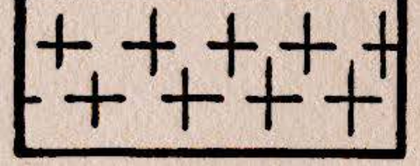
NU-ARUAQUES



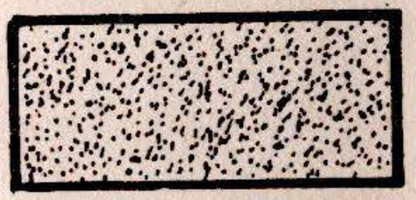
TUCANOS



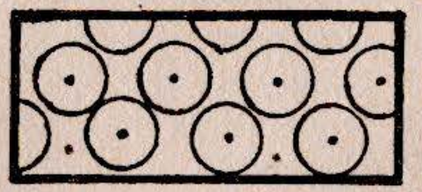
CARAÍBAS



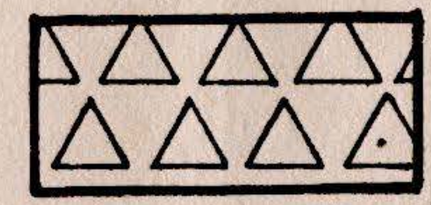
PANOS



GÊS



GUAICURÚS



CHARRUAS

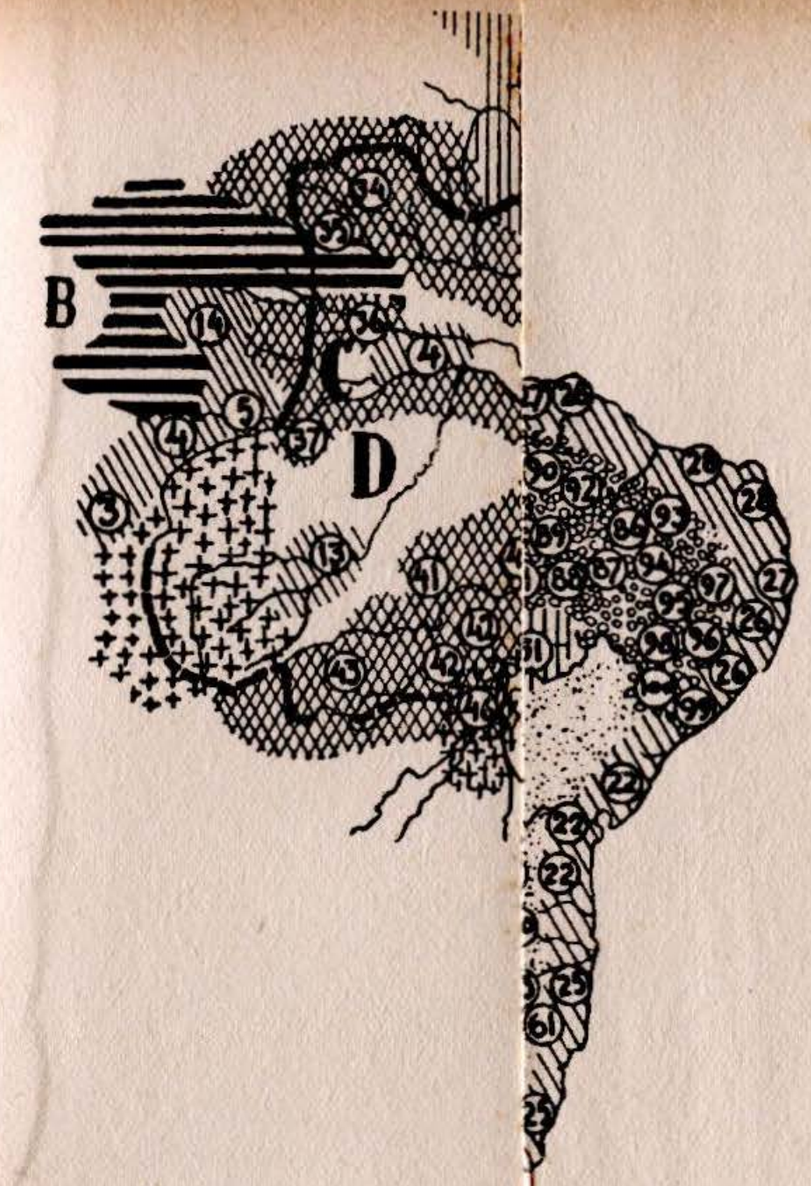
34. Catapolitanas, ipecas, cuatís e siusís
35. Tarianas
36. Passés
37. Ticunas
38. Manaus
44. Meïnacús, custenaús, vaurás e jaulapitís
45. Parecís
46. Tacanas
47. Terenos
48. Guanás

CARAÍBAS

49. Palmelas
50. Bacaïrís e naüquás
51. Pimenteiras
52. Apiacás
53. Iumás e araras
54. Apalais.
55. Crixanás.
56. Voiavais
57. Pianocotós
58. Macuxís e taulipangues
59. Ojonas, ou rucuienes

GÊS

60. Botocudos
61. Aimorés
62. Camacãs
65. Gamelas,
66. Sacamecrãs
67. Piocobgês
68. Augutgês
69. Crangês e paicogês
70. Temembús
71. Capiecrãs, ou canelas finas
72. Macamecrãs, ou craôs
63. Pataxós
64. Timbiras
73. Canacatgês e puracamecrãs
74. Poncatgês
75. Caiapós
76. Gradaós, ou gradaús
77. Apinagês
78. Suiás
79. Chavantes
80. Cherentes
81. Xicriabás
82. Acroás
83. Caingangues
84. Gaianás.



150 b

DA
JIÇÁO
INCIPAIS
S INDÍGENAS
ASIL

MAPA DA DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS GRUPOS INDÍGENAS DO BRASIL

CARIRÍS

85. Teremembés
86. Paiacús
87. Icós
88. Cariús
89. Cariús
90. Ariús
91. Jucás
92. Genipapos
93. Jandiús (?)
94. Ariús
95. Sucurús
96. Garanhuns
97. Chocós, vouvês, etc.
98. Carnijós, ou fulnios
99. Aconãs
100. Romarís

TUCANOS

PANOS

GUAICURÚS

CHARRUAS

A. Chirianás
B. Uiototós
C. Jurís
D. Catuquinas
E. Muras
F. Nambiquaras
G. Trumaís
H. Bororos
I. Carajás
J. Goitacás

17. Áreas lingüísticas e áreas culturais. — Se fizermos a distribuïção dos indígenas de acôrdo com os principais grupos, cuja súmula classificativa se procurou delinear linhas atrás, observaremos que o Brasil era um verdadeiro mosaico de áreas lingüísticas, às quais correspondiam, segundo a geral opi-

nião dos etnográfos, outros tantos círculos ou distritos culturais (*culture area* de Clark Wissler (1), *Kulturkreis* dos alemães). *Tipos culturais* mais ou menos aparentados distribuíam-se por toda a faixa litorânea brasileira, da lagoa Mirim à margem direita do Amazonas, no vale do médio Paraná-Paraguai, na zona serrana a suleste do rio Grande, afluente do Paranaíba, na planície e nos contrafortes do massiço central (entre o leito do Madeira e o leito do Xingú), em algumas regiões ribeirinhas da margem esquerda do Solimões. Eram os tupís-guaranís. Nas cabeceiras do Paraguai, no leque formado pelo Madeira e pelo Negro, na alta bacia do Orinoco, na costa guianense, — encontravam-se os tipos culturais correspondentes aos grupos lingüísticos nu-aruaques. Mais compactos, sob o ponto de vista geográfico, para falarmos apenas nos principais, eram os tipos culturais relativos aos gês, aos caraíbas e aos cariris: os gês na região centro-oriental do Brasil, como que envolvidos pelos tupís-guaranís; os caraíbas no sistema hidrográfico cortado pelos mananciais que despejam à margem esquerda do baixo Amazonas e pelos rios da bacia do Atlântico septentrional; os cariris na base da pirâmide arqueana em cuja face se estendem os estados nordestinos. Mas, a verdade é que nem todos os distritos lingüísticos superpunham-se exatamente a áreas de um mesmo *tipo cultural*, por isso que os *fatos* e *complexos* não se apresentam irrevogàvelmente coesos ou idênticos no seio das diferentes famílias, que constituem o grupo lingüístico, e, não raro,

(1) *Man and Culture*, 50 e seg., Nova-York, 1923.

mostram-se com os mesmos característicos em grupos lingüìsticamente distantes uns dos outros. Parece que, mesmo no caso do Brasil, o critério sociológico deve sobrepor-se ao critério lingüístico.

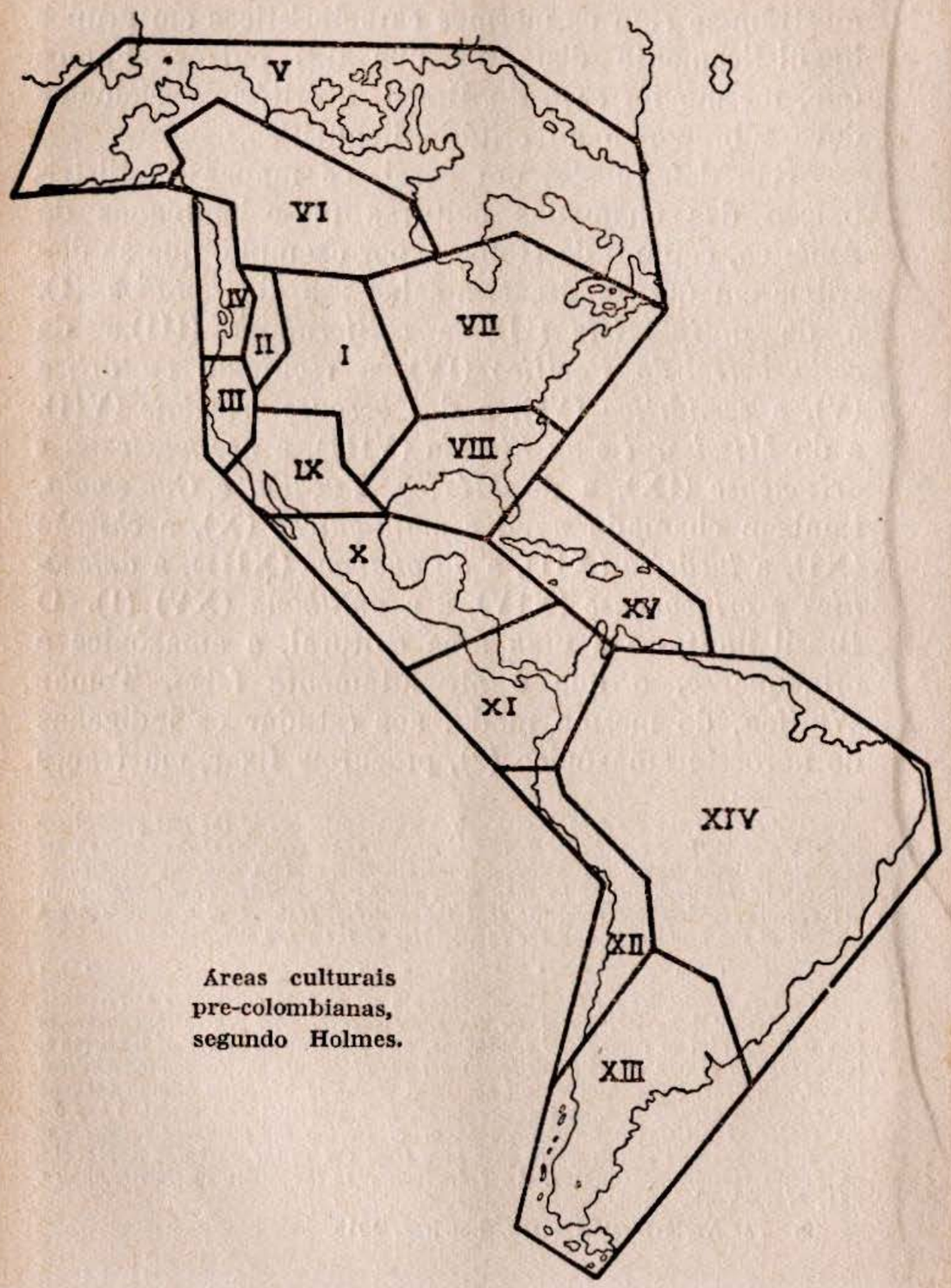
São defeituosos, em geral, os mapas da distribuïção das chamadas culturas pre-colombianas da América, como o de Holmes, por exemplo, que as distribue em quinze áreas, a saber: a dos *prados* (I), a da *antiplanície* (II), a *californiana* (III),a da *costa boreal do Pacífico* (IV), a *esquimau ou ártica* (V), a *semiártica* (VI), a dos *bosques orientais* (VII), a do *Mississipi e da Florida* (VIII), a *neo-mexicana e arizonense* (IX), a do *México, Yucatão e Guatemala*, tambem chamada *naud e maia-quiché* (X), a *chibcha* (XI), a *incásica* (XII), a do *guanaco* (XIII), a *amazônica* e *orinoquense* (XIV), e a *antilhana* (XV) (1). O Brasil limita-se a uma área cultural, a amazônica e orinoquense, o que é absolutamente falso. Tomaz Whiffen, do mesmo modo, aos estudar os indigenas do noroeste amazônico (2), procurou fixar, em traços

(1) *"One of the most famous English anthropologists of the last generation E. B. Tylor, defined culture in its widest ethnographic sense as that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society. This definition is not complete unless we recognite that the material features of a culture are a product of the knowledge and the capabilities of the population.*

. . . . . .

Culture constitutes for the human group a set of habitual modes of response, or patterns of behavior, based on the experience of past generations, more or less well adapted to environing conditions, and transmitted as social tradition to the oncoming generation. The different aspects of culture — economic, political, moral, religious, ceremonial — all represent modes of adapting human behavior to important aspects of man's environment, both physical and social. They are the modes of satisfying human wants, or of solving the recurrent problems of life, individual and social, which gave been tried out in the past and approved". — Frand Hamilton Hankins, *An Introduction to the Study of Society*, 380 e 381, Nova-York, 1930.

(2) *The North-West Amazon*, Londres, 1915.



Áreas culturais pre-colombianas, segundo Holmes.

uniformes, a chamada *cultura da floresta tropical*, que se estende a quasi todo o Brasil, quando é certo que, no íntimo dos próprios grupos estudados por êsse sociólogo, seria possível descobrir numerosas áreas culturais distintas e independentes.

A dificuldade do delineamento das áreas está na eleição dos fatos ou complexos, que, em conjunto, constituem o tipo cultural. Vejamos, por exemplo, o *toucado* ou *penteado*. Não há negar que o toucado, ou penteado, é um traço cultural importante, que supõe uma técnica mais ou menos complicada. Os gês caracterizavam-se pelo uso da cabeleira "em forma de prato", segundo a expressão de Ehrenreich ("Sôbre alguns antigos retratos de índios sul-americanos", em *R. P.*, XII, 31, 1907). Com a taquara raspavam circularmente a base do crânio, acima das orelhas, de modo a deixar apenas uma espécie de calota, que lembrava um pouco a tonsura de alguns monges franciscanos (1). Mas êsse mesmo costume era também peculiar a algumas tribus tupís-guaranís. Pero Vaz de Caminha diz que os indígenas de Porto-Seguro, seguramente os tupiniquins, "andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobrepente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas" (2). E a *coroa*

---

(1) M. de Wied-Neuwied, *Reise nach Brasilien, etc.*, cit., II, 9; O. Canstatt, *Brasilien, Land und Leute*, 82, Berlim, 1877; J. B. v. Spix & K. F. v. Martius, *Reise in Brasilien*, etc., II, 480, Munich, 1823; W. C. V. Eschwege, *Journal von Brasilien oder vermischte Nachrichten aus Brasiliens auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt*, I, 122, Weimar, 1818; A. d'E. Taunay, "Os Indios Caingangues", em *Rev. do Mus Paul.*, X, 576; Antônio Knivet, "The admirable adventures and strange fortune of Master Antonie Knivet", etc., em *Hakluytus Posthumus or Purchas His Pilgrimes*, XVI, 247, Glascow, 1906.

(2) *Hist. da Col. Port. do Bras.*, cit., II, 89.

foi encontrada entre os índios do Culiseú, descobertos por K. v. d. Steinen em suas expedições ao Xingú, como, também, entre os guaicurús, se acreditarmos na descrição, que dêstes últimos índios faz Francisco Rodrigues do Prado (1).

Outra prova da dificuldade do problema podemos verificar nos quadros de elementos culturais, organizados por Alfred Métraux com a ajuda das cartas de Nordenskiöld, aos quais já nos referimos em outra parte dêste trabalho.

Transcrevemo-los em seguida, com poucas alterações ; êsses mapas, embora falhos, à falta de dados e maiores conhecimentos a respeito de certas tribus, levaram o eminente etnógrafo francês a novas teorias em relação à origem e migração dos tupís guaranís.

O exame do quadro A mostra que os elementos culturais, aí reünidos, distribuem-se, preferentemente, pela vertente oriental do Brasil e pelas bacias setentrionais (maranhense e amazônica). Não raras vezes, porém, os mesmos traços encontram-se nas regiões ando-bolivianas e no meridião brasileiro (a maloca, a rêde, a mandioca amargosa, a tanguijada, a cerâmica de verniz, a charpa de carregar crianças a tiracolo, o abano de palha entrançada, o almofariz de pau, o moquem, o charuto). Já com os elementos culturais contidos nos quadros B, C e D as delimitações apresentam-se mais nítidas : o tambor, o anzol e a inumação em urnas, — traços peculiares às

(1) *Loc. cit.*, 29.

regiões ando-bolivianas e ao meridião brasileiro, — foram, todavia, verificados entre os tupinambás ; do mesmo modo a sandália chiriguana e o tear peruviano, que usam os omáguas. Os guaraiús perfuram o septo nasal e os mundurucús usam o espeto, — traços culturais próprios, respetivamente, dos grupos da bacia amazônica e dos grupos da bacia do Paraná-Paraguai e da região ando-boliviana. Complexos de distribuïção incerta e vastíssima são a pescaria de barragem, o covo, a igara cavada no tronco das árvores, o botoque, etc. (quadro E).

QUADRO A

Elementos culturais com distribuïção oriental e setentrional

TRAÇOS OU ELEMENTOS CULTURAIS	VERTENTE ORIENTAL DO BRASIL	DISTRIBUÍÇÃO MERIDIONAL		REGIÃO ANDO-BOLIVIANA		BACIA AMAZÔNICA											BACIA MARANHENSE
	Tupinambás	Guaranís	Cainguás	Chiriguanos	Guaraiús	Jurunas	Chipaias	Amanajés	Tapirapés	Auetós	Apiacás	Mundurucús	Maués	Parintintins	Omáguas	Oiampís	Tembés
Maloca	+	+	+	+	+	+	+		+	+	+	+	?	+	+	+	
Rêde	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Curral de tartaruga									+						+		
Mandioca amargosa	+	+	+			+	+	+	+	+	+	+	+		+	+	+
Tinguijada	+	+	+	+	+	+	+	?	+		?	?	?	+	+	+	+
Canoa de casca	+	?				?	+			+	+	+	+	+	?	+	?
Remo de pala	+	?	?			+	+	?	+	+	?	?	?	+	?	?	?
Vaso quadrangular	+																
Cerâmica envernizada	+	+		+		?	+	?	?		?	?	?		+	?	?
Urnas funerárias para ossos															+	+	
Charpa para carregar crianças	+	+	?		+	+	+	+	?	?	+	+	?	+	?	+	+
Flauta de Pan					+	+	+		?	+	?	?	?	+	+	?	?
Abano de palha entrançada	+	?	+	+	+	?	+	+	?	+	?	?	+	+	?	+	+
Ralador de mandioca	+	?	?		?	+	?	+	?	+	?	?	?	?	+	+	?
Tipití	+	+				+	?	+	?		+	+	?	?	+	+	?
Almofariz de pau	+	+	+	+	+	+	+	+	?	+	+	?	?	+	?	+	+
Moquem	+	?	+		+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	?	+	+
Rôlo de fumo à feição de charuto	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+		?	+	+
Deformação artificial da barriga da perna	+																
Tatuagem	+	+	+	+	+	+	+	?	+		+	+	+	+	?	+	?
Estojo peniano	+	?				+	+				+	+	?	+			
Plumas coladas no corpo e na cabeça	+	?			+											+	+
Boné de plumas	+	?				+	+			+		+	+				
Manto de plumas	+	+				+	+			+		+	?				

QUADRO B

Elementos culturais com distribuïção andina ou sul-ocidental

TRAÇOS OU ELEMENTOS CULTURAIS	VERTENTE ORIENTAL DO BRASIL	DISTRIBUÏÇÃO MERIDIONAL	REGIÃO ANDO-BOLIVIANA		BACIA AMAZÔNICA												BACIA MARANHENSE
	Tupinambás	Guaranís	Cainguás	Chiriguanos	Guaraiús	Jurunas	Chipaias	Amanajés	Tapirapés	Auetós	Apiacás	Mundurucús	Maués	Parintintins	Omáguas	Oiampís	Tembés
Tambor	+	+	+	+													
Catre			+	+													
Pá				+							?	?		?			
Funda				+													
Anzol	+	+															
Pedra de moer		+															
Cabaça com tampa			+	+													
Colher				+													
Prato de pau				+													
Dentes tintos de preto				+													
Cinta urdida			+	+													
Sandália				+												+	
Fuso do tipo bororo					+												
Vaso com asas		+		+													
Vaso com orifício para pendurar		+		+													
Inumação em urnas	+	+	+	+													
Tear do tipo peruviano				+												+	

QUARRO C

Elementos culturais com distribuïção noroeste

TRAÇOS OU ELEMENTOS CULTURAIS	VERTENTE ORIENTAL DO BRASIL	DISTRIBUÍÇÃO MERIDIONAL		REGIÃO ANDO-BOLIVIANA		BACIA AMAZÔNICA											BACIA MARANHENSE
	Tupinambás	Guaranís	Cainguás	Chiriguanos	Guaraiús	Jurunas	Chipaias	Amanajés	Tapirapés	Auetós	Apiacás	Mundurucús	Maués	Parintintins	Omáguas	Oiampís	Tembés
Grande tambor de sinal (madeira)															+		
Cabana redonda ou oval										+	+	+	+				
Veneno para flechas												+					
Sarabatana												+			+		
Perfuração do septo nasal					+										+		
Propulsor																	

QUADRO D

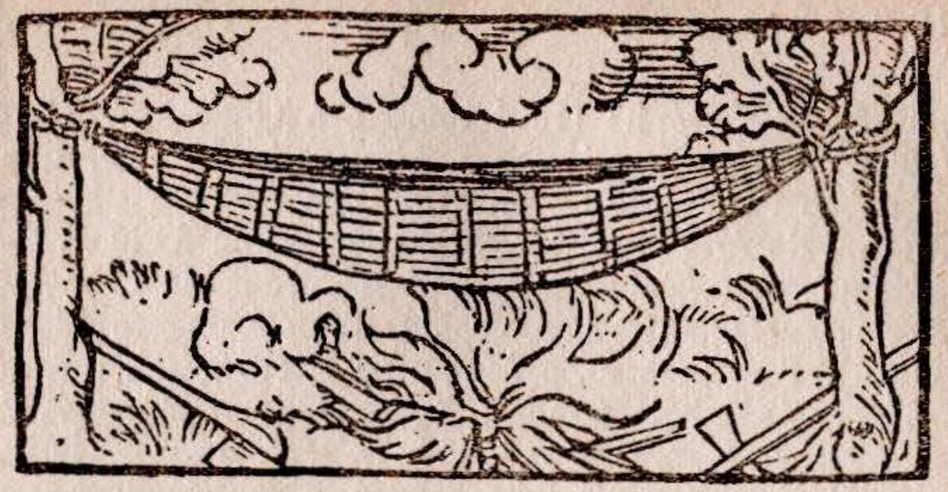
Elementos culturais com distribuïção meridional

TRAÇOS OU ELEMENTOS CULTURAIS	VERTENTE ORIENTAL DO BRASIL	DISTRIBUÍÇÃO MERIDIONAL		REGIÃO ANDO-BOLIVIANA		BACIA AMAZÔNICA											BACIA MARANHENSE
	Tupinambás	Guaranís	Cainguás	Chiriguanos	Guaraiús	Jurunas	Chipaias	Amanajés	Tapirapés	Auetós	Apiacás	Mundurucús	Maués	Parintintins	Omáguas	Oiampís	Tembés
Pele servindo de leito			+	+													
Esteira de dormir			+														
Bola		+															
Quebra-nozes		+															
Cachimbo		+	+	+	+												
Espeto				+								+					
Alforje de couro			+														
Manto de pele		+															

QUADRO E

Elementos culturais com distribuïção vasta e mal definida

TRAÇOS OU ELEMENTOS CULTURAIS	VERTENTE ORIENTAL DO BRASIL	DISTRIBUÍÇÃO MERIDIONAL		REGIÃO ANDO-BOLIVIANA		BACIA AMAZÔNICA											BACIA MARANHENSE
	Tupinambás	Guaranís	Caingués	Chiriguanos	Guaraïós	Jurunas	Chipaias	Amanajés	Tapirapés	Auetós	Apiacás	Mundurucús	Maués	Parintintins	Omáguas	Oiampís	Tembés
Pescaria de barragem	+	+	+	+	+	?	?	?	+	+	+	?	?	+	+	+	+
Covo		+	+	+	+	?	?	?	?	+	+	?	?	?	?	?	
Igara cavada em tronco de árvore	+	+	+		+	+	+	+			+	+	+		+	+	+
Tonsura	+	?	+		+					+		+					
Botoque	+	+	+	+	+			+	+				+		+	+	
Jangada	+	+		+					+						+	+	
Aparelho ignígeno de entalho lateral	+	?	+		+	+	?	+	?	+	?	?	?		?	+	?
Idem de perfuração completa	?				+									+			
Tanga		+	+	+		+	+								+		+
Caniço (ornamento auricular)	+				+	+	+	+	?	+	+	+	?	+		+	
Colar de conchas	+	+		+						+							
Fuso do tipo bacaïrí	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	?	?	+	+	+	?	?
Anel				+			+						+				
Maracá	+	+	+		+	?	?	?	+	+	?	?	?	+	?	?	?
Máscara ritual (dansa)				+						+						+	
Diadema de plumas	+	+	+		+	+	+	+	?	+	+	+	+	+		+	+
Cabeça-troféu	+	+	+	+	?	?	+	?	?	?	?	+	+	+	+	+	?
Cultura algodoeira	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Arco de secção circular		+	+							+						+	
Arco de secção plano-convexo	+				+		?	?	?		+	+	+	+		+	+
Arco de secção convexo-plana											+	+	+				
Arco de secção quadrangular				+	+	+											
Estaca de cavar	+	+	+		+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	?	+	+
Flecha para pássaros	+	?	+	+	+											?	



III. O indígena e o colono

1. O indígena e o tráfico inicial. — As expedições político-geográficas dos portugueses às paragens sul-orientais da América, no primeiro lustro do século XVI, deram em resultado o reconhecimento preliminar da costa brasileira situada entre o 5° e o 25° de latitude meridional, ou seja, entre o cabo de São-Roque e a ilha de Cananéia ; por essa mesma época o hiato amazônico e suas terras marginais eram visitadas por Lepe. Extensa parte do litoral nordestino, ficou, dêsse modo, desconhecido, principalmente o trecho compreendido entre a sua inflexão e o rio Gurupí, a cujas regiões vieram ter, pela primeira vez, em 1531, as caravelas de Diogo Leite.

Por muito tempo, a história clássica assentou a possibilidade de ter sido o nordeste, anteriormente a

---

Nota — A vinheta, que encima a página, é reprodução de uma gravura da obra citada de Hans Staden: mostra-nos a "*inni*", ou rêde de dormir dos tupís, segundo o autor alemão.

(continuação)

TRAÇOS OU ELEMENTOS CULTURAIS	VERTENTE ORIENTAL DO BRASIL	DISTRIBUIÇÃO MERIDIONAL	REGIÃO ANDO-BOLIVIANA	BACIA MARANHENSE
	Tupinambás	Guaranís	Caingués	Chiriguanos	Guaraiúe	Jurunas	Chipaias	Amanajés	Tapirapés	Auetós	Apiacás	Mundurucús	Mauués	Parintintins	Omáguas	Oiampís	Tembés
Massa cônica				+		?	+		+	+							+
Lança				+							+	+			?		
Punhal														+			
Flechas inflamadas	+	+			+		+					+					
Fumo irritante	+																
Bracelete protetor do punho contra o choque da corda do arco			+	+								+					
Arpão	+	?			+	+	+								+	+	+
Tridente				+	+												
Rêde de pesca	+	?		+	+												

Fernão de Loronha (1501-1502) e a Gonçalo Coelho (1503-1505), percorrido por Alonso de Hojeda, que se supõe ter aportado, em 1499, nas proximidades do Açú ou do Apodí, ou ter sido essa mesma região visitada por Vicente Pinzón, o descobridor do cabo de *Santa-Maria-de-la-Consolación*, pretensamente identificado com o Raso, o Mucuripe e, em geral, com o Santo-Agostinho. Graças, todavia, aos exaustivos estudos do professor Duarte Leite, sabemos, hoje, que Hojeda não atingiu sequer a embocadura do Oiapoc (1), do mesmo modo que o cabo de Pinzón deveria ter sido o Orange (2). As viagens dos dois nautas castelhanos interessam-nos, entretanto, por causa das primeiras impressões deixadas pelo homem da Renascença ao deparar com o homem lítico das plagas sul-americanas.

O choque, na opinião de alguns pensadores, devera ter sido patético, e, por pouco, não se revestiram as cenas de uma dramaticidade maior do que

(1) Hojeda (Duarte Leite, "Os falsos precursores de A'lvares Cabral", em *Hist. da Col. Port. do Brasil*, cit. I, 111 e seg., e *Descobridores do Brasil*, 52 e seg., Porto, 1931) alega, ao ser interrogado, ter percorrido *casi doszientas leguas* de litoral americano, antes de chegar à península de Pária: essa distância levaria o explorador quando muito a 6° ou 7° sept., nem sequer à foz do Oiapoc, como queria J. Caitano da Silva (*L'Oyapoc et l'Amazon*, etc., II, 433-440, Paris, 1861.

(2) Pertence, ainda, a Duarte Leite os seguintes argumentos a propósito de Vicente Pinzón, os quais alteram profundamente a lição dos mestres como Varnhagen, Avezac, Vignaud, Harrisse, etc.: *a*) os reis de Espanha nomearam Pinzón governador das terras, onde estava situado o cabo de *Consolación*. julgando-se, portanto, legítimos donos da região, quando sabemos que o cabo de Santo-Agostinho, inserto na zona portuguesa do tratado de Tordesilhas, nunca foi disputado a Portugal; *b*) se Pinzón tivesse avistado o Amazonas, citaria as suas duas embocaduras, como o fizeram navegantes posteriores, que julgavam achar-se diante de dois rios distintos. Em conclusão, — foi aos poucos e em posteriores expedições que o navegante espanhol visitou a costa americana abaixo do cabo de Orange, porque o mapa de Juan de la Cosa, arquivando os descobrimentos de 1500, "apresenta como limite máximo das terras austrais conhecidas o termo do ângulo obtuso, que faz a costa entre o Orinoco e o referido cabo" ("Os falsos precursores", cit., 126 e seg.).

o embate entre os legatários da civilização latina e as hordas bárbaras, que desciam das planícies do Báltico em busca das paragens clementes do Mediterrâneo (1). Por mais, porém, que se queira nobilitar o encontro do homem branco com o exemplar vivo da era da pedra polida, que, tinto de urucú e de genipapo, vivia a sonhar com o festim macabro, regado a cauim espumante — o que se viu foi o europeu sobrepor às emoções do quadro maravilhoso a sua cubiça de judeu e a sua ambição de mercador. O aborígene não passou de uma entidade secundária. Na *Lettera* de Américo Vespúcio, de cujo nome resultou, por sugestão de Waldseemüller, o batismo do Novo-Mundo, o célebre florentino, narrando os episódios do primeiro contacto entre os castelhanos da expedição de Hajeda e os caraíbas ou nu-aruaques das costas extremo-setentrionais do continente, diz que os expedicionários conseguiram apresar enorme igara, em cujo bôjo encontraram quatro rapazes, castrados, com as chagas ainda frescas, destinados pelos fugitivos ao banquete canibalesco. Éstes, e mais dois indígenas capturados na água, foram, em seguida, conduzidos à terra, mas, após restituídos os prisioneiros e ancorada a canoa, "fugiram todos e não qui-

(1) "O extraordinário, neste drama da Hitória universal, é o defrontar do homem da Renascença com o espécime do homem prehistórico da América; o encontro da nobreza européia, oriunda da cavalgada mística das Curzadas, com o antropófago; do homem vestido de brocados flamengos e veludos genoveses com o homem nu da idade lítica; da caravela artilhada com a piroga; do guerreiro armado da espada e do arcabuz com o aborígene nômade, que o defrontava com o arco flexível e as aceradas flechas; dos homens que haviam começado a edificar os Jerônimos com o exemplar fóssil, habitante das selvas tropicais. O maravilhoso é a implatação do homem civilizado, do homem que tinha uma legislação uma poesia e uma arte, nos abismos vegetais das florestas asfixiantes, entre os seus ferozes irmãos primitivos, obrigado a transportar para o paraíso inóspito, ressoante de rugidos, de silvos e de cantos, a cruz pesada da civilização" — C. Malheiro Dias, *Hist. da Col. Port. do Bras.*, cit., pág., III e IV, I.

seram mais ter comércio conosco, o que nos pareceu de bárbaros e de homens sem fé e de ruim condição". Eis, em síntese, a impressão deixada pelos indígenas aos castelhanos da frotilha de Hojeda. As presas, ainda sangrentas, dos canibais, quasi não chamaram a atenção dos descobridores : os indígenas eram *bárbaros, sem fé e de ruim condição,* porque se recusavam à cubiça traficante dos nautas. "Ao cabo de muitos dias (prossegue, ainda, o documento atribuído a Vespúcio), ancorámos em um pôrto... aí achámos muita gente, com a qual não pudemos ter comércio algum, nem a bem nem a mal". Nem sempre, é verdade, a sorte pareceu adversa. Em certo trecho, à troca de um guizo, obteve Hojeda cento e cincoenta pérolas. "Por um guizo davam quantas pérolas tinham", acrescente o autor da *Lettera* (1).

E' bem possível que êsse processo de inaugurar, *a bem ou a mal,* o tráfico americano predispusesse os aborígenes contra Pinzón e outros exploradores, que demandaram, após Hojeda, as plagas do continente antártico. Pedro Mártir, o narrador da viagem do suposto descobridor do cabo agustiniano, historia do seguinte modo o conflito entre os europeus e os caraíbas : "Navegando mais adiante acharam um rio, mas não de tanto fundo que as caravelas aí pudessem surgir, pelo que mandaram a terra quatro barcas do navio armadas de homens ; chegadas as quais a terra lhes veio ao encontro incontável número de gente toda nua, mostrando desejo do seu comércio. Os espanhóis, não confiando na aproximação, lançaram-lhes um guizo, e êles em troca atiram-lhes um pêso de ouro. Um espanhol mais ousado que os outros quís

(1) Henry Vignaud, *Américic Vespuce*, 325 e seg., Paris, 1917.

aquele pêso de ouro, mas, mal fez menção de se curvar para o chão, foi cercado de uma infinidade daquela gente que o queria prender, e, defendendo-se êle com a espada na mão, os seus companheiros saltaram dos barcos a ajudá-lo, e começou tal guerra, que foram mortos oito espanhóis e os outros tiveram fadigas em retirar-se para as barcas".

Comentando o trecho da narrativa de Pedro Mártir, cuja fonte de informação é o próprio capitão castelhano, o professor Duarte Leite mostra-nos que o primeiro impulso dos indígenas, à vista do homem branco, estranhamente armado e vestido, era a fuga, o que teria acontecido até nas Antilhas, por parte dos belicosos e minazes caraíbas ; mas, tal não sucedera no conflito presenciado pelos soldados de Pinzón. Fôra necessário que os índios conhecessem, de antemão, a avidez dos europeus pelo ouro para que dêsse metal, de pouco valor entre os nativos, se servissem a modo de chamariz, imaginando, por êsse meio, prender algum dos invadores. Tal observação não escapou, também, a Zeferino Cândido (1). "Mais natural é que o capitão alterasse os fatos, dando aos indígenas a culpa do encontro sangrento em vez de a assumir ; os selvagens resistiram e desenvolveram energia combativa porque os espanhóis queriam reduzí-los a cativeiro", diz Duarte Leite (2). Prosseguindo, de fato, a narrativa, escreve Pedro Mártir : "Dirigiram-se mal contentes pelo norte, pois assim se engolfa aquela costa. Andadas quarenta léguas, acharam o mar de água doce, e investigando donde vinha esta água, acham uma bôca que saía no mar quinze

(1) *Brasil*, 105, Rio, 1900.

(2) "Os falsos precursores de Alvares Cabral", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, cit., 138, I.

léguas com grandíssimo ímpeto, diante da qual no mar estavam muitas ilhas habitadas de gente humana e pacífica, mas que não tinham coisa alguma para contratar. Levou trinta e seis escravos, pois outra coisa não acharam, para não tornar sem ganho".

Foi, talvez, êsse processo mercantil o motivo dos fatos narrados por Vespúcio, na carta dirigida a Lourenço de Médicis, conhecida pela denominação erudita de *Mundus Novus*. E daí se recusarem os indígenas do nordeste brasileiro ao trato com os portugueses da expedição de Fernão de Loronha (1501-1502): "esforçamo-nos para que viessem à fala conosco, sem conseguirmos inspirar-lhes confiança" (1). Em geral, quando ainda não tinham sofrido a experiência do comércio com os europeus, os selvícolas mostravam atitude pacífica. Assim ocorreu no encontro entre os portugueses e os tupiniquins do litoral baïano (2). Os capitães da frota cabralina inauguraram, aliás, a mais arguta e inteligente política em relação às populações aborígenes do Brasil (troca de dádivas, mostras de simpatia e de respeito pela personalidade do indígena, etc.).

Pena é que não fôsse tal prática comumente seguida pelos sucessores de Cabral, contra os quais se inimizaram os índios e de cujas dissensões usufruíram proveito os franceses, que não perdiam ocasião de angariar a confiança do gentio: eram êstes os cha-

(1) *Apud* C. Malheiro Dias, "A expedição de 1501", em *Hist. da Col. Port. do Brasil*, 200, II, Porto, 1923.

(2) "E Nicolau Coelho (diz Pedro Vaz de Caminha, em sua célebre carta) lhes fez sinal que pousassem os arcos. E êles os depuseram", — *Apud*. C. Malheiro Dias, "A semana de Vera-Cruz", em *Hist. da Col.*, cit., II, 88. — "Os pretos se sujeitam por rigor, mas os tapuias por amor se conservam melhor, e o que com a repreensão e boa prática não melhora, mais se obstina com o castigo" (João de Sousa Ferreira, "América Abreviada", etc., em *R. T.*, LVII, 1.ª parte, 122, Rio, 1894).

mados *maíres*, nome que significa, na língua dos indígenas, *os que moram em longínquas paragens*, como os *pagés*, ou *caraíbas*, "os quais levavam vida solitária no recesso das matas e nas cavernas das montanhas distantes" (1). O episódio de Staden é significativo. Alegando êsse alemão, tremente de mêdo, a sua qualidade de amigo e parente dos franceses, replicaram os tupís que semelhante declaração devera ser falsa. "Os franceses vinham todos os anos com embarcações e lhes traziam facas, machados, espelhos, pentes e tesouras; e êles lhes davam em troca pau-brasil, algodão e outras mercadorias, como enfeites de penas e pimenta. Por isso, eram êles seus amigos; os portugueses assim nunca fizeram. Tinham vindo os portugueses há muitos anos a esta terra, e tinham, no lugar onde ainda moravam, contraído amizade com os seus inimigos. Depois, tinham-se dirigido, êles também, aos portugueses para negociar e de boa-fé foram aos seus navios e entraram neles, tal como faziam ainda hoje os franceses; mas, quando os portugueses viram que havia bom número nos navios, os atacaram, amarraram e entregaram aos seus inimigos, que os mataram e devoraram. Alguns tinham

(1) "Os franceses saíram às aldeias para melhor atraírem os índios à sua sujeição e persuadir-lhes o aborrecimento aos portugueses" (Fr. Francisco de N. S. dos Prazeres, "Poranduba Maranhense", etc., em *R. T.*, LIV, 1.ª parte, 24, Rio, 1891). — "Os franceses não desistiram do comércio do Brasil, e o principal foi no Cabo-Frio e Rio-de-Janeiro, terra de tamoios, os quais, sendo dantes muito amigos dos portugueses, se levantaram contra êles por grandes agravos e injustiças que lhes fizeram, e receberam os franceses, dos quais nenhum agravo receberam, e iam e vinham, e carregavam suas naus de pau de brasil, pimenta, pássaros, bugios e outras coisas da terra, e davam roupa e todo o gênero de armas aos índios e os ajudavam contra os portugueses e deixavam moços na terra que aprendessem a língua dos índios, e homens que fizessem ter prestes as mercadorias para quando viessem as naus"(Anchieta, *Cêrtas, Informações, Fragmentos históricos e Sermões*, 310 e 311, Rio, 1923).

sido também mortos a tiros e muitos sofreram outras crueldades mais" (1).

Ibirapitanga, algodão, óleos, animais exóticos (papagaios, guarás, araras, tucanos, maracajás, bugios, saguins), pimenta, peles, penas, — tudo era adquirido pelo *trouchement* europeu em troca de utensílios e drogas várias, como armas, enxadas, tesouras, pentes, guizos, anzóis, espelhos, contas e panos ordinários. Não seria de estranhar que a pobreza da carga, comparada à indiana, fôsse um incentivo ao tráfico servil. E o mercador lusitano, à maneira do espanhol, não esqueceu, também, seu carregamento humano, — para não tornar sem ganho, como diz Pedro Mártir (2).

---

(1) Hans Staden, *Viagem ao Brasil*, 72, Rio, 1930. — "Assim depois que os nossos maracajás com grande admiração viram a nossa artilharia e tudo quanto quiseram no navio, por consideração a perigosas conseqüências (como a possibilidade de pagarem o dano outros franceses, que desapercebidos alí aparecessem) não os quisemos molestar nem reter; e pedindo êles regresso para terra em busca dos seus companheiros, que na praia os esperavam, tratámos de pagar e satisfazer os víveres, que nos tinham trazido" (João de Léry, *loc. cit.*, *ib.*, 144).

(2) "Em 1506, a terra do Brasil produzia vinte mil quintais de madeira para tinturaria, vendida a 2 1/3 e 3 ducados o quintal, ficando cada quatro arrobas de pau-brasil, postas em Lisboa, por meio cruzado. A nau *Bretoa* levou de Cabo-Frio carga avaliada em 24.220 reais.

Um século depois, quando já o império português do Oriente entrava em plena decadência, Luiz de Figueiredo Falcão, no *Livro em que se contém toda a Fazenda*, verdadeiro relatório das finanças públicas apresentado a Filipe II, fornece-nos elementos preciosos para o confronto entre a riqueza da India e a riqueza do Brasil, no cômputo do orçamento de 1607. No capítulo *Estancos Régios*, a pimenta é ainda representada por 600.000 cruzados (20.000 quintais a 30 cruzados), e o pau-brasil por 60.000 cruzados, ou 24 contos de 2.500 cruzados. No capítulo dos *Rendimentos do Ultramar*, o estado da India figura com a renda de 888.900 cruzados e o Brasil com 110.000; apenas 6.000 cruzados mais que os Açores, e superior em cêrca de 16.000 à renda da Mina. No capítulo das *Despesas do Ultramar*, o Brasil está inscrito com uma verba de 135.000 cruzados, o que representa um *deficit* de 25.000 sôbre a receita. Estes números são mais convincentes do que longos discursos. Se nos faltam os relatórios das primeiras expedições, podemos inferir das cartas de Vespúcio, que cooperou na fundação de uma feitoria por conta do consórcio de Fernão de Loronha, não serem as notícias levadas ao rei pelos navegadores de molde a induzí-lo favoràvelmente à dispendiosa ocupação", — C. Malheiro Dias, "Introdução", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, cit., pág. IX, III, Porto, 1924.

Tráfico de um navio português com os tupís do litoral brasileiro, em meados do século XVI, segundo gravura da obra de Hans Staden.

Um dos fundamentos do mercado escravista apoiava-se, de certo modo, do conceito em que, nos começos do século XVI, era tido o indígena. Estávamos ainda longe do *bon sauvage* de Marmontel. O selvícola afigurava-se, muitas vezes, ao homem quinhentista uma espécie de aberração da natureza. Os

"motiús" tinham os pés virados, isto é, postos em sentido contrário (2). Os "coatás-tapuias" possuíam rabo, à semelhança dos símios, por isso que eram oriundos do comércio sexual com os coatás. O próprio Anchieta, embora afirmasse não existir entre os ameríndios nenhum afetado de deformidade, conta que, a uma ou duas milhas de Piratininga, nascera um monstro, "cujo nariz se estendia até o queixo, tinha a boca abaixo dêste, os peitos e as costas semelhantes ao lagarto aquático, cobertos de horrendas escamas as partes genitais perto dos rins" (1). A mentalidade popular, generalizando êsses casos teratológicos, ou puramente míticos, transformava os ameríndios em seres irracionais, "abaixo dos pretos e pouco acima dos macacos". E, apesar da bula *Veritas ipsa* (1537), o concílio de Lima (1583), quasi meio século após, ainda discutia se o gentío americano era dotado

---

sendo eu missionário em a antiga aldeia de Parauarí, que ao depois se mudou de lugar, que é hoje de Nogueira, chegou em a dita aldeia em o ano de 1751 ou 1752, um homem chamdo Manuel da Silva, natural de Pernambuco, ou da Baía, vindo do rio Japurá com alguns índios resgatados; entre os quais trazia um índio bruto, infiel, de idade de 30 anos, pouco mais ou menos, do qual me certificou o nomeado Manuel da Silva, que tinha rabo; e por eu não dar crédito a tão extraordinária novidade, mandou chamar o índio, e o fez despir como pretexto de tirar algumas tartarugas do canal, onde eu as tinha, para por êste modo poder eu examinar a sua verdade. E com efeito vi, sem poder padecer engano algum, que o sobredito índio tinha um rabo da grossura de um dedo polegar, e do comprimento de meio palmo, coberto de coiro liso sem cabelos: E me afirmou o mesmo Manuel da Silva que o índio lhe dissera que todos os meses cortava o rabo para não ser muito comprido; pois crescia bastantemente. E só não examinei a nação do índio, nem a parte certa onde habitava; nem também se tinham rabo os mais índios de sua nação; porêm, haverá quatro anos, pouco mais ou menos, me chegou a notícia de que em o rio Juruá há uma nação de índios com rabos. E por tudo ser verdade, passei esta de minha letra e sinal. Lugar de Castro-de-Avelães, 15 de Outubro de 1768. (a) *Frei José de Santa Teresa Ribeiro*".

(1) *Loc. cit.*, 129. Cif. ainda Simão de Vasconcelos, *Crônica*, etc., cit., 20.

(2) A. Gonçalves Dias, *op. cit., ib.*, 46 e 47. — A propósito do assunto, transcrevemos o seguinte e curioso documento, que vem no *Dic. Hist.,Geog. e Etn. do Brasil.*, Int. Ger., II, 37, Rio, 1922; "Frei José de Santa Teresa Ribeiro, da ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da antiga observância, etc.: Certifico, e juro *in verbo sacerdotis*, e aos Santos Evangelhos, que

de suficiente inteligência para participar dos sacramentos da igreja católica. Não seria de admirar, portanto, que o jesuíta irlandês Ricardo Fleckno, ao visitar o Brasil em pleno meado do século XVII, afirmasse que os indígenas brasileiros eram "como os asnos, dolentes e fleumáticos (*in servitutem nati*), e só aproveitáveis para o labor e para a escravidão, motivo por que a natureza não dotara êsse país de nenhum outro animal de carga senão êle" (1). Reflexo do conceito de Fleckno seria o retrato moral, que dos nossos índios traçou, alguns anos após, La Condamine (2). Ressaltando o suposto caráter pusilânime e insensível do gentio sul-americano, o geólogo francês acha-se longe daquele *abajú*, descrito por Oliveira Viana, cujo traço moral característico é a altivez, mais tarde cristalizada na conhecida frase "sou caboclo", como a querer indicar supremacia física e moral sôbre os demais tipos miscegenizados (3).

O abajú de Oliveira Viana não se civiliza porque desdenha a civilização, não tem o culto do branco nem, por isso, o imita, e, embora catequizado, continua bárbaro, impenetrável, fechado dentro de si

---

(1) Afonso de E. Taunay, *Visitantes do Brasil Colonial*, 67, São-Paulo, 1933.

(2) "Glutões até a voracidade, quando têm com que satisfazê-la; sóbrios, quando a necessidade a isso os obriga, até se privarem de tudo, sem parecerem desejar coisa alguma; pusilânimes ao excesso, se a embriaguez não os transporta; inimigos do trabalho; indiferentes a todo motivo de glória, de honra ou de reconhecimento; ocupados ùnicamente do objeto presente e sempre determinados por êle; sem inquietação pelo futuro; incapazes da previdência ou da reflexão, entregam-se, quando nada os encomenda, a uma alegria pueril que manifestam por meio de saltos e de risadas imoderadas, sem objeto e sem desejo; passam a vida sem pensar e envelhecem sem sair da infância, da qual conservam todos os defeitos". — *Apud. Dic. Hist.*, cit.,36.

(3) Essa supremacia do caboclo merece, aliás, umas tantas restrições. Henry Koster, que estacionou no nordeste brasileiro pelos princípios do séc. XIX, diz que os mulatos se consideravam superiores aos índios e que os próprios negros crioulos (*creole blacks*) olhavam-nos sobranceiramente. *Mofino como caboclo*, segundo o viajante inglês, era provérbio comum no Brasil (*Travels in Brasil*, 212, Londres, 1816).

mesmo, invencível à custa do próprio excesso de personalidade.

2. A conduta do colono em face do índio. — "Portugueses e índios (escreve-o João Ribeiro, com aquele seu admirável poder de síntese) praticavam-se mùtuamente crueldades, porque não se entendiam e nem se podiam entender, atentos os diferentes graus de civilização. O índio tinha o sentimento da *propriedade coletiva* (da tribu) mas não tinha da *propriedade privada;* o índio não julgava fazer mal, roubando; e assim muitos crimes que o eram para os cristãos, para êles nada significavam. Por outra parte, qualquer ultrage feito a um índio por um só português, dele eram considerados responsáveis todos os portugueses onde os encontravam, o que fazia parecer má-fé, traïção ou ferocidade gratuita da parte dos selvagens. Os civilizados, entretanto, ainda hoje, na guerra, responsabilizam povos inteiros pelos erros ou crimes de poucos indivíduos" (1). Apenas o ilustre historiador deixou de salientar que êsse "ultrage" era por demais freqüente e como a encobrir a ganância do colono, ávido de escravos para os labôres rurais ou para o comércio servil, e obrigava à vingança a todos os sócios da comunidade tribal (2). E dessa conduta não se eximiam os próprios clérigos,

(1) *História do Brasil*, 51, 10.ª ed., Rio, 1923. — Por ato do rei português foram declarados escravos todos os caetés, e seus descendentes, responsáveis, culpados ou não, pelo trucidamento do bispo Pedro Fernandes Sardinha, fato, como se sabe, ocorrido em Coruripe, nas proximidades do rio de São-Francisco (1556). Cf. Pereira da Costa, *Rev. de Hist. de Pern.*, 253, n. 7, Recife, 1928.

(2) "Achámos na terra que andamos que comumente não têm superior, o que é causa de todos os males: têm tal lei entre si que, recebendo o menor deles uma injúria dos cristãos, se juntam todos a vingá-la" — Carta de João de Azpilcueta, de 25 de junho de 1555, em *Cartas Avulsas*, 149 e 150, Rio, 1931.

como se infere de um trecho da carta de Nóbrega ao padre-mestre Simão Rodrigues (1549) (1). Violentamenta, e não muitas vezes à custa de traïções ou engodos, reduziam os mercadores de ibirapitanga o indígena à escravidão e mantinham, por êsse modo, nos núcleos coloniais incipientes, um verdadeiro estado de guerra e de sobressaltos. E' ainda Nóbrega quem nos conta o episódio ocorrido com os carnijós de além São-Vicente (2). Fato semelhante aos narrados por Nóbrega sucedeu aos tupís do feudo de Pedro de Góis, de que resultou a destruïção dos canaviais e fundações aí iniciadas pelo donatário: "sayo da terra de Vasquo Fernandes Coutinho hum omem per nome Anrrique Luis com outros e em hum carauellão sem eu ser sabedor se foy ha hum porto desta minha capitania e contra o forall de Vosa A. resgatou ho que quis e não contente com isso tomou por engano hum indio ho principall que nesta terra auia e mais amiguo dos cristaos premdeu no nauio pedindo por elle muito resgate ho quall despoes de por elle lhe darem ho que

(1) "De maravilha se achará cá na terra, onde os cristãos não fôssem causa de guerra e dissensão, e tanto que nesta Baía, que é tido por um gentío dos piores do todos, se levantou a guerra por os cristãos, porque um padre, por lhe um principal dêstes negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem". — *Cartas do Brasil*, 81, Rio, 1931.

(2) ..."foram alí ter êstes navios que digo, e tomara o padre dentro em um dos navios com outros que com êle vinham e levantaram as velas; os outros que ficaram em terra vieram em paus a bordo do navio, que levassem embora os negros e deixassem o seu padre, e por não quererem os dos navios, tornaram a dizer que, pois levavam o seu padre, que levassem também a elês, e logo os recolheram e os trouxeram e o padre puseram em terra, e os negros desenbarcaram em uma capitania, para vender alguns deles, e todos se acolheram à igreja, dizendo que eram cristãos, e que sabiam as orações e ajudar a missa, pedindo misericórdia". — *Loc. cit.*, 82. Por *negros* nomeavam os jesuítas, muitas vezes, aos indígenas, costume proveniente, talvez, de se dar êsse nome a todos os povos "infiéis": *nigra sum, sed formosa*, diz a Sulamita bíblica, no latim da Vulgata. Nesse particular, discordamos dos que pensam que o nome provém do fato de os indígenas usarem tingir-se de genipapo, embora diga fr. Vicente do Salvador, *l. c.* 31: "quem se lava com êle fica negro como carvão".

pedio por se congraçar com outros imdios contrairos deste que prendeo lhe llevou e entregou preso e lho deu a comer, contra toda verdade e rezão per donde os imdios se allevatarão todos dizendo de nós muitos malles que se não fiassem em nós que não mantinhamos verdade e se vyerão lloguo a hua povoação minha pequena que eu tinha mais feita e estando a gemte segura fazemdo suas fazendas derão nelles e matarão tres homens e os outros fogirão e queimarão os canaveaes todos com ha mais fazenda que auia e tomarão toda quanta artelharia auia e deixarão tudo estroido e imdo as novas a mim acudi com toda a gemte que pude e quoanmdo la fui era tudo estroydo" (1). E frei Vicente do Salvador conta que de Pernambuco partiram Francisco de Caldas e Gaspar Dias de Ataíde, com muitos soldados, em um *rush* ao rio de São-Francisco, no que foram ajudados por *Braço de Peixe*, cacique dos tabajaras. Após capturarem cêrca de sete mil índios, número que parece exagerado, acharam os preadores de apoderar-se também do seu auxiliar, intento que resultou no mais sanguinolento morticínio. Achando-se os colonos a dormir, acometram-nos sùbitamente os índios, "com tanto ímpeto que não lhes deram lugar a tomar armas nem a fugir e os mataram todos e, soltos os outros gentios

(1) Carta de Pedro de Góis, de 29 de abril de 1546, escrita da Vila-da-Raínha a d. João III, em *Hist. da Col.*, *cit.*, 263, III. Pedro Borges, escrevendo, por essa mesma época (carta de 7 de fevereiro de 1550, de Porto-Seguro), dizia: "A causa que principalmente fazia a estes gentios fazer guerra aos cristãos era o salto que os navios que por esta costa andavão ffazião nelles. E neste negocio se ffazião cousas tão desordenadas, que o menos era saltealos porque ouve homem, que hum indio principal livrou de mãaos de outros mal ffirido he mal tratado e o teve em sua casa e o curou e o tornou a poer são das fferidas em salvo. Este homem tornou aly com hum navio e mandou dizer ao indio principal que o tivera em sua casa que o ffosse ver ao navio, cuidando o jentio que vinha elle agradecer lhe o bem que lhe tinha ffeito, como o teve no navio o cativou com outros que com elle forão e o ffoi vender por essas capitanias" (Ib., 268).

cativos, depois que ajudaram a sua liberdade, comendo a carne de seus senhores, os deixaram tornar pera suas terras, ou pera onde quisessem" (1).

A tragédia da posse e conquista da terra não poupou, sequer, muitas das figuras primarciais da colonização, como a do donatário da Baía, que, por ter mandado matar o filho de um morubixaba, "lhe deram os índios guerra e o botaram da terra e se acolheu a Porto-Seguro e tornando pediu pazes e os índios não quíseram e deu-lhe um tempo dentro no porto que deu com êle à costa em Tapagipe e alí o mataram amarrado, por mão de um irmão do moço que êle mandara matar, de idade até de cinco anos, que o ajudaram a ter a espada" (2). A suspeita dos indígenas em relação aos colonos era geral e atingia aos próprios jesuítas. Antônio Pires, escrevendo de Pernambuco, confessava: "O povo gentio ao princípio nos dava pouco crédito e lhe parecia que lhe mentíamos e o enganávamos, porque os clérigos e também os leigos ministros de satanaz, que ao princípio a esta terra vieram, lhes prègavam e falavam por interêsse de seus abomináveis resgates" (3).

(1) *Loc. cit.*, 218 e 219.

(2) "De algumas coisas mais notáveis do Brasil", em *Arq. bib. da bib. da Univ. de Coimbra*, IV, 15, Coimbra, 1904.

(3) Carta de 2 de agosto de 1551, em *Cartas Avulsas*, 76. — "Disse Carlos des Vaux aos gentios que os franceses, sem o interêsse de sujeitá-los, generosamente lhes oferecia a sua proteção para os defender da tirania lusitana e lhes traziam o conhecimento da verdadeira religião, que só podia regatá-los do cativeiro do paganismo; porém das mesmas memórias do mau procedimento dos portugueses, com que Carlos des Vaux pretendia exaltar o da sua nação, tirou um índio velho tão forte argumento, que ficou emudecida toda a eloqüência dêste francês; porque o gentio, recitando os antigos sucessos da sua longa idade, lhe mostrou com clareza que todos os princípios daquela presente expedição eram semelhantes aos das passadas expedições dos portugueses, que Carlos des Vaux chamava crudis; e que prudentemente a deviam temer os tupinambás como última ruína da sua liberdade" (F. de N. S. dos Prazeres, "Porandula Maranhense", etc., cit., 25). — Estava frei Vital de Frescarolo, capuchinho italiano, a aldear os indígenas da Serra-Negra, aos quais se

O processo de "atirar, chumbar, acutilar, espancar, matar e picar", segundo as palavras do capuchinho Frescarolo, deu lugar à dizimação das comunidades indígenas. O despovoamento da terra não escapou à observação de Fernão Cardim, que, escrevendo em fins do século XVI, dizia, em relação à donataria de Pernambuco, que os *índios da terra eram já poucos* (1). João Lúcio de Azevedo, na sua notável obra *Os Jesuítas no Grão-Pará*, nota que as expedições de captura e resgate eram um disperdício de cabedais e de gente : as levas de escravos chegavam apenas pela metade (2). E se os *resgates* eram causa de despovoamento, as chamadas guerras de *repressão*, que não eram mais do que os mesmos resgates disfarçados, constituíam um verdadeiro disbarato de vidas, com a agravante da superioridade técnica por parte dos portugueses, como observa Gilberto Freire, que relembra, a propósito, certos suplícios de caráter espetaculoso, levados a efeito pelos colonos (despedaçar, por exemplo, o condenado à boca do canhão, ou amarrá-lo a duas canoas, que, correndo em sentido oposto, dilaceravam o corpo do miserável) (3).

---

dizia enviado de deus e do rei para instruí-los na fé católica. "A isto (escreve o missionário, *R. T.*, 108 e 109, XLVI, 1.ª parte, 1883) responderam todos *que êste sempre foi o seu desejo, mas que tinham mêdo dos homems, e que esta não fôsse falsidade minha*, como já foi aquela do riacho do Navio, do Brejo-do-Gama e outras, que disse a v. exc. revma. o ano passado, quando aldeei os índios brabos do Olhodágua-da-Gameleira, da freguesia do Cabrobó, que, debaixo da capa de paz e da santa missa, fizeram dêstes miseráveis tão horrenda carnagem de prender, atirar, chumbar, acutilar, espancar, matar e picar, como se não fôssem gente da mesma éspecie como nós".

(1) *Tratados*, cit., 334.

(2) "Com os cristãos fazemos cá pouco, porque aos mais temos cerrados as portas das confissões... com o gentio também se faz pouco, porque a maior parte deles, que eram fregueses destas duas igrejas, fugiram ; a causa, disto foi tomarem-lhes os cristãos as terras em que têm seus mantimentos, e, por todas as maneiras que podem, os lançam da terra, usando de todas as manhas e tiranias que podem". — *Cartas do Brasil*, cit. 172.

(3) *Casa-Grande & Senzala*, 186, Rio, 1934. — Cf. ainda João Filipe Betendorf, *loc. cit.*, *ib.*, 72.

Os maus tratos foram, sem dúvida, um dos motivos da mortandade dos índios. E também o trato com os brancos, a vida sedentária dos eitos, a ignorância de certos hábitos pouco sadios, ou o desprêzo em relação a êles (1). Os jesuítas esforçavam-se no serviço de médico e curadores, — *barbeiros*, como se dizia então, — é verdade que, muitas vezes, com perigo para o doente. Usavam os padres, nas suas sangrias, dos canivetes de aparar penas, e Lòiola, consultado a respeito dessa prática, "pelo perigo da irregularidade", respondeu simplòriamente : "quanto às sangrias, digo que a tudo se estende o bôjo da caridade" (2). A sofreguidão com que os catequistas batizavam os moribundos e as criancinhas doentes foi, talvez, a principal causa de os índios atribuírem à água lustral males de toda a sorte. "Uma coisa nos acontecia (confessa ingênuamente Nóbrega) que muito

---

(1) Uma das causas da mortandade entre os índios teria sido, no dizer de Gilberto Freire e de outros autores, a imposição do vestuário europeu, de "imediatos e profundos efeitos disgênicos" (*op. cit.*, 118). A propósito, escreve Raimundo Morais : "Robusto, criado ao sabor dos intempéries, virgem dum trapo que lhe cubra o corpo, caça, pesca, planta com todos os sintomas da saúde, sem uma ferida, sem uma doença crônica, sem o menor sinal de estado mórbido. Mas se chega aos núcleos estranhos, obtendo roupas, utensílios,armas, abrigo, toda a fortaleza do seu perfeito organismo abre-se às doenças. O catarro, o impaludismo, a bexiga, a sífilis, a tuberculose atacam-no logo, devastando gerações inteiras. E' que o índio, hábil curandeiro das moléstias tradicionais nas suas malocas, perturba-se no tratamento de males desconhecidos para êle e faz exatamente o que não devia fazer. A menor aproximação que o aborígene tenha com os passageiros que sobem em *gaiolas* sobrecarregadas de gente, lhe é fatal. Apanha as gripes mortais em forma de constipações e sucumbe ràpidamente, transmitindo o germe do mórbus aos demais indivíduos da tribu. A própria mulher, endurecida no trabalho doméstico, pois lhe toca na distribuïção dos afazeres os mais árduos misteres, desde a plantação das roças até a condução da lenha, — fica diferente e melindrosa quando vive fora do seu meio" (*Na Planície Amazônica*, 192 e 193, Rio, s.d.). Araújo Lima encontra a explicação do fato na falta de vacinação específica, hereditária ou racial. "Encontram-se os caboclos, para tais males (refere-se ao *defluxo*, à tuberculose, à varíola), na mesma condição de extrema receptividade dos estrangeiros, para a febre amarela, em nosso país, antes de Osvaldo Cruz". (*Amazônia — A terra e o homem*, 111, Rio, 1933).

(2) *Obras de João Francisco Lisboa*, II, 387, São-Luís-do-Maranhão, 1865.

nos maravilhava a princípio e foi que quasi todos os que batizámos, caíram doentes, quais do ventre, quais dos olhos, quais de apostema ; e tiveram ocasião os seus feiticeiros de dizer que lhes dávamos a doença com a água do batismo e, com a doutrina, a morte" (1). Conta o padre Vicente Rodrigues que, tendo dito a um índio que iria recomendar a deus por seu filho doente, respondeu-lhe o pai : — Não, porque por quantos rogas morrem (2).

Os índios pegaram, dêsse modo, a fugir dos jesuítas, como da própria figura do anhanga, e, mal viam aproximar-se algum deles, queimavam no caminho sal e pimenta (3). Diziam mesmo que a carne humana, depois de batizada, perdia o sabor natural. De qualquer modo, porém, alguns escapavam, e, de acôrdo com a sua natureza mística, emprestavam logo ao sacramento cristão qualidades mágicas (4) : nesse caso, bastaria apenas impôr o padre a mão no doente (5).

3. A escravatura como condição social necessária à colonização do Brasil. — Oliveira Viana já salientou que, no período inicial da nossa história, o único meio de o colono classificar-se socialmente era a "posse da terra", era a "exploração de um grande

(1) *Cartas do Brasil*, 95.

(2) *Cartas Avulsas*, 109.

(3) Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, 65, Rio, 1864.

(4) "E alguns, se escapam da doença (pôsto que são mui raros), dizem maravilhas do batismo". — Carta de Rui Pereira, de 15 de setembro de 1560, em *Cartas Avulsas*, 260.

(5) "Esta e uma outra que estava doente eram visitadas por nós e uma delas se restabeleceu, após alguns dias, e perguntando-lhe a mãe como estava, ela respondeu que ia mui bem, e que não havia que admirar, visto que o padre lhe tinha imposto a mão" (Anchieta, *Cartas*, etc., 88). — Com o que se queixava o padre João de Melo (*Cartas Avulsas*, 251 e 252) ; os índios buscavam o sacramento, "não por amor de deus e de sua glória, senão por receberem a saúde corporal".

domínio". Mas, com o sistema dos latifúndios, das fazendas, dos engenhos, das vastas propriedades dominicais, a organização do trabalho teria por base a escravidão, sobretudo em um país novo e despovoado, onde rareava o operário manual (1). O escravo foi, assim, uma condição essencial à vida do colono americano.

Desde muito cedo, o indígena incorpora-se, como escravo, no sistema econômico do explorador ou colono americano. A frota de Pinzón, como já vimos, leva consigo trinta e seis escravos, "para não tornar sem ganho". Pouco mais do que isso é o número de peças pertencentes a uma das cargas da nau *Bretoa*, que traficava, de preferência, na feitoria do Cabo-Frio (1511). A *Newen Zeytung auss Pressilg Landt* fala-nos dos escravos, que iam na coberta de dois navios, possívelmente capitaneados por Cristóvão Jaques e João de Lisboa, os quais foram ter ao cabo de Santa-Maria, nas proximidades do rio da Prata (1514) : a carga humana pouco custara aos portugueses, pois os habitantes do lugar, *julgando partir para a terra de promissão, entragavam-se, na maior parte, por livre vontade* (2).

Há alguma exatidão, de certo modo, na relação anônima da *Newen Zeytung*. Diz Gandavo que, cubiçando os nossos índios muitas coisas vindas do reino, a saber, camisas, pelotes, ferramentas, "vendiam-se a troco delas" (3). E Loreto Couto afirma também que, sobrevindo, em 1564, formidável penúria nos ser-

(1) *História da Província de Santa-Cruz*, 146, Rio, 1924.

(2) F. J. Oliveira Viana, "O povo brasileiro e sua evolução", em *Rec. do Bra.*, I, Int., 289 e seg., Rio, 1922.

(3) Clemente Brandeburger, *A Nova Gazeta da Terra do Brasil*, 40, Rio, 1922.

tões do nordeste, os gentios venderam seus filhos e "se venderam a si próprios para não acabarem as vidas ao rigor da esterilidade" (1). Parace mais razoável, porém, que, existindo a escravidão dentro do próprio regime político social das comunidades indígenas, os selvícolas traficassem com os colonos apenas em tôrno dos prisioneiros de guerra, reduzidos à servidão.

O índio tornou-se, dêsse modo, uma espécie de capital, uma espécie de "moeda côr de cobre",segundo a frase de Gilberto Freire, embora inferior à moeda negra, que era, por exemplo, o guiné, como já se depreende da carta que a seu sócio escreveu o donatário Pedro de Góis, — inaugurador, no Brasil, da cultura da cana de açúcar em larga escala (2). Os escravos de Guiné, já o dizia Gandavo, "são mais seguros que os índios da terra porque nunca fogem nem têm pera onde" (3). E' ainda o ilustre humanista de Braga quem nos mostra o estado especial do colono peninsular no Brasil quinhentista, cujo confôrto, ou condição estável, dependia apenas da posse de uns poucos de escravos : "as pessoas que no Brasil querem viver (diz êle, escrevendo em Portugal), tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada um alcança dois pares ou meia dúzia de escravos (que pode um por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados), logo têm remédio pera sua manutenção ; porque uns lhes pescam e caçam, outros lhes fazem mantimentos e fazenda e assí, pouco a pouco, enriquecem

(1) "*Desagravos*", etc., *ib.*, 69.

(2) "Estam bem pera baixo omde estou é neçeçario ao menos virem sasenta negros de Guinee, logo este primeiro ano dos quaes faço conta de tomar os dez pera estes engenhos dos cavallos que isto soo lhes falece pera ajuda dos acarretos e lenha e os sincoenta irão pera os engenhos daugoa e com estes negros amde vir vinte homens outros a soldo". — Carta de 18 de agosto de 1545, em *Hist. da Col.*, cit., III, 262 e 263.

(3) *Tratado*, etc., cit., 39.

os homens e vivem honradamente na terra com mais descanso que neste reino, porque os mesmos escravos índios da terra buscam de comer pera si e pera os senhores, e desta maneira não fazem os homens despesa com seus escravos" (1). A escravidão legal era permitida quando não infringia certos princípios morais da época, ou quando, por exemplo se usava em benefício do serviço religioso. O próprio padre Nóbrega, em carta escrita na Baía, confessava que o mais difícil consistia em elevar o edifício do *Colégio*, destinado a recolher os neófitos, em virtude da mão-de-obra dos oficiais, porquanto com pouco se poderiam manter os estudantes, ainda que fôssem duzentos : *bastaria cinco escravos para plantar mantimentos e outros tantos para o serviço da pescaria* (2). Essa transigência dos padres da Companhia com os imperativos da sociedade incipiente teria, posteriormente, de constituir-se em uma espécie de coisa julgada. Quando o francês Tallenare, em princípios do século XIX, admirava-se, ao visitar o convento de Santa Teresa, de Olinda, de que os beneditinos mantivessem escravos, responderam-lhe os monges que possuiam "*des sucreries et par conséquent des esclaves*" (3).

Nos "resgates", nos "saltos", nos "descimentos" em geral sobressaíam, sobretudo, os paulistanos, chamados, por isso, de *sertanistas*. Contra empresas tais insurgiram-se, desde logo, os jesuítas. Algumas medi-

(1) Pero de Magalhães Gandavo, *op. cit.*, 40. — ... "os homens que aquí vêm não acham outro modo sinão viver do trabalho dos escravos, que pescam e vão buscar-lhes o alimento, tanto os domina a preguiça e são dados a coisas sensuais e vícios diversos" (Carta de M. da Nóbrega, de 6 de Janeiro de 1550, datada de Porto-Seguro, em *Cartas do Brasil*, 110).

(2) *Loc. cit.*, 84.

(3) *Notes Dominicales*, I, 315, cópia mss. existente na bib. do Inst. Arq. Geeog. Pernambucano.

das foram, de pronto, tomadas, embora precárias e freqüentemente inócuas, como, por exemplo: *a*) proïbir visitas às aldeias; *b*) ou recolher os índios, descidos do sertão, em alfândegas, nas quais eram examinados e inquiridos, "porque ninguém os pode vender senão seus pais ou aqueles que em justa guerra os cativam" (1). Por dois meios lícitos, portanto, se podiam grangear escravos: em *justa guerra* ou *por vontade dos pais* (2). Mas a lei de 19 de abril de 1665 acrescentava um novo meio: os colonos podiam conservar em servidão não só os indígenas por êles, ou por outros indígenas capturados em justa guerra, ofensiva ou defensiva, como, também, os gentios que "impedissem a prègação do Santo Evangelho" (3). Os descimentos eram, demais, um processo sistemático de arrasar lugarejos e despovoar matas (4). Havia, além

(1) Gandavo, *Tratado*, etc., 55 e 56.

(2) Os *pais*, de que nos fala Gandavo, deviam ser, antes, os *senhores*, donos dos "índios de corda", assim chamados porque, ligados a uma corda, esperavam a hora da morte; podiam os colonos resgatá-los, passando os condenados a servir por dez anos a seus novos donos (Antônio Fernandes Figueira, "O padre Antônio Vieira", em *R. T.*, tomo esp., parte 1.ª, 341, Rio, 1915).

(3) João de Sousa Ferreira, *loc. cit.*, 56. — Perigoso, aliás, era o pretexto de ofensa à propagação religiosa: "Muitas vezes não ocultavam os caçadores de gente a sua crueldade, e outra vez a coloriam por um perverso plano... e que consistia em levantar cruzes nas vizinhanças das aldeias indígenas, e, se essas não se achavam mais depois de algum tempo, consideravam-no ofensa ao cristianismo, servindo-se desse pretexto para a insidiosa guerra" (João Ribeiro, *loc. cit.*, 210).

(4) Relatando a campanha chefiada por Jorge de Albuquerque Coelho contra os caetés das regiões convizinhas ao cabo de Santo-Agostinho, narra Bento Teixeira: "Começou a fazer a guerra ao inimigo no dito ano de 1560 com trazer em sua companhia muitos soldados e criados seus a quem dava de comer, beber, vestir e calçar à sua custa. E cinco anos que consumiu em conquistar a capitania pelas montanhas e desertos, verões e invernos, de noite e de dia, passou muitos e grandes trabalhos, sendo êle e a sua gente feridos muitas vezes, em pelejas a pé ou a cavalo. E quando tinha de se recolher a algum lugar povoado, e via que não podia chegar com o dia, se agasalhava no maior e mais formoso bosque, ao pé das árvores, em choupana de ramos e palmas feitas pelos escravos que trazia em sua companhia, os quais serviam de descobrir e vigiar o campo de agasalho, juntamente com alguns soldados, passando todos tantas fomes e necessidades, que muitas vezes não tinham que comer mais que carangueijos do mato, farinha de pau e fruta brava do campo. Quando, porém, tomava algum forte ou aldeia dos gentios, fartava a todos com muitos porcos e galinhas, e outro muito mantimento da terra, que achava nessas aldeias. Tomando com facilidade uma aldeia após outra, conseguiu pôr termo a essa conquista dentro de cinco anos, estando tão povoada de inimigos, que quando chegou a Pernambuco não ousavam os portugueses da vila de Olinda a sair fora mais que uma ou duas léguas pela terra dentro e três ou quatro ao longo da costa; e depois que acabou de a conquistar seguramente podem ir quinze ou vinte léguas pela terra dentro, e sessenta ao longo da costa, por tantos ter a capitania, de jurisdição." — *Apud. Rev. de Hist. de Pern.*, n.º 7, ano II, 250, Recife, 1928.

disso, o costume de contratar trabalho fora dos aldeamentos, causa de não menor prejuizo "porque sendo sua ausência maior se descasavam as suas mulheres e se encabeçavam com outros".

As leis, de fato, eram severas. E já o *Regimento* de Tomé de Sousa (1548) proïbia saltear ou fazer guerra aos indígenas, quer em terra, quer em mar, e aconselhava que, nas vilas e povoações se fizessem feiras, onde poderiam os gentios comprar ou vender mantimentos (1). Era um dos principais cuidados do govêrno metropolitano evitar danos aos selvícolas, ou suscitar-lhes desconfianças, política que já vamos encontrar em Cabral (2) e seus capitães: não havia mesmo perfeita distinção, para o espírito do legislador peninsular, entre *naturais* e *europeus*, mas entre *cristãos* e *gentios*, "mostrando assim que em princípio o índio convertido e encorporado ao grêmio dos colonos ficava assimilado a êstes" (3). D. Sebastião (1570) e d. Filipe II (1605) promulgaram mesmo disposições legais no sentido de não se permitir a escravidão, exceto nos casos de antropofagia ou de guerra legal (4).

(1) *Hist. da Col.*, cit., III, 347 e 348.

(2) Pedro Vaz de Caminha, em *Hist. da Col.*, cit., II, 93.

(3) Paulo Mereia, "A solução tradicional da colonização do Brasil", em *Hist. da Col.*, cit., III, 180.

(4) A respeito da legislação portuguesa, de interêsse para a colonização dos indígenas, ler *Obras de João Francisco Lisboa*, cit., II, 273-336.

Na América, todavia, a mentalidade popular considerava o indígena, como já vimos, sob aspeto muito diferente daquele por que o encarava o legislador europeu. A cubiça do colono, por outro lado, aguçada pela distância da metrópole, iludia as disposições proïbitivas, algumas das quais davam aso a interpretações elásticas (1). Observe-se, além do mais, que a índole animosa do indígena brasileiro auxiliava as tendências conquistadoras do colono, porquanto, achando-se as tribus em contínuas guerras entre si, a aliança dos portugueses com qualquer uma delas atraía a inimizade da cabilda ou grupo contrário (2). Assim, Filipe III, após haver decretado a abolição da escravatura vermelha, revogou o ato, em 1611, e, aconselhando a criação de colônias correcionais, consentiu na compra de índios de corda.

Verdade é que, como observa o historiador João Ribeiro, a ambição de adquirir haveres com o tráfico

(1) "Estes homens (diz uma provisão do século XVIII) são livres e isentos da minha jurisdição, que os não pode obrigar a saírem de suas terras para tomar um modo de vida de que êles se não agradam o que, se não é rigoroso cativeiro, em certo modo o parece, pelo que ofende a liberdade. Contudo, se êstes índios são como os outros tapuias bravos, que andam nus, não reconhecem rei, nem governador, nem vivem com modo e forma de república, atropelam as leis da natureza, não fazem diferença de mãe e filha para satisfação de sua lascívia e comem-se uns aos outros, *neste caso podem ser obrigados, por fôrça e mêdo, a que desçam do sertão para as aldeias, se o não quiserem fazer por vontade, por ser assim conforme à opinião dos doutores que escreveram a matéria*". A êsses *fôlegos vivos*, segundo a classificação legal, podia ser aplicado o ferro em brasa, emblema da propriedade privada.

(2) "O fracionamento crescente na raça túpica, que se estendia por quasi todo o Brasil na época do descobrimento, era tal, que não exageram os que crêem que a não ter lugar a colonização européia, a mesma raça devia perecer assassinada por suas próprias mãos ; como quasi vai sucedendo nesses matos virgens em que temos índios bravos, fazendo-se uns ao utros crua guerra. — Sem a desunião da raça túpica nunca houvera uma nação pequena como Portugal colonizado extensão de terra tão grande como a que vai do Amazonas ao Prata. Os primeiros colonos seguravam-se na terra à custa desta desunião, protegendo sempre um dos partidos, que com essa superioridade ficava vencedor, e se unia aos da nova colônia, mesclando-se com ela em interesses, e em relações de parentesco, etc. A's vezes chegavam a fomentar a desunião política, o que não deve admirar quando vemos que isto ainda hoje é seguido" (Varnhagem, com. à ob. cit. de Gabriel Soares de Sousa, 406 e 407).

veio contribuir bastante para o conhecimento geográfico do país. As viagens, por exemplo, de Manuel Pires ao rio Negro (1565 e 1567) resultaram na posse e tomada dessa região ainda quasi toda desconhecida. "Sucessivamente foram aquí e alí, como pontos de apôio do infame comércio, no sertão, e pelas margens do rio, construídos fortes ou fazendas isoladas, e o tráfico vermelho organizou-se de maneira semelhante ao do negro na Africa. Onde, porém, os índios se contrapunham a êsses começos de hostilidade, por astúcia ou pela fôrça, aí terrível e sanguinolenta matança se punha por obra em guerras de extermínio" (1).

4. As relações entre o indígena e o colono europeu. — Julga Roquette Pinto que o indígena brasileiro já houvesse, na época do descobrimento, exgotado a sua atividade nômade. O mais seguro, porém, é que os nossos selvagens ainda viviam em idade migratória no período inicial da colonização portuguesa.

O padre João de Azpilcueta Navarro, em documento de 1550, afirma que os indígenas não tinham "moradia certa, mudando-se de aldeia todos os anos, e às vezes mais freqüentemente quando sucede alguns deles embriagar-se e encolerizar-se, pois em tais circunstâncias nada mais fazem do que pegarem em um tição e tocarem fogo à própria casa, donde o fogo pega nas outras por serem de palmas e destarte fica em cinzas toda a aldeia" (2). Colocavam os tupinambás suas cabanas, de preferência, em local onde houvesse água e lenha abundante, mas, logo que devastavam as circunvizinhanças, mudavam, no dizer de

(1) João Ribeiro, *loc. cit.*, 210.

(2) *Cartas Avulsas*, 50 e 51.

Hans Staden, "de morada para outra parte" (1). Mais explícito, certamente, é fr. Vicente do Salvador e sua referência diz respeito aos índios em geral: "Não moram mais em uma aldeia que enquanto lhes não apodrece a palma dos tetos das casas, que é espaço de três ou quatro anos, e então o mudam pera outra parte" (2). O frade baïano, nesse particular, não fez mais do que repetir Gabriel Soares de Sousa, que diz: "E não vivem mais nesta cabilda que enquanto lhes não apodrece a palma das casas, que lhes dura três ou quatro anos. E como lhes chove muito nelas passam a aldeia para outra" (3). Ainda em pleno meado do século XVII, Zacarias Wagner, reposteiro (*Kuechen Schreiber*) do príncipe Maurício de Nassau-Siegen, descrevendo os tapuias do nordeste, informa que êsses índios *não permaneciam por muito tempo em um mesmo lugar, mas vagueavam, acima e abaixo, em busca de toda espécie de raízes estranhas, de cobras e de pássaros silvestres* (4). Os portugueses, enfim, ainda surpreenderam a vida migratória e erradia dos tupís, que, ao longo de litoral, demandavam as regiões do extremo-norte.

(1) *Viagem ao Brasil*, 135.

(2) *Loc. cit.*, 56.

(3) "Tratado descritivo do Brasil em 1587", em *R. T.*, XIV, 310.

(4) Alfredo de Carvalho, "O Zoobiblion de Zacarias Wagner", em *R. P.*, XI, 190, 1904. — "Estes tapuias vivem no sertão, e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nelas, nem menos plantam mantimentos pera sua sustentação; porque todos vivem pelos campos, e do mel que colhem das árvores e as abelhas lavram na terra, e assim na caça, que tomam em grande abundância pela frecha, se sustentam, e pera isto guardam esta ordem: vão todos juntamente em cabilda assentar seu rancho na parte que melhor lhes parece, alevantando pera isso algumas choupanas de pouca importância, e dalí vão buscar o mel e caça por roda, por distância de duas ou três léguas. E enquanto acham esta comédia, não desamparam o sítio, mas, tanto que ela lhes vai faltando, logo se mudam pera outra parte, aonde fazem o mesmo; e desta maneira vão continuando com sua vivenda sempre no campo, com mudar sítios, sem se cansarem de lavrar nem cultivar a terra" (*Diálogos das Grandezas*, 288 e 289).

Nos primórdios da fase colonizadora, o indígena como que se adaptou à nova existência de servo do colono, a qual não era mais do que uma espécie de prosseguimento de seu próprio sistema econômico ou social (armar covadas e piraqueras, pescar nos iguaçús, caçar a anta ou a paca, apanhar caranguejos e *mariscos* nos mangais, abater a ibirapitanga, colher frutos silvestres, guerrear as hordas inimigas, defender os colonos dos flibusteiros, transportar carga para os caravelões, fabricar flechas e arcos, ajudar a construção de casas e fortins, plantar a mandioca e o milho zaburro, preparar peles e óleos, guiar os sertanistas e viajantes no âmago das selvas, abrir picadas e carminhos, roçar o mato, etc.). Quando Tomé de Sousa iniciou, no terrapleno da baía de Todos-os-Santos, a ereção da nova vila, ajudaram-no os índios (1). Muitas vezes, serviram ainda os indígenas de sentinelas avançadas ou espias de guerra no período das lutas pela posse da terra (2). E, para citar apenas um ou dois exemplos, pois seria fastidioso enumerá-los a porfia, basta lembrar que Jerônimo de Albuquerque, ao partir com destino de expelir os franceses localizados no Maranhão, levava, agregado ao exército regular, '234 índios frecheiros com doze principais, aos quais se devia juntar ainda o grande principal Camarão, que marchava por terra com perto de quarenta"; a armada inimiga, sob a chefia de La Ravardière, compunha-se de "sete navios e quarenta e seis canoas, com 400 soldados 4.000 índios frecheiros" (3). Ninguém desconhece que nada serviu tanto a Duarte Coelho como a aliança de Tabira. Em não

(1) Porto-Seguro, *Hist.*, cit., I, 303. — Cf. ainda Nóbrega, *loc. cit.*, 89.

(2) Fr. Francisco de São José, "Poranduba Maranhebse", *ib.*, 35.

(3) Fr. Francisco de São José, *loc., cit., ib.*, 31 e 35.

raras ocasiões, valeu aos colonos o sentimentalismo da mulher indígena, como aconteceu ao mesmo donatário de Pernambuco, o qual, longamente assediado em seu *block-house*, a sofrer fome e sêde, foi salvo graças à filha de certo morubixaba, afeiçoada a Vasco Fernandes de Lucena, de quem já tivera filhos : a cunhã meteu-se entre os seus, e (diz fr. Vicente do Salvador), gabando os brancos, conseguiu que as companheiras levassem, em segrêdo, aos sitiados, mantimentos e cabaças de água (1).

Enquanto as atividades do indígena brasileiro iludem suas tendências ou aptidões congênitas, não sente êle, por assim dizer, a condição inferior, em que o coloca o invasor. "Já não era — di-lo Gilberto Freire — o mesmo selvagem livre de antes da colonização portuguesa ; mas esta ainda o não arrancara pela raiz do seu meio físico e do seu ambiente moral ; dos seus interesses primários, elementares, hedônicos ; aqueles sem os quais a vida se esvasiaria para êles de todos os gostos estimulantes e bons : a caça, a pesca, a guerra, o contacto místico e como que esportivo com as águas, a mata, os animais. Êsse desenraïzamento viria com a colonização agrária, isto é, a latifundária ; com a monocultura, representada principalmente pelo açúcar" (2). Mas, quando o euro-

(1) *Loc. cit.*, 112.

(2) *Loc. cit.*, 190. — "Muito auxiliou o índio ao bandeirante mameluco, os dois excedendo ao português em mobilidade, atrevimento e ardor guerreiro ; sua capacidade de ação e de trabalho falhou, porém, ao reme-reme tristonho da lavoura de cana, que só as reservas extraordinárias de alegria e de robustez animal do africano tolerariam tão bem.

. . . . . .

A enxada é que não se firmou nunca na mão do índio nem na do mameluco ; nem o seu pé de nômade se fixou nunca em pé-de-boi paciente e sólido. Do indígena quasi que só aproveitou à colonização agrária no Brasil o processo da *coivara*, que infelizmente viria a empolgar por completo a agricultura colonial" (Gilberto Freire, *loc. cit.*, 93).

peu exige do nativo um labor rural sistemático, sublevam-se, de norte a sul, as comunidades indígenas : em 1555 é a insurreição dos índios de Pernambuco ; em 1558 a das populações de Ilhéus e do Espírito-Santo ; em 1560 a dos aimorés de Pôrto-Seguro ; em 1561 a dos tupís de São-Paulo (1).

A adaptação, todavia, seria fatal. E realmente operou-se, mal teve início o período colonizador. Indígenas e europeus diferançam-se, isto é, cedem à contingência da nova ordem oriunda do mútuo reajustamento das formas culturais nativas com as formas culturais alófitas, sobretudo aqueles, por se encontrarem menos tècnicamente aparelhados para a transição : aos ameríndios, como é natural, repugnavam os novos padrões impostos pelos povos peninsulares nos domínios territoriais do Novo-Mundo.

Embora menos intensa, deu mais na vista a diferenciação operada na massa social do homem branco. A ela não escapou sequer o austero Tomé de Sousa, que achou de bom alvitre perdoar a dois flibusteiros franceses, porque eram ambos necessários à vida da colônia : "nom os mandey enfforcar por que tinha muita necesidade de gente que me nom custe dinheiro".

(1) "Não é exato, aliás, que o índio não tivesse aptidões para o trabalho. Os dois primeiros séculos do regime colonial provam exatamente o contrário. Mesmo depois que se fez a introdução do elemento africano, o índio foi um poderoso auxiliar do colono, quer no serviço agrícola, quer no trabalho das lavras e nas explorações do interior. O que é preciso não esquecer, tratando-se das aptidões do índio para os rudes trabalhos das lavouras, é a justiça de descontar-lhe a condição excepcional, estranha e cruel a que o reduziram os colonos dês do primeiro dia da conquista. Realmente, passar, de um instante para outro, daquela soberania da floresta, em que aquí o encontrámos, para a dureza da escravidão, agravada ainda nas lavras e nos eitos, devia ser mesmo um martírio para o selvagem. Naturalmente, o seu primeiro esfôrço havia de ser para eximir-se a uma tutela tão insuportável. E é mesmo pela firmeza e pela indignação com que protestou contra os golpes imprevistos do seu destino que temos de julgar o selvagem no que êle tinha de mais nobre no fundo da sua natureza moral, de mais aproveitável nas suas *virtudes étnicas*" — Rocha Pombo, *Hist. do Bras.*, II, 371 e 372, Rio, s. d.

Como, também, não escaparam os próprios jesuítas, que a um dos nossos historiadores pareceram *inflexíveis, nunca cedendo nem condescendendo* (1). A começar pela alimentação, — a "farinha de pau" (que substituía, no dizer de Anchieta, a farinha de trigo), o milho cozido em água (a que se ajuntava mel, usado em lugar do vinho), as "carnes selváticas, como sejam os macacos, as corças e certos outros animais semelhantes aos lagartos" (2). Calçavam os nossos padres alpargatas feitas das estirgas estraídas dos cardos, ou "caragoatás bravos", postos de môlho na água. Não era outro senão o apóstolo tenerifense quem aconselhava que se afrouxasse, nas paragens americanas, o "direito positivo", "de modo que, a não ser o parentesco de irmão com irmão, possam (os índios) em todos os graus contrair casamento" (3). E, em carta escrita a Simão Rodrigues de Azevedo (1552), Nóbrega informava que os escravos do colégio da Baía tinham tomado "fêmeas" porque às mulheres cabia o fabrico da farinha e "todo o principal do serviço", uma vez que "os machos sòmente roçam, e pescam e caçam" (4).

(1) João Ribeiro, *loc. cit.*, 105.

(2) Anchieta, *loc. cit.*, 43 e 44.

(3) Anchieta, *loc. cit.*, 45 e 46.

(4) *Loc. cit.*, 139. — Na mesma carta ao padre-mestre Simão, o insigne jesuíta consultava o seguinte: *a*) se poderia confessar os indígenas, que não falavam português, por intermédio de um intérprete, "porque parece coisa nova e não usada em a cristandade"; *b*) se, em desobediência ao direito antigo, deveria permitir que os "gentios" assistissem missa juntamente com os cristãos, pois era costume, nestas partes, não os deitarem fora "por os não escandalizar"; *c*) se não fazia mal dar acolhida a alguns costumes gentílicos, como era "cantar cantigas de Nosso Senhor em sua língua pelo seu tom e tanger seus instrumentos de música", como faziam os selvagens em suas festas, quando matavam inimigos ou quando andavam bêbados, "e isto para os atrair a deixarem os outros costumes essenciais"; *d*) se lhe permitiriam prègar aos indígenas à sua maneira, "em certo tom, andando, passeando e batendo nos peitos, como êles, fazem, quando querem persuadir alguma coisa", assim como "tosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo, porque a semelhança é causa do amor"; *e*) se, finalmente, negaria batismo aos índios, que "não têm camisas nem roupas para se vestirem", andando, aliás, há *tantos mil anos nus* (Nóbrega, *loc. cit.*, 141 e 142). — Convém notar, ainda, que, à falta de óleo para ungir ou batizar, usaram os jesuítas a essência da "cabureíha", que o sumo-pontífice declarou matéria legítima de santaunção e crisma (Fr. V. do Salvador, *loc. cit.*, 30).

Quanto aos demais colonos, havia deles que viviam à feição dos indígenas, "comendo, bebendo, bailando e cantando com êles, pintando-se com suas tintas pretas e vermelhas, adornando-se com as penas dos pássaros, andando nus às vezes, só com uns calções, e finalmente matando contrários, segundo o rito dos mesmos índios, e tomando nomes novos como êles" (1).

A adaptação do indígena foi, como já se disse, mais profunda, e, nesse particular, considerável a parte que nela tiveram os jesuítas. Gilberto Freire chama a essa parte de *dissolvente*, ou *deletéria*, porque o selvagem perdeu, ao contágio do imperialismo europeu, o *poder de desenvolver-se automàticamente*, "o que Pitt-Rivers considera o *potencial*, isto é, a capacidade construtora da cultura, o seu *élan*, o seu ritmo". Servindo-se do quadro organizado pelo referido antropologista inglês, concernente às influências letais das civilizações chamadas superiores sôbre as civilizações supostamente inferiores, o autor da *Casa-Grande & Senzala* mostra que aos padres da S. J. cabe, sobremodo, a responsabilidade das seguintes formas de degradação ou dissolvência dos valores nativos: *a*) concentração dos aborígenes em grandes aldeias; *b*) vestuário à européia; *c*) segregação nas lavouras; *d*) obstáculo ao casamento à moda indígena; *e*) aplicação das leis penais européias aos *cri-*

(1) Anchieta, *loc. cit.*, 209. — "Louvam e aprovam ao gentio o comerem-se uns aos outros, e já se achou cristão a mastigar carne humana" (Nóbrega, *loc. cit.*, 196).

mes de fornicação ; f) abolição das guerras entre as tribus e abolição da poligamia ; *g)* destruïção do sistema comunal e da autoridade dos morubixabas e pagés Os cantos indígenas, "de um tão agreste sabor, substituíram-nos os jesuítas por outos, compostos por êles, secos e mecânicos" ; à "naturalidade das diferentes línguas regionais superimpuseram uma só, a *geral*" ; entre "os cablocos ao alcance da sua catequese acabaram com as dansas e os festivais mais impregnados dos instintos, dos interesses e da energia animal da raça conquistada, só conservando uma ou outra dansa, apenas graciosa, de *columins*" (1).

Não resta dúvida que o "critério simplista" dos padres da Companhia deturpou, de algum modo, a alma do selvagem em algumas de suas formas mais virgens e nativas, que os catequistas amoldaram ao padrão da mentalidade catòlico-romana. Na vila de Conceição, em São-Paulo, por exemplo, vivia um ancião, a quem Anchieta visitou por mais de uma vez. "Quando lhe vim a declarar o mistério da Encarnação, mostrou espanto e contentamento de Nossa Senhora parir e ficar virgem" ; o que mais, todavia, o impressionou foi o mistério da Ressureição, que êle repetia muitas vezes dizendo : — *Deus verdadeiro é Jesus, que saiu da sepultura e subiu ao céu, e depois há de vir, muito irado, a queimar todas as coisas* (2). Ora, para os tupís a concepção de um deus *luminoso e bom* (criador de todo o universo) e ao mesmo tempo "muito irado", a destruir todas as coisas que engen-

(1) Gilberto Freite, *loc. cit.*, 113-117. — Referindo-se às lendas indígenas, diz Capistrano de Abreu que "um dos primeiros esforços dos missionários consistia e consiste ainda em apagá-las e substituí-las" (*Capítulos da História Colonial* (1500-1800), 20, Rio, 1928).

(2) *Loc. cit.*, 190.

drou, — era completamente esdrúxula e uma como deturpação da mentalidade mística daqueles selvagens. "Quando ouvem o trovão, a que chamam *tupã* (di-lo Léry) ficam muito assustados... e, por isso, de acôrdo com a sua rudeza, aproveitámos a ocasião para dizer-lhes que era deus, de que lhe falávamos, quem assim fazia tremer o céu e a terra para mostrar a sua grandeza e poder. A sua pronta resposta a isso era que, se êle assim os intimidava, então não valia nada" (1). E, por isso mesmo que era incapaz de fazer mal aos homens, o *bom deus* dos tupís não exigia nenhuma exterioridade cultual (2). Donde se depreende o esfôrço que empregou o nosso apóstolo para incutir tal concepção na ordem mental do velho índio paulista.

O índio, em suma, após a catequese, não saía mais cristão do que quando trocara a sua oca pelos muros caiados do claustro : a sua cristandade era um como verniz, que, de vez em quando, partia-se e deixava à mostra o cerne puro (3). Já chamámos a atenção do leitor para certas funções pre-lógicas do

(1) *Loc. cit., ib.*, 274.

(2) Fernão Cardim, *loc. cit.*, 161 ; Fr. Vicente do Salvador, *loc. cit.*, 53 ; Nóbrega, *loc. cit.*, 99 ; Anchieta, *loc. cit.*, 48 e 331 ; *Diálogos das Grandezas*, cit., 266 ; Pero de Magalhães Gandavo, *loc. cit.*, 125 ; Ivo d'Evreux, *Viagem ao Norte do Brasil*, 292, Maranhão, 1874.

(3) "A cristianização dos indígenas era uma ilusão dos missionários. Pela surprêsa e novidade, por sugestão momentânea, esperançados na proteção contra os tiranos locais, que lhes fazia vislumbrar o catequista, em cujo encalço marchava o homem de guerra, os pequenos e humildes prestavam-se a executar maquinalmente os ritos ensinados, de que não atingiam o significado, e que para êles eram sòmente uma nova forma de idolatria. Ler, por exemplo, nas cartas do ubíquo Xavier, a quantidade e presteza das conversões, é verificar a cândida ilusão do apóstolo. Dêste e dos outros que lhe seguiam os passos, sem o igualarem na extensão da obra. Dessas miríades de conversos, a não ser nas zonas de ocupação efetiva, quantos poderiam depois contar-se, ausente o missionário e afastado para longe o soldado? Na primeira ocasião de liberdade, tornavam-se as multidões aos ritos avoengos e aos usos milenários." — J. Lucio de Azevedo, *E'pocas de Portugal Econômico*, 270 e 271, Lisboa, 1929.

nosso ameríndio, que aos próprios objetos inanimados atribuíam, muitas vezes, poderes místicos ou mágicos: o tupinambá do Maranhão, observado por Ivo d'Évreux, enfeitava-se, na guerra, de penas de ema, com o fito de adquirir as propriedades defensivas do nandú americano. As mulheres bororos do São-Lourenço (Mato-Grosso) temem o *berra-boi*, instrumento sagrado, que lhes pode trazer a morte, e os homens dessa tribu não consentem que se lhes mostre a trompa ritual nem sequer em simples figura. E essa propriedade mística acompanha os seres vivos, dela possuïdores, até mesmo depois da morte, como se poderá ver no seguinte caso tratado por Thevet: "*A ce propos noz Sauuages se sont persuadez une autre resuerie, et sera bien subtil qui leur pourra dissuader: laquelle est, qu'ayans pris un cerf ou biche, ils ne les oseroient porter en leurs cabannes, qu'ils ne leur ayant coupé couisses et iãbes de derriere, estimans que s'ils les portoyent auec leurs quatre membres, cela leur osteroit le moyen à eux et à leurs enfans de pouuoir prendre leurs ennemis à la course*" (1). Assim, as pernas traseiras do suaçú-etê, por exemplo, levadas à choça do caçador, subtraíam a êste e a seus filhos, por elaboração mística da mentalidade do selvagem, as suas mais apreciáveis qualidades venatórias.

Os jesuítas interpretavam, a sua maneira, as funções mentais do indígena e o indígena adaptava sua mentalidade ao cânon do homem civilizado europeu. Narra o padre Antônio Blasquez, *v. g.*, que, acontecendo ir certo índio à caça, em dia santificado, caíu-lhe um pau na cabeça, que muito o maltratou. Imediatamente exclamaram seus companheiros: —

(1) *Les Singularitez de la France Antarctique*, 252, Paris, 1878.

"Êste não quer ter ouvidos. Não nos dizem a nós outros que não trabalhemos nos dias santos? pois, porque foi êle fora, hoje, que era dia santo, por isso o feriu o pau". E logo, ingênuamente, acrescenta o padre Blasquez: "Isto é... o que passa entre a gente anciã, que ter nestas coisas tanto de instinto é muito para maravilhar, porque geralmente não têm espírito e entendimento tão delicados como as outras nações" (1). Conta outro jesuíta que, ao chegar às malocas do sertão, conseguiu catequisar uma índia de avançada idade, que, próxima da morte, mostrava-se muito fraca e enfastiada. — "Minha avó (perguntara o jesuíta, a modo da terra), se eu vos dera agora um pequeno bocado de açúcar... não o comerieis?". Ao que respondeu tristemente a neófita: — "Meu neto, nenhuma coisa da vida desejo, tudo já me aborrece; só me pudera abrir agora o fastio: se eu tivera uma mãozinha de um rapaz tapuia de pouca idade tenrinha, e lhe chupara aqueles ossinhos, então parece tomara algum alento: porém eu — coitada de mim — não tenho quem me vá frechar um dêsses" (2). E, a respeito dessa errônea compreensão da alma do homem primitivo, não devemos esquecer que o inglês Henry Koster, ao visitar os indígenas do nordeste, em princípios do século XIX, observou que os selvagens, embora cristãos, adoravam secretamente o *maracá* (3).

Foi na alma plástica do columin, ou curumí, sobretudo, que os jesuítas procuraram imprimir os fundamentos da moral católica. "O *columim* (diz o autor da

(1) *Cartas Avulsas*, 301.
(2) Simão de Vasconcelos, *loc. cit.*, 32.
(3) *Loc. cit.*, 116.

Casa-Grande & Senzala), o padre ia arrrancá-lo verde à vida selvagem ; com dentes apenas de leite para morder a mão intrusa do civilizador ; ainda indefinido na moral e vago nas tendências. Foi, pode-se dizer, o eixo de atividade missionária ; dele o jesuíta fez o homem espiritual que quis. O processo civilizador dos jesuítas consistiu principalmente nesta inversão ; no filho educar o pai ; no menino servir de exemplo ao homem ; na criança trazer ao caminho do Senhor e dos europeus a gente grande. O *columin* tornou-se o cúmplice do invasor na obra de tirar à cultura nativa osso por osso, para melhor assimilação da parte mole aos padrões de moral católica e de vida européia ; tornou-se o inimigo dos pais, dos pagés, dos maracás sagrados, das sociedades secretas" (1).

Os métodos de atração eram o exagêro exterior do culto, os autos, os "misterios", os diálogos em verso, as procissões e romarias, com "trombetas, tambores e música, sons ruidosos e panejamento de lábaros e pálios vistosos e flâmulas que adejavam pelas ruas *enramadas* e pelo solo tapizado de folhas" (2). Quando

(1) *Loc. cit.*, 173 e 174. — "Temos também em casa conosco alguns filhos dos gentios, que atraímos para nós de diversas partes, e êstes até abominam os costumes paternos a tal ponto que, passando por aquí para outro lugar o pai de um e vendo o filho, êste longe de mostrar para com êle o amor de filho, pelo contrário só lhe falava rarìssimamente e de má vontade, e compelido por nós. Outro, estando já de há muito separado do contacto dos pais, passando com os nossos irmãos pela aldeia em que morava a mãe, dando-lhe os mesmos licença para ver sua mãe, não a saüdou no entanto e passou alêm ; assim, antepõem em tudo ao amor dos pais o nosso. Louvor e glória a Deus, de quem todo bem procede". (Anchieta, *loc. cit.*, 42 e 43).

(2) João Ribeiro, *loc. cit.*, 107. — "Para a conversão dos columins ou crianças gentias, os meios que melhor se estrearam foram principalmente a música, o canto e o aparato deslumbrador das ceremônias, que os enfeitiçava. Feitos acólitos os primeiros piás mansos, todos os mais caboclinhos lhes tinham inveja, do que se aproveitavam os jesuítas entrando com êles pelas aldeias em procissões, de cruz alçada, entoando a ladaínha, cantando rezas e arrebanhando muitos ; com o que se honravam às vezes os pais" (Pôrto-Seguro, *loc. cit.*, I, 306). "Eram as futuras festas de igreja, tão brasileiras, com

entravam os jesuítas em alguma aldeia indígena, cantavam ladaínhas as crianças, uma delas com a cruz alçada, e logo, à roda dos cantores, se juntavam os meninos do lugar (1). Com razão dizia o padre Manuel da Nóbrega que, de muito longe, vinham os gentios vê-los "pela fama" (2).

E' verdade, porém, que nem sempre eram assim tão líricos os métodos catequistas empregados pelos filhos de Loiola. Praticavam os jesuítas, repetidamente, de uma disciplina exterior e autoritária, que se poderia resumir na frase ríspida de Anchieta : "para êste gênero de gente não há melhor prègação do que espada e vara de ferro" (3). Ou nessa outra do irmão Rui Pereira, a saber, "que sem temor não se podia fazer fruito" (4), o que era, em suma, a melhor pedagogia da época, — a fôrça, depois a brandura, — método pragmático, à romana ou à britânica, no dizer de Alfredo do Vale Cabral, o qual se achava entre o processo romântico à José Bonifácio ou à Rondon e o processo germânico à Varnhagen ou à Ihering (5). Era por isso que, quando os con-

incenso, folha de canela, flôres, cantos sacros, banda de música, foguete, repique de sino, vivas a Jesus Cristo, esboçando-se nessas procissões de *columins*. Era o Cristianismo, que já nos vinha de Portugal, lírico e festivo, cheio de sobrevivências pagãs, aquí se enriquecendo de notas berrantes e sensuais para seduzir o índio". (G. Freire, *loc. cit.*, 179).

(1) *Cartas Avulsas*, 137.

(2) *Loc. cit.*, 115.

(3) *Cartas*, cit., 186.

(4) *Cartas Avulsas*, 260.

(5) *Ib.*, 272. — Jacó Rabe, ou Rabí, veio, em 1637, para o Brasil, em companhia de Nassau, e, vivendo entre os tapuias quatro anos, grangeou as simpatias do cacique Nhandiú, "guerreiro macróbio, tão solerte quão truculento", na frase de Alfredo de Carvalho. Seus métodos eram bárbaros. Quando a Rabí sucedeu Rodolfo Baron, no cargo de intérprete, disse-lhe, certa vez, o cacique, "entre sério e zombeteiro" : — Jacó Rabí, ao tempo em que era vivo, juntava-se aos meus tapuias, com os quais descia a capitania do Rio-Grande e dizia a êste ou aquele: *Dá-me um boi para minha gente, do contrário mandarei matar-te.* E todos obedeciam-lhe. Jacó tinha muito mais poder sôbre

versos caíam em alguma falta, ainda que venial, os jesuítas não os deixavam reentrar nos templos, senão depois de flagelados (1). Não raro, entretanto, os castigos corporais davam em tragédias, como, aconteceu na missão de Itapicurú (Maranhão). Foi o caso que, tendo os jesuítas castigado a uma escrava, revoltou-se esta e fugiu para a taba dos uriatís, a clamar vingança. Cercada a redução pelos índios, dispararam os portugueses, que aí se achavam, alguns tiros, abandonando, sem seguida, os padres "para que pagassem os estrondos da palmatória com os golpes mortais dos paus de jucá" (2).

Não resta dúvida, dizíamos atrás, que os padres da S. J. deformaram, em certos aspetos, a alma virgem e primitiva do selvagem. Mas, afirmar daí que, nesse contacto entre o colono e o indígena, e, particularmente, entre o jesuíta e o indígena, sofreu êste

---

a sua gente do que tu, porque se fazia temer dos moradores, enquanto que tu os temes (Alfredo de Carvalho, "Um intérprete dos tapuias", em *R. P.*, XIV, 660 e 661, 1909). — Sôbre os processos de catequese e colonização dos índios, cf.: J. Bonifácio de Andrada e Silva, *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do império do Brasil*, Rio, 1823; Januário de Cunha Barbosa, "Qual seria o melhor sistema de colonizar os índios", em *R. T.*, II, 1840; J. M. de Oliveira, "Plano de colonização a benefício dos índios", etc., *id.*, VII, 1845; R. F. de Almeida Serra, "Parecer sobre o aldeamento dos índios", etc., *id.*, XIII, 1850; J. C. Fernandes Pinheiro, "Breves refleções sôbre o sistema de catequese", etc., *id.*, XIX, 1856; J. Wilkens de Matos, "Alguns esclarecimentos", etc., *ib.*; D. A. B. Muniz Barreto, "Plano sôbre a civilização dos índios", etc., *ib.*; J. A. Pinto Júnior, *Memória sôbre a catequese*, etc., São Paulo, 1862; B. C. de Almeida Nogueira, "Manuscrito guaraní", etc., em *An. da Bib. Nac.*, VI, 1878-1879; Filipe Neri Correia, "Direção com que interinamente se devem regular os índios", etc., em *R. T.*, XLVI, 1.ª parte, 1882; João Barbosa Rodrigues, *Rio Janaperí*, Rio, 1885; Antônio José Duarte, "Catequese", etc., em *Rev. da Soc. Geog. do Rio-de-Jan.*, III, 1887; J. M. de Oliveira, *Pelos indígenas brasileiros*, Rio, 1894; E. M. Gallais, *Uma catequese*, etc., São-Paulo, 1903; H. Ihering, "A questão dos índios no Brasil", em *Rev. do Mus. Pau.*, VIII, 1910; J. de A. Mendes, *Os indígenas*, etc., São-Paulo, 1912; A. F. de Sousa Pitanga, "Tutela dos índios", etc., em *R. T.*, parte 3.ª, tomo esp., 1916; Alípio Bandeira, *Antiguidade e atualidade indígenas*, Rio, 1919.

(1) Anchieta, *loc. cit.*, 79.

(2) Antônio Fernandes Figueira, "O padre Antônio Vieira", em *R. T.*, tomo especial, 1.ª parte, 341, Rio, 1915.

influência *deletéria, dissolvente, letal, degeneradora*, enfim, — é critério unilateral e que se não compadece com os princípios e os fatos sociológicos.

Toda cultura, que não é mais do que o processo de adaptação do homem ao meio ambiente, pretende tornar-se estática. Nesse processo adaptativo, em que cada membro comunitário opera determinado ajustamento, os traços culturais tendem à diferenciação. E' a essa imunidade que Walter Bagehot chama *"cake of custom."* A explicação é de Frank Hamilton Hankins, eminente professor de sociologia nos Estados-Unidos-da-América-do-Norte, o qual acrescenta: *"With the cake of custom tends to thicken, and cultural modes become more and more stereotyped. There is, therefore, in culture no inherent tendency either to change or to progress. If we ask ourselves, then, why it is that man has in certain parts of the world moved forward from the stone cultures through the bronze and iron to the present age, whereas other groups have remained at much lower levels, we shall find the most significant answer in the fact of group contacts. Apparently, the only way in which the thickening cake of custom can be broken and the social group given a new impetus to social change is through the social contacts with other groups resulting from war, migration, trade, travel, and comunication, or by some kind of intra-group crisis, such as famine or civil war"* (1). E, adiante, mais explícito: *"At the same time, a wholly isolated society would be driven to some alterations of its cultural modes in the presence of famine, pestilence, or civil strife. If it were on a low level of cultural advancement, it might very well lack the resources in knowledge to enable it*

---

(1) *An Introduction to the Study of Society*, 421 e 422, Nova-York, 1930.

to meet the emergency. In fact, it might, by the very force of its own mores, be driven to reliance on magical and religious forces, and thus sink deeper into the ignorance and superstition which are the chief sources of human degradation. So dependent is every group on the stimulus and suggestion of new pattern of behavior in order to change or improve its own, that no primitive group could be expected to lift itself very far above its traditional level in the absence of inter-group contacts" (1). Os conflitos culturais, em suma, produzem amálgamas, a que os antropologistas norte-americanos denominam *cross-fertilization of cultures* e, por conseguinte, segundo o critério sociológico, não ha degeneração ou dissolvência por parte dos grupos inferiores contagiados por outros grupos socialmente mais desenvolvidos, senão uma diferenciação rica de inovações e mudanças.

Foi o que aconteceu com os indígenas do Brasil, ao contacto das massas peninsulares que para aquí se transportaram com a pesada bagagem da civilização ocidental européia. Muitos dos traços culturais ameríndios mais apreciáveis vamos mesmo encontrar integrados na vida e nos costumes das nossas populações atuais. Reconhece-o o próprio autor da *Casa-Grande & Senzala,* quando escreve : "Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmônicamente quanto às relações de raça : dentro de um ambiente de quasi reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da

(1) *Loc. cit.*, 423.

do conquistador com o conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família ; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone" (1). Ou: "A verdade é que no Brasil, ao contrário do que se observa noutros países da América e da África de recente colonização européia, a cultura primitiva — tanto a ameríndia como a africana — não se vem isolando em bolões duros, secos, indigestos, inassimiláveis ao sistema social do europeu. Muito menos estraficando-se em arcaísmos e curiosidades etnográficas : fez-se sentir na presença viva, útil, ativa, e não menos pitoresca, de elementos com atuação criadora no desenvolvimento nacional" (2). E ainda quando enumera e aprecia os diferentes traços ou complexos culturais indígenas, que deixaram rasto na vida econômica e social do povo brasileiro : *a*) o uso da rêde (3), "a cama do norte e do interior do Brasil", na frase de Roquette-Pinto ; *b*) a lavoura e preparo de certos alimentos, como o aipí, o milho (e seus sucedâneos (4), o cará, o inhame, o amendoim,

(1) *Loc. cit.*, 88.

(2) *Loc. cit.*, 193.

(3) "*This species of bed has been adopted from the Indians, and nothing more convenient and better adapted to the climate, could possibly be imagined ; it can be wrapped up into a very small compass, and, with the addition of a piece of baize as a coverlid, is usually of sufficient warmth*". — Henry Koster, *loc. cit.*, 57.

(4) "Os processos que os selvícolas usam na cultura do *milho* resumem-se no seguinte : derrubam um pedaço de mata, ateiam fogo na derrubada e, depois, sem retirar os troncos quasi carbonizados, por meio de uma vara pontuda (na falta de enxada) fazem pequenos furos no solo, colocando dentro dêstes as sementes e, em seguida, cobrindo-as com terra. Mais ou menos é ou era êste, até bem pouco tempo, o processo empregado pelos nossos roceiros, que naturalmente obtiveram do próprio selvagem as sementes de tão precioso cereal" (F. C. Hoehne, "A Flora do Brasil", em *Rec. do Bra.*, cit., I, Int., 140). — "Este milho come o gentio assado por fruta, e fazem seus vinhos com êle cozido" (G. Soares de Sousa, *loc. cit.*, *ib.*, 172).

o gerimú, o mamão, o ananás, o cajú (do qual já nos fala admiradoramente André Thevet), inúmeras nozes e castanhas silvestres, e, sobretudo, a mandioca de que se fabricava o cauim, ou cauaba, a farinha de água, a farinha sêca, ou de guerra, a carimã, a papa, o minguau, o beijú, o bolo de macapatá, a tapioca, a passoca, que se misturava ao peixe ou carne pilada (1)); *c*) o moquem, a mixira (carne, ou peixe preparado em banha, a fogo lento, que, depois, se faz em pedaços e é trazido em conserva); *d*) a moqueca, a pimenta, que já era objeto de comércio indígena desde os tempos coloniais; *e*) a indústria extrativa das resinas, gomas (o breu, a copaïbarana, com que se preparavam as aguçadas juparanas, a almécega, a imburana), taninos (o angico, a jurema), corantes ou tintoriais (o pau-brasil, o urucú, a tatajuba, a chica, o genipapeiro, o axuá), óleos, fibras têxteis (o tauarí, a embira, o algodão, o tucum, a piassava, o caragotá); *f*) os materiais de construção (o sipó, o sapê, as palhas); *g*) as drogas e mèzinhas, a saber, o jeticucú, ou batata de purga, a ipecacuanha, o caapiá (malvaísco dos portugueses), o tararacú (fedegoso ou crista-de-galo), a copaíba, a erva-santa (*petum* de Thevet, *pytyma* de Léry, *bettin* de H. Staden, *petume* de Gabriel Soares), o camará, o guarquim, ou erva-moura, que Piso descreve (2); *h*) o gôsto pelo banho de rio (3); *i*) os utensílios de uso doméstico, como

(1) Gabriel Soares de Sousa, *loc. cit.*, *ib.*, 163-169.

(2) Cardim, *loc. cit.*, 73-78. — Gabriel Soares de Sousa vulgarizou numerosas receitas e codimentos, que aprendeu com os indígenas (*loc. cit.*, *ib.*, 166, 167, 172, 178, 182, 183, 185, 189, 195-205).

(3) Referindo-se ao prazer, que as moças do Recife tinham pelos banhos de rios, diz L. F. de Tollenare: "*La jouissance que l'on parait gouter avec le plus de sensualité est celle du bain. Je vais quelquefois en prendre avec mon hôte sur le bord de la mer... Mais c'est sur les bords du Capeberibi qu'il faut voir les familles entières se plonger dans le fleuve et y passer une partie de la journée, en s'abritant de rayons du soleil sous de petits hangards construits en branches de palmier; chaque maison a le sien près duqeul est un petit retranchement pour se vêtir et se deshabiller. Les femmes du rang le plus élevé y entrent nues, ainsi que les femmes de couleur et les hommes. A l'approche d'un canot elles s'enfoncent dans l'eau jusqu'au menton, par décence, mais le voile est bien transparent! J'ai vu dans ces bains la nourrice allaiter son enfant, la grand' mère plonger avec son petit fils, les jeunes demoiselles de la maison folâtrer au milieu de leurs négres, s'élancer avec prestesse et traverser le fleuve à la nage! La position du corps requise pour cet exercise ne laisse voir au passant ni le sein ni aucune partie du devant du corps, de sorte qu'elles considérent la pudeur à couvert; mais il est d'autres formes non moins heureuses que l'oeil peut contempler tout à son aise*". — *Loc. cit.*, II, 452 e 453.

sejam, os balaios, os samburás, as gamelas, as cuias, a esteira de pipirí, as quartinhas, as peneiras, o pilão, os potes de água, as raspadeiras de côco, o girau; *j*) a coivara; *k*) os instrumentos de caça a pesca (a igara ou ubá, o badoque, o juquiá ou côvo, a arataca, o parí, o curral, o tingüí, o mundéu ou arapuca, o fojo, a tarrafa, a fisca, o jereré); *l*) a disposição das choças (1); *m*) muitas lendas, superstições, folguedos e

(1) "O sr. J. Veríssimo, no capítulo do seu interessante trabalho relativo aos usos e costumes do *tapuio*, mostra como dês do seu modo de viver, de sua habitação, do seu regime doméstico — conserva êle vestígios indeléveis da raça vencida. A casa em que vive aquela gente é pouco mais que a palhoça do antigo bárbaro. Fincam no solo alguns esteios brutos (sem falquejo); os dois da frente ou do meio mais altos de modo a que o teto fique inclinado; apoiam sôbre êstes esteios algumas varas e sôbre estas vão estendendo folnas de palmeiras atadas com cipós. Em regra, tais cabanas só têm duas portas, a da frente e a do fundo. Cercam o exíguo recinto com tapumes de *jissaras* partidas, cobertas às vezes de barro. Quasi sempre há uma única divisão: a que serve de dormitório para o chefe da família. O mais é aberto, tendo no centro a lareira, onde nunca se deixa apagar o fogo. Por cima, chegado ao teto, está o *girau*, como nas tendas do índio: é a dispensa da família. No interior destas cabanas, um ou outro móvel se encontrará mais que aqueles mesmos de que usava o antigo selvagem: balaios, esteira de pirí, cuias, vasos de argila, redes ou macas de cipó, etc., — tudo refletindo muito mal disfarçada a vida do aborígene. Nessas palhoças, o modo de viver, as relações de família, a economia, o regime doméstico — tudo pouco difere do que se observava na *taba* do selvagem. O homem come de cócoras como o índio comia; cura-se dos males que o assaltam pelos mesmos primitivos processos; anda sempre descalço; quando viaja com a família, vai sempre adiante; caça, pesca como pescava e caçava o selvícola há quatrocentos anos, tendo demais apenas os petrechos e artifícios que a conquista introduziu; as embarcações de que se serve, nos rios e nas baías; o modo de preparar o roçado e de fazer o plantio; o fabrico de farinha, a *moqueação* de peixe, etc., — tudo acusa de modo flagrante que no homem simples do *sítio*, mais ou menos isolado da civilização, subsiste mais ou menos fielmente o que havia de mais ponderoso nas raças nativas". — Rocha Pombo, *loc. cit.*, II, 363-368.

danças populares (o sací-pererê, o caipora, os *romances de vaqueiros*, de que nos falam Sílvio Romero e João Ribeiro, a *santidade* (1), a festa do sairé); *n*) o costume de a mulher não aparecer aos estranhos (2); *o*) os termos encorporados na nossa língua; *p*) finalmente a imprevidência e tristeza do brasileiro (3).

Nos primeiros tempos da colonização, até a palissada dos índios adotaram os portugueses nos primitivos fortins e *block-houses* das feitorias (4).

---

(1) *Cartas Avulsas*, 382, 393 e 394. — Nóbrega, *Cartas do Brasil*, 99 e 100.

(2) "No costume, ainda muito brasileiro, muito do interior e dos sertões, de não aparecerem as mulheres e os meninos aos estranhos nota-se também influência da cultura ameríndia; da crença, salientada por Karsten, de serem as mulheres e os meninos mais expostos que os homens aos espíritos malignos". — G. Freire, *loc. cit.*, 195.

(3) "Não estimam os irmãos êste trabalho porque sabem por quem o padecem, nem os espinhos que lhes metem pelos pés, nem os ardores que lhes queimam os pés, nem a fome que sofrem; mas o que lhes dá pena e angústia é ver que, não se contentando com os ir buscar uma vez, indo outras, ainda com tudo isso não vêm todos, porque dado que dizem ao som da capaínha; *hitia*, que quer dizer *logo vou*, nunca acabam de vir. Isto lhes acontece por serem naturalmente preguiçosos, e tais que o que lhes é necessário pera seu mantimento por esta causa o deixam de buscar" (*Cartas Avulsas*, 161. — ... "*quare non sunt soliciti de crastino*" e... "são algo melancólicos ...andam muitos dias sem comer se não o têm, mas quando o têm não descansam sem acabá-lo *et vicunt in diem*, não guardando as coisas para o outro" (Anchieta, *op. cit.*, 330 e 434). — "Vivem todos mui descançados" (Gandavo, *loc. cit.*, 124). — "E depois, tendo compreendido bem o que eu acabava de dizer, interrogou-me, de novo e disse: — Mas, êsse homem tão rico, de que me falas, não morre? — Sim, sim (disse-lhe eu); morre como os outros. — E como são grandes discursadores os selvagens e prosseguem mui bem em qualquer sermão até o fim, de novo perguntou-me: — E quando êle morre, para quem fica o que êle deixa? Respondí: — Para seus filhos, se os tem; na falta dêstes, para seus irmãos ou mais próximos parentes. — Na verdade (disse o velho, que, como julgareis não era nenhum tolo), agora conheço que vós outros *maires*, isto é, franceses, sois grandes loucos; pois é preciso trabalhar tanto em passar o mar, onde sofreis tantos incômodos, como nos dizeis, quando aquí chegais, para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem? A terra, que vos nutriu, não é também suficiente para nutrí-los? Temos (acrescentou êle) pais, mães e filhos, aos quais amamos e prezamos; mas, como estamos certos de que, depois da nossa morte, a terra, que nos nutriu, também os nutrirá, por isso descansamos sem o mínimo cuidado". (Léry, *loc. cit.*, *ib.*, 236 e 237). — Quando à tristeza do brasileiro, ler Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, 113 e seg., Rio, 1931.

(4) Robert Southey, *History of Brazil*, I, 55, Londres, 1822.

5. A obra dos jesuítas no Brasil primitivo. — Esculpados os erros e falhas do aparelho educativo, próprio da mentalidade ocidental, mas transportado, quasi sem modificação alguma, para o seio das sociedades indígenas, a obra dos jesuítas no Brasil foi incontestàvelmente notável.

Tinham os padres da Companhia, afora o serviço da catequese, que lhes absorvia a mor parte do tempo: *a*) o govêrno do pessoal agregado às casas religiosas (noviços, línguas, escravos, servos, índios, etc.); *b*) o cuidado dos rebanhos de gado, dos engenhos, da horta, das lavouras, dos jardins; *c*) o trabalho das oficinas (1); *d*) a administração dos sacramentos, as confissões, os batismos, as missas, os casamentos; *e*) as prédicas; *f*) o ensino das primeiras letras, as classes de humanidades, as lições de gramática e teologia.

Eram, ainda, os jesuítas os médicos dos núcleos coloniais primitivos. "Neste tempo que estive em Piratininga servi de médico e barbeiro, curando e sangrando a muitos daqueles índios, dos quais viveram alguns de quem se não esperava vida", diz Anchieta, em carta aos irmãos de Coimbra (2). Muitas vezes, a obra da conversação forçava-os a abrir valados e caminhos, de mata a dentro, como a estrada que, com a ajuda dos indígenas, construiu o apóstolo canarino, para comunicar São-Vicente e Santos às bordas de Piratininga (3). E, em breve, verificou-se a conveniência de congraçar os indígenas em aldeias: a

---

(1) ..."quasi nenhuma arte das necessárias para o comum uso da vida deixam de fazer os irmãos; fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpercatas de um fio como cânhamo". — Anchieta, *loc. cit.*, 151.

(2) *Loc. cit.*, 65. Cf. ainda a pág. 380.

(3) Afonso d'E. Taunay, *São Paulo nos primeiros anos*, 179 e seg., Tours, 1920.

conselho dos jesuítas, Mem de Sá promoveu a fundação das primeiras reduções, "em forma de repúblicas" (1), onde os padres da S.J. tinham poderes temporais e espirituais, ao lado do cacique, ou principal, encarregado da polícia interna, — "meirinho nomeado pelo governador, com a vara de ofício, que os enfunava de vaidade, com meios de se fazer obedecer, podendo pôr gente no tronco", no dizer de Capistrano de Abreu.

Salpicaram os jesuítas o mapa do Brasil de numerosas missões, sobretudo no vale amazônico, na zona do médio Paraná, na região do alto Uruguai. Basta lembrar que em número de vinte e nove eram as reduções maranhenses confiadas ao govêrno do padre Antônio Vieira. E que muitas das cidades brasileiras originaram-se desses núcleos político-religiosos, de setecentos a oitocentas "almas" cada um, pelo menos no norte (2). A obra das missões, em nosso país, corresponde mais ou menos ao período ativo do generalato de Acquaviva (1581-1615) : em 1540 havia dez jesuítas, sem nenhuma casa ou residência fixa ; em 1640, isto é, um século após, contavam-se os sacerdotes em número de mais de dezesseis mil, com vinte e quatro casas professas, cêrca de quinhentos colégios ou universidades, outros tantos seminários e duzentos e oitenta missões, espalhadas por todo o glôbo (3). E isso, não raramente, com oposição e impecilho dos governadores, dos colonos e dos próprios clérigos. Já em 1553, Tomé de Sousa, dirigindo-se ao rei de Portugal, achava que se devia atalhar, como

(1) Nóbrega, *loc. cit.*, 204 e seg. ; *Cartas Avulsas*, 199 e 264.

(2) "O Zoobiblion de Zacarias Wagner", *ib.*, 188.

(3) J. M. de Madureira, *A liberdade dos índios. A Companhia de Jesus na Pedagogia e seus resultados*, II, 7, Rio, 1929.

de fato atalhou, o fervor, que mostravam os jesuítas, "de yrem polla terra a dentro a fazer casas no sertão entre o gentio" (1).

Descrevendo as aldeias da zona sul do país, anota Aires do Casal: "Cada uma das reduções, por outro nome missões, era uma considerável, ou grande vila ; e todas por um mesmo risco com suas ruas direitas, e encruzadas em ângulos retos : as casas geralmente térreas, cobertas de telha, branqueadas, e com varandas pelos lados para preservarem do calor e da chuva ; de sorte que, vendo-se uma, se forma idéia verdadeira das outras. Em cada uma só havia igreja matriz ; todas geralmente de pedra, magníficas, elegantes, de naves e ricamente ornadas ; algumas inteiramente doiradas. Um vigário, e um cura, ambos jesuítas, eram os únicos eclesiásticos, e suficientes para exercer todas as funções paroquiais ; sendo ainda os inspetores em toda a economia civil, debaixo de cuja direção havia corregedores eleitos anualmente, um cacique vitalício, e outros oficiais, cada um com sua inspeção e alçada. A' exceção dêstes, todos os indivíduos de um e outro sexo usavam de uma camisola

(1) *Hist. da Col. Port. do Bras.*, III, 366. — "As prédicas dos jesuítas agiram contudo mais sôbre o gentio do que sôbre os colonos da Nova-Lusitânia, em bom número muito relutantes em abandonarem o escândalo das suas mancebias, os rancores que se tinham suscitado entre êles, a irreligião que lhes adviera do relaxamento dos hábitos e da falta de direção espiritual e até o gentilismo a que fechavam os olhos, deixando os filhos já cristãos correrem o mato entre os selvagens. A abundância dos neófitos comprova o êxito do proselitismo entre os aborígenes, enquanto os curas, que serviam na matriz ou de capelães nas fazendas, feridos nas suas côngruas pela concorrência inesperada de sacerdotes que antepunham ao dinheiro as almas, promoviam contra os intrusos uma sedição. Nem podia ter por êstes simpatia o donatário, cioso das suas prerrogativas como justamente era, pronto sempre a reagir contra qualquer menosprêzo das mesmas e não duvidando em expor longamente ao soberano seus agravos na matéria. O fato é que a missão de Olinda, com seus aldeamentos e seu começo de ermida, deixada por Nóbrega em mãos do companheiro, foi abandonada até 1560, dando-se como razão a falta de obreiros" — (Oliveira Lima, "A Nova-Lusitânia", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, III, 305). — Cf. ainda *Cartas Avulsas*, 181.

talar, ou quasi, de algodão branco. Cultivavam mate, algodoeiros, com os víveres, que melhor prosperavam no território. O alimento era depositado em armazens, donde se distribuía diàriamente pela povoação" (1). E deduz Gilberto Freire, através da página descritiva do geográfo brasileiro, que o regime das reduções era o de "puro internato de colégio de padres", uniforme, rígido, desagregador, sedentário, capaz de destruir tudo o que no selvícola era "alegria animal, frescura, espontaneidade, ânimo combativo, *potencial de cultura*" (2). O objetivo do aldeamento era, além da cristianização, o labor sistemático ou ordenado, o que para os aborígenes, "ciosos da sua liberdade, representava uma verdadeira escravidão". E' de justiça observar, entretanto, que os missionários vindos para o Brasil, na sua maioria, procuravam "minorar êsse estado de sujeição, dispensando aos índios um tratamento brando e procurando cercá-los de um relativo confôrto, nesse ponto, como em outros, muito mais humanos do que seus colegas espanhóis" (3).

(1) *Corog. bras.*, I, 131, Rio, 1845.

(2) *Loc. cit.*, 116.

(3) Luciano Pereira da Silva, *loc. cit.*, *ib.*, 72. — Atualmente, parece que se vem fazendo obrra mais inteligente e mais social junto às missões brasílicas. Essa compreensão está, pelo menos, no espírito dos missionários mantidos pelas "Igrejas Batista do Brasil" nas reduções de Indianópolis (município de Pedro-Afonso, em Goiaz) e Craonópolis (próxima de Carolina, no Maranhão). "Há cinco anos (disse-nos o sr. Francisco Colares) que chefiamos os serviços da missão de Indianópolis e só agora dêmos começo à obra pròpriamente religiosa. Nosso trabalho anterior foi destruir certos hábitos anti-sociais, a que viviam entregues os craôs, sobretudo a rapinagem. Não lhes impusemos vestuário; apenas, por sugestão nossa, usam uma pequena tanga em volta dos rins. Procurámos, porém orientá-los na prática de certas atividades agrícolas, — a plantação de mandioca e de arroz, — que desconheciam completamente, mas isso mesmo sem nenhum caráter coertivo. Possuímos enfermaria e maternidade. Já instalámos, também, uma escola mixta".

O aldeamento do médio Tocantins possue seiscentos índios; as casas, em número de oitenta, são de taipa e cobertas de palha de piassava. Os craôs ralam a mandioca, da qual fabricam uma espécie de pasta; a carne, sem sal, põe-se, mantilha por mantilha, entre camadas dessa pasta, e tudo, em seguida, se envolve em folhas de bananeira. E' o *paparuto*, que depois se enterra no chão, em um leito de pedras altamente aquecidas. A moqueação dura cêrca de duas horas. Os indígenas, pelo mesmo processo, moqueiam a batata e o milho. Os craôs são monóganos. Pune-se o adultério: se é o homem o criminoso, juntam-se as mulheres e lhe dão uma boa sova. Raspam o supercílio com o fim, dizem, de enxergar ao longe a caça. As tatuagens, que usam no rosto, destinam-se a afugentar os maus espíritos. Pintam-se de urucú e de leite de côco, sendo a tinta negra sinal de bravura. Os dentes, limados, servem (dizem). para melhor triturar a carne e não ofender a raíz. Os pretendentes a casamento levam argolas às orelhas; enquanto a mulher se mantêm virgem, traz, por sinal, parte do cabelo raspado circularmente em forma de faixa. O período menstrual é indicado por uma folha de bananeira brava, que cobre as partes genitais. O nubente submete-se à prova de capacidade física, que consiste em transportar pesado toro de madeira, a toda velocidade, em redor da aldeia. Enterram os mortos na própria oca: o corpo, apenas envolto em uma esteira, conserva-se na tumba, suspenso e insulado da terra, por meio de cordas; meses depois, porém, desenterram-no, descarnam o cadáver e pintam os ossos de urucú, os quais inumam em seguida, no mesmo lugar, debaixo de longos prantos. Praticam o chôco: o pai, durante trinta dias, não toca em carne. No dia do parto, banha-se a mãe e tatua-se a criança, como precaução contra os melefícios. O *parrí*, ou cacique, é escolhido por voto de toda a populaçãoa (homens e mulheres): seu poder só desaparece com a decrepitude; nesse caso *aposenta-se* e passa a ser sustentado pela comunidade. A indústria, além do paparuto, consiste na fabricação de esteiras, de arcos (*âmago de patí*), de flechas (*canajuba*) e de outros instrumentos venatórios. A vida provém do sol: a água é sua esposa e mãe da natureza, dizem os craôs de Indianópolis.

(1) *Cartas Avulsas*, 265.

A êsse propósito, invoca-se o testemunho de La Condamine, que notou apreciável diferença entre as missões lusitanas e as castelhanas; nas missões daqueles os índios moravam em casas de tijolo, cobertas de talha, ao passo que nas dêstes era visível o seu desconchêgo.

Os índios, de fato, amavam a liberdade, fugindo, constantemente, das reduções, como ocorreu com o aldeamento de São-João: "depois de fazerem uma solene procissão em dia de Ramos... se foram fugindo todos pelo sertão tão secretamente, que, estando com êles o padre Leonardo do Vale, nunca sentiu a coisa, senão depois de serem quasi todos idos" (1) Mas, aos jesuítas antolhava-se-lhes o seguinte dilema: ou congregar os índios em núcleos vigiados e policiados pelos padres e funcionários do estado, sob o regime do trabalho sistemático, ou deixá-los entre-

gues aos seus instintos belicosos ou às suas práticas canibalescas.

Devemos ter em vista, demais, que os erros da colonização dos ameríndios eram menos dos jesuítas, seus defensores e protetores a todo transe, do que mesmo de toda a sociedade colonial alienígena, em virtude daquela *diferença de grau cultural*, a que se referia João Ribeiro. Os jesuítas, além de tudo, não se podem considerar como sócios desintegrados da sociedade ocidental européia transportada para as plagas sul-americanas.

Isso é fácil de ver através da descrição, que nos deixou Henry Koster, de algumas reduções indígenas do nordeste (princípios do século XIX), sôbre as quais já não era cabível alegar nenhuma influência por parte dos sacerdotes da poderosa ordem (1):

> Cada aldeia (diz Koster) tinha o seu *padre*, bem como um *diretor*, com poderes jurisdicionais. Se algum proprietário necessitava de trabalhadores rurais, dirigia-se ao diretor, com quem ajustava o preço do labor e êste providenciava para que os homens solicitados fôssem ao domínio do locador no dia aprazado. Os trabalhadores recebiam o preço do salário, quasi sempre abaixo do promédio (*"but the bargains thus made are usually below the regular price of labour"*), o qual despendiam a seu bel prazer. Havia ainda, em cada aldeia, dois *juízes ordinários*, anuais, um branco e outro índio, mas, como é fácil imaginar, só o primeiro exercia realmente jurisdição. Tais juízes tinham poderes para aplicar penas le-

(1) *Loc. cit.*, 116 e seg.

ves; os crimes mais graves ficavam sob a alçada do *ouvidor* da capitania. Tinham, também, os indígenas os seus *capitães-mores*, vitalícios, com hegemonia sôbre os nativos; êsses funcionários, todavia, seminús, com sua bengala de castão de ouro, eram, no dizer do inglês, capazes de fazer rir o homem mais sisudo do mundo. Os índios eram, em geral, pouco dedicados a seus amos, a quem nunca tratavam por senhores, sendo a vida severa da aldeia de raro atrativo para êles. Fugiam, por isso, constantemente, das missões e nunca se detinham em parte alguma. Jàmais plantavam por conta própria, e, quando o faziam, raramente aguardavam a colheita: vendiam o milho ou o feijão antes do amadurecimento, e mudavam-se. Só a caça e a pesca eram seus labôres prediletos; só um lago ou riacho podia detê-los algum tempo. Amavam as bebidas fortes; beberiam satisfatòriamente, dia e noite, entregues às suas dansas e monótonas canções. Viam com indiferença a conduta das mulheres e dos filhos; eram mentirosos e habituais viciados. Não tinham amor nenhum ao conchêgo e ao bem-estar doméstico. Os homens carregavam água e lenha e erigiam, sós, as cabanas. Ao viajar, levavam as mulheres os filhos, os potes, os cestos e as cabaças; os homens, atrás, os surrões de couro de cabra, as rêdes, as armas e os utensílios de pesca. Eram as crianças banhadas no próprio dia do nascimento, pois apreciavam muito o aceio. Excelentes rastejadores, descobriam pègadas até nas folhas

sêcas caídas das árvores. Ninguém mais hábil para desbravar o mato. Eram os índios, geralmente, os *portadores* enviados de uma a outra província, porque a sua natural condição os impelia a essa vida errática. Com êles nunca se podia contar por muito tempo; por isso mesmo os administradores, nas obras que exigiam prolongado tempo, preferiam contratar negros e mulatos, replicando às objeções nesse particular com o dito de que *caboclo é só para hoje.* Baixos, acobreados, de membros desenvolvidos; rosto largo, nariz chato, olhos pequenos, cabelos pretos e estirados, pouca barba. As mulheres, enquanto moças, não deixavam de ter encantos, que depressa feneciam. Raros os deformados ou defeituosos. Não se podia, enfim, constranger nenhum índio a trabalhar.

A flagrante descrição de Koster levar-nos-ia ràpidamente à conclusão de que os indígenas do Brasil se anularam por suas próprias mãos, se não tívessemos em vista as condições de ordem cultural em que se acham os grupos nativos. Em primeiro lugar, os colonos brancos não souberam aproveitar as tendências ou aptidões preferenciais do selvagem (a caça, a pesca, o desbravamento do mato), por meio das quais era-lhes possível estar mais em contacto com a natureza virgem e bruta. Daí a sua incapacidade para os labôres sedentários, em que o colono enxergava logo indolência ou temperamento ocioso — *caboclo é só para hoje,* como na frase do historiador britânico. Concorria ainda para isso o fato de o ameríndio preocupar-se pouco com o futuro: como sabemos, o selvagem brasileiro não tinha o sentimento da propriedade, isto é, não cogitava em armazenar, em guardar, em conservar, *porque a terra* (relembremos as palavras do velho tupinambá de Léry) *havia de nutrir os filhos do mesmo modo como nutria os pais.* Eram êsses os principais motivos que levavam os indígenas a evitar a locação de serviços por mais de quatro semanas; e os colonos, aproveitando-se da aversão dos nativos pelos trabalhos do eito, que implicavam vida monótona e regrada, pagavam-lhes salários abaixo do custo, quando mesmo não os procuravam iludir por outros meios. "Antes mesmo de expirar o seu contrato, exigiam os selvagens os seus salários, temendo não receberem coisa alguma," informa-nos J. B. Fernandes Gama (1). Quanto à pretensa *incapacidade assimiladora do selvagem,* ou à *condição instável* dessa assimilação, isto é, quanto ao fato de o índio, mesmo incorporado à nossa sociedade, não tardar a sofrer a nostalgia da maloca ou da jangla, — Araújo Lima observa que o êrro está em impor

(1) *Mem. Hist.*, II, 81, 1844. — Documento holandês de 1637 diz, a propósito dos índios do nordeste: "Contentes com possuir uma rêde onde durmam, e alguns cabaços por onde bebam, o seu arco e flechas, a sua farinha, a sua boa água e a caça que vão buscar nas matas para se alimentarem, trabalham sòmente para ganhar para si e suas mulheres pano que seja necessário para cobrir seus corpos, e consideram bastante que suas mulheres vistam uma camisa de pano pendente até o chão, e êles mesmos obtenham alguma roupa que lhes permita trazer uns calções e um gibão, ainda que sem camisa. E, se não fôra essa inclinação, não trabalhariam; sòmente para ganhar isso são levados ao trabalho, e não querem trabalhar senão até que tenham ganho, quando muito, oito varas de pano grosso ou alguma roupa, o que de ordinário corresponde a vinte ou vinte e quatro dias de trabalho. Voltam então às suas aldeias, dizendo que possuem bastante, e de nada mais precisam, e não se deixarão empregar em trabalho algum, salvo se forem forçados pelos seus capitães holandeses. Os serviços em que mais se empregam os índios, são cortar lenha para os engenhos, plantar canas, limpar os canaviais, conduzir e dirigir os carros, guardar o gado e outros misteres semelhantes; e êstes serviços êles não farão, se, além do alimento, a paga não for primeiramente depositada nas mãos do seu capitão para lhes ser entregue, quando houverem preenchido o tempo e terminado o trabalho'. (*Apud*, A. Pereira da Costa, "Anais Pernambucanos", em *Rev. de Hist.*, n.º 7, 234, Recife, 1928).

o colono a civilização a alguns elementos insulados, e não a todo o agrupamento social, quando é certo que o homem é apenas uma peça dêsse mesmo agrupamento (1). Também aos colonos faltou, enfim, êsse espírito de tolerância e compreensão, que Rondon preconiza como o melhor processo de aproveitamento dos elementos nativos: "Dizia-se (protestava o ilustre explorador) que os nambiquaras eram antropófagos e incapazes de qualquer mansidão; pois bem, esta Companhia aquí se acha hoje sem nenhum receio deles, apesar de êstes índios terem veementemente protestado, com sobeja razão, contra a nossa invasão. Bastou, entretanto, a nossa demonstração de amizade e de bondade, para que êles suspendessem as hostilidades que sempre mantiveram contra os deshumanos seringueiros, que vão queimando as suas aldeias e assassinando traiçoeiramente os legítimos donos das terras, para roubar-lhes o sossêgo e a conservação das suas mais legítimas tradições. Os parecís e os cabixís aquí se acham em tôrno de nós, prestando os melhores e os mais importantes serviços que, de modo nenhum, obteremos de elementos estrangeiros. Como êles, procederam anteriormente os valentes bororos. Todos têm capacidade bastante para as artes quaisquer e para a indústria, como provam os seus trabalhos rudimentares de toda sorte" (2). Ao mesmo general Rondon afigurava-se que os ataques levados a efeito pelos índios aos núcleos civilizados eram, em 90 % dos casos, devidos a agressões anteriores. "Em 10 % se tanto, dos casos restantes (comenta o major Amíl-

(1) *Amazônia – A terra e o homem*, 126, Rio, 1933.

(2) Comunicação telegráfica, pub. no *Jornal do Comércio* do Rio-de-Janeiro, em 11 de fevereiro de 1909.

car Botelho de Magalhães), predominam: 1.º — a defesa espontânea e essencialmente ligada à natureza humana, contra a invasão do solo a que nós civilizados chamamos a nossa pátria; 2.º — a naturalíssima ambição de se apoderarem de artefatos e quaisquer objetos que reconhecem preciosos para seu uso e que seu estado de atraso e ignorância os torna incapazes de produzir, como, por exemplo, os objetos cortantes ou perfurantes, de ferro e aço, facas, facões, foices, machados, missangas, etc.. Ora, em qualquer dêsses dois casos, é mister reconhecer que o índio não se apresenta em nada inferior ao homem civilizado; ao contrário, êste age conciente de que procede mal, porque não desconhece a existência das leis que punem os seus delitos de roubo, assassínio, etc., constantemente em face de toda a organização repressiva da sociedade, com os seus tribunais, juízes, polícia, cadeia, etc.. Ao passo que no estado primitivo da sociedade indígena, a presunção *legal* é que o roubo, ou a extorsão do mais forte, constitue para o selvícola um direito legítimo" (1).

Além da obra de pacificação entre os colonos e os indígenas, levada a bom êxito, cabia aos jesuítas destruir o hábito, inveterado entre os nativos, das guerras intestinas, que ocasionavam, com a *quebra da cabeça* e a antropofagia, nomes e glórias ao vencedor (2); essas guerras, aliás, eram toleradas pelos portugueses, em geral, como o melhor processo de destruïção dos selvícolas (3). Ao lado do canibalismo,

(1) *Impressões da Comissão Rondon*, 257, Porto-Alegre, 1929.

(2) Anchieta, *loc. cit.*, 333. — *Cartas Avulsas*, 172.

(3) José Eduardo Freire de Carvalho Filho, "Estabelecimento de um Govêrno Geral. Os primeiros jesuítas", em *R. T.*, t. esp., 1.ª parte, 229, Rio, 1915. — *"The religion, the pride, and the joy of the Brasilian Savages were in their cannibal feasts; and it was the more difficult to abolish this custom, be-*

outros não menos condenáveis vícios era preciso reprimir: *a*) o hábito irrefreado de "beber fumo", ou petum (1); *b*) o gôsto do vinho, a que se entregavam incontinentemente (2); *c*) a prática da pedrastia e da sodomia (3). A' poligamia opunham, também,

---

cause the Europeans had hitherto made no attempt to check it among their allies. It has been how the French Interpreter advised the Tupinambas to eat Hans as a Portugueze, and the Portugueze in like manner permitted their allies do considerer their enemies as beasts whom they were to destroy and devour. Nay, as these banquets made the feud more deadly, they conceived it to be goad policy to encourage them, and for this policy, the common shuddernigs of humanity were, as usual, repressed and ridiculed, and the holiest injunctions of religion set at nought". — (Robert Southey, *History of Brazil*, I, 226).

(1) Fernão Cardim, *loc. cit.*, 172; Gabriel Soares de Sousa, *loc. cit.*, *ib.*, 200; Porto-Seguro, *loc. cit.*, I, 53.

(2) "São muito dados ao vinho" (Anchieta, *loc. cit.*, 330). — ... "porque têm já muitos vinhos preparados, precedendo logo grandes borracheiras que duram por espaço de alguns dias" (*Diálogos*, etc., 281). —... "nem ao maioral pagam os outros algum tributo ou vassalagem mais que chamá-los, quando têm vinhos, pera os ajudarem a beber, ao que são muito dados" (Fr. V. do Salvador, *loc. cit.*, 53). — ..."Do qual bebem sem regra, nem modo e até caírem" (F. Cardim, *loc. cit.*, 165). — ..."e aparelham muitos vinhos pera se embebedarem" (P. de M. Gandavo, *Tratado*, 51). — ..."porque têm êles cada uma maneira de vinho de raízes que embebeda muito e quando êles estão assí bêbados estão tão brutos e feros que não perdoam a nenhuma pessoa" (*Cartas Avulsas*, 70; cf. ainda as pág. 284 e 285). — ..."e não cessam de dansar, entrar e sair na casa onde estão reünidos, até que tudo se conclua, isto é, não se retiram daí enquanto nos potes existir bebida" (Léry, *loc. cit.*, *ib.*, 202).

(3) Francisco Rodrigues do Prado, "História dos índios cavaleiros, ou da nação guaicurú", em *R. T.*, I, 32 e 33, 1839; *Cartas Avulsas*, 97; Gabriel Soares de Sousa, *loc. cit.*, *ib.*, 315 e 316; Couto de Magalhães, o *Selvagem*, 115 e 116, Rio, 1876; K. v. d. Steinen, "Entre os bororos", em *R. T.*, LXXVIII, 2.ª parte, 452, 1916; Elias Herckmans, "Descrição geral da capitania da Paraíba", em *R. P.*, n.º 31, 268, 1886. — Os próprios colonos não estavam livres da pecha de homomixia e outras aberrações sexuais: "Nem pareçam entre nós suspeitas as informações que a respeito nos vêm dos padres da Companhia, sempre em luta com os colonos. Os arquivos da Torre do Tombo forneceram preciosos documentos da *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, de 1591-1592*. E' um quadro impressionante do começo de sociedade que era a Baía nesse findar do século. E' também no segrêdo inquisitório a mostra minuciosa e completa das mais baixas paixões, que só parece devam existir na decadência das civilizações. Grande número dessas confissões, 45 em 120, referem-se ao pecado sexual. Na população relativamente escassa da cidade do Salvador e do seu recôncavo a repetição dos casos de anormalidade patológica põe claramente em evidência em que ambiente de dissolução e aberração viviam os habitantes da colônia. São reinóis, franceses, gregos, a turba mesclada da mestiçagem — mamelucos, curibocas e mulatos — trazendo ao tribunal da Inquisição os depoimentos dos seus vícios; sodomia, tribadismo, pedofilia erótica, produtos de hiperestesia sexual a mais desbragada, só própria em geral dos grandes centros de população acumulada. Sodomita, êsse vigário de

os jesuítas a sua casuística, que cheirava a inferno e a pau de marmelo. E' verdade que os índios, na sua generalidade, eram monógamos; mas alguns tinham mais de uma fêmea, sobretudo os maiorais, "treze ou catorze", no dizer de Hans Staden (1), de que muito se ufanavam (2) e com o que se assemelhavam aos mouros, para usarmos de uma frase do padre Pero Correia (3). Daí vem, talvez, dizer o irmão Baltazar Fernandes que desejavam tornar-se cristãos os gentios, "mas largarem as mancebas... dificultosamente querem" (4). Não foi menos árduo o trabalho dos padres da S. J. no sentido de casar os amantes e separar os concubinários (5). Procuravam os jesuítas castigar também o adultério (6) (de que não faziam os índios muito caso, se acreditarmos nas afirmativas

---

Matoim, de 65 anos, cometendo atos deshonestos com mais de quarenta pessoas, ou êsse outro clérigo, Frutuoso Alvares, *homem velho que já tem as barbas brancas*, pederasta passivo, assim como o cônego Bartolomeu de Vasconcelos, apaixonado pelos negros de Guiné; e o sodomita incestuoso Bastião de Aguiar, menor de 16 anos, que se juntava com o irmão mais velho e com um bacharel em artes, natural do Rio-de-Janeiro; e Lázaro da Cunha, mameluco, que vivera cinco anos entre os tupinambás, *despido e tingido*, praticando com as índias o pecado nefando; e o cristão-novo Diogo Afonso encontrando-se com o seu cúmplice Fernão pelos *campos e ribeiras;* e João Queixada, morador em casa do governador Dom Francisco de Sousa e que dormia em Lisboa com os pagens do deão da Sé. Tríbade, essa famosa Filipa de Sousa, que conhecia como uma Safo parisiense a arte de *falar muitos requebros e amores e palavras lascivas melhor ainda do que se fôra um rufião à sua barregã* e que conseguiu penetrar, para saciar o vício, num mosteiro de monjas; tríbade também Luisa Roiz, que perseguia na sua fúria as negras da cidade" (Paulo Prado, *op. cit.*, 42-45). — Cf. ainda Gilberto Freire, *loc. cit.*, 130-133.

(1) *Op. cit.*, 151. — Cf. Gandavo, *História*, 128: "Alguns deles têm três ou quatro mulheres".

(2) ..."e aqueles que maior número de mulheres têm são considerados mais valentes e ousados" (Léry, *op. cit.*, *ib.*, 292). — Cf. Cláudio d'Abbeville, *História da Missão dos Padres Capuchinhos*, etc., 324 e Ivo d'Evreux, *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années* 1613 *et* 1614, 85, Paris, 1864.

(3) *Cartas Avulsas*, 97.

(4) *Cartas Avulsas*, 484.

(5) Anchieta, *op. cit.*, 37 e 98 *Cartas Avulsas*, 61 e 66.

(6) *Cartas Avulsas*, 341.

de Manuel da Nóbrega (1) e das de Ivo d'Évreux (2), assim como ajuntar as cristãs-novas ou índias fôrras em *casas de recolhimento*, para que daí saíssem casadas (3).

Nesse particular, os jesuítas realizaram uma verdadeira obra de saneamento moral. A mancebia era desenfreada (4) e dela não se eximiam sequer os clérigos (5). Gilberto Freire acredita que um dos motivos da irrefreável inclinação do colono português pelas índias tenha origem na admiração, que naquele exercia a mulher mouresca, da qual as nossas nativas se aproximavam em muitos aspetos: "O longo contacto com os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da *moura encantada*, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual — sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas — que os colonizadores vieram encontrar parecido, quasi igual, entre as índias nuas e de cabelo solto do Brasil" (6). Que a nudez inocente (7) da índia devera ter sido, real-

(1) *Op. cit.*, 93.

(2) *Op. cit.*, 42.

(3) Nóbrega, *op. cit.*, 119, 120, 125.

(4) "O mor trabalho que agora temos é que haverá em esta povoação algumas cincoenta negras, ou mais, afora outras que estão polas fazendas, as quais se trouxeram das aldeias polos brancos, para as ter por mancebas",- carta de Antônio Pires, escrita em Pernambuco (1551), em *Cartas Avulsas*, 83. — Cf. Nóbrega, *op. cit.*, 72, 79, 80; carta de Pedro Borges (1550), em *Hist. da Col. Port. do Brasil*, cit., II, 268 e 269.

(5) Nóbrega, *op. cit.*, 123 (carta a d. João III, escrita em Olinda, a 14 de setembro de 1551).

(6) Gilberto Freire, *op. cit.*, 11.

(7) Essa inocência revela-se a todo passo: "Mas, por fim de contas, assim como esta bôa gente totalmente nua, na sua chegada não tinha sido avara em mostrar-nos tudo quanto trazia, assim também ao partir já vestidos de camisas, que lhes déramos, quando iam sentar-se no escaler (não estando acostumados a trazer roupa, nem vestuário de qualquer espécie) as arregaçavam até o umbigo, afim de as não estragar, e descobriram o que antes convinha ocultar, querendo ainda, ao despedirem-se, que lhes víssemos as nádegas e o traseiro" (Léry, *op. cit.*, *ib.*, 144). — "*Encores s'ils ont quelque hobergeon ou chamise de petite valeur vestües, ils les depouilleront et metront sur leurs espaules se voulans asseoir en terre, pour crainte qu'ils ont de les gaster*" (André Thevet, *Les Singularitez de la France Antarctique*, 143, Paris, 1878.)

mente, um incentivo à miscegenação, é fato de que se não pode duvidar; mas a descrição idílica nem sempre corresponde ao depoimento de certas testemunhas. A não ser o gôsto pelos banhos de rio, os indígenas, algumas vezes, mostravam-se pouco asseados, morando em casas "fedorentas e afumadas": a promiscuïdade, as rêdes apodrecidas pela urina, — "porque são tão preguiçosos que ao que demanda a natureza se não querem levantar" (1)—, a caça moqueada, pendente do teto e a escorrer sangue (2), tudo isso não parecia próprio do cenário da ninfa morena, que se via fadada a substituir, na América, a muçulmana peninsular (4). Na mestiçagem da índia com o português devemos ver antes, de um lado, o desejo, por parte da índia, de classificação social, isto é, de ter filhos pertencentes à raça superior (3), e, de outro, as condições específicas do povo português, fusível e móbil como nenhum outro, predisposto (já o mostrou Gilberto Freire) para a colonização híbrida, em virtude do longo intercurso cultural com a Africa, por isso

(1) *Cartas Avulsas*, 173.

(2) *Obras de João Francisco Lisboa*, II, 210, São-Luis-do-Maranhão, 1865.

(3) "Da parte das índias a mestiçagem se explica pela ambição deterem filhos pertencentes à raça superior, pois segundo as idéias correntes só valia o parentesco pelo lado paterno. Além disso pouca resistência deviam encontrar de milionários que possuíam preciosidades fabulosas como anzóis,pentes, facas, tesouras, espelhos" (Capistrano de Abreu, *Capítulos da História Colonial*, (*1500-1800*), 44, Rio, 1928). — ..."onde as mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguém, mas até elas mesmas cometem e importunam os homens, jogando-se com êles nas rêdes porque têm por honra dormir com os cristãos" (Anchieta, *op. cit.*, 68).

(4) "Sôbre isto direi em uma palavra que, embora pareça deshonestidade e incitamento à concupiscência ver mulheres nuas, todavia essa nudez grosseira da mulher é muito menos atraente do que se pensa, como então geralmente observámos", — (Léry, *loc. cit.*, 193).

mesmo vitorioso onde os demais europeus, os nórdicos ou os dolicolouros, sucumbiram e amoleceram. A transigência com o elemento nativo, além do mais, impunha-se à vista de um fato, que um historiador inglês chamou de *necessidade*. "Muitos cristãos (di-lo, aliás, Nóbrega) por serem pobres, se têm casado com as negras da terra" (1).

À obra de miscegenação dos portugueses, no Brasil, não faltou sequer espírito social. Duarte Coelho, p. e., promoveu casamento dos primeiros colonos com as índias (2), política, que ainda vamos encontrar, mais delineada, no alvará de d. José I (1755) : *"Sou servido declarar, que os meus vassallos deste Reyno, e da América, que casarem com as Indias della, não ficão com infamia algũa, antes se farão dignos da minha real attenção, e que nas terras, em que se estabellecerem serão preferidos para aquelles lugares, e occupações, que couberem na graduação de suas pessoas, e que seos filhos e descendentes serão habeis e capases de qualquer emprego, honra, ou dignidade, sem que necessitem de dispensa algũa, em rasão destas alianças, em que serão tambem comprehendias, as que se acharem já feitas antes desta minha declaração : E outrosim prohibo que os ditos meus vassallos casados com Indias, ou seus descendentes sejão tratados com o nome de Caboucolos, ou outro semelhante, que possa ser injurioso"* (3). As mamelucas, que, até certa época, eram ainda, no dizer do padre Francisco Pires, *vergônteas novas e imperfeitas* (4), passaram a ser "muito honesta e legalmente cubiçadas para esposas legítimas por portugue-

(1) *Op. cit.*, 109.
(2) F. A. Pereira da Costa, *op. cit.*, *ib.*, 223.
(3) Domingos do Loreto Couto, *Desagravos*, etc., cit., *ib.*, 54 e 55.
(4) *Cartas Avulsas*, 197.

ses, às vezes bem ricos, e, também por alguns neerlandeses abrasados de paixão" (1). Caso típico é o de d. Catarina de Albuquerque, gentil mameluca pernambucana, rebento do romance de Jerônimo o *Torto*, que desposou o fidalgo florentino Filipe Cavalcante, parente do célebre Guido.

Insuperáveis eram as dificuldades opostas ao labor do proselitismo (2). As chuvas torrenciais, as asperezas dos caminhos, as cheias dos rios, as doenças e fadigas, as hostilidades dos colonos, — nada conseguiu arrefecer o zêlo cristão dos religiosos. "Os perigos que nisto se passam (confessava Anchieta), pela diversidade dos lugares a que acodem, se podem conjeturar : perigos de cobras, de que há grandíssima cópia nesta terra, de diversas espécies, que ordinàriamente matam com sua peçonha, de que freqüentìssimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar ; perigos de onças ou tigres, que também são muitos pelos desertos e matos por onde é necessário caminhar ; perigos de inimigos de que algumas vezes por providência divina têm escapado ; tormentas por mar e naufrágios, passagens de rios caudalosos, tudo isso é ordinário ; calmas muitas vezes excessivas que parece chegar um homem a ponto de morte, de que vêm a passar gravíssimas enfermidades ; frio principalmente na capitania de São-Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam índios mortos de frio e assim acontecia muitas vezes, ao menos aos princípios, a maior parte da noite não poder dormir de frio nos matos por falta de roupa e de fogo, porque nem calça nem sapato havia, e as-

(1) Alfredo de Carvalho, "O Zoobiblion", *cit.*, *ib.*, 194 e 195.
(2) A êsse respeito, cf. Carlos Teschauer, *l. c.*, 302 e segs.

sim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e contínuas, e com isto grandes enchentes dos rios e muitas vezes se passam águas muito frias por longo espaço pela cinta e às vezes pelos peitos ; e todo o dia com chuva muito grossa e fria, gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo sem haver outra que mudar. E contudo nada disso se estima e muitas vezes por acudir a batizar ou confessar um escravo de um português se andam seis e sete léguas a pé, e às vezes sem comer ; fomes, sêdes *et alia hujusmodi ;* e finalmente, a nada disto se negam os nossos, mas sem diferença de tempos, noites nem dias, lhes acodem e muitas vezes sem ser chamados os andam a buscar pelas fazendas de seus senhores, onde estão desamparados" (1). Queixava-se mesmo o padre Baltazar Fernandes de que não tinha, freqüentemente, "nem um punhado de farinha da terra pera comer" (2). E, a princípio, quasi todos viviam de esmolas (3), alimentando-se, muitas vezes, das sobras dos criados do governador ou da caridade de pessoas abastadas da colônia (4).

(1) *Loc. cit.*, 322 e 323. — "*Algunos Pes. residian en S. Vte. emp ro los mas estavã en Piratininga de donde acudian a muchas aldeas de gentiles que estavã al derredor, aunq al principio residierõ en dos con grande fructo de las almas, baptizando a muchos specialmente quando estavã en extrema necessidad, instruyndo a todos en las cosas de su salvacion, andando a pie y descalsos por todas aquelas aldeas, durmiendo por los caminos sin ningun genero de cama quando mucho avia algunas redes q ellos mismos llevavan a cuestas. El vestido era muy pobre, lo comu era sotanas de cañamo tenidos de prieto q haziã de las velas de las naos de la india que los enbiavã de lismosa. Acrescentavanse estos trabajos cõ no tener entonces ninguna renta senalada del Rey, y la gente ser muy pobre y assi algunas vezes les era necess.º a pescar y a cazar y estavã todo sin comer emquãto no venia alguna provision, en todos si veya mucha alegria en estos trabajos y hambre e desseo de padecer otros mucho majores*" ("Iesus-Historia de la fundacion del Colegio del Rio de Henero y sus residencias", em *An. da Bib. Nac. do Rio-de-Janeiro*, XIX, 122, 1897).

(2) *Cartas Avulsas*, 500.

(3) Anchieta, *loc. cit.*, 37.

(4) José Eduardo Freire de Carvalho Filho, *loc. cit.*, 232.

Mesmo assim, ninguém os via parados ; a alguns chegaram os índios a chamar de *abarebebés*, isto é, os padres que voam (1). Luiz de Grã, por exemplo, era tão sôfrego que, no dizer do padre Antônio Pires, "não deixava ninguém fazer nada" ; "os que o conhecem pasmam, porque prèga duas horas aos brancos e logo no mesmo dia prèga às mulheres e no mesmo à escravaria e gasta nisto muito tempo que lhe não lembra comer e muitas vezes reza o terço lá muito de noite : finalmente, a todos nos envergonha" (2). Êsse ilustre sacerdote lisboeta instituiu o ensino obrigatório da língua brasílica, que os jesuítas chamavam jocosamente o grego, de acôrdo com a "Arte" composta por Anchieta (3).

Foi sob o influxo do proselitismo cristão, observa-o Teodoro Sampaio, que se iniciou o estudo das línguas americanas : escolheram os jesuítas a língua mais falada no litoral, "fácil e elegante, e suave, e copiosa", segundo a frase de Cardim, "doce e rica, original e sóbria", com "qualquer coisa de heráldica", acrescenta Roquette-Pinto, e recolheram o seu vasto material tematológico. Devemos notar, todavia, que a chamada *língua geral* não era nenhuma língua diferente da dos indígenas (4). "Não é coisa que se

(1) Simão de Vasconcelos, *loc. cit.*, 41.

(2) *Cartas Avulsas*, 276 e 277. — Os índios gostavam muito do padre Luis da Grã, segundo se infere de uma carta de Antônio Blasquez (1561) : ... "e êles ficaram tão saüdosos do padre que, depois, vinham à casa e diziam : — *Já se foi? Já agora tudo está calado. Quando estava aquí, tudo estava alegre*" (*Id.*, 305).

(3) *Id.*, 252. 253 e 270. — Dentre os missionários jesuítas, foi João de Aspilcueta Navarro o primeiro a aprender a língua tupí e verter para essa língua orações e escritos sacros ; mas a Anchieta cabe a prioridade da composição de uma "Arte de Gramática" (1595), já usada, embora em manuscrito, cinco anos após. No dizer de Nóbrega, o tupí muiti se assemelhava ao biscaínho. (*Cartas do Brasil*, 93) ; a razão, acrescenta Capistrano, é de ordem morfológica, sendo ambas, o euscara e o ahanheênga, línguas encorporantes.

(4) Carlos Teschauer, *l. c.*, 163.

admita (diz Batista Caitano de Almeida Nogueira) um conchavo entre padres que se não conheciam ou que trabalharam longe uns dos outros e às vezes sendo até de diferentes cultos, uns católicos, outros calvinistas (Figueira, Montoya, Léry, etc.). Os jesuítas, para o serviço da catequese, criaram por derivação alguns vocábulos (*mongaraymo-caroi* = fazer branco, europeu = batizar), disciplinaram algumas formas gramaticais e nada mais."

O tupí dos tempos incipientes da colonização, ou *abanhẽênga*, dividia-se em dois grupos: o do *norte*, com elementos aglutinantes ainda íntregros, de que resultou a *língua geral*, e o do sul, cujo principal representante é o *abanhema*, o moderno guaraní do Paraguai (1). Como língua de intercâmbio, o tupí teria de influenciar no falar das populações atuais do Brasil. Exemplos dessa influência no dialeto nordestino são: *a*) a tendência para dissolver o *n* intervocálico e nasalar a volga anterior (*vẽneno, inlogio*); a troca da inicial *l* em *d* (*diamba*) e da medial *l* em *r* (*sordado*); *b*) a queda do *l* final (*morá*). Mário Marroquim, embora reconheça a influência do ameríndio na dialetação da língua falada, hoje em dia, no Brasil, acha que há em muitos casos exagêro, como, por exemplo, no fenômeno da passagem do *l* a *r*, já existente no português arcaico (*gróriа, esprandecente, incrinado*) (2). Mas é fato que, como nota Rocha Pombo, a proporção entre as duas línguas faladas na colônia era, até o comêço do século XVIII, "mais ou menos de três para um, do tupí para o português", com preponderância nas capitanias onde a catequese se fez

(1) Teodoro Sampaio, "Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX" cit., 580 e 581.

(2) *A língua do nordeste* (*Alagoas e Pernambuco*), 31 e 32, São-Paulo, 1934.

mais intensamente (São-Paulo, Rio-Grande-do-Sul, Pará, Amazonas). A propósito das populações amazônicas, consigna José Veríssimo a seguinte observação: "A supressão do artigo definido, em frases que não podem prescindir dele em português, é vulgar, como em *rio encheu, canoa chegou, peixe está podre*, etc.. A palavra *porção* é usada sempre no fim da frase, significando muito, quantidade, como *havia gente porção, pescou peixe porção*, por *havia muita gente, pescou muito peixe*. O adjetivo *bonito*, que empregam para esprimir bondade, é literalmente traduzido do tupí, onde se diz *saquena puranga*, cheiro bonito, em vez de *saquena catú*, cheiro bom. O qualificativo com que êles reconhecem a bondade de um perfume qualquer é sempre *bonito* e nunca *bom*. A palavra tupí *será* é ainda usada tal qual como entre aqueles selvagens como um sinal de interrogação e aparece em numerosas frases como *você vai à missa será* (?) ou *você vai será à missa* (?), o que se diria em tupí *ndê reçó será missa quêtê* (?) (1)". Seria difícil enumerar todos os topônimos encontrados no nordeste, assim como outros tantos vocábulos de origem túpica ligados à nossa flora e fauna, ou referentes a utensílios ou objetos de uso comum. Mário Marroquim relembra mesmo alguns verbos (*catucar, sapecar, moquear*), de procedência igual, assim como várias palavras adjetivadas, de uso comum nas sociedades do nordeste brasileiro (*sarará, açú, caipora, jururú, turuna, mirim, tiririca*, etc.) (2).

(1) "As populações indígenas e mestiças da Amazônia", em *R. T.*, L, 1.ª parte, 324, 1887. Cf. ainda Batista Caitano de Almeida Nogueira, "Apontamentos sôbre o Abanheênga", em *Ensaios de Ciência*, f. 1, 30 e 31, Rio, 1876.

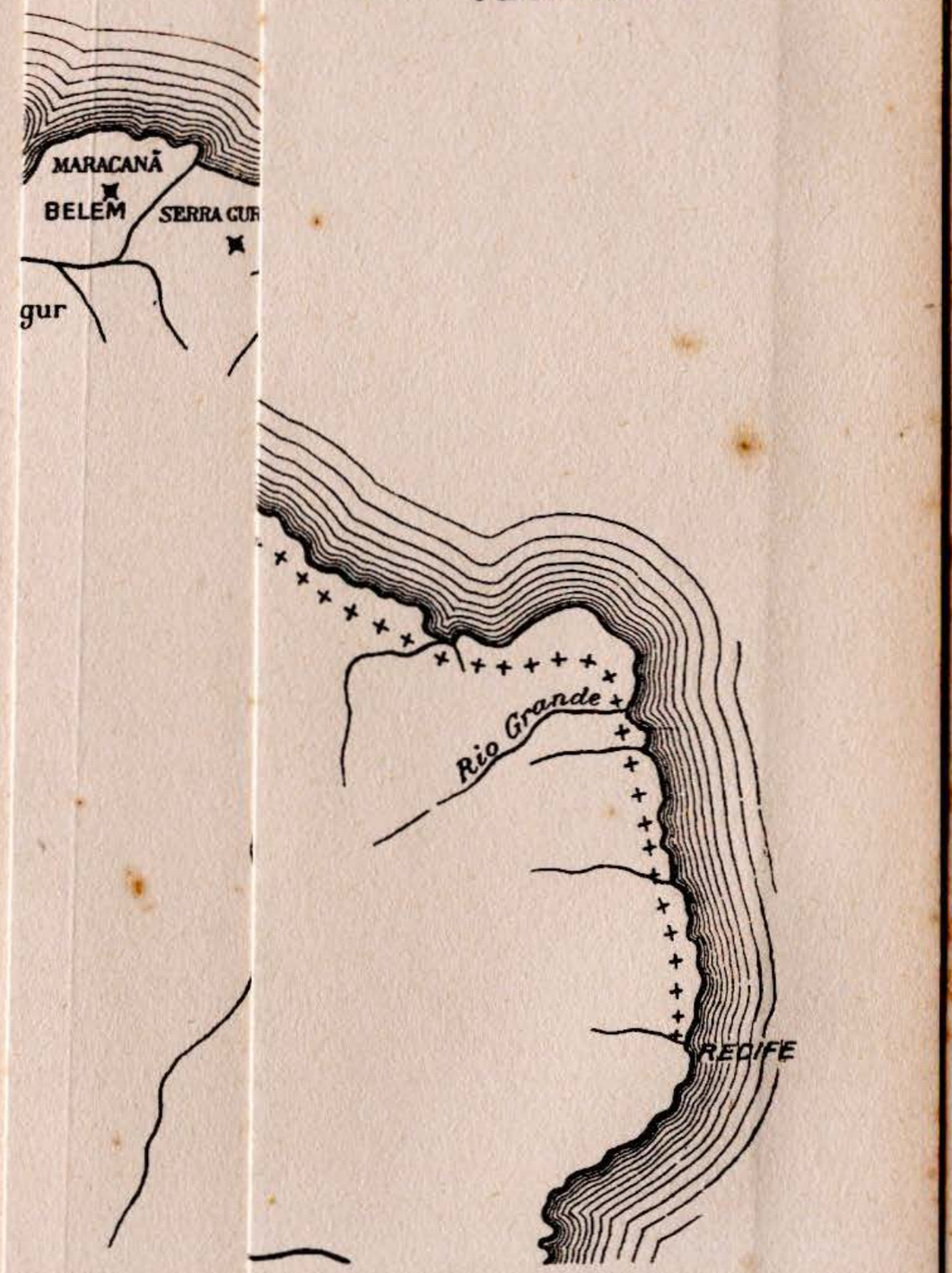
(2) *Loc. cit.*, 155. Cf. ainda Carlos Teschauer, *l. c.*, 47 e segs.

Dificuldades não menos insuperáveis às atividades de ordem social e religiosa dos padres da S. J. eram os próprios colonos.

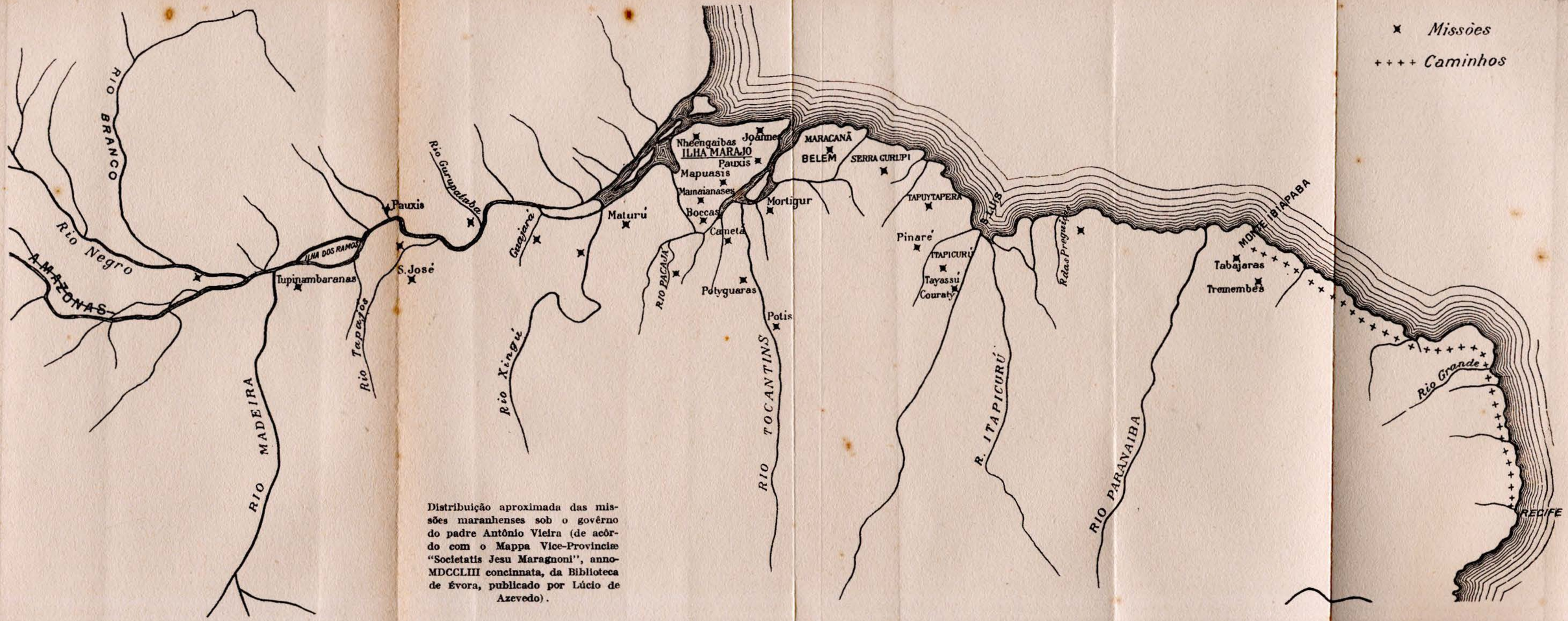
No sul, onde a escravidão constituía-se, por assim dizer, a questão básica, as dissensões intestinas deram em resultado o aniquilamento das reduções castelhanas do vale do Paraná-Paraguai, que os paulistas varriam a ferro e fogo, sob o pretexto, já agora, de invasão do território nacional por aqueles povos vizinhos : não podiam suportar os colonos, além de tudo, "a presença de tantos índios nos aldeamentos dos jesuítas e aos quais com um simples aceno de fôrça poderiam coagir ao trabalho, senão escravizar totalmente" (1). E quando, após reiteradas queixas, se fizeram públicas as resoluções de Filipe IV e de Urbano VIII, amotinaram-se os escravistas a tal ponto que alguns colégios religiosos foram assaltados e deles expulsos os padres. E' a êsse período efervescente que Basílio de Magalhães chama de "caça ao índio" (1561-1695) (2), do qual fizeram parte as incursões de Jerônimo Leitão (1585-1586), Martim Correia de Sá (1596), Antônio Raposo (1628-1629, 1636-1637, 1648-1656), Domingos Barbosa Calheiros (1658), Francisco co Pedrosa Xavier (1676), e tantos outros. Ao norte, o problema do índio revestia-se dos mesmos aspetos, embora o selvícola não se apresentasse com as disposições e o espírito, com que os encontraram os portugueses da época de João Ramalho ou de Duarte Coelho. Alguns já sabiam ler e, certa vez, a uma proposição de paz, responderam os tabajaras do Ibiapaba de modo a causar admiração a Vieira : a carta,

(1) João Ribeiro, *loc. cit.*, 224.

(2) "Expansão geográfica do Brasil até fins do século XVII", em *R. T.*, t. esp., parte 2.ª, 92-124, 1915.



282b



Distribuição aproximada das missões maranhenses sob o govêrno do padre Antônio Vieira (de acôrdo com o Mappa Vice-Provinciæ "Societatis Jesu Maragnoni", anno-MDCCLIII concinnata, da Biblioteca de Évora, publicado por Lúcio de Azevedo).

metida em cabaça de cera, para evitar molhar-se à passagem dos rios, estava fechada com lacre holandês. Mesmo em matéria de conversão achavam-se os índios mais relutantes. Havia quem qualificasse o credo católico de "patranha dos padres" ou dissesse que a sua igreja "era falsa e não a de Jesus Cristo": "êste sorria do temor do inferno"; "aquele reservava o batizar-se para quando Cristo se encarnasse de novo, e então em donzela índia, como já o fizera em branca"(1). De qualquer modo, porém, a situação das colônias do norte pouca diferença mostrava em relação às do sul, como prova o fato de a população maranhense rebelar-se contra os efeitos da lei de 1652, que extinguira de vez a escravidão vermelha. E até Vieira procurou contemporizar, ou adaptar-se aos acontecimentos, "promovendo o plano de deixar aos índios do serviço doméstico a opção pela liberdade e agrupar os do interior em missões e aldeamentos, que até então não existiam aí, e, como servos do estado, podiam ser cedidos aos colonos por tempo certo e mesquinho salário" (2). Foi essa a época da prosperidade das reduções, que formavam uma espécie de via-láctea, das encostas do Ibiapaba à foz do rio Negro; mas, com a morte de d. João IV, protetor do ilustre missionário, recrudesceu a campanha escravista, e o povo, açulado e indômito, assaltou o colégio jesuítico e deportou seus donos, justamente como acontecera no sul do país.

6. O indígena e sua influência na formação dos nossos tipos étnicos. — Segundo a maior parte dos cronistas tradicionais, os indígenas brasileiros atin-

(1) Antônio Fernandes Figueira, "O Padre Antônio Vieira", *ib.*, 379.
(2) João Ribeiro, *loc. cit.*, 233.

giam, em geral, avançada idade (1). Raros, também, eram aqueles que se mostravam afetados de alguma deformidade : Anchieta diz mesmo que costumavam os selvícolas enterrar as crianças nascidas " com alguma falta" (2). Há quem ponha em dúvida, hoje em dia, a longividade dos nossos indios ; é digno de nota, todavia, o fato, testemunhado por Elias Herckmans, de que os tapuias do nordeste transportavam os velhos em rêdes (3),—a decrepitude, portanto, era um fato comum, que já tinha influído na conduta dos sócios do grupo.

As descrições dos autores clássicos estavam longe de fixar o tipo do aborígene brasileiro, uma vez que o próprio indivíduo observado variava de latitude em latitude. Prova disso são as observações a respeito da côr da pele : os índios (tupís e gês) eram "vermelhos" (4), "morenos" (5), "baços" (6), "castanhos" (7), "brunos" (8), "atrigueirados" (*bruynachtich*) (9) ; "cabelos corredios" (10), "negros" (11), "ásperos e grossos" (12); "olhos negros" (13) ; "nasum compres-

(1) Anchieta, *loc. cit.*, 129 ; Léry, *loc. cit.*, 180 ; *Diálogos*, etc.. cit., 100 ; Cláudio d'Abbeville, *loc. cit.*, 306 e 307 ; Antônio Rodrigues, em *Cartas Avulsas*, 296 ; Marcgrav, *Historia natvralis brasiliae*, etc., cit., 269. Roquette-Pinto, *Rondônia*, *ib.*, 128, de acôrdo com as suas observações, não crê na longividade dos nossos índios.

(2) *Loc. cit.*, 239.

(3) *Loc. cit.*, 286. Cf. Clemente Brandenburger, *loc. cit.*, 37.

(4) Anchieta, *loc. cit.*, 433.

(5) Léry, *loc. cit.*

(6) Gandavo, *loc. cit.*, 124 ; G. Soares de Sousa, *loc. cit.*, 306.

(7) Fr. Vicente do Salvador, *loc. cit.*, 51.

(8) Z. Wagner, em *R. P.*, XI, 188.

(9) E. Herckmans, *loc. cit.*, 279.

(10) Anchieta, *loc. cit.*, 433 ; Gandavo, *ib.*

(11) Z. Wagner, *ib.*, 187 ; Marcgrav, *ib.*

(12) E. Herckmans, *ib.* ; *nigros*, diz Marcgrav, *ib.*

(13) Marcgrav, *ib.*

sum" (1) ; "rosto amassado" (2) ; "bons dentes" (3) ; "estatura meã" (4) ou "medíocre" (5) ; "membros proporcionados" (6).

Observadores mais modernos procuraram assinalar os caracteres antropológicos do ameríndio, tais como Alexandre Rodrigues Ferreira, A. Gonçalves Dias, Saint-Hilaire, M. de Wied-Neuwied e outros. Uma das descrições mais divulgadas pertence a Alcide d'Orbigny, que definiu do seguinte modo a morfologia corporal do grupo por êle denominado de "brasílio-guaraní" : *côr amarelada, ligeiramente misturada, de vermelho-pálido ; estatura média* (1m,62) *; face cheia e circular ; fronte pouco saliente ; nariz curto e estreito ; bôca de tamanho mediano, de lábios finos ; olhos, em geral, oblíquos, repuxados no angulo externo ; arcadas zigomáticas pouco manifestadas ; cabelos negros, corredios, consistentes ; barba tardia e escassa ; dentes sãos e difìcilmente cariáveis.* Martius, afinal, estabeleceu dois tipos indígenas, um a lembrar o *mongol* (estatura pequena, face larga, fronte deprimida, malares salientes, olhos oblíquos, nariz abatido, maxilar inferior forte) e outro a lembrar o *caucásico* (talhe elevado e esbelto, fronte arqueada, olhos horizontais, nariz saliente e freqüentemente aquilino, maxilar inferior bem constituído), correspondentes, respectivamente, ao *abaúna* e ao *abajú* de Couto de Magalhães (7). A propósito dêsse assunto, devemos

(1) Marcgrav, *ib.*

(2) Gandavo, *ib.*

(3) G. Soares de Sousa, *ib.*

(4) G. Soares de Sousa, *ib.* Cf. Z. Wagner, *ib.*

(5) Cláudio d'Abbeville, *loc. cit.*, 307.

(6) Anchieta, *ib.*

(7) *O Selvagem*, II, 68 e seg., Rio, 1876.

lembrar que as medições de Barbosa Rodrigues e J. B. de Lacerda representam notável contribuïção para o estudo dos tipos indígenas do Brasil, embora de modo não tão sistemático quanto o fez Paul Ehrenreich (1).

As pesquizas de Ehrenreich incidiram em 184 indivíduos, assim distribuídos :

		INDIVÍDUOS VIVOS		
		M	F	Soma
CARAÍBAS	bacaïrís	10	6	16
	naüquás	15	12	27
TUPÍS	auetós	14	2	16
	camaiurás	14	4	18
NU-ARUAQUES	meïnacús	6	6	12
	vaurás	1	1	2
	parecís	9	3	12
	paumarís	3	—	3
	iamamadís	4	—	4
	ipurinãs	8	1	9
GES	caiapós	5	2	7
	cherentes (acuás)	1	—	1
LÍNGUAS ISOLADAS E OUTROS GRUPOS	trumaís	8	—	8
	bororos	20	6	26
	carajás	12	9	21
	tobas (Chaco)	1	—	1
	matacos (Chaco)	1	—	1
Soma		132	52	184

(1) *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens*, Braunschweig, 1897.

Sua obra veio demonstrar que difìcilmente podemos reduzir os nossos índios a um só tipo antropológico. O tom da pele varia de acôrdo com o clima (diz o etnógrafo germânico), não havendo motivo para chamar os índios de vermelhos : vermelhos são aqueles que se pintam de urucú (*"Das früher so oft betonte Roth beruht zweifellos grossentheils auf Urucubemalung"* (1)). Mais geral é o *amarelo-cinzento-claro* (23 da escala de Broca), *"also ein ziemlich helles Gelbgrau"*. Enquanto a tonalidade epidérmica dos anambés (tupís do baixo Tocantins) ultrapassa, às vezes, a clareza do chamado branco europeu, há índios de côr bem escura (29 da escala de Broca) (2). As nuanças dermocrômicas são infindas. Nem, tampouco, existe uniformidade no cabelo : o dos bororos e carajás é grosso, reto, preto ; contam-se outros que o têm fino ou mesmo anelado, como se viu entre os bacaïrís (3). A estatura também é variável. Os bororos, os carajás e os caiapós são os mais altos ; os auetós, os parecís, os naüquás e os iamamadís os mais baixos. A estatura menor aproxima-se dos pigmeus africanos descritos por Topinard nos seus *Eléments d'anthropologie générale*, 462, París, 1891 (4). A envergadura (*Klafterweite*) de maiores oscilações individuais vêem-se entre os bororos (H., 113,3 *bis* M., 97,4) ; só os meïnacús, parecís e trumaís, segundo os dados de Ehrenreich, mostram-na diretamente proporcional à altura. Os bororos e os parecís, quanto ao sexo masculino, são os que apresentam maior média de comprimento do braço (21,4 e 20,4, respetivamente) ; os

(1) *Loc. cit.*, 79.
(2) *Ib.*
(3) *Loc. cit.*, 81.
(4) *Loc. cit.*, 111.

auetós as maiores variações individuais dêsse segmento (17,4 a 21,4). A cefalometria oferece diferenças de toda a espécie. Tomemos, *v. g.*, o grupo meïnacú (nu-aruaque). Encontraram-se os seguintes índices cefálicos (1) :

Indivíduos	*H*	*M*
I	77,3	
II	79,2	
III	81,1	
IV	78,0	
V	76,0	
VI	75,3	
VII		76,6
VIII		78,3
IX		74,9
X		80,2
XI		78,6
XII		77,7
Média . . .	77,8	77,7

Quatro indivíduos são dolicocéfalos, seis mesaticéfalos e dois braquicéfalos (Broca). Convém notar, todavia, que o capitão Luiz Tomaz Reis, da Comissão Rondon, no estudo que realizou em tôrno dos grupos do vale do Xingú, chegou aos seguintes resultados :

(1) *Loc. cit.*, 124.

"Entre um e outro, os mesaticéfalos, o meio termo, estão compreendidos os índices cefálicos dos bacaïrís e outros índios do Curisevú. Aliás, parece-me ser êste o índice geral da maioria dos nossos caboclos do interior e seus consanguíneos" (1). Roquette-Pinto, comparando os nambiquaras com os índios estudados por Paul Ehrenreich, conclue que os selvícolas da Serrado-Norte e da bacia do Juruena aproximam-se, na côr da pele, dos bororos e dos carajás. Quanto à estatura tomam posição entre os parecís e os naüquás, embora os coloque a percentagem de estaturas elevadas perto dos caiapós, e, em relação ao índice defálico, ao lado dos parecís. O grupo meridional é constituído dos mais escuros índios do Brasil (2).

Há índios, em suma, de estatura atlética, como os bororos ("onde são comuns os indivíduos de 1*m*,90", diz Amílcar Botelho de Magalhães (3)), e há-os que se avizinham dos pigmeus (tais são os maués) ; uns acentuadamente braquicéfalos (os caiapós), outros dólicos puros (os carajás). Alvos êstes, a exemplo dos parecís ; bastante escuros aqueles, quais os indígenas do grupo meridional da Serra-do-Norte (4).

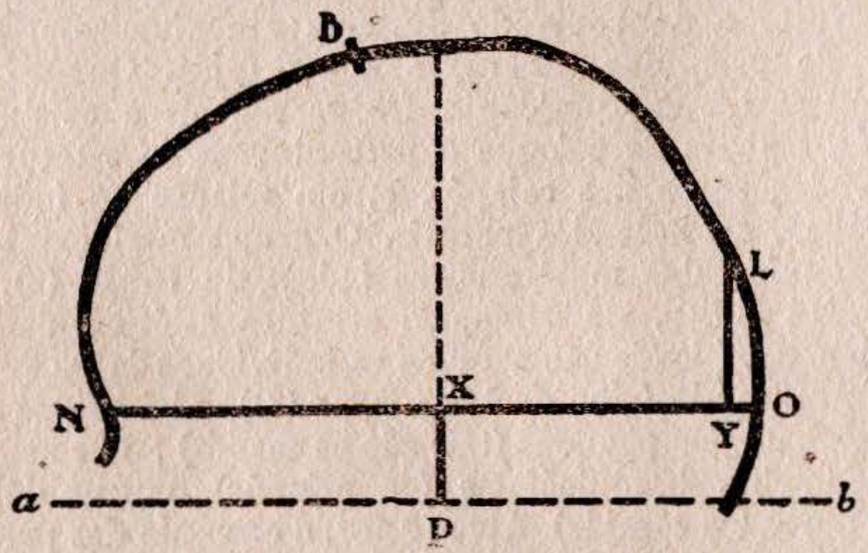
(1) *Apud* Amílcar A. Botelho de Magalhães, *Pelos Sertões do Brasil*, 353, Porto-Alegre, 1930.

(2) *Rondônia*, *ib.*, 142-144.

(3) *Impressões da Comissão Rondon*, 260, Porto-Alegre, 1929.

(4) "No ponto de vista dos caracteres pròpriamente antropológicos, não é mênor a diversidade. Embora os caracteres comuns, que os distinguem dos outros grandes raças, a branca, a preta e a amarela, essas tribus americanas, vistas mais em detalhe, mostram diversidades consideráveis de tipo físico : diversidade de estatura, diversidade de côr, diversidades craniométricas, diversidades de compleixão. Estes, por exemplo, são de pequena estatura e extremamente feios ; aqueles, ao contrário, apresentam uma fisionomia agradável e uma compleição alta e esbelta. Entre os aimorés, segundo o padre Simão de Vasconcelos, alguns deles são tão brancos como os portugueses. Nos sertões de Minas, o explorador inglês Knivet, que os percorre nos fins do I século, encontra uma tribu de índios, os *molopaques*, em que os homens têm os cabelos lisos e a pele branca como os europeus, e as mulheres, a acreditar no mesmo cronista, não são menos claras do que as suas compatriotas", — F.J. Oliveira Viana, "O povo brasileiro e sua evolução", em *Rec. do Bras.*, cit., 319.

E' verdade que, se a variação dos nossos tipos indígenas é enorme, existirão, contudo, algumas tendências, que se podem chamar de *caracteres mais gerais*. Basta citarmos, por exemplo, o estudo de Roberto F. Hinrichsen, que, medindo alguns crânios de índios brasileiros, chegou à conclusão de que, rela-

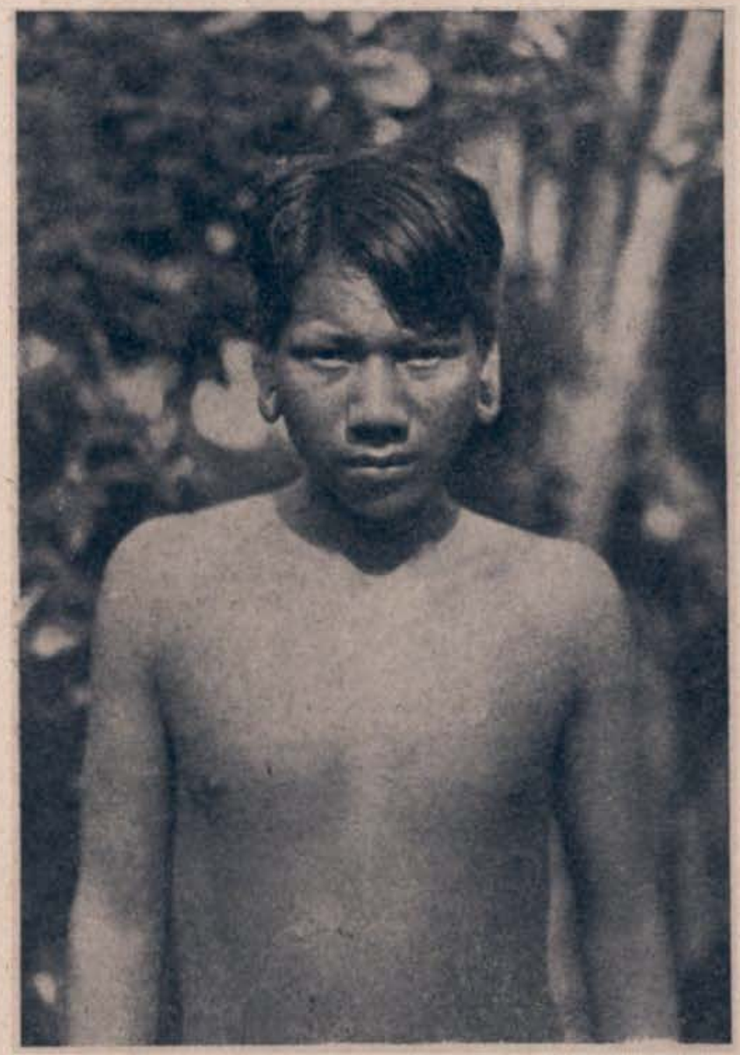


Esquema das distâncias medidas (Hinrichsen).

P — porion
N — nasion
B — bregma
L — lambda
XP — altura do nasion sôbre o plano basal
NO — diâmetro nasion-occipital
NX — segmento pre-porion
LY — nível do lambda sôbre o plano nasion-ocipital
ab — plano de Frankfurt.

tivamente ao material branco e negro, os crânios dos índios brasileiros oferecem algumas diferenças: *a)* nível do nasion mais baixo; *b)* diâmetro nasion-occipital situado entre as médias dos brancos e negros, mais próximo dos primeiros; *c)* menor comprimento do segmento pre-porion. O lambda tem, ainda,

a particularidade de ser mais elevado nos crânios indígenas do sexo masculino do que nos do sexo feminino (1). Notemos ainda que, segundo Roquette-Pinto,



Retrato de um índio craô, do grupo gê, de Indianópolis. Alguns caracteres mongólicos são notáveis. E' um dos tipos dos tapuias oriundos do nordeste. Foto do autor.

(1) "Contribuïção ao estudo craniométrico dos índios brasileiros", em *Bol. de Mus. Nac.*, VI, 21-43, 1930.

o tipo antropologico mais parecido com o comum dos nossos indígenas escontra-se, como já o demonstrou Virchow, entre os chamados amarelos cruzados da Malásia, filiados, portanto, ao ramo mongólico. Para o mesmo antropólogo patrício, é o "amarelo-siena"

O mesmo índio da gravura antecedente, de perfil. Foto do autor.

a côr dominante e os seus característicos antropométricos mais gerais indicam que são mesorrinos, mesognatas e megassemos (1), com levantamento do ângulo exterior das pálpebras.

Na realidade, os índios brasileiros, quanto ao tipo antropológico, dividem-se em *braquicéfalos* (que reproduzem vivamente os caracteres físicos do ártico ou do malaio), *dolicocéfalos* (que acusam "influência superior do *proto dolicomorphus americanus*") e *mesaticéfalos* (que são formas resultantes dos dois tipos extremos).

No dizer de Alfredo Élis Júnior (2), os braquicéfalos tinham o seu mais importante núcleo no nordeste. E também na hiléia amazônica, onde os aruaques braquióides viviam mesclacos aos tupís e caraíbas mesaticéfalos. A começar da zona baïna, para o sul, "os tupís, que no Amazonas eram mesaticéfalos e no nordeste fortemente braquicéfalos, tomavam novamente a conformação mesaticéfala". Mas, já no Espírito-Santo, avizinhavam-se dos gês, dolicocéfalos fortemente dosados de sângue do proto-dolicomofo americano e melanésio (vales do rio das Contas, do Doce, do Mucurí, do Jequitinhonha, das cabeceiras do São-Francisco). Em seguída, surgiam os tupís mesaticéfalos, representados, no Rio-de-Janeiro e em São-Paulo, respetivamente, pelos tamoios e guaianás, e, com muitas probabilidades, também representados no litoral do extremo sul pelos cariris. "O Brasil (prossegue Alfredo Élis Júnior) tem sido uma imensa complexidade de mestiços, os quais se refletem em todas as

(1) *Seixos Rolados*, cit., 144 e seg.

(2) "Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São-Paulo*, XXIX, 116 e seg., 1932.

nuances da dermacromia, correndo por todas as escalas da métrica craniana, facial, estatural, etc. Os diversos meios físicos, as seleções e as mais circunstâncias, vão diminuindo o número dessas variedades, eliminando os menos aptos, reduzindo os tipos, que embora em pequena quantidade, se perpetuam nessa orquestração polimórfica, que é a população brasileira, amálgama heterogêneo de muitos caracteres que definham em ambientes físicos e sociais numerosos e variados". A população nordestina, para o mesmo antropologista, surgiu do cruzamento de três tipos, — o branco e o negro, dólicos, e o índios braquicéfalo, — "cruzamento *homogenésico-paragenésico*, isto é, cruzamento fecundo com volta para o índio braquicéfalo e eliminação dos caracteres do branco e do negro, talvez por terem os mestiços paragenèsicamente se cruzado intensamente com o índio, devido à supressão do tráfico de escravos africanos e à extinção do afluxo de colonos europeus, que procuram com exclusividade os estados do sul".

E' possivel mesmo, como já afirmou um dos nossos antropólogos, que não exista na face da terra outra região onde a mestiçagem se efetuasse tão largamente quanto no Brasil. Entraram os indígenas com notável coeficiente nas populações do septentrião, sobretudo nas áreas sertanejas confinantes com a faixa agrária do litoral, por motivo que Oliveira Viana atribue à substituïção, na última zona, do braço ameríndio pelo afro e à índole do selvícola, refratário ao labor organizado : à medida, diz êsse sociólogo, que se intensificou, no período protohistórico do Brasil, o tráfico negro, o elemento indígena foi sendo progressivamente repelido para o interior, "para as zonas campesinas, onde se pratica o pastoreio, ou para as

zonas de florestas, em que domina, nas suas formas mais elementares, a pura indústria extrativa, a das castanhas, a da borracha, a do caúcho, a da piassava, a da quina, a da salsaparrilha, a da ipeca e a da carnaúba" (1). É aí, isto é, nas zonas agrestes ou semiáridas do nordeste e nos plainos aluviônicos do extremo-norte que vamos encontrar o caboclo, xantodermo, de pele vinte a trinta (v. Luschan), de cabelos negros e lissotricos, de olhos escuros, com fenda palpebral, às vezes, oblíqua, de face larga, homogênea (133 mm., em geral), predominantemente curta (117), de altura mediana (2), com dois pontos de máxima densidade (1,63 e 1,69), braquicéfalo, leptorrino ou mesorrino, — de acôrdo com a descrição de Roquette-Pinto (3).

Se os indígenas entraram com notavel coeficiente na formação dos tipos constitutivos das populações do septentrião brasileiro, qual será essa taxa percentual? Eis um problema que ainda está por ser feito. Os dados são falhos, incompletos, suspeitos. Não terminaremos, entretanto, o capítulo sem lançar mão de um documento oficial de 1908, publicado no *Boletim Comemorativo da Exposição Nacional* (Rio-de-Janeiro), segundo o qual os xantodermos estavam assim distribuídos no nordeste brasileiro (4) :

---

(1) "O tipo brasileiro ; seus elementos formadores", em *Dic. Hist., Geog. e Etn. do Brasil*, cit., I, 278.

(2) Mais baixa do que a dos melanodermos, faiodermos e leucodermos : 160-163 para os xantodermos do norte (do Amazonas à Baía) e 164-165 para os xantodermos do sul (do Paraná ao Rio-Grande-do-Sul). Cf. Isaac Brown, *O Normotipo Brasileiro*, 128 e 129, Rio, 1934.

(3) "Ensaios de Antropologia Brasiliana", 135-137, São-Paulo, 1933.

(4) Raimundo Lopes considera anti-científico anexar o Maranhão ao nordeste, por ter aquela zona mais afinidade com o centro (Goiaz e Mato-Grosso). Entre a amazônia e o nordeste pròpriamente dito, explica o conhecido arqueólogo, estende-se o chapadão tabular de camadas horizontais e os vales ou bacias, que constituem uma como zona de interferência ou de transição ("Entre

Maranhão	15,22
Piauí	20,19
Ceará	17,12
Rio-Grande-do-Norte	9,39
Paraíba	10,71
Pernambuco	7,71
Alagoas	18,40

As maiores taxas percentais de mestiços de índios e brancos coincidem com as zonas onde o pastoreio representa a principal atividade econômica da região. Em Alagoas, a elevação do coeficiente explica-se, talvez, com a proximidade do São-Francisco, zona de natural atração para os grupos nativos.

Estudos realizados no Museu Nacional do Rio-de-Janeiro, em 1922, consignaram, enfim, a taxa de 11% para os xantodermos, em todo país, ou seja, um total de mais de três milhões de indivíduos.

---

a Amazônia e o Sertão", em *Bol. do Mus. Nac.*, VII, 185, 1931). Mas, as *regiões naturais* são quadros imprecisos e complexos, "formados por quadros simples superpostos que não podem sempre coincidir (quadro térmico, quadro topográfico, quadro botânico, quadro pluviométrico, quadro econômico, quadro humano", etc.)" (Delgado de Carvalho, *Geografia do Brasil*, II, 243, Rio. s. d.). E, para o objetivo de nosso estudo, que é a vida e condição social das nossas populações primitivas, na época da colonização inicial, o Maranhão integra-se no quadro político do nordeste, como legítima conquista de Jerônimo de Albuquerque e outros e centro migratório dos aborígenes, que buscaram aquela mesopotâmia compelidos pelo avanço da conquista portuguesa.

Conclusões

A arqueologia brasileira, que atravessa ainda o seu periodo pre-científico, em muitos dos seus aspetos não passa de uma simples modalidade da etnografia. Pouco sabemos a respeito das populações indígenas do continente cis-ístmico, as quais já hoje não podemos afirmar peremptòriamente que são autóctones. Também já não é possível aceitar a tese de Martius, a saber, que os selvícolas brasileiros seriam restos degredados de povos de nível cultural outrora avançado ; as jazidas paletnográficas do forte da Barra, do Maracá, de Marajó, do Cunaní, de Santarém, do Cajarí, etc., embora notáveis e significativas, e talvez, vinculadas aos grupos de Costarica (Max Uhle), propendem antes a indicar, segundo a teoria de Raimundo Lopes, que houve, de fato, uma irradiação, cujo centro poderia ter sido as regiões próximas do Panamá, mas *arcaica*, à qual se seguiu um período *post-arcaico*, de insulamento, comprovado por acentuada diferenciação regional. Não devemos, tampouco, identificar as estearias maranhenses com as formas clássicas do Velho-Mundo (palafitas alpinas) ; observe-se, além disso, que os objetos líticos, no Brasil, são antes *pedras alisadas* do que pròpria-

mente *polidas*, ou seja, no dizer de um autor, *trabalhos em rochas que já se afereciam mais ou menos arredondados ao "Homo faber"*.

Entre as jazidas árqueas importantes do Brasil encontram-se os *sambaquís* e as *inscrições lapidadas*. Estudados sistemàticamente, os sambaquís ainda poderão desvendar alguns interessantes aspetos da vida do aborígene brasileiro, tanto quanto as inscrições lapidares, cuja significação depende do grau cultural de seus autores. Alguns glifos rupestres, como os de Areão, por exemplo, lembram a técnica ou a arte parietal dos animalistas magdaleneses; na sua maioria, porém, são os nossos *rock-engravings* de caráter propiciatório ou mágico. Não devemos esquecer que a mentalidade do selvagem brasileiro era pré-lógica. Indiferente ao nosso espírito experimental, o ameríndio atribuía aos seres inanimados funções muitas vezes místicas. Mordia a pedra, enfurecido, se com ela topava em caminho (1). Comia os animais, que o molestavam, por motivo de vingança (2), ou para adquirir suas qualidades excelsas, a exemplo dos malaios de Singapura ou dos diaques de Bornéus de que nos fala Lorde Avebury, mais conhecido pelo nome de John Lubbock (3).

Não menos importantes são as jazidas espeleológicas, sobretudo as do vale do rio das Velhas, embora não se tivesse podido fixar, com exatidão, a idade geológica da formação em que se encontraram os restos humanos, alí descobertos pelo dr. Lund, sendo mais provável que o chamando *homem da Lagoa-*

(1) Southey, *loc cit.*, I, 232 e 233. — Cf. Léry, *l. c.*, 227.

(2) Nobrega, *loc. cit.*, 91.

(3) *The origin of civilisation and the primitive condition of man*, 18 e 19, Nova-York. 1911.

Santa fôsse um mero antepassado dos íncolas brasileiros. Lütken chegou mesmo a negar a existência isocrônica da "raça" da bacia sanfranciscana com os fósseis das espécies extintas, encontradas no mesmo local. Foi um golpe de morte na teoria do autoctonismo, cujos delirantes adeptos remontam, de modo preciso, a Morton (1839). O indígena americano, por seu conspecto somático, é de origem provàvelmente asiática, por migração post-quartenária, realizada após o recesso definitivo dos glaciares hiperbóreos, mas não através de um *tipo único*, como pretende Trombetti, uma vez que Dixon e tantos outros cientistas provaram a complexidade morfológica das populações amarelas. A êsse respeito é conveniente relembrar as palavras de Hankins, a saber, que as duas questões — monogenismo e poligenismo — "*resolve themselves into one, if we go back far enough along the line of descent*" (4).

A etnografia brasileira não ultrapassou, também, a fase por assim dizer analítica. Representam melhor o período fragmentário as informações e estudos dos jesuítas (Nóbrega, Anchieta, Cardim, Simão de Vasconcelos, Montoya, Figueira, Restivo, etc.). Foram os padres da S. J. quem nos deram as primeiras noções dos dois grandes grupos lingüísticos brasileiros (os tupís e os gês). Seguiram-se as obras clássicas de Hans Staden, Thevet, Léry, Gandavo, Gabriel Soares de Sousa, C. d'Abbeville, Ivo d'Évreux, Marcgrav, etc. Impulso apreciável ao estudo da etnografia brasílica deram os naturalistas dos séculos XVIII e XIX (Alexandre Rodrigues Ferreira, Eschwege, Wallace e Chandless, para dar apenas alguns exemplos). Os

(4) *Loc. cit.*, 90.

primeiros ensaios de classificação etnográfica, porém, são devidos a A. d'Orbigny, a Martius, a Lucien Adam, a Rivet. Ehrenreich, após as viagens de K. v. d. Steinen ao Xingú, fez um apanhado geral dos estudos, que Rodolfo Garcia reviu em 1922. Os indígenas brasileiros foram divididos em vários grupos lingüísticos, dos quais os mais importantes são os *tupís-guaranís*, os *nu-aruaques*, os *caraíbas*, os *gês* e os *cariris*.

No período proto-histórico, o nordeste brasileiro era habitado apenas por três dêsses grupos : os tupís-guaranís, no trato costeiro ; os gês e os cariris, nas zonas interiores. Em geral, a cada área lingüística superpunham-se outras tantas áreas culturais (*culture area* de Clark Wissler). Convém notar, entretanto, que nem todas as áreas lingüísticamente delineadas correspondiam, com exatidão, a distritos de um mesmo *tipo cultural*, por isso que os *fatos* e *complexos* muitas vezes não se apresentavam idênticos no seio das diferentes famílias, que constituíam o grupo lingüístico. Os limites das áreas culturais difícilmente podem-se fixar, em virtude de ser o *fato*, ou *complexo*, não raras vezes, comum a grupos, que a língua divide e separa.

***

As expedições castelhanas, que visitaram, no raiar do século XVI, as regiões septentrionais do América Antártica, incutiram muito cedo a desconfiança e o ódio no seio das comunidades nativas do Novo-Mundo. Como a terra era pobre e inculta, o selvícola ocupou, em breve, um lugar no rol das mercadorias de maior procura e aprêço. Vem daí, certamente, o

fato de os indígenas do nordeste brasileiro recusarem-se ao trato com os nautas da frotilha de Fernão de Loronha, o que não aconteceu com os tupiniquíns da baía Cabrália, ignorantes das artimanhas e da solércia dos europeus. O espírito da época era, aliás, propício ao regime escravista, por ser o selvagem considerado uma espécie de aberração da natureza.

Indios e brancos, além disso, mal se podiam entender. O selvagem não possuia o sentimento da propriedade privada, não julgava que roubar era crime ; por outro lado, como sua manifestação era coletiva, "qualquer ultrage feito a um só português, dele eram considerados reponsáveis todos os portugueses" (João Ribeiro). Tal procedimento, anormal no conceito do homem branco, era um pretexto para a legalização do comércio servil.

Enorme desperdício de vidas foram as chamadas *guerras de resgate*, agravadas, ainda por cima, pela mortandade proveniente da vida sedentária, que aos ameríndios impuseram os colonos, e pela falta de imunidade do nativo em relação às doenças do branco civilizado. Despovoou-se o trato costeiro : referindo-se à capitania de Pernambuco, dizia, em fins do século XVI, conhecido padre lusitano *que os índios da terra eram já poucos.*

O escravo, demais, era uma condição essencial ao colono americano. Os latifúndios, as fazendas, os canaviais, os engenhos, por sua complexidade e extensão, exigiam o labor servil. Para colocar-se bem na terra era bastante possuir dois ou três escravos, — gente que pouca despesa dava ao senhor ("porque os mesmos escravos índios da terra buscam de comer pera si e pera os senhores", diz Gandavo).

A legislação peninsular referente ao regime servil dos índios era, entretanto, severa : não havia mesmo distinção entre *naturais* e *europeus*. Apesar disso, a lei era letra morta, porque a colônia tinha meios de iludir a política harmonizadora da metrópole.

***

Encorporado ao regime sedentário do colono, o indígena brasileiro entregou-se, a princípio, a atividades, que, de certo modo, iludiam suas aptidões congênitas (pesca, caça, colheita, transporte, defesa dos fortins, etc.). Quando, porém, o europeu sujeitou-o ao labor monótono do eito, — vemo-lo em franca luta contra o europeu. Operou-se a adaptação, é verdade, mas à custa de muito esfôrço e de muito sângue. Os próprios jesuítas não escaparam à diferenciação ; significativa, a êsse respeito, é a carta de Manuel da Nóbrega ao padre-mestre Simão, escrita na Baía, em 1552.

Em certos aspetos, o contágio do europeu deformou a alma virgem e primitiva do selvagem. Ingênuamente, por exemplo, quiseram os padres da S. J. amoldar a mentalidade do selvícola ao padrão de cultura católica do ocidente europeu. Não houve, todavia, degenerecência, senão o fato que os sociologos norte-americanos chamam *cross-fertilization of cultures*.

Aparte alguns erros e falhas, não se pode negar que foi notável a obra dos jesuítas no Brasil. Além das atividades relacionadas mais de perto com o serviço religioso, os padres da Companhia tinham a seu cargo o tratamento dos doentes e o ensino das

primeiras letras. Podemos mesmo dizer que a catequese resumia-se no seguinte esquema, traçado por Antônio Figueira : "Indios que descem das tabas, e padres que morrem de endemias ou são por êles vitimados. Sem o estardalhaço dos dias atuais, o missionário penetrava a floresta. Um altar portátil e seus pertences, um pouco de farinha de sal, frioleiras para os selvagens, cilícios e livro de consulta de casos de conciência, formavam a opulenta bagagem. Padeciam fomes, martírios, a morte afrontosa (atados a um postes e os bárbaros ao redor, em alucidadas coréias, até o embate final) e lamentação não transparecia em seus relatórios" (1). Com a obra da conversão, abriram-se estradas e fundaram-se aldeias, muitas das quais, hoje em dia, são vilas ou cidades (2). Houve quem observasse que os indígenas desapreciavam a rigidez e uniformidade das reduções: a culpa, entretanto, cabe mais aos colonos, que não souberam aproveitar as aptidões preferenciais do aborígena. O fato de o ameríndio ser incapaz de labor sedentário, em virtude de sua condição nômade e de sua despreocupação pelo futuro, era logo levado a conta de indolência. E dessa circunstância aproveitavam-se os homens ditos civilizados com pagarem os trabalhos à custa de salários abaixo do promédio. Êrro não menor foi o de o colono branco impôr a civilização a alguns elementos insulados, e não a todo o grupo ou comunidade indígena, quando é certo que o homem não existe fora do agrupamento social. Aos colonos, enfim, faltou ainda êsse espírito de tolerância e compreensão, que Rondon aconselha no tratamento do selvagem. Se o índio

(1) *Loc. cit.*, 380.

(2) Em Pernambuco, p. e., Una, Escada, Gameleira, Limoeiro, etc., foram primitivamente reduções jesuíticas.

defendia, com ferocidade e bravura, o seu iguaçú opimo ou a sua jangla híspida, fazia-o na "presumção legal" de que era o legítimo dono da terra invadida e saqueada pelo *caraíba*. Na sua concepção, o índio julgava-se até menos *selvagem* que o branco. Quando os rumores da obra humanitária da Rodônia espalharam-se por suas regiões circunvizinhas, declararam os parintintins que, apesar dos obstáculos, tinham êles conseguido "amansar os civilizados" (1).

Afora a obra de pacificação entre os colonos e as cabildas, postas em pé de guerra, cabia aos missionários da poderosa Ordem destruir alguns hábitos condenáveis da indiada, a exemplo da poligamia e do ritual canibalesco. Nesse particular, realizaram os missionários obra de saneamento moral, que beneficiou os próprios colonos, entregues, na maior parte, à mais desenfreada mancebia. E não era os impecílhos e perigos que os faziam esmorecer : esfarrapados, famintos, queimados da geada ou da soalheira, *andando a pie y descalsos*, atravessavam os jesuítas matas e rios apenas pelo ideal um tanto cavalheiresco de confessar e ungir algum velho índio ou negro de engenho. Está claro que não nos referimos àqueles outros padres, da mesma Ordem, os quais, com o desenvolvimento social da colônia, compravam pretos para o arroteamento dos campos, traficavam largamente, em navios próprios, com os produtos da terra e praticavam operações bancárias em alta escala (2).

A escravidão, em suma, constituía-se a questão básica entre os colonos e os padres da S. J., cujo

(1) Raimundo Morais, *Na Planície Amazônica*, cit., 191.

(2) M. de Oliveira Lima, *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, 214, Leipzig, 1895.

resultado principal foi o aniquilamento das reduções. Esse problema apresentava-se uniforme em todo o país, embora, no norte, já não se mostrassem os selvícolas com a mesma disposição mental da época da florescência apostólica.

* * *

Condições bio-sociológicas concorreram, sobremodo, para a obra de miscegenação dos portugueses, à qual, aliás, não era indiferente o Estado. O caboclo do nordeste, sobretudo na zona das atividades preferenciais do índio, é o resultado dêsses cruzamentos, que um antropologista chamou homogenésico-paragenésico. O nosso xantodermo, braquicéfalo, mediano na estatura, de cabelos negros e face larga, mostra ainda alguns dos caracteres mais comuns do tipo ameríndio.

* * *

Os problemas, que servem de introdução ao estudo da organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro, esboçadas neste livro, levam-nos, sem esfôrço, a mais algumas considerações de ordem genérica.

A não ser no vale do Pindaré-Maracú, ou no do Turiaçú, já em zona de franca transição para a várzea aluviônica, não possue a região semi-árida nenhuma jazida arqueológica de importância relativamente às demais do extremo-norte. Nem por isso, entretanto, são os nossos selvícolas menos dignos de estu-

do. Entre êles encontraremos os gês, cuja civilização material, religiosa, social, enfim, não parecerá menos interessante e complexa do que a de seus vizinhos litorâneos, os tupís, os quais, à semelhança dos hebreus, representavam o povo cosmogênico (João Ribeiro).

Não os entenderam os colonos, convencidos de que os índios, como os anormais da conduta, exigiam educação ou tratamento emendativo.

O homem elementar vê no universo exclusivamente a operação de causas ocultas e invisíveis ; exclusivamente a manifestação de forças e entidades místicas. A própria realidade, em que se move o selvagem (explica Lévy-Bruhl), é mística. *"Pas un être, pas un objet, pas un phénomene n'est dans leurs représentations collectives ce qu'il nous paraît être à nous"* (1). Quasi sempre é indiferente àquilo que nos chama a atenção, embora, por outro lado, alcance coisas que escapam por inteiro ao nosso entendimeto. Vê de modo diverso do homem civilizado. Para êle, por exemplo, a imagem e o objeto são coisas idênticas. Pelo mesmo motivo, percebe os nomes dos seres como se tais nomes fôssem fatos reais, concretos, palpáveis, em geral sagrados. Suas funções mentais são como que impermeáveis à experimentação, tornando-se, dêsse modo, o homem selvagem alheio à nossa razão, aos nossos desmentidos, às nossas explicações (2).

A tarefa desta obra é supreendê-lo no seu mundo misterioso e profundo, povoado de gênios e de espí-

(1) *Les fonctions mentales dans les societés inférieures*, 31, Paris, 1922.
(2) *Loc. cit.*, 61 e seg.

ritos de toda a ordem. Conhecer seus deuses e seus heróis civilizadores. Interpretar suas práticas rituais e mágicas. Sondar-lhe, finalmente, a alma anelante e como que debruçada diante do mundo cósmico, do qual procurava, muitas vezes, depender ou com o mesmo associar sua vida e seu destino.

259

ÍNDICE

PÁG.

I — *Atual estado dos problemas arqueológicos e etnográficos do Brasil.*

1. Vestígios de antigas "civilizações" perdidas no solo brasileiro 9
2. Algumas jazidas paletnológicas importantes . 12
3. As estearias 21
4. Os sambaquís 26
5. Dados arqueológicos de significação provàvelmente funerária 38
6. As inscrições lapidares e sua significação . . 40
7. As jazidas espeleológicas 67
8. A autoctonia do homem americano. 73

II — *O desenvolvimento da etnografia indígena, no Brasil: classificação dos grupos*

1. Período da documentação fragmentária dos estudos etnográficos brasileiros 81
2. A obra etnográfica dos jesuítas 82
3. Os clássicos 85
4. Os naturalistas 87
5. Os primeiros ensaios de classificação dos indígenas 88
6. Os tupís-guaranís 94
7. Os nu-aruaques 115

8. Os caraíbas 121
9. Os gês 124
10. Os cariris 135
11. Os tucanos 139
12. Os panos 139
13. Os guaicurús 140
14. Os charruas 141
15. As línguas isoladas 141
16. Revisão geral: os indígenas do nordeste brasileiro. 146
17. Areas linguísticas e áreas culturais 152

III — *O indígena e o colono.*

1. O indígena e o tráfico inicial 167
2. A conduta do colono em face do índio . . 178
3. A escravatura como condição social necessária à colonização do Brasil 184
4. As relações entre o indígena e o colono europeu 191
5. A obra dos jesuítas no Brasil primitivo . . 211
6. O indígena e sua influência na formação de nossos tipos étnicos 233

Conclusões 247

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Brevemente:

OS INDIGENAS DO NORDESTE

(2.º VOLUME)

(*Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro*)

I — *A vida economica:*

1) Preliminares; 2) Caça; 3) Pesca; 4) Colheita; 5) Agricultura; 6) Domesticação; 7) A cozinha e a alimentação; 8) Os narcóticos; 9) O traje e os adornos corporais; 10) Habitação; 11) Armas; 12) A organização do trabalho; 13) Indústria, navegação, comércio, transporte.

II — *Outros aspectos da vida social dos indígenas:*

1) O direito entre os selvícolas; 2) As guerras e as razias; 3) O regime comunal.

III — *A vida familiar:*

1) A familia: o parentesco; 2) Os filhos (nascimento e crianças); 3) O covada; 4) A puberdade; 5) O casamento.

IV — *As crenças religiosas:*

1) Mitologia e lendas; 2) Os pagés; 3) A antropofagia ritual; 4) As práticas funerárias; 5) A magia; 6) Dansas e festas.

V — *A vida artistica e intelectual:*

1) A medicina dos selvagens; 2) A música; 3) Os bailes e cantos; 4) A língua e a representação do pensamento.

VI — *Conclusões.*